

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA



A Importância da Figura Paterna na Relação Mãe - Bebê

Rita Sofia Duque Agostinho Branco – Nº 10147

Dissertação orientada por: Professor Eduardo Sá

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Eduardo Sá, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª Série de 26 de Setembro, 2006

Agradecimentos

Quero agradecer a todas as pessoas que me ajudaram a trilhar este caminho e que de uma forma ou de outra estiveram sempre comigo desde o início.

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais pela oportunidade que me deram em estudar nesta escola, pelo suporte financeiro e emocional ao longo destes anos.

Agradeço ao Professor Eduardo Sá, pela disponibilidade e orientação que demonstrou durante este trabalho, sem o qual não teria sido possível a sua realização.

Agradeço à minha colega e amiga Nélia, pela sua paciência, dedicação, sinceridade e amizade desde o primeiro ano de curso.

Muito obrigada a todos!

Resumo

Este trabalho apresenta como métodos a aplicação da Observação mãe/bebé de Esthér Bick em habitat natural, entrevista semi-directiva efectuada a cada uma das mães e uma entrevista anamnésica. Utilizou-se a análise de conteúdo, sendo que a apresentação dos dados qualitativos da análise de conteúdo foi feita através de uma tabela desenvolvida pela Prof. Ana Paula Rocha no âmbito do Seminário de Monografia de 2003. Com este trabalho pretendeu-se avaliar a importância da figura paterna na relação mãe - bebé e de que forma o seu impacto na díade, favoreceria a qualidade de vinculação entre a mãe e o seu filho. Para tal, foram observadas quatro tríades com estatutos sócio-económicos pouco díspares entre elas. A primeira observação em todas as tríades foi realizada, quando os bebés tinham um mês de vida. Foi possível identificar interacções mãe-pai-bebé, caracterizá-las e ilustrar a natureza diferenciada das actividades observadas em cada um dos casos. O conceito de unidade originária foi o ponto de partida para a realização deste estudo, havendo como pressuposto, a sua presença nas famílias estudadas. A influência directa e positiva de terceiros na relação da díade também foram analisadas, as avós em dois dos casos e a empregada num outro. Alguns dos sentimentos e sensações da observadora foram comuns em diferentes tríades, o que pode evidenciar, de acordo com o método desenvolvido por Esthér Bick, que ocorreram experiências sentidas como semelhantes em alguns dos quatro casos observados.

Palavras_chave: Relação mãe-bebé, vinculação, Bick, paternidade, Unidade Originária.

Abstract

The method applied to this study was the Esther Bick mother/baby observation in their natural habitat. Each mother was subjected to two interviews: a partly directed and an anamnestic one. The results were studied using a contents analysis. The presentation of the qualitative data of the contents analysis was made through a table developed by Professor Ana Rocha in her “Seminário de Monografia” in 2003.

The aim of this study was to evaluate the importance of the father figure in the relationship mother/baby and how its impact could favour the quality of the bonding between the mother and her baby. Four groups of threesomes of families, similar in economical background were the object of this study.

The first observation took place when the babies were a month old. It was possible to identify the interactions mother/father/baby, characterize them and show the nature of the different activities, in each one of the cases. The starting point was the concept of the primary family, presupposing its presence in each one of the studied families.

Also studied were the direct and positive influences, of a third party in the twosome relationship: grandmothers in two cases and a housekeeper in another.

Some of the feelings and sensations of the observer were the same in different threesomes, which can show, according to the method developed by Esther Bick that similar experiences occurred in some of the four studied cases.

Key words: Relationship mother/baby; bonding; Bick; parenthood; Primary Unit

Índice

	Página
Introdução	1
Revisão da literatura	
Maternidade – Teorias Psicológicas	3
A Teoria da Vinculação	4
Perspectiva de Bowlby – Teoria do Apego e da Responsabilidade materna	11
Comportamento de Apego	13
A Situação Estranha	14
Comportamento Parental	15
Mãe Contidora e Mãe prestadora de cuidados - Conceito de Pele Psíquica	16
Holding e Handling Materno	17
Bion e Função Alfa	21
Envolvimento Paterno durante a gravidez	23
O Papel do Pai no parto	25
A importância da Figura Paterna _Cuidar em parceria-	31
A mãe, o Pai e a Criança - Conceito de Unidade Originária-	35
Método	
<i>Delineamento</i>	36
<i>Participantes</i>	38
<i>Instrumentos</i>	
Método de Observação de Esther Bick	38
Entrevista Anamnésica	40
Entrevista Semi- directiva à mãe	41

Análise de Conteúdo	41
<i>Procedimento</i>	46
<i>Resultados</i>	
Caso A	47
Caso B	50
Caso C	53
Caso D	56
<i>Discussão</i>	
Caso A	59
Caso B	61
Caso C	65
Caso D	67
<i>Conclusão</i>	70
<i>Referências</i>	73
<i>Anexos</i>	
Anexo A	83
Anexo B	85
Anexo C	90
Anexo D	95
Anexo E	99
Anexo F	103
Anexo G	118
Anexo H	135
Anexo I	152
Anexo J	168
Anexo K	190

Anexo L 216

Anexo M 239

Lista de Tabelas

Tabela 1: Dados recolhidos através da entrevista anamnésica, relativamente às quatro tríades.

Tabela 2: Descrição das categorias e subcategorias da grelha de análise

Tabela 3 - Valores totais referentes à tabelas de Análise de conteúdo do Caso A

Tabela 4 - Valores totais referentes à tabelas de Análise de conteúdo do Caso B

Tabela 5- Valores totais referentes à tabelas de Análise de conteúdo do Caso C

Tabela 6 - Valores totais referentes à tabelas de Análise de conteúdo do Caso D

Tabela 7 - Análise da primeira observação realizada com a tríade Maria, João e Benedita.

Tabela 8 – Análise da segunda observação realizada com a tríade Maria, João e Benedita

Tabela 9 - Análise da terceira observação realizada com a tríade Maria, João e Benedita

Tabela 10- Análise da quarta observação realizada com a tríade Maria, João e Benedita

Tabela 11 - Análise da primeira observação realizada com a tríade Mariana, António e Lourenço

Tabela 12– Análise da segunda observação realizada com a tríade Mariana, António e Lourenço.

Tabela 13 – Análise da terceira observação realizada com a tríade Mariana, António e Lourenço

Tabela 14 – Análise da quarta observação realizada com a tríade Mariana, António e Lourenço.

Tabela 15 – Análise da primeira observação realizada com a tríade Mafalda, Bernardo e Matilde

Tabela 16– Análise da segunda observação realizada com a tríade Mafalda, Bernardo e Matilde

Tabela 17 – Análise da terceira observação realizada com a tríade Mafalda, Bernardo e Matilde

Tabela 18– Análise da quarta observação realizada com a tríade Mafalda, Bernardo e Matilde

Tabela 19 – Análise da primeira observação realizada com a tríade Catarina, Vítor e Tomás

Tabela 20– Análise da segunda observação realizada com a tríade Catarina, Vítor e Tomás

Tabela 21 – Análise da terceira observação realizada com a tríade Catarina, Vítor e Tomás

Tabela 22 – Análise da quarta observação realizada com a tríade Catarina, Vítor e Tomás

Introdução

“ (...) Não é que precise constantemente da presença física do meu marido para me sentir segura e mais capaz de tomar conta do meu filho, preciso sim da percepção que tenho dele e da segurança que ele me transmite mesmo quando não está comigo, tenho-o dentro da minha cabeça... é o que me basta!”

(Mãe, Ana Catarina)

O objectivo deste estudo é perceber a importância que a figura paterna tem na relação mãe-bebé. Perceber se o facto de o companheiro estar presente física e emocionalmente na tríade, favorecerá a postura da mãe face à sua relação com o seu bebé. O facto da mãe ter um companheiro capaz de lhe conferir segurança e bem-estar emocional irá ter repercussões na forma como a mãe se vincula com o bebé?

De acordo com Teresa Ferreira (2002) o pai tem um papel muito importante nos primeiros tempos de vida do bebé, *“(...) uma vez que dele se espera todo o contributo necessário ao equilíbrio psíquico da mãe, o que em si só representa uma quantidade e qualidade de “atributos” indispensáveis à harmonia psíquica da família.”* (p.48).

É através e pela existência de um terceiro elemento que se introduz na relação diádica mãe _ bebé, que esta se organiza e evolui de um modo positivo. Segundo Chbani e Pérez- Sánchez (1998) este terceiro elemento vai juntamente com a mãe e o bebé constituir o conceito de Unidade Originária. Este conceito consiste no jogo dinâmico entre rêverie materna, rêverie paterna e autonomia do bebé. Seria através da unidade originária que o bebé nos mostraria a importância da transferência, pelo modo como duas ou três subjectividades entrariam em acção para se transformarem.

De acordo com Eduardo Sá (2001), só é possível entender o comportamento do bebé se o incorporarmos na relação com mães e pais. O ritmo de vida concepcionar-se-ia assim, sob a base da triangulação entre os ritmos do bebé e os diferentes ritmos dos pais.

A imagem mental que uma mãe possa ter do seu companheiro poderá influenciar a forma como esta se relaciona com o seu bebé. Segundo Sousa (2004), o bebé conhece-se e conhece o mundo através da mãe e do seu olhar (pela função espelho), do seu colo (que o contém), a partir do espaço que a mãe ocupa dentro de si (ou espaço interno). Se uma imagem

paterna suficientemente boa não for integrada mentalmente pela mãe, poderá ter repercussões negativas na forma como esta mãe se relaciona com o seu filho. A vinculação que o bebé estabelece com quem o acompanha nos cuidados primários, sendo maioritariamente a mãe, “ (...) *deve conter toda a riqueza de elementos sensoriais, emocionais e psíquicos que proporcionam ao bebé um sentimento de existência de continuidade e que possibilitam que constituam o seu primeiro eu, um eu corporal. Pelo contrário, qualquer ruptura ou separação é extremamente dolorosa para o bebé, até mesmo traumática, se for demasiado prolongada*”, Sousa (2004), (p.71).

Partindo do pressuposto que os conteúdos psíquicos maternos podem ser transmitidos ao bebé através das interacções precoces (quer fantasmáticas quer comportamentais), a figura paterna e a segurança que esta transmitirá à mãe irá influenciar a comunicação entre esta e o seu filho.

Segundo Bydlowsky, (1995), a vida mental, imaginária e fantasmática da mãe durante a gravidez apresenta um carácter fundador na “*constituição pré-história afectiva do bebé*”, para além de um programa biológico a mãe transmitirá ao bebé um espécie de tradução do seu universo afectivo e mental.

“*A importância de ser pai está no investimento afectivo e não única e exclusivamente na biologia e numa altura em que o homem começa a assumir sem complexos o seu lado emocional este investimento tende a ser cada vez maior e melhor, para o bem da mãe do bebé e do próprio pai.*” Ana Duarte Silva (2008).

Revisão de Literatura

Maternidade - Teorias Psicológicas-

A maternidade foi desde sempre, tal como é hoje, indispensável à preservação da vida humana (Colman & Colman, 1994). Numa perspectiva desenvolvimental, a maternidade é considerada um período de desenvolvimento, que à semelhança das outras etapas desenvolvimentais, se caracteriza pela passagem por uma crise específica e pela necessidade de resolução de determinadas tarefas (Figueiredo, 2000).

“ A maternidade tem como pano de fundo a dinâmica da sociedade num certo momento, historicamente determinado.” (Leal, 2005).

“ È sobre o bebé fantasmático que se organiza o desejo da maternidade, criando espaço para o desenvolvimento das funções maternas de atenção, disponibilidade e dedicação” (Lebovivi e Stoleru, 1995) In Sousa (p.61).

Desta forma a vida imaginária fantasmática da mãe durante a gravidez apresentaria um carácter fundador da constituição da “pré-história” afectiva do bebé” (Bydlowski, 1995). A gravidez é um momento de reflexão do passado da mulher e de relançamento do seu futuro.

Para além de um programa biológico, a mãe transmitiria ao bebé uma espécie de tradução do seu universo afectivo e mental (Sousa, 2004). A função materna é um conceito com ênfase nas abordagens de vários autores, cujos discursos centram-se no interesse da criança, na mãe e na relação da mãe com o bebé.

Winnicott e Bion, são dois dos autores cujo foco das suas teorias se situa nas necessidades da criança, durante o seu desenvolvimento, e no modo como a mãe lhes responde (ou não).

Winnicott (1945; trad. Bogomoletz, 2000) considera que durante a gravidez e as primeiras semanas de pós-parto se produz na mãe um estado psicológico especial a que se chama de “preocupação materna primária”, faculdade que permite à mãe identificar-se totalmente com as necessidades do recém - nascido e com os seus primeiros estados. É nesta concepção Winnicottiana, que assenta os primórdios da capacidade de holding materno, Sousa (2004). Com esta “preocupação”, a mãe adquire uma capacidade de se identificar às

necessidades do bebé. A função da mãe será oferecer um suporte adequado para que, deste modo, as condições inatas da criança possam alcançar um bom desenvolvimento.

A mãe funciona assim como um ego auxiliar até que a criança consiga desenvolver as suas próprias capacidades. Se o ego auxiliar fornecido pela mãe é insuficiente, a criança pode recorrer a um “ego auxiliar” falso a que Winnicott designou de “falso self”.

Winnicott introduz o conceito de “mãe suficientemente boa”, que segundo ele será aquela que providencia ao bebé um “ego auxiliar” que lhe permitirá integrar as suas sensações corporais, os estímulos ambientais e as suas capacidades motoras emergentes.

Bion (1962), defende a unidade mãe-bebé inicial. Considera que cabe à mãe a possibilidade de acalmar as angústias do bebé para que este possa introjectar a capacidade continente que não possui ainda. À mãe cabe suportar as emoções e acalmá-las para que o seu filho possa pensar. Com base na relação mãe-bebé, Bion considera que para o bebé incorporar leite, amor e calor equivale a incorporar o seio bom. Na sua perspectiva, o bebé possui uma pré-concepção inata de seio mas não tem consciência da necessidade do seio bom. Quando a fome se impõe experimenta a necessidade não satisfeita (seio mau) da qual se tenta desfazer.

-Teoria da Vinculação –

A *Teoria da Vinculação* como explica Bretherton (2000), revolucionou a forma de pensar acerca dos laços entre mãe e o bebé.

Klaus e Kennell (1976) introduziram o termo “bonding” para nos falarem da relação única, específica e duradoura que se forma entre a mãe e o bebé. Segundo estes autores, esta relação estabelecer-se-ia desde que se verificam os primeiros contactos entre a mãe e o bebé, seria facilitada pela adequação do sistema hormonal da mãe e estimulada pela presença do bebé, assim como a sua formação estaria privilegiada num período sensível, localizado nos momentos imediatos ao parto. Tal como os anteriores, estes autores salientam que, os primeiros momentos e os contactos iniciais entre a mãe e o bebé, são críticos para a qualidade futura dos cuidados maternos e determinantes para o desenvolvimento e bem-estar subsequentes do bebé. Segundo George e Solomon (1999) o sistema de vinculação materna desenvolve-se numa interacção constante com o sistema de vinculação do bebé e tem a mesma função adaptativa: proporcionar a protecção e sobrevivência do bebé.

A ligação afectiva da mãe ao bebé tem sido descrita como um processo de adaptação mútua, que exige tanto da mãe como do bebé, e se estabelece gradualmente, a partir dos momentos iniciais, em que se dão os primeiros intercâmbios entre a mãe e o bebé, geralmente considerados muito determinantes para o relacionamento futuro na díade. No estabelecimento da vinculação da mãe ao bebé interferem numerosas dimensões, de cariz biológico, psicológico e sócio-cultural, que dizem particularmente respeito à gravidez, ao parto e ao pós-parto imediato, e se referem à mãe, mas também ao pai e ao bebé.

A vinculação materna ao bebé apenas depende da mãe ou é um processo de adaptação mútua no qual também participa o bebé?

Não sendo sempre um dado imediato, a vinculação materna tem sido descrita como um processo gradual de envolvimento afectivo da mãe com o bebé, que se constrói na dependência do desenvolvimento de determinadas competências por parte do bebé, pelo que o bebé participa na ligação afectiva que a mãe vai ter com ele. O mesmo será dizer que o comportamento do bebé interfere na vinculação materna que por isso não é um processo unidireccional (Klaus et al., 2000). Bowlby (1998) assinalou a presença de um certo número de comportamentos inatos, tais como sorrir e seguir visualmente a mãe, que se destinam a colocar o bebé em contacto com a mãe. Estes comportamentos, que ocorrem logo à nascença, são activados pela presença de determinados estímulos do meio e vão actuar como “*desencadeadores sociais das respostas instintivas da mãe*” (Bowlby, 1976, p. 39), cumprindo assim a sua função – de ligar o bebé à mãe e de ligar a mãe ao bebé. Com efeito, as competências interactivas do bebé, nomeadamente o contacto ocular e a possibilidade que tem de produzir determinadas expressões faciais, como seja o sorriso ou ainda, a sua competência para imitar a mãe, permitem uma activação do envolvimento emocional mútuo na díade. Isso acontece porque tais condutas transmitem à mãe a ideia de que o bebé lhe está a responder, atraindo a sua atenção e fazendo com que mantenha o seu interesse e investimento, o que por sua vez estimula o envolvimento do bebé (Figueiredo, 2001).

A generalidade das mães sente o bebé como uma pessoa estranha e revela insegurança na relação e nos cuidados do bebé até às 4 semanas. No entanto, a partir dessa altura, o bebé começa a reconhecer a mãe e a mãe, por sua vez, a sentir o bebé como uma pessoa verdadeira. O envolvimento materno cresce significativamente a partir desse momento.

Figueiredo (2001) por exemplo, evidenciou que o envolvimento emocional da mãe com o bebé aumenta, a partir do momento em que o bebé está capaz de olhar para ela, às quatro semanas; e aumenta mais ainda, quando o bebé está capaz de manter contacto ocular.

Hoje temos fortes indicações para pensar que a ligação afectiva da mãe ao bebé se estabelece de um modo relativamente gradual; a partir daquilo que se verifica durante a gravidez e, mais especificamente, no momento do parto, não sendo, muitas vezes, algo que acontece logo no primeiro contacto que a mãe tem com o bebé (Stern, 1980).

A teoria da vinculação, com origem nos trabalhos de John Bowlby, contribuiu para a compreensão da origem e desenvolvimento dos padrões de relacionamento que se estabelecem ao longo da trajectória desenvolvimental, dando particular valor à primeira relação que a criança estabelece na infância com as figuras de vinculação.

Para alguns autores (Brazelton 2000; Brazelton & Cramer, 2001; Brazelton & Greenspan, 2002, cit por Lourenço, 2005) é essencial que o bebé estabeleça precocemente relações significativas com o exterior e com características de interacção recíproca ou estimulação precoce, de modo a também ele se organizar internamente e responder com comportamentos interactivos e intencionais.

A pessoa mais próxima ao bebé assume geralmente o papel de figura de vinculação, na medida em que proporciona a segurança e a protecção necessárias, nomeadamente para a exploração do meio, Ainsworth (1989). Constitui-se como base segura, de onde o bebé parte para explorar e descobrir o mundo, mas onde regressa à procura de conforto e segurança quando se sente ameaçado ou em perigo. A partir das interacções repetidas com a figura de vinculação, a criança vai desenvolvendo conhecimentos e expectativas sobre o modo como essa figura responde e é acessível aos seus pedidos de proximidade e protecção. Esta informação é progressivamente organizada em modelos internos dinâmicos, que são representações generalizadas do self, das figuras de vinculação e das relações, Sousa (2004). Vários estudos têm mostrado como a qualidade da vinculação (segura *versus* insegura) interfere no comportamento e bem-estar dos indivíduos, em diversos momentos e vários domínios da sua trajectória desenvolvimental e existencial.

Mulheres casadas, com vinculação segura, mostram maior satisfação conjugal, elevado bem-estar e percebem menos acontecimentos de *stress* e de ausência de suporte, Klaus (1992). Do mesmo modo, Le Camus (2003) encontrou relatos de maior satisfação conjugal em casais definidos com uma vinculação segura comparativamente com casais inseguros. Em relação à qualidade da interacção com o bebé durante a gravidez, Gomes (2003) defende que as interacções e emoções mais positivas eram exibidas pelas mães seguras. Outros estudos

apontam relações entre a vinculação das mães, percepções dos filhos e atribuições parentais (Benoit *et al.*, 1997; Slade & Cohen, 1996, cit. por Soares, 2001). Numa amostra de risco, Fonagy (1991) defendeu que as mães seguras, comparativamente com as inseguras, eram mais sensíveis e capazes de fornecer a estrutura adequada para os seus filhos brincarem, estando estes mais capazes de responder ao ambiente criado pelas mães. A investigação tem mostrado que o estilo de vinculação de cada pessoa marca o modo como ela constrói e dinamiza as suas relações com os outros. Assim, a relação que uma mãe estabelece com o seu filho está dependente do modo como ela mesma representa a sua relação passada com os pais e traduz-se no tipo e na qualidade de cuidados que proporciona ao bebé. Face a experiências de cuidados adequados, provavelmente conferidos por uma mãe segura, o bebé desenvolve uma representação positiva de si e das relações que estabelece, o que caracterizará um padrão seguro de vinculação. Em contraponto, experiências de cuidado adversas, poderão conduzir a um padrão inseguro de vinculação. Atendendo que a relação existente entre a vinculação da mãe e os cuidados prestados ao bebé não é linear, é importante considerar dois factores mediadores que a investigação empírica tem vindo a salientar: o suporte social e o bem-estar psicológico da mãe.

Bowlby (1998) defende que, a vinculação é mediatizada por diferentes tipos de comportamentos: O chorar, o palrar e sorrir, o agarrar, o chupar, o seguir, o aproximar e procurar, dirigidos a uma figura em particular. Cada um destes comportamentos manifesta-se em situações específicas e tem determinado efeitos no comportamento materno (Bowlby, 1969, 1984, citado por Soares, 2001).

Desta forma, Bowlby (1998) define comportamento de vinculação como qualquer forma de comportamento que tem como resultado previsível manter ou estabelecer a proximidade da criança com a figura vinculativa. Ao apresentar esta definição dá importância a uma função, à biológica que é a protecção do perigo.

“ A protecção contra os predadores é, de longe, a função mais provável do comportamento de apego” (Bowlby, 1989, p. 242). Foi com o trabalho de Bowlby (1958, cit. por Brazelton e tal., p.104), *“ A natureza do vínculo da criança á mãe”*, que a importância da vinculação precoce e o seu estudo ganhou outro estatuto, com o aprofundamento dos estudos etológicos e a importância do método de observação directa da díade: *“ O ser humano nascera, então, preparado para estabelecer laços emocionais com indivíduos especiais, sendo esta característica, uma componente básica da natureza humana que se prolonga durante toda a vida* (Bowlby, 1989-b)” (cit. por Sá, 2001, p.22); (...) *“ cada ser humano terá, então, a tendência para se vincular a outro”*. (Bowlby, 1989-a).

Segundo Bowlby (1984) e Ainsworth (1989), podem ser definidos os elementos básicos na compreensão do que é a vinculação:

-A vinculação primária diz respeito a comportamentos do bebé maioritariamente inatos cujo objectivo é promover a proximidade entre o bebé e outra pessoa, geralmente a mãe (por exemplo, sorrir quando a mãe o olha ou chorar quando sente que foi deixado sozinho no quarto).

-Os comportamentos que promovem a vinculação vão ficando mais sofisticados ao longo do desenvolvimento (por exemplo, um bebé de três meses chora se for deixado sozinho numa divisão enquanto está acordado, mas outro de 10 ou 11 meses já conseguirá seguir a mãe gatinhando).

-A capacidade de criar vinculação é universal a nível da espécie, mas o seu desenvolvimento pode assumir diferenças dependendo de factores culturais, sociais e relativos ao sexo e às diferentes condições de vida (por exemplo, as mães japonesas cuidam elas mesmas do seu bebé a maior parte do tempo enquanto que noutras comunidades a criança é desde cedo entregue aos cuidados de toda a família).

-É através da rotina que o bebé interioriza expectativas relacionais – modelos internos de funcionamento de relações (por exemplo, se o bebé obtiver repetidamente como resposta a uma vocalização, a atenção manifesta da pessoa a quem se dirigia, ele tenderá a utilizar a vocalização para iniciar a interacção com o outro – hatching).

-Um padrão de vinculação não é necessariamente imutável ou insubstituível (por exemplo, bebés com padrão de vinculação inseguro, quando adoptados por pais com padrões de vinculação segura poderão desenvolver posteriormente uma vinculação segura com os pais adoptivos).

-As perturbações dos padrões de vinculação podem manifestar-se em qualquer idade (por exemplo, uma criança com padrão de vinculação segura pode começar a manifestar padrões comportamentais de vinculação insegura face a acontecimentos importantes, como o abandono inexplicável da criança por parte da figura significativa).

-Um dos determinantes no tipo de vinculação que se estabelece é a experiência de segurança emocional e física que é associada à relação.

Contudo, salienta-se ainda que a análise de padrões de vinculação deve ainda levar em conta factores socioeconómicos e culturais, suportes sociais, patologias afectivas ou biológicas dos pais ou da criança, a idade e o temperamento da criança e a sensibilidade da mãe (geralmente que acompanha a criança nesta avaliação, mas que pode não ser a figura significativa de vinculação).

De facto, relativamente ao papel da mãe, a sua sensibilidade, isto é, a capacidade de responder de forma apropriada e em tempo útil aos sinais do bebé é uma condição importante, ainda que não exclusiva, no desenvolvimento de uma vinculação segura; a sensibilidade materna surge ainda como o melhor predictor do tipo de vinculação que a criança manifestará quando se sentir ansiosa ou angustiada.

Na verdade, apesar de uma vinculação insegura não prever necessariamente comportamentos perturbados e da vinculação segura não garantir que estes não ocorram, o tipo de vinculação que se estabelece com a figura significativa é, de facto, o mais preditivo da posterior adaptação social da criança. Segundo Brazelton (2004), estudos medem o maior envolvimento dos homens nos cuidados que prestam aos seus bebés apontam para factores positivos no desenvolvimento destes. *“Não só as crianças com idade escolar demonstram um aumento significativo do seu QI nas famílias em que o pai também cuidava delas quando eram pequeninas, como também demonstram mais sentido de humor, um maior intervalo de atenção e mais vontade de aprender”*, Brazelton (2004).

Desta forma, em termos gerais, podemos dizer que à medida que crescem as crianças com padrões de vinculação segura tendem a desenvolver comportamentos pró-sociais (maior resiliência e capacidade de evitar e gerir conflitos, por exemplo), enquanto que as crianças com padrões de vinculação insegura desenvolvem estratégias defensivas capazes de comprometer a sua adaptação social (tais como a agressão deslocada, isto é, dirigida aos colegas em vez de à mãe rejeitante, ou a oscilação entre o papel de agressor e vítima aliado a uma dependência forte a novas figuras de vinculação quando o comportamento de proximidade da mãe é imprevisível). Salienta-se que vários estudos longitudinais sobre a vinculação apontam para a sua estabilidade ao longo do desenvolvimento.

A vinculação materna ao bebé é um processo imediato ou estabelece-se de um modo gradual?

A presença de um “*período crítico*” ou “*sensível*” para o estabelecimento da resposta emocional da mãe ao bebé, nos momentos imediatos ao parto (Kennell, Trause, & Klaus, 1976), foi assinalada na sequência das investigações sobre o “*imprinting*”, levadas a cabo com mamíferos. Tais estudos verificaram que, no caso de não ter nenhum tipo de contacto logo a seguir ao parto, a mãe rejeita a cria. Este conceito tem vindo, contudo, a ser parcialmente posto em causa, pois embora o período que se segue ao parto ofereça as condições óptimas para o estabelecimento da vinculação da mãe ao bebé, tal não parece observar-se para todas as mulheres, e, mesmo em outros mamíferos, a vinculação materna pode estabelecer-se de um modo apenas gradual. Mais recentemente, também Klaus, Kennell e Klaus (2000), que anteriormente introduziram e defenderam a existência de um período crítico ou sensível para o estabelecimento do *bonding*, vieram assim, a flexibilizar a sua posição inicial.

Contributos de Mary Ainsworth para a Teoria da Vinculação

Um dos principais contributos à concepção da figura de vinculação como base segura, a partir da qual a criança pode explorar o mundo que a rodeia Ainsworth (1963, 1967, cit. por Ainsworth, 1978) refere que uma criança que desenvolve o sentimento de segurança na relação com os pais, encontra-se mais pré disposta explorar o mundo e a lançar-se em situações desconhecidas. Ela só arrisca a insegurança que inicialmente está implícita numa situação de aprendizagem, porque está confiante no apoio de pais disponíveis, responsivos, protectores e tranquilizadores. Se a sua descoberta evocar sentimentos de grande ansiedade, ela poderá facilmente voltar á sua “base segura”. Se pelo contrário a sua relação com os pais é insegura, é provável que não se arrisque a afastar deles, não confiando que estejam disponíveis e sejam responsivos face às suas necessidades de conforto.

Um segundo contributo reside na formulação do conceito de sensibilidade materna aos sinais emitidos pelo bebé e o seu papel no desenvolvimento dos padrões de vinculação entre mãe e filho. Para Ainsworth et al, (1978), a sensibilidade parental ou da figura de vinculação inclui: alerta para os sinais da criança, interpretação adequada das respostas da criança, prontidão na resposta, flexibilidade de atenção e comportamentos, nível apropriado de controle e negociação face a conflitos de objectivos. Segundo Ainsworth et al. (1978), três

ideias estão subjacentes à elaboração do Procedimento da Situação Estranha. A noção de base segura, permitindo observar em que medida a mãe constitui para o bebé um apoio a partir do qual ele pode explorar o meio em confiança. A noção de que, uma vez vinculado à mãe, o bebé tende a apresentar uma reacção de protesto à sua separação, em particular num meio não familiar ou quando a separação não é por si desejada. Por fim constitui uma boa ocasião para observar as respostas dos bebés face a um estranho num meio não familiar.

**- Perspectiva de Bowlby –
-Teoria do Apego e Responsividade Materna-**

Apego é uma expressão usada tanto pelo senso comum quanto nos meios académicos. Popularmente usa-se com frequência expressões como: fulano é muito apegado à sua mãe; beltrano é muito apegado à sua família ou a seu namorado (a). Na definição de Ainsworth (1989), tais expressões referem-se, em verdade, a um vínculo afectivo desenvolvido pelo indivíduo em relação a um parceiro que, por sua importância, deseja-se que sempre esteja próximo e que não pode ser substituído por nenhum outro.

O apego é definido por Brazelton (1989) como uma variação do vínculo afectivo, onde existe a necessidade da presença do outro e um acréscimo na sensação de segurança na presença deste. No apego o outro é visto como uma base segura, a partir da qual o indivíduo pode explorar o mundo e experimentar outras relações. Gomes (2003) usa o relacionamento pais e filhos para demonstrar a diferença entre apego e vínculo afectivo. O sentimento do bebé em relação a seus pais é um apego, na medida em que ele sente nos pais a base segura para explorar e conhecer o mundo à sua volta. O sentimento dos pais em relação ao filho é mais correctamente descrito por vínculo afectivo, já que os pais não experimentam um aumento em seu senso de segurança na presença do filho, e tampouco o filho tem para os pais a característica de base segura.

Quando John Bowlby estudou o vínculo entre mãe e filho, concluiu que essa ligação era parte de um sistema de comportamento que servia à protecção da espécie, já que os bebés humanos são indefesos e incapazes de sobreviver sozinhos por um longo período de tempo. Deste modo, o apego dos bebés às suas mães ou cuidadores é o que possibilitaria a sobrevivência da espécie, Bowlby (1998).

O apego é uma disposição para buscar proximidade e contacto com uma figura específica, e seu aspecto central é o estabelecimento do senso de segurança. Cabe ressaltar que tanto o vínculo afectivo, como o apego são estados internos. Os comportamentos de apego, por sua vez, são observáveis e organizados nas interacções das crianças com seus cuidadores, permitindo que a criança consiga ter e manter a proximidade. Tais comportamentos podem ser muito variados, sendo alguns dos mais comuns chorar, chamar, balbuciar, sorrir e agarrar-se.

Bowlby (1984), na década de 1950, apresentou então a teoria da formação de vínculos afectivos, conhecida como Teoria do Apego, sendo a sobrevivência individual e da espécie o elemento básico universal da formação do apego. O apego é construído a partir do processo de ligação entre o bebé e a mãe; o recém-nascido reage à atenção do cuidador com interesse especial, permitindo que se desenvolva o apego com aquele que lhe responde com aprovação, gratificação, protecção e estimulação adequada. Brazelton (1992), Stern (1997), referem que uma estimulação imprópria no tempo, intensidade ou qualidade leva a criança a se defender contra ela. De outra maneira, a estimulação adequada conduz a uma reacção positiva, e o bebé passa a buscá-la activamente e a interagir com ela o que traz consequências importantes para o seu desenvolvimento emocional e para sua socialização.

Embora as contribuições da mãe e da criança no processo interactivo dificilmente possam ser dissociadas, é importante que se contextualize a contribuição de cada participante e da própria díade como parte de outros contextos sociais. O comportamento materno, em geral, constitui-se no primeiro contexto para o desenvolvimento do bebé, sendo, pois, de fundamental importância para o mesmo (Piccinini e cols., 2004). O processo de vinculação da mãe com seu bebé começa na gravidez, antes do movimento fetal. O retrato mental do bebé na mente da mãe, já antes do seu nascimento inclui a cor dos cabelos, o sexo, o formato do rosto, a cor dos olhos. Entretanto, o bebé jamais será como aquele retratado mentalmente, sendo que a mãe deverá ajustar o retrato imaginário, para que este se ajuste ao bebé real (Seiffer, 1995). Essa tarefa deverá ser realizada por todos pais durante os primeiros dias do nascimento, no período pós-parto, Klaus & Kennel (1993).

A partir da primeira relação, segundo Bowlby (1998), estabelece-se no indivíduo um modo de funcionamento, Modelo Funcional Interno. A criança que tem em sua experiência um modelo seguro de apego vai desenvolver expectativas positivas em relação ao mundo, acreditando na possibilidade de satisfação de suas necessidades. Já uma outra com um modelo menos seguro, poderá desenvolver em relação ao mundo expectativas menos positivas. O

estabelecimento de um modelo de apego seguro ou inseguro fornece a base para a formação de um Modelo Funcional Interno, uma lente a partir da qual o indivíduo vai ver o mundo e a si própria, Bowlby (1998).

-Comportamento de Apego-

Assim, comportamento de apego é definido como: *“Qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo, considerado mais apto para lidar com o mundo”*. (Bowlby, 1989, p.38). Os comportamentos de apego referem-se a um conjunto de condutas inatas exibidas pelo bebê, que promove a manutenção ou o estabelecimento da proximidade com sua principal figura provedora de cuidados, a mãe, na maioria das vezes. O repertório comportamental do comportamento de apego inclui chorar, fazer contacto visual, agarrar-se, aconchegar-se e sorrir. (Bowlby, 1998) O comportamento de apego será eliciado quando o bebê estiver assustado, cansado, com fome ou sob stress levando-o a emitir sinais que podem desencadear a aproximação e a motivação do cuidador. O comportamento de apego traz segurança e o conforto e possibilita o desenvolvimento - a partir da principal figura de apego - do comportamento de exploração. Quando uma pessoa está apegada ela tem um sentimento especial de segurança e conforto na presença do outro e pode usar o outro como uma “base segura” a partir da qual explora o resto do mundo.

Dentro de sua teoria, ainda, Bowlby enfatiza sete características, Bowlby (1998):

1. Especificidade – O comportamento de apego é dirigida para um ou alguns indivíduos específicos, geralmente em ordem clara de preferência.
2. Duração – O apego persiste, geralmente, por grande parte do ciclo vital.
3. Envolvimentos emocionais – Muitas das emoções mais intensas surgem durante a formação, manutenção, rompimento e renovação de relações de apego.
4. Ontogenia – O comportamento de apego desenvolve-se durante os primeiros nove meses de idade de vida dos bebês humanos. Quanto mais experiências de interação social um bebê tiver com uma pessoa, maior são as probabilidades de que ele se apegue a essa pessoa. Por essa razão, torna-se a principal figura de apego de um bebê aquela pessoa que lhe dispensar a

maior parte dos cuidados maternos. O comportamento de apego mantém-se activado até o final do terceiro ano de vida; no desenvolvimento saudável, torna-se, daí por diante, cada vez menos activado.

5. Aprendizagem – Recompensas e punições desempenham apenas um papel secundário. De fato, o apego pode desenvolver-se apesar de repetidas punições por uma figura de apego.

6. Organização – O comportamento de apego é organizado segundo linhas bastante simples. Mediado por sistemas comportamentais cada vez mais complexos, os quais são organizados ciberneticamente. Esses sistemas são activados por certas condições e terminados por outras. Entre as condições activadoras estão o estranhamento, a fome, o cansaço e qualquer coisa assustadora. As condições terminais incluem a visão ou som da figura materna e a interacção com ela. Quando o comportamento de apego é fortemente despertado, o término poderá requerer o contacto físico ou o agarramento à figura materna e (ou) ser acariciado por ela.

7. Função biológica – O comportamento de apego ocorre nos jovens de quase todas as espécies de mamíferos e, em certas espécies, persiste durante toda a vida adulta. A manutenção da proximidade com um adulto preferido por um animal imaturo é a regra geral, o que sugere que tal comportamento possui valor de sobrevivência. Assim, a função do comportamento de apego é a protecção, principalmente contra predadores. Cabe ainda fazer a distinção entre comportamento de apego e apego. Ao falar de uma criança que esteja apegada ou que tenha um apego a alguém, quero dizer que esta pessoa está fortemente disposta a procurar a proximidade e contacto com esse alguém e a fazê-lo, principalmente, em certas condições específicas. O comportamento de apego, em contraste, se refere a qualquer das formas de comportamento, nas quais a pessoa se engaja, de tempos em tempos, para obter ou manter uma proximidade desejada. (Bowlby, 1989, p.40)

-A Situação Estranha –

A partir da teoria de Bowlby e Ainsworth (1969) elaboraram um procedimento laboratorial para qualificar o vínculo formado entre o bebé e sua principal figura de cuidado, denominado de “Teste de Situação Estranha”, o qual permitiu observar as manifestações comportamentais do apego e examinar o equilíbrio entre o apego e o comportamento

exploratório, sob condições de alto e baixo stress em crianças. Neste procedimento, mãe e filho entram numa sala de brincar de um laboratório onde mais tarde se junta um elemento do sexo feminino estranho a ambos. Enquanto o estranho brinca com a criança, a mãe sai e regressa momentos depois. Nestas condições, o comportamento é activado como consequência da separação da figura cuidadora. Este trabalho trouxe importantes contribuições para a teoria do apego, ao demonstrar que o apego resultante da interacção bebé - mãe, varia na dependência do tipo de cuidado materno e das características inerentes ao bebé. As respostas dos bebés observadas neste teste possibilitaram a classificação do apego em quatro padrões:

Seguro - o bebé sinaliza a falta da mãe na separação, saúda activamente a mãe na reunião, e então volta a brincar;

Inseguro - evitante - o bebé exhibe pouco ou nenhuma aflição quando separada da mãe e evita activamente e ignora a mãe na reunião;

Inseguro - resistente - o bebé sofre muito, tem muita aflição ou angustia pela separação e busca o contacto na reunião, mas não pode ser acalmado pela mãe e pode exhibir forte resistência;

Inseguro - desorganizado – apresenta comportamento misto, ora como evitante, ora como resistente.

Comportamento Parental

A contraparte do comportamento de apego é o comportamento parental. A teoria do Apego propõe o sistema do cuidador como um sistema normativo e provedor de segurança. Tornar-se mãe ou pai envolve um grande passo emocional na vida, que é irreversível e deste modo influencia seriamente a identidade, papeis e funções dos pais e de toda a família (Colman & Colaman 1994; Relvas, 1996 cit por Canavarro & Pedrosa, 2005). Cuidar é definido como um ampla ordem de comportamentos complementares ao comportamento de apego e inclui uma larga gama de responsabilidades, tais como prover ajuda ou auxílio, conforto e confiança, provendo uma base segura, e encorajando autonomia do bebé, Bowlby (1998).

O cuidador deve ser capaz de responder de forma flexível a uma ampla margem de necessidades que surgirem, deve ter conhecimento adequado de como prover cuidado apropriado e estar disponível quando necessário. Precisa ter recursos emocionais e materiais: habilidade de empatizar e se colocar no lugar do indivíduo em sofrimento. Finalmente, precisa ser motivado a oferecer cuidado, Sousa (2004).

O papel do cuidador frequentemente envolve uma boa porção de responsabilidade, assim como uma quantidade substancial de recursos cognitivos, emocionais, e materiais. Deve, portanto, estar motivado a aceitar a responsabilidade (que frequentemente envolve algum grau de sacrifício) e dispor de tempo e esforço necessários para prover apoio efectivo. Se o cuidador não estiver suficientemente motivado, pode não desempenhar seu papel adequadamente (Feeney e Collins, 2001). Não há dúvida que o conjunto formado pelo comportamento materno-filial tenha sido alvo de pressão selectiva nos organismos em geral, constituindo-se desse modo em um sistema comportamental instintivo, Bussab (1998). No caso do ser humano, o contacto visual e táctil com o bebé favorecem a formação do vínculo afectivo e desencadeia o comportamento de cuidar, tão importante para a sobrevivência do bebé. De acordo com Sousa (2004), pode-se acrescentar que: na presença de um bebé pequeno, a maioria dos adultos automaticamente apresentará um padrão inconfundível de comportamentos interactivos, incluindo sorrir, levantar as sobrancelhas e abrir muito os olhos

Mãe contentora e Mãe prestadora de cuidados

-Conceito de Pele Psíquica-

Bick (1998) evidenciou a importância da função pele psíquica como elo na ligação e contenção das partes da personalidade do bebé que, na sua forma mais primitiva, estariam dispersas, permitindo organizar as experiências internas do bebé, sob protecção do sentimento de desintegração. Com a maturação a pele assumiria essa função de continente, bem como a medição entre o mundo externo e o mundo interno.

O objecto contentor passaria, assim, a ser experimentado como uma pele. A vivência desta pele permitiria a organização do eu corporal (primeiro eu), do pensamento e da expressão pré-verbais .

Esther Bick (1962) defende que, nas fases mais precoces do desenvolvimento, as partes da personalidade são percebidas como se não existisse qualquer elo entre elas, devendo

por isso ser sustentadas de um modo experimentado passivamente pela pele, que funciona como limite. Esta função interna de contenção das partes do self está inicialmente dependente, da introjecção de um objecto externo percebido como capaz de desempenhar esta função (capacidade de *réverie* e de pensar da mãe).

Só quando estas funções contentoras tiverem sido introjectadas, o conceito de espaço adquire significado. A introjecção baseia-se em experiências de dor e de prazer, que dão lugar a boas e más imagens do self.

Winnicott (1985) apresenta o rosto materno como uma superfície de projecção específica, precursora do espelho. Neste sentido, quando a mãe olha para o bebé, o que o seu rosto exprime encontra-se em relação directa com o que ela vê (o estado de espírito do bebé), sendo que, reciprocamente, o bebé se vê a ele próprio, tendo a possibilidade de construir um pequeno esboço do Eu.

O bebé conhece-se e conhece também o mundo através da mãe, do seu olhar (pela função espelho), do seu colo (que o contém), a partir do espaço que a sua mãe ocupa dentro de si (ou espaço interno), Sousa (2004).

Na ausência da introjecção, ou seja, da construção de um objecto num espaço interno, registar-se –ão perturbações na função da identificação projectiva que originará todo o tipo de perturbação da identidade. Fantasias que impossibilitam a introjecção, essas perturbações podem conduzir ao desenvolvimento de uma “*segunda pele*”, de forma a criar substituto para essa função contentora da pele. Perturbações no desenvolvimento desta função primária da pele, podem ser comprometidas como resultantes da inadequação do objecto real, traduzindo-se por vezes em psicoses infantis e, em particular, com quadros autistas, a experiências de partes do corpo sem uma pele que as contenha no agravamento de uma vivência de queda no vazio, no espaço (Bick 1998).

A ausência da função contentora da pele, de um espaço, de um continente psíquico, poderá conduzir ao desenvolvimento de uma “*segunda pele*”, sendo a dependência em relação ao objecto conduzido por uma “*pseudo-independência*” (Bick 1998c) e pelo uso inapropriado de certas funções mentais, com o objectivo de suprir a referida função.

-Holding e Handling Materno-

Eduardo Sá (2001, p. 20-21), citando Bollas (1992), “ *A mãe transmite a sua estética pelo seu estilo de ser com o infante – alimentando, trocando a fralda, acalmando,*

cantarolando, segurando e brincando – e é a plenitude da sua maneira de ser presente com o bebê que constitui a fenomenologia da transformação, operada por ela no ser do infante. Com uma mãe “suficientemente boa”, a tradição de transformações produtivas das realidades internas e externas é confirmada, e a continuidade do ser é preservada”.

Segundo Winnicott, é esta experiência de prestação de cuidados por parte da mãe que permite ao bebê o desenvolvimento de um verdadeiro Self e não num falso Self. (BD) O contacto pele a pele restabelece os sentimentos de intimidade da mãe ao bebê, como se estivessem novamente fundidos, tal como acontecia durante a gravidez quando a mãe continha ambos. A pele transforma-se num mediador para o contacto físico, para o conforto e amparo, também para a transmissão do cheiro, do tacto, do gosto e do calor, sensações que se podem constituir numa fonte de prazer e de intimidade para mãe e filho.

Já Anzieu (1985), defende que a pele preenche uma função de holding do esqueleto e dos músculos, o conceito de eu-pele preenche uma função de manutenção do psiquismo. A função psíquica desenvolve-se pela interiorização do holding materno. O eu-pele é em parte a mãe, interiorizada, que mantém o funcionamento do psiquismo, pelo menos durante a vigília, tal como a mãe o mantinha contra o seu corpo, conferindo-lhe unidade e solidez.

No momento inicial de indiferenciação, momento da vida em que não se pode distinguir um bebê, o bebê passa pela experiência onipotente de criar os objectos que satisfazem a sua necessidade. Isto só é possível pela experiência de *ilusão* proporcionada pelo *holding* da mãe suficientemente boa na qual a mãe oferece ao bebê de modo consistente e empático exatamente o objeto de que ele necessita, objeto que, do ponto de vista do bebê, foi ele quem mágica e onipotentemente criou. Trata-se do objeto subjetivo, o primeiro passo para a expressão espontânea do verdadeiro *self*. A sensibilidade adaptativa da mãe suficientemente boa faz com que a onipotência do bebê seja aceita e complementada repetidas vezes. Com isso, o bebê começa a acreditar na realidade externa como algo que surge e se comporta magicamente. O seu verdadeiro *self* se expressa espontaneamente e isto coincide com os acontecimentos que ele experimenta. Ele goza então da ilusão onipotente de que cria e controla o mundo. Essa etapa consiste na *dependência absoluta*, etapa em que o bebê está assegurado pela mãe que experimenta a *preocupação materna primária*, um estado psicológico muito especial que ela desenvolve, uma devoção cuidadosa que assume ares de uma doença normal acompanhada de total possibilidade de recuperação e que se caracteriza pela adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê já nos seus primeiros momentos de vida, Winnicott (1956).

Assim, no período precoce da vida do bebê, a mãe está totalmente identificada com ele que, por sua vez, depende absolutamente dela numa época em que ele mal começa a existir como indivíduo. Trata-se de um estágio muito primitivo, porém dotado de extrema sofisticação.

A *preocupação materna primária* ajuda a mãe a adaptar-se em alto grau às necessidades do lactente, uma adaptação viva que não se dirige às necessidades pulsionais dele, por mais importantes que sejam. Ela dirige-se às necessidades que são próprias ao ego de um bebê: “*Eu lhes lembraria a temperatura da água do banho, testada pelo cotovelo da mãe; a criança não sabe que a água podia estar ou muito quente ou muito fria, mas vê de modo natural a temperatura corporal*” (Winnicott, 1963, p.82). Verifica-se então uma relação muito primitiva, repleta de fusão e empatia, em nada mecânica. Por isso, o bebê não percebe o cuidado materno, não controla o que é bem ou mal feito, apenas se beneficia ou sofre distúrbios.

A devoção natural e suficiente da mãe protege o processo do bebê de vir a ser, pois promove a sua *continuidade do ser*. A continuidade do ser estabelece por sua vez uma base para a constituição de um ego forte e integrado (inicialmente, o ego está num estado não-integrado e, durante a fase de dependência absoluta, vai assumindo uma integração estruturada) e também estabelece uma base para o verdadeiro *self*, a expressão do potencial herdado “*que está experimentando a continuidade da existência, e adquirindo à sua maneira e em seu passo uma realidade psíquica pessoal e o esquema corporal pessoal*” (Winnicott, 1960^a, p.46).

Quando o apoio materno vai bem, a mãe é capaz de prover quase exatamente o que o bebê necessita e, assim, dificilmente esse apoio é percebido pelo bebê, pois ele promove silenciosamente uma base de vital importância ao ego, Winnicott (1966). Diferentemente, quando essa provisão ambiental falha, o lactente se torna perceptivo, mas não exatamente das falhas do cuidado materno. O que ele percebe são as medidas reactivas que ele terá que tomar a partir daí. Falhas na adaptação ambiental causam irritações e uma conseqüente necessidade de reagir. Isto interrompe a continuidade do ser e leva à vivência de uma angústia de aniquilamento, sentida pelo bebê como uma ameaça de desintegração.

Sob condições ambientais favoráveis, ou seja, sob um cuidado materno contínuo e consistente, o lactente estabelece uma continuidade da existência e assim começa a desenvolver a sofisticação que torna possível as irritações serem absorvidas pelo sentimento de onipotência que predomina no psiquismo primitivo. Isto preservará especialmente o verdadeiro *self*. Caso contrário, há um caminho aberto para as psicopatologias ou

predisposições a elas. O ambiente tem por isso como principal função a redução ao mínimo de irritações a que o lactente deva reagir. Somente assim, segundo Winnicott, estarão lançadas as bases para uma saúde mental futura.

O momento de indiferenciação caracterizado então pela dependência absoluta estabelece uma base narcísica fundamental que favorecerá a integração do ego num estado unitário, numa individualidade com uma existência psicossomática. Com isso, poderão ter início outros processos, como a personalização, isto é, o desenvolvimento do sentimento de estar dentro do próprio corpo, e a apreciação do tempo e do espaço e de outros aspectos da realidade (Winnicott, 1945). Além do mais, ocorre também o despertar da inteligência, e, com isso, o processo psíquico secundário, a função simbólica e a capacidade para as relações objetais (Winnicott, 1960a).

Um relacionamento realmente verdadeiro e autêntico com o mundo externo é um patamar altamente complexo para o desenvolvimento emocional. O ponto de partida para esta complexidade repousa justamente no momento de ilusão que o bebê vivencia junto com sua mãe quando está indiferenciado com ela na dependência absoluta. E é porque a mãe prossegue fornecendo ao bebê a experiência de ilusão que ele passa a conhecer pedacinhos simplificados do mundo. O ambiente opera portanto como facilitador para o desenvolvimento e concretização dos processos maturacionais do bebê favorecendo desse modo a potencialização do verdadeiro *self*, a fonte do gesto espontâneo, Winnicott (1966).

Portanto, é na relação primordial mãe-bebê que está a facilitação do ambiente para o desenvolvimento dos processos de maturação de todo ser humano, ou seja, é nesta relação que está a base tanto do processo de integração do ego, quanto a consequente capacidade para a diferenciação do ambiente e, é claro, a capacidade para o viver criativo. A função do ambiente, nesse sentido, é oferecer fundamentalmente a segurança de que o bebê precisa para integrar-se numa unidade, ou seja, para que tenha minimamente a noção de um eu integrado numa vida psicossomática. Uma vez que esta noção esteja solidificada, estabelece-se, em contrapartida, a noção de que todo o restante será não-eu, Winnicott (1962).

O problema é quando o ambiente falha, isto é, quando o holding materno não é suficientemente bom, quer seja na indiferenciação, quer seja na diferenciação. Isto pode ser representado pela mãe que se cola muito à criança fazendo com que o ego nascente seja sufocado e invadido e, por outro lado, pela mãe distante e mecânica fazendo com que o ego fique sem consistência, ou mesmo por uma alternância brusca entre um posicionamento e outro.

Falhas desse tipo deixam marcas profundas, pois estão referidas a uma época em que o psiquismo infantil era ainda muito arcaico e dependia totalmente da provisão do ambiente. Por isso, tanto uma presença intrusiva ou distante dos cuidados maternos, ou mesmo uma alternância brusca entre um e outro, achata a possibilidade de que o terceiro território se constitua entre o bebé e o ambiente, ou seja, o espaço potencial. Isto prejudica diretamente a indiferenciação mãe-bebé, a transicionalidade, o brincar, e, portanto, o próprio processo de simbolização que daí deriva. Sem esse espaço, a diferenciação eu-ambiente torna-se uma experiência ruim e, conseqüentemente, a própria saúde mental estará fadada a prejuízos.

Bion - FunçãoAlfa

A relação mãe-bebé sugerido por Bion, considera o inconsciente constituído por pré-concepções (protopensamentos ou protoemoções, elementos beta) em busca de experiências específicas, capazes de proporcionarem realizações (positivas ou negativas), transformações em elementos alfa, podendo evoluir para a formação de conceitos, desenvolvendo a capacidade de pensar.

Em outras palavras, este processo se inicia com projecções e introjecções, sendo as identificações projectivas, o modo primitivo de comunicação entre o bebé e sua mãe. Elas carregam ou melhor transportam os elementos beta, à espera de um continente psíquico materno, (mães suficientemente capazes), que possibilite a contenção da angústia, e, por meio de sua função alfa e da *réverie*, permitam ressonâncias intuitivas, com o que lhe é projectado, criando elementos alfa. Transformam, finalmente, o que está carregado de sensorialidade em “derivados narrativos dos elementos alfa” (pensamentos), simbolizáveis, assimiláveis e digeríveis (desenvolvimento da função alfa) pela mente do bebé. Quando isto ocorre de modo suficientemente adequado, esta função alfa torna-se, progressivamente, desenvolvida e operante na mente da criança. (...) “ *em suma a réverie é facto de função alfa da mãe*” . (Bion, 1962/1991 a, p.60)

Podemos entender mais claramente, o que Bion (1962,1963) quer dizer ao afirmar, que todo indivíduo ao nascer, necessita de uma outra mente para desenvolver a sua própria.

Vemos aqui a importância que Bion confere à capacidade da mãe para pensar e também às suas características de personalidade, uma vez que estas serão fundamentais para a

mãe interpretar os comportamentos emocionais do seu bebê e promover, deste modo, o início de um processo de transformação mental, dos conteúdos apresentados pelo bebê.

Bion (1962 a) utilizou assim o termo função alfa, para designar os meios inconscientes mais primitivos a que a mãe recorre para servir mentalmente o bebê, e não simplesmente atender às suas necessidades mais materiais.

Bion (1962/1991a) defende que, compete à mãe traduzir e dar um significado emocional às experiências vividas pelo bebê, sendo estas experiências verbalizadas a partir dos órgãos dos sentidos e do sentir humano. Cabe à mãe ser o continente/conteúdo destas vivências expressadas pelo bebê, promovendo a sua transformação através dos vínculos criados, que segundo Bion são de três tipos básicos; L (inicial da palavra Love, que quer dizer amor), H (inicial da palavra Hate que quer dizer ódio) e K (inicial da palavra Knowledge, que quer dizer conhecimento).

Ao conjunto de experiências emocionais significativas para o indivíduo, Bion (1963/1991b, p.12) chamou de “*Conjunção Constante*”.

O conceito de função alfa pode ser alargado a função paterna ou a outra figura significativamente importante para o bebê a fim de ajuda-lo na tarefa do seu crescimento mental.

Elementos Beta e Elementos Alfa

Para se compreender a natureza e a constituição de um aparelho psíquico convém investigar tanto os elementos alfa (susceptíveis de transformações graças à função alfa da mãe) quer os elementos beta /elemento que não sofreram a transformação pela função alfa da mãe. Segundo Bion (1962/1991^a), os *elementos alfa* estão presentes no aparelho mental e têm a capacidade de se articularem e intervirem nas operações do pensamento em geral. Estes elementos são a transformação das impressões sensoriais e das experiências emocionais, em imagens visuais ou sensoriais. Os elementos alfa não saturam o conhecimento, uma vez que ajudam a tolerar bem a frustração de não-saber. Pois estão sempre à disposição, para a eles se recorrer enquanto se está numa fase de indagação.

Bion refere que a aprendizagem está directamente relacionada com o funcionamento da função alfa, ou seja, a transformação de elementos perceptivos da experiência emocional em elementos alfa utilizáveis nos pensamentos oníricos e no pensar inconsciente da vigília.

A mãe vai aliviando gradualmente a aflição do bebé, procurando mais entendê-la do que explicá-la, Waddell (2003).

Bion refere que, os *elementos beta* são objectos a evacuar ou a usar pelo pensamento, devido à falta de representação mental e poder de abstracção. A finalidade é apenas livrar a psique dum excesso de estímulos que não foram transformados pela função alfa e convertidos em elementos alfa, constituindo assim factos que promovem a indigestão mental.

Bion (1962) debruça-se sobre a questão de saber para onde vão os elementos psíquicos que não foram passíveis de serem metabolizados, a que Bion designou de elementos beta, acima referidos. Estes elementos só serão transformados se surgir na relação um outro que lhe atribua significado.

Desta forma, percebe-se a importância que Bion atribui às primeiras experiências ocorridas entre a mãe e o seu bebé como precursoras do pensar humano, e como o vínculo, a qualidade da identificação projectiva estabelecida na díade será determinante para lançar o bebé no caminho a expansão e maturidade psicológica.

Envolvimento Paterno durante a Gravidez

O período de transição para a parentalidade exige uma série de adaptações e mudanças por parte dos futuros pais, tanto em nível psicológico e biológico como social (Salmela-Aro, Nurmi, Saisto & Halmesmäki, 2000).

A gestação funciona, para os pais, como um período de preparação para os novos papéis que deverão assumir, frente ao bebé e a tudo que ele irá exigir. A elaboração das fantasias e sentimentos, a revisão da sua própria infância e dos papéis parentais, bem como as preocupações decorrentes desta transição, são algumas das características desta etapa do desenvolvimento (Brazelton, 1988; Levy-Shiff & Israelashvili, 1988).

A trajectória masculina rumo à parentalidade difere da feminina, pois somente a mulher poderá sentir o filho crescer dentro de si, dar à luz e amamentá-lo. Por esta razão, de acordo com Maldonado, Dickstein e Nahoum (1997), muitas vezes os pais não conseguem criar um vínculo concreto e sólido com o bebé. Para estes autores, a formação do vínculo entre pai e filho costuma ser mais lenta, consolidando-se gradualmente após o nascimento e no decorrer do desenvolvimento da criança. O facto de o pai não contar com a realidade das mudanças corporais e do desenvolvimento do bebé no seu próprio corpo, pode, ainda, suscitar sentimentos de ciúme, inveja, ansiedade e solidão no homem (Delmore-Ko, Pancer,

Hunsberger & Pratt, 2000; Maldonado & cols., 1997). Segundo Brazelton (1988), a competição e a exclusão também são sentimentos frequentes e esperados nos futuros pais, não somente porque a mulher tende a desviar suas energias e atenção para o bebê, mas também porque ela se torna o centro das atenções de todos, sendo que poucos se interessam pelos sentimentos do futuro pai durante este período de adaptação. No entanto, o homem deve fazer adaptações similares às da mulher, e enfrenta dúvidas e angústias também semelhantes.

Parke (1996) aborda o envolvimento paterno na gestação, ressaltando que os casais, e não apenas as mulheres, ficam grávidos, e que as mudanças que ocorrem com os futuros pais durante a gravidez não são independentes das mudanças por que passam as próprias gestantes. Os pais podem, inclusive, desenvolver a Síndrome de Couvade, apresentando sintomas físicos e psicológicos semelhantes – e concomitantes – aos das mulheres.

O envolvimento paterno pode variar bastante ao longo da gestação, de acordo com o desenvolvimento do bebê, bem como conforme as características de cada pai. Com relação às diferenças ao longo da gravidez, May (1982) sugere um padrão de mudanças sequenciais no envolvimento emocional dos pais, constituído de três fases.

A primeira destas compreende o período desde a suspeita de gravidez – acompanhada de um grande impacto inicial – até a sua confirmação, quando os pais podem experimentar reações de desconforto, stress e ambivalência. Na segunda fase, os pais ainda não sentem a gestação como uma realidade, uma vez que os sinais físicos ainda não são evidentes. Em decorrência disto, a distância emocional é a característica mais marcante deste período. Na última fase, os homens vivenciam a gestação como real e importante em suas vidas, conseguindo definir-se como pais. Normalmente, segundo May, este último estágio ocorre no terceiro trimestre da gestação, quando o nascimento do bebê está mais próximo e os pais tornam-se mais participativos nos preparativos para a sua chegada. No entanto, conforme a autora, os pais diferem consideravelmente no modo como atravessam estes estágios, havendo pais que não conseguem realmente envolver-se com o seu filho em nenhum momento da gestação. Segundo Szejer e Stewart (1997) e Sousa (1998), alguns pais sentem-se profundamente envolvidos com questões da gestação, procurando participar o máximo possível e mostrando uma grande disponibilidade emocional para esta experiência. Maldonado e colaboradores (1997) afirmam existir pais que procuram sentir o bebê na barriga da mulher, acompanham as consultas pré-natais, ajudam a compor o enxoval e a organizar o quartinho do bebê.

Parke (1996), afirma que os pais podem experimentar muita ansiedade durante a gestação, preocupando-se com o parto e a saúde do bebê, apesar de que as preocupações de

ordem financeira se destacariam, sendo as mais prevalentes. Brazelton (1988), por sua vez, acrescenta que as preocupações com o aumento das responsabilidades para com a família e com as possíveis consequências nas relações sexuais também são recorrentes nos pais. Outras reacções dos pais observadas por Szejer e Stewart (1997) e Souza (1997) são os sentimentos de exclusão e inutilidade, e fuga de todos os aspectos da preparação para a chegada do bebé, e, algumas vezes, do próprio ambiente familiar. Souza apontou ainda que alguns pais colocam-se como espectadores desinteressados, justificando que os problemas relativos à gestação são de responsabilidade da mulher. O envolvimento do pai já na gestação parece ter importantes implicações para o desenvolvimento das primeiras relações pai-bebé (Brazelton & Cramer, 1992) e mãe-bebé. (Brazelton, 1988; Winnicott, 1966).

Para alguns pais, ajudar fisicamente sua companheira constitui-se em uma forma de expressar seu interesse pelo bebé e agradá-la (Krob, 1999).

A experiência física e emocional da gestação é bastante distinta para homens e mulheres e isto, provavelmente, tem consequências particulares para cada um deles, mas também enriquece a relação triádica mãe-pai-bebé. Neste sentido, Szejer e Stewart (1997) afirmaram que homens e mulheres apresentam recursos e reacções muito diferentes e, portanto, seria mais útil a busca por acções complementares, ao invés de paralelas. O envolvimento paterno durante a gestação é um tema ainda pouco abordado em pesquisas psicológicas. No entanto, a investigação desta temática é de extrema importância, pois vários autores atestam o papel do pai já na gestação tanto no estabelecimento do apego pai-bebé como para o desenvolvimento na criança, de um senso de confiança e segurança (Costa & Katz, 1992; Parke, 1996; Silveira, 1998).

O Papel do Pai no parto

A importância da presença do acompanhante no parto é amplamente reconhecida entre as comunidades científicas da saúde, mais concretamente nas áreas da obstetria e da psicologia da saúde, advindo daí vantagens para a saúde do casal e do bebé, contudo a sua efectividade em termos de benefícios para a tríade (mãe/pai/bebé), pode ser avaliada sob muitos aspectos nomeadamente a preparação ou não dos casais para a parentalidade. O papel do homem como acompanhante e fonte de apoio da parturiente é relativamente recente na nossa sociedade, para o qual questionamos se a maioria dos homens estarão devidamente preparados e motivados face às expectativas das companheiras e das equipas de saúde.

A Importância do Acompanhamento da Parturiente e Sentimentos Paternos

Para Costa, Figueiredo e Pacheco (2002) há estudos que evidenciam a importância de uma pessoa significativa que proporcione apoio emocional, como um dos factores susceptíveis de influenciar a experiência de parto de uma mulher e consequentemente o seu funcionamento global como mãe e interacção com o bebé.

Klaus e Kennell (1992; cit. In Crepaldi e Mota, 2005) referem que os benefícios do apoio dado à mulher em trabalho de parto, vêm sendo comprovados em pesquisas ao longo dos últimos trinta anos, as quais demonstram que parturientes que recebem apoio emocional apresentam resultados perinatais mais positivos. E ainda com base em vários estudos e em dados empíricos resultantes da nossa prática, verificamos que para as mulheres a participação do pai do bebé durante o parto significa fonte de apoio importante e que as parturientes avaliam a companhia dele de forma positiva, pois traz sensação de segurança e conforto.

Por outro lado, a legislação vigente garante à parturiente a possibilidade de permanecer acompanhada no trabalho de parto por alguém da sua escolha, sendo na maioria das vezes o seu companheiro. Por tudo o que anteriormente se referiu, sabe-se que a parturiente considera a presença do seu companheiro uma importante referência emocional, mas torna-se necessário investigar o que pensam e sentem os homens sobre isso, porque o apoio emocional fornecido pelo companheiro, pode ser influenciado pela sua disponibilidade, motivação e conhecimentos acerca do parto. É necessário perceber que a integração do homem no trabalho de parto com o objectivo de confortar e acompanhar a mulher, na nossa sociedade, constituiu um papel relativamente recente para ele, o que leva a questionarmos se será claro para os homens o que a sua companheira e a própria equipa de saúde espera deles no momento do parto.

De acordo com Davim e Menezes (2001) o parto constituiu para o homem um momento de intensas emoções, possibilitando a primeira aproximação directa do pai com o filho sem intermediações da mulher, condição necessária durante a gestação onde o feto está incorporado ao esquema corporal da mãe. No entanto, Abreu e Souza (1999; cit. in Davim & Menezes, 2001) referem-nos que na nossa cultura pouco se sabe a respeito do pai, como também de seus sentimentos em relação ao ciclo gravídico-puerperal da companheira. Esta opinião vai de encontro ao que se observa na nossa prática com casais em situação de trabalho de parto, pois verifica-se que os comportamentos e sentimentos expressos por parte dos

homens que acompanham o parto de suas companheiras é muito diverso e por vezes evidencia muito desconhecimento sobre o trabalho de parto.

Num estudo levado a cabo num hospital de Londres em 2002 com cerca de 120 pais em que se tentou investigar os sentimentos dos pais durante a experiência de trabalho de parto e parto comparando os seus sentimentos nos diferentes tipos de parto, concluiu-se que de uma forma geral estes pais tiveram uma experiência positiva, embora os que acompanharam um parto normal (eutócico) tivessem expressado mais sentimento de felicidade e menos ansiedade e considerassem a experiência menos traumática do que os que acompanharam um parto distócico ou cesariana (Chan & Paterson-Brown, 2002). No entanto, gostaríamos de clarificar que estes resultados podem não traduzir a nossa realidade, uma vez que como veremos adiante isso pode estar relacionado com a preparação ou não dos pais.

Outros estudos evidenciam serem ainda muitos os homens que se sentem pouco à vontade durante o trabalho de parto da sua companheira. De acordo com uma revisão sistemática efectuada por Crepaldi e Mota (2005) os homens também podem experimentar sensação de medo, desconforto, frustração e impotência diante da dor da sua companheira, e alguns relataram ainda que o trabalho de parto foi mais difícil e cansativo do que haviam imaginado.

Pesquisas de Chandler e Field (1997, cit. in Crepaldi Mota) mostraram que os homens sentem-se excluídos do processo de nascimento, servindo apenas como provedores de apoio moral e de conforto. E os homens mencionam ainda haver falta de informação por parte da equipa de saúde sobre o desenvolvimento do trabalho de parto, especificamente sobre o que acontece com a parturiente, bem como orientações sobre como eles deveriam proceder. Os resultados obtidos têm vindo a confirmar o entendimento de que os homens têm que lidar com processos emocionais e psicológicos com o conhecimento (ou falta dele) sobre o parto.

Perante a evidencia de que o apoio do companheiro/pai do bebé é extremamente importante para a parturiente e em ultima análise para a vinculação da tríade mãe/pai/recém-nascido, mas por outro lado haver a consciência de que conhecemos pouco sobre as necessidades dos homens a esse respeito, consideramos muito importante a análise conjunta destes dois aspectos. Isto significa que devemos avaliar os sentimentos e as necessidades de informação dos casais e concretamente dos homens sobre este assunto.

A Educação para a Saúde no Processo de Transição Para a Parentalidade

De facto, a gravidez e o parto constituem um período na vida da mulher e do casal caracterizado por múltiplas alterações a nível físico, psico-emocional e social, que variam de pessoa para pessoa e de casal para casal, de acordo com uma multiplicidade de factores de carácter social e familiar, psicológicos, culturais e outros, requerendo alguma capacidade de adaptação e implicando necessidade de apoio por parte da equipa de saúde, constituindo por isso um momento crucial em termos de necessidades de educação para a saúde.

Segundo Redman (2003), idealmente a educação para a saúde pré-natal deveria começar antes da gravidez, com aulas formais que se iniciariam antes da concepção estendendo-se até cerca de três meses após o parto.

É necessário informar e educar para uma mudança de paradigma em que o casal seja o principal protagonista da experiência de parto, realizando escolhas cada vez mais conscientes. A opção de ter ou não acompanhamento por parte do companheiro no trabalho de parto, é em primeira instância da parturiente sendo um direito da mesma, mas por outro lado, não podemos pressionar os homens no momento do parto sem que estes estejam envolvidos ou preparados para tal.

Em países nórdicos como a Suécia as parteiras encorajam os pais a participar activamente no que acontece antes, durante e após o nascimento (Hallgren, Kihlgren, Forslin & Norberg, 1999), sendo mesmo algo enfatizado pela legislação governamental sueca. Num estudo realizado nesse país Hallgren et al.(1999) referem-nos que os homens que estiveram envolvidos activamente na gestação, com conhecimentos sobre preparação para o parto orientados por parteiras, sentem que isso os ajudou a experimentar novas formas de cuidado às suas companheiras e compreende-las melhor. Por isso torna-se muito importante desenvolver acções com vista à educação para a saúde neste aspecto, avaliando as necessidades das populações e desenvolvendo programas de educação e aconselhamento.

O Companheiro como elemento Contentor aquando a Gestação

O envolvimento paterno pode variar ao longo da gestação, de acordo com o desenvolvimento do feto, bem como as características de cada pai. Contudo, e para Piccini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004), “numa última fase os homens vivenciam a gestação

como real e importante em suas vidas, conseguindo definir-se como pais (...), isso normalmente ocorre no 3º trimestre de gravidez, quando o nascimento está próximo”(p.304). Por isso, embora não seja só importante a preparação para o nascimento de um filho no 3º trimestre de gravidez, é contudo o que se torna mais frequente na nossa realidade e o período de maior receptividade sobretudo para os homens, pelo que devemos aproveitar esse momento de excelência para trabalhar com o casal, no processo de educação para a saúde que normalmente designamos como preparação para o parto.

A preparação para o parto é definida como um programa de sessões educacionais para mulheres grávidas e seus companheiros que encoraja a participação activa no processo de parto Bobak(1999, cit. in Couto, 2006).

Couto (2006), refere-nos que *“a preparação para o parto com a ajuda de técnicas respiratórias e outras, ajuda a reduzir e controlar a dor e o desconforto. Origina também, ao casal , uma oportunidade para o marido/companheiro ajudar a sua mulher nessa experiência única. Por outro lado os benefícios para a saúde são imensos, indo desde partos mais breves, diminuição da administração de medicação e anestesia até utilização diminuta ou abolida de instrumentação no parto”* (p.196). Podemos salientar que face às evidências da importância de uma pessoa significativa para a parturiente, no decurso do trabalho de parto, hoje em dia são inquestionáveis os benefícios que daí poderão advir para a saúde da mulher, do recém-nascido e em última análise de toda a família, mas existem na prática muitas questões a ser trabalhadas, começando pela aplicação da nossa legislação em vigor em matéria de cuidados de saúde.

Como conclusão, embora ao longo dos tempos sempre se tenha verificado a existência de fontes de apoio à parturiente, actualmente face às alterações sócio-culturais na estrutura das famílias esse apoio provém fundamentalmente dos homens (maridos/companheiros). Desta alteração no papel do homem no processo de transição para a parentalidade, resulta a necessidade de adaptações intra e interpessoais para as quais o homem e o casal necessitam de orientação e apoio por parte da equipa de saúde. É neste sentido que deveremos ser agentes dinamizadores de aprendizagens indo de encontro às motivações e necessidades dos indivíduos, famílias e comunidades através de programas de educação para a saúde pré-natal.

Um casal em que o companheiro está envolvido activamente ao longo de toda a gestação e motivado para desenvolver competências cognitivas e relacionais sobre gravidez e parto, terá maiores probabilidades de vivenciar essa experiência de forma positiva. No entanto, relativamente aos pais que ainda estão pouco envolvidos na gestação de suas companheiras ou que estando envolvidos e motivados, revelam necessidade de conhecimentos

sobre o assunto, os profissionais de saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos e terapeutas) têm um papel crucial em matéria de educação para a saúde, tal como refere Redman (2003) “*a educação para a saúde é uma prática essencial de todos os profissionais de saúde*” (p.3). Esse processo de educação pré-natal deve iniciar-se preferencialmente desde a concepção, mas se tal não for possível, deveremos aproveitar o último trimestre (como período de grande receptividade) para trabalhar com os casais neste sentido, nos denominados programas de preparação para o parto.

A Evolução da Paternidade

Nas sociedades ocidentais, os papéis assumidos por pais e mães têm sido tradicionalmente diferentes. A mãe possui o papel de cuidadora primária e o pai, o de provedor das necessidades materiais da família, apoiando indirectamente a díade mãe-bebé (De Martini, 1999; Levy-Shiff & Israelashvili, 1988). Além do apoio material, o suporte emocional à gestante também se constitui em uma importante função atribuída ao pai (Klaus & Kennell, 1992).

Recentemente, autores como Parke (1996) assinalaram que os pais têm vindo a assumir outras tarefas com relação aos filhos, sendo que o estereótipo do pai incompetente e desinteressado em relação aos cuidados primários não vem sendo confirmado por muitos estudos recentes. Segundo o autor, o grande envolvimento das mulheres no campo profissional e o novo papel social do trabalho feminino, dentre outros factores socio-económicos, têm vindo a abrir espaços para a participação dos pais nos cuidados com seus filhos. Desta forma, os pais estariam mais activos em sua parentalidade, exercendo influências directas sobre o desenvolvimento de seus filhos. (...) “*a participação do pai moderno que o torna tão especial tanto para o bebé como para a coesão familiar. Porque efectivamente ele é especial. (...) Na geração passada, a maioria deles viam-se a si mesmos como um suplemento das mães. Participavam quando elas lhes pediam (...)*”, Brazelton (2004)

Conforme Brazelton (1988), existe uma nova consciência de que criar um filho é também função do pai, mas ainda não há clareza quanto a este novo papel, e aqueles homens que assumem esta responsabilidade nem sempre recebem apoio social. Em relação a estas mudanças no papel do pai, tem sido amplamente discutido o conceito de *envolvimento paterno*.

Gomes (2003) define este conceito a partir de três dimensões de avaliação do comportamento paterno: interacção, acessibilidade à criança e responsabilidade. A interacção refere-se ao contacto directo com o filho, em cuidados e actividades partilhadas. A acessibilidade concerne à presença ou disponibilidade para a criança para possíveis interacções. Já a responsabilidade diz respeito ao papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança. De acordo com Parke (1996), por muito tempo este conceito foi tratado de forma apenas quantitativa, medido através do número de horas que o pai passava com a criança em cuidados e outras actividades. Actualmente, a avaliação do envolvimento paterno inclui também aspectos qualitativos, como a qualidade e o conteúdo do envolvimento. Enquanto o envolvimento paterno após o nascimento do bebé tem recebido a atenção de vários autores, a participação do pai na gestação contínua pouco estudada. Durante a gestação, o envolvimento paterno deve ser compreendido de modo peculiar, pois o vínculo entre pai e filho é indirecto, mediado pela mãe.

-A importância da Figura Paterna –

-Cuidar em parceria-

Com base nos estudos de alguns autores como Esther Bick, Bion, Winnicott, Anzieu, é indiscutível a importância da figura materna para o desenvolvimento psíquico da criança. Todos reconhecem a díade mãe-bebé como a relação primordial na vida de qualquer ser humano, levando-se em consideração que a criança humana nasce prematura e inacabada, necessitando portanto, dos cuidados de outra pessoa para sobreviver e, em particular, da mãe. Para Anzieu (1985), o seio materno é o primeiro objecto mental, visto como seio bom, alimentador, preenchedor de pele quente e suave no contacto. Sousa (2004), apresenta a ideia de que o crescimento nos primeiros tempos de vida do bebé pressupõe, então, acolhimento. A mãe é aquela que acolhe o bebé desde seu nascimento, e até mesmo antes, ao habitar seu mundo imaginário, oferecendo a ele um lugar a ser ocupado em seu desejo. Através dos cuidados essenciais, a mãe que nutre e protege seu bebé, acima de tudo investe de afectos sua relação com o mesmo. É o que permite a criança reconhecer o olhar, a voz, o cheiro daquela que posteriormente chamará de “mãe”. No entanto, esta relação exclusiva e excludente é tão necessária nos primórdios da vida, quanto a sua ruptura. É somente através da alternância

presença / ausência da mãe, que a criança poderá pouco a pouco se diferenciar e separar - se da mesma em busca de sua própria identidade, e isso só será possível quando a mãe alimenta outros desejos e interesses para além de seu bebê. Portanto, é somente a mãe quem poderá transmitir um lugar terceiro entre ela e a criança, o qual será ocupado, geralmente, pela presença do pai – um homem para quem seu desejo de mulher se vê endereçado.

Antigamente, quando se tratava do desenvolvimento da criança, dava-se muita ênfase às relações de mãe-filho. Hoje, fala-se bastante no papel do pai. Segundo Dias (2004), do alargamento da função continente materna à figura do pai. Diz ser na tentativa de demonstrar a importância masculina na Instituição Família que se pretende remeter os pais à fase inicial de chegada de um filho. Nos estudos mais recentes da personalidade humana nota-se uma reavaliação da figura paterna e sua função na estruturação da personalidade. Até há algum tempo, a psicologia do desenvolvimento era quase omissa em relação ao pai, enquanto uma importância marcada às relações mãe-criança, modelo inicial sobre o qual se apoiaria todo o desenvolvimento posterior. O que não deixa de ser válido. Só que as teorias mais recentes admitem a deste terceiro elemento que é representado e actuado pelo pai.

Para Eduardo Sá (2001), “(...) *o comportamento do bebê só pode ser entendido no contexto da relação com as mães, ou mais correctamente, com as mães e com os pais.*”

A criança não se liga ou precisa do pai só no momento em que já tem a percepção e os sentidos desenvolvidos. Essa relação é necessária desde o nascimento. Quando a criança nasce, não tem identidade física ou psíquica definida, é um continuum materno, um prolongamento da mãe, um ser que mal sente, mal vê, não fala. Pouco a pouco, os sentidos vão se desenvolvendo e criando definições, e percepções mais organizadas. Mas isso não implica que a identidade esteja a formar-se adequadamente: a criança ainda é continuação da mãe. Tem um cordão umbilical não físico, mas afectivo; é intensamente dependente, inseparável da mãe. Aí então se faz necessária a função paterna, que provoca um corte nesse cordão umbilical psíquico; uma ruptura simbólica entre a mãe e o filho.

O pai é aquele que promove o rompimento da simbiose com a mãe, o vínculo onde não há duas pessoas mas apenas uma indiferenciação, possibilitando ao filho tornar-se sujeito, com uma identidade, no mundo do real. É o pai que deve abrir a gaiola, realizando um corte indispensável que põe limite nessa relação fechada entre mãe e filho. Trata-se do processo de separação e identificação, o que significa que o pai deve deixar claro que a criança não pode preencher totalmente o desejo materno e vice-versa. Esse terceiro elemento existirá sempre. Uma criança sem o pai pode crescer sem problemas se

a mãe permitir que entre ela e o filho se estabeleça uma distinção, que entre eles se coloquem outros elementos. Suponhamos que o pai tenha morrido quando a mãe estava grávida; não é porque o pai falta na realidade objectiva externa que não vai haver esta função paterna. Tudo o que leva a criança a se diferenciar da mãe, a ter emoções e experiências que reconhece como suas, tudo isso é fruto dessa presença que chamamos figura paterna que pode ser a própria mãe que contém em si – e demonstra – desejo de dar liberdade à criança, vontade de que o filho seja diferente dela e até de que tenha necessidades que ela, a mãe, não possa atender. Delimitar os papéis é importante, de facto, existe uma diferença fundamental entre ambos. Basta comparar o vínculo materno directo, biológico, grosseiramente biológico com os sentimentos que a criança estabelece em relação ao pai. Que é, pelo contrário, alguém que interrompe esse vínculo biológico. A qualidade do vínculo paterno depende então da actuação do pai, enquanto a ligação com a mãe se estabelece naturalmente.

Existe um vínculo de base biológica entre a mãe e a criança. Mas se a mãe for afectuosa, se permitir que o filho desenvolva o sabor da ligação, será diferente daquela em que a mãe não dá à criança, por exemplo, a necessária liberdade de ser e existir independente dela.

Gomes (2003), por mais que a relação de total dependência do filho com a sua mãe seja uma necessidade vital nos primeiros dias de sua vida é necessário também que a criança possa buscar a sua própria identidade e isto só é possível quando a mãe volta o seu interesses para além de seu bebé. Isto acontece quando a mãe volta a exercer a sua função de mulher inserindo um terceiro elemento na relação dual entre mãe e filho - o pai. Por isto é imprescindível que a mãe e o pai não abdicuem de seu lugar de mulher e homem, pois só assim a transmissão da lei será possível ao filho. É o pai, apresentado simbolicamente pela mãe que assim o faz ao incluí-lo no relacionamento com o filho, que possibilita à criança a ingressar no mundo da linguagem, do simbólico e da cultura.

Sendo assim, a presença do pai ou de uma figura paterna é muito importante para o bom desenvolvimento da criança. Tanto é que na ausência do pai biológico cabe a mãe administrar a ausência do pai, de forma a não prejudicar sua imagem, tão importante para a formação do carácter da criança. É importante ter claro também que todos - homens e mulheres - precisamos de modelos masculinos para crescer emocionalmente equilibrados e que as ligações de emoção e afecto entre pai e filho (a) não são resultados das ligações biológicas e sim que são formadas nas relações de afecto e cuidado no dia-a-dia. Por isto, sempre que possível, o pai deve estar presente na vida de seus filhos acompanhando a

gestação, participando de actividades quotidianas logo após o nascimento do bebé fortalecendo assim uma ligação que quer queiramos ou não é para sempre.

Vários estudos teórico-clínicos e experimentais (Brazelton, 2000, Brazelton & Cramer, 2001; Brazelton & Greenspan, 2002) Têm vindo a confirmar quão fundamental é, que o bebé estabeleça precocemente relações significativas, caracterizadas pela interacção recíproca ou estimulação precoce, permitindo que gradualmente desenvolva comportamentos interactivos e intencionais, fruto das suas relações com os pais e/ou com figuras significativas para o seu desenvolvimento psíquico. A voz paterna é tão importante para a criança que se o pai se comunicar com ela ainda in útero, a criança é capaz de reconhecê-la e de reagir, logo ao nascer. Assim, se por qualquer obstáculo mãe e bebé são separados após o nascimento, e se a mãe estiver impossibilitada de acompanhar sua recuperação, o pai deve assumir e estabelecer contacto com ele para que não perca seus referenciais intra-uterinos, podendo sentir-se novamente em segurança. Como a criança já guarda lembranças na vida pré-natal e é capaz de retê-las, a ligação profunda e intensa pai-feto é essencial para o continuum do vínculo pós-nascimento. Este pai, então, deixa de ser mero provedor para compartilhar dos cuidados básicos com o bebé, bem como de sua educação e desenvolvimento físico-emocional. Além do contacto com o bebé, o homem também tem uma função importante como companheiro, pois transmitindo amor e segurança à mulher, colaborará para que ela acolha mais intensamente seu próprio filho. Chabni e Pérez – Sánchez (2004) admitem a importância do papel do pai, uma vez que este possibilita à mãe, esta encontrar o seu ser mãe, entrar no seu papel e vivê-lo.

Então, o pai é aquele que “salva” o filho de uma relação dual, indiferenciada e mortífera, na medida em que separando - o da mãe (ao fazer dela sua mulher), o possibilita ingressar no mundo da linguagem, do simbólico, da cultura. Torna-se desta forma, imprescindível que o pai e a mãe não abdicuem de seu lugar de homem e de mulher para que a transmissão da lei seja possível. O pai real, é o símbolo que promove a estruturação psíquica da criança e lhe permite abrir-se para horizonte de novas possibilidades. Neste sentido, a identificação da criança com o universo de seu pai se dá através da experiência da interacção, quando ele aparece como interdito na relação entre mãe e filho. Sua presença marca, simbolicamente, a dinâmica de rompimento desta fase (Gomes, 2003).

Gomes (2005), ressalta que o pai é o primeiro rosto que a criança encontra fora do ventre de sua mãe: ele é indistinto para o recém-nascido, mas ao bloquear o desejo incestuoso, sua figura vai se diferenciando, permitindo o nascimento da interioridade do filho e desfaz, assim, a fusão entre o eu e o não eu: o pai encarna inicialmente a “não mãe” e dá forma a tudo

que não seja ela .É esta a presença que irá facilitar à criança a passagem do mundo da família para o da sociedade. Será permitido o acesso à agressividade, à afirmação de si, à capacidade de se defender e de explorar o ambiente; (...) *a proposta de explorar o pai por ele mesmo, confrontá-lo com o imaginário paterno e vê-lo surgir através dessa opaca névoa que cobre seu mundo, não só enriquece o estudo da paternidade com novas perspectivas, como também contribui para um rompimento do silêncio histórico do homem e do pai*". (Gomes, 2004, p. 116).

A Importância do Companheiro para a Mãe

Para Chan (2002), quando o pai está presente e oferece uma relação harmoniosa, a mãe é capaz de resgatar o seu bebé real de todos os bebés fantasmas ou imaginários e poderá, então, fazer uma aliança com a vida e a relação. É o pai que nutre sua mulher, a mãe do filho de ambos, de leite amoroso e de cuidado, leite e nutrição que poderão assegurar o desenvolvimento do bebé. A ausência do pai parece ter repercussões negativas tanto para a mãe como para o bebé e é citada como um dos factores de risco sócio-demográficos para a ocorrência do parto prematuro, como um factor e no processo interactivo da díade (Levy-Shiff, 1982; interveniente no desenvolvimento emocional, cognitivo e social do bebé Mamelle,1990; Wendland, 2001).

Dessa maneira, sem o apoio do pai a função materna provavelmente ficará comprometida (Stern, 1997), o que pode resultar no empobrecimento das manifestações promotoras do vínculo mãe – bebé.

- A mãe, o pai e a criança –

Conceito de Unidade Originária

Chbani e Pérez -Sanches (1998) dão especial destaque ao conceito de *Unidade Originária*, que consiste no jogo dinâmico entre réverie materna, réverie paterna e se aceitarmos a autonomia do bebé, temos também que falar da réverie do bebé.

Estes três pensamentos constituem a Unidade Originária e esta Unidade Originária, forma a base do pensamento, para tal tem que existir entre estes três factores um vínculo dinâmico. Através da Unidade Originária, o bebé mostrará a importância da transferência, pelo modo como, duas ou três subjectividades entrariam em acção para se transformarem. Segundo Sá

(2001) o ritmo da vida é concebido sob a base da triangulação entre os ritmos do bebê e os diferentes ritmos dos pais, (...) “*a este interjogo dinâmico chamamos de Unidade Originária.*” (Chbani e Pérez- Sánchez, 2004, p.41)

Chbani e Pérez –Sanches (2004) defendem que a Unidade Originária é uma comunicação que se consegue e que se perde ao longo da vida, mas que é imprescindível á própria vida e ao pensamento. Para o bebê, é necessária a interiorização dos seus pais e é esta interiorização, que o possibilita de ter uma identidade.

Bion e Bick ao longo dos seus estudos, dão á mãe um lugar fulcral no desenvolvimento do bebê colocando o pai em segundo plano. Chbani e Pérez –Sanches (2004) por sua vez defendem que a função alfa, tão bem defendida por Bion e Esther Bick, não pode existir sem a Unidade Originária. Estes autores admitem que a ausência interna de um dos elementos da Unidade Originária bloqueia a função alfa. È necessário interiorizar cada um dos três elementos (pai, mãe e bebê) para que a função alfa possa funcionar, logo a função alfa é tridimensional. O papel do pai, da mãe e do bebê devem coexistir com igual importância, cada um de acordo com as suas necessidades.

A Unidade originária pressupõe um movimento dinâmico entre pai, mãe e bebê, que cria um estado interno disponível para as emoções, ou seja um estado de pensamento. O conceito de Unidade Originária é assim vista por Chbani e Pérez –Sanchez como um elemento de equilíbrio e saúde mental, uma vez que, a mãe respeita a identidade do pai depois deste a ter reconhecido como mãe, é a harmonia de cada um no seu lugar. O estado materno permite que o estado paterno funcione, sem concorrência de funções.

Método

Delineamento

Neste estudo, utilizámos como método o Estudo de Caso. Este método foi escolhido, uma vez que pretendemos observar a importância da figura paterna na interacção mãe-bebê, sendo que não se vai interferir na interacção das famílias mas sim apenas observar a dinâmica das mesmas, este seria o método mais apropriado.

Segundo Yin (1989, p. 23, *in* Bressan, 2004), o estudo de caso é “*uma inquirição empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real*”, no qual os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas onde é possível fazer-se

observações directas e entrevistas sistemáticas. Caracteriza-se pela "*capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências – documentos, artefactos, entrevistas e observações*". Yin, 1989, p. 19, in Bressan, 2004.

O Estudo de Caso é preferido quando: o tipo de questão de pesquisa é da forma “como” e “por quê?”; quando o controle que o investigador tem sobre os eventos é muito reduzido; ou quando o foco temporal está em fenómenos contemporâneos dentro do contexto de vida real. A finalidade da pesquisa é sempre holística (sistémica, ampla, integrada), visando preservar e compreender o caso no seu todo e na sua unicidade. Vários autores (Yin 2001; Punch, 1998; Gomez, Flores & Jimenez, 1996, in Coutinho & Chaves, 2002, p. 223), por esta razão, preferem chamar de estratégia ao invés de metodologia de investigação: “*o estudo de caso não é uma metodologia específica, mas uma forma de organizar dados preservando o carácter único do objecto social em estudo*” (Goode & Hatt, 1952, in Coutinho & Chaves, 2002, p. 223). As cinco características básicas do estudo de caso são: - “*é “um sistema limitado”, e tem fronteiras “em termos de tempo, eventos ou processos” e que “nem sempre são claras e precisas*” (Creswell, 1994. In: Coutinho & Chaves, 2002, p. 224); - é um caso sobre “algo”, que necessita ser identificado para conferir foco e direcção à investigação (Coutinho & Chaves 2002, p. 224); - é preciso preservar o carácter “*único, específico, diferente, complexo do caso*” (Mertens, 1998. In: Coutinho & Chaves, 2002, p. 224); - “*a investigação decorre em ambiente natural; - o investigador recorre a fontes múltiplas de dados e a métodos de colecta diversificados: observações directas e indirectas, entrevistas, questionários, narrativas, registros de áudio e vídeo, diários, cartas, documentos, entre outros.*” (Coutinho & Chaves, 2002, p. 224).

Existem alguns argumentos mais comuns que criticam o Estudo de Caso. Entre eles: -a falta de rigor, - a influência do investigador – falsas evidências, visões viesadas; - Fornece pouquíssima base para generalizações; - são muito extensos e demandam muito tempo para serem concluídos. A essência de um Estudo de Caso, ou a tendência central de todos os tipos de Estudo de Caso é que eles tentam esclarecer “uma decisão ou um conjunto de decisões: “por que elas foram tomadas?”, “ como elas foram implementadas?” e, “quais os resultados alcançados?”

O Estudo de Caso é usado em muitos campos, incluindo o da Psicologia. Neste trabalho, o Estudo de Caso é utilizado como uma estratégia de pesquisa (Stocker, 1991 cit. por Yin, 2001), uma vez, que se foca na observação directa da interacção mãe-bebé e na importância que a figura paterna adquire nesta mesma interacção. A avaliação neste estudo é por isso qualitativa, apoiada por uma investigação empírica denominada de Estudo de caso.

Participantes

Neste estudo participam quatro casais e seus respectivos bebês. O processo de recolha dos participantes foi por conveniência, uma vez que era pretendido observar casais cujos bebês tivessem nascido há poucos dias, casais esses que se encontrassem disponíveis a receber o observador nas suas casas de forma a observar a interação dos pais com os seus bebês. As observações foram por isso realizadas nas casas de cada um dos casais. A idade dos bebês que fazem parte deste estudo vai desde a segunda semana de vida, até às cinco semanas de vida.

Instrumentos

Método de Observação de Esther Bick

O intuito deste trabalho é focalizar a valiosa contribuição dada por Esther Bick, ao introduzir, em 1948, na Clínica de Tavistock, seu método de Observação Psicanalítica da Relação Mãe-Bebê, com o objectivo de treinar psicoterapeutas de crianças. Posteriormente, esta técnica foi introduzida como parte do curso de formação de psicanalistas na Sociedade Britânica de Psicanálise e se estendeu para outros institutos de formação por todo o mundo. Inicialmente voltado para a formação clínica, este método veio ganhando terreno e, na actualidade, inúmeros são seus desdobramentos e aplicações em contextos que se estendem para além do campo estritamente clínico.

Em seu artigo *Notas sobre a Observação do Bebê na Formação Psicanalítica*, Esther Bick (1964) detalhou o método que aqui abordamos de modo abreviado. Trata-se da observação directa de um bebê recém-nascido, em seu ambiente natural, entendido como seu contexto familiar, ao longo de seus dois primeiros anos de vida. Em alguns institutos de formação, o tempo de duração da observação foi reduzido para um ano.

O observador deve estabelecer contacto com os pais durante o período de gestação, de modo a garantir que logo após o nascimento as visitas possam ocorrer semanalmente, com a duração de uma hora, em dia e horário previamente acordados. Este tipo de contrato visa a estabelecer e preservar uma certa regularidade de participação do observador junto à dupla/tríade. As observações são realizadas uma vez por semana, se possível ao mesmo dia da semana e á

mesma hora. Logo após a visita, o material observado deve ser descrito em seus mínimos detalhes, sem discriminação, incluindo as vivências e sentimentos do observador diante dos movimentos da dupla/tríade. A linguagem utilizada deve ser coloquial e isenta de quaisquer formulações teóricas, de modo a resultar em relatórios semanais a serem lidos e discutidos no grupo de supervisão.

O estreito vínculo deste método com o método de observação em psicanálise foi suficientemente explorado por Shuttleworth (1995) e Houzel (1995), que estabeleceram um contraponto com os modelos tradicionais da pesquisa experimental. Estes autores apontaram para a característica distintiva do modelo de Bick, que não comporta qualquer hipótese de trabalho aprioristicamente e não privilegia nenhum foco específico. Freud (1914) aconselhava a postura de 'cegar-se' artificialmente, de modo que todo o foco pudesse ser conduzido no sentido de iluminar um ponto obscuro. A este respeito disse: "Aprendi a controlar as tendências especulativas e a olhar as mesmas coisas repetidas vezes até que elas comecem a falar por si mesmas" (p. 33).

O interesse de observar a mente humana em sua expressão no relacionamento humano constitui mais um de seus elos com a psicanálise. Couto Rosa (1995) afirmou que:

"Tanto numa situação como na outra, o que observamos seriam produtos transformados e não a 'coisa em si'. Até mesmo quando estamos diante de uma comunicação verbal. Sabemos que nem sempre são as palavras, em seu conteúdo imediato que irão produzir a revelação, já que também elas são transformações à espera de serem reconhecidas no domínio do relacionamento humano que caracteriza a prática analítica" (p. 301).

No modelo proposto por Bick (1948), o que se observa é a singularidade de cada conjunto pais-bebê, a delicadeza dos detalhes, das emoções, dos encontros e desencontros, procurando-se respeitar e preservar as peculiaridades de cada ser humano envolvido e de cada conjunto em particular.

A proposta de observar um bebê em seu contexto familiar, por um longo período de tempo, gera uma série de fantasias no observador, geralmente expressas no grupo de supervisão. Mélega (1995) foi feliz ao sintetizar essas vivências tão comuns no observador-participante: "*O receio de ser invasivo, ao se introduzir na família para 'ver' uma cena da intimidade da relação da mãe com seu bebê, é uma das questões. Ver! Consciente de que está lá interessado em ver e manifestando seu desejo de ver para conhecer. Sem disfarces, sem subterfúgios! Sem o escudo de outros papéis... É a legítima busca de conhecimento! Esta clareza de propósitos assusta o observador! Expõe-se para conhecer a 'cena' e expõe-se para*

ser conhecido por si mesmo e pelos outros! O receio de ser invasivo é a contrapartida do receio de ser invadido " (p. 265).

Essa técnica implica, também, preparar o aluno para se aproximar e suportar o encontro de vários outros seres se relacionando e, a partir daí, poder chegar a algum conhecimento, mesmo que para isto tenha que aguardar algum tempo. Cabe a ele preparar-se para receber tudo o que vier, preparar-se para o inesperado, mantendo uma atitude de espera e abstenção. O observador está incluído necessariamente no processo da observação e, assim, sua presença percebida pela mãe e/ou pelo bebé poderá ser usada para compartilhar toda sorte de sentimentos, seja através da linguagem verbal ou não. Caron (1995) afirmou ser este um papel fundamental e necessário, perseguido em qualquer fase da vida. Segundo ela, é comum que as mães façam uso dessa presença para liberar o que nelas se encontra contido. Podem, a partir daí, atribuir significado às próprias emoções.

Da mesma forma que o observador pode ocupar o lugar de continente das angústias e ansiedades primitivas, também o grupo de supervisão desempenha para o aluno uma função semelhante e de inestimável valia, na medida em que ajuda a conter angústias advindas do contacto com a dupla, permitindo a continuidade das visitas e promovendo a reflexão sobre sua participação no processo. É também tarefa do grupo estimular a pensar, constituindo-se em um espaço onde se pode chegar através da escuta, à revelação dos significados do material apreciado em supervisão.

Neste estudo foi também utilizado um segundo instrumento para a recolha de dados sobre os respectivos casais e seus bebés, sendo ele uma entrevista anamnésica realizada aos quatro casais. Os dados são apresentados na tabela seguinte.

	Nomes Pais	Idades	Data de Nascimentos do bebé	Primeiro filho	Zona de Residência	Estrato Socio- Económico
1ª Triade	Maria João	24 anos 27 anos	12-12-2007	Sim Benedita	Santarém	Classe média
2ª Triade	Mariana António	29 anos 31 anos	29-12-2007	Sim Lourenço	Almeirim	Classe média- alta

3ª Triáde	Mafalda Bernardo	38 anos 42 anos	7-2-2008	Não (têm outra filha) Matilde	Chamusca	Classe Alta
4ª Triáde	Ana Catarina Vítor	27 anos 29 anos	1-01-2008	Sim Tomás	Santarém	Classe média

Tabela 1: Dados recolhidos através da entrevista anamnésica, relativamente às quatro tríades.

Neste estudo utilizou-se um terceiro instrumento que foi a entrevista semi-directiva à mãe. Esta entrevista encontra-se organizada em várias áreas importantes sendo elas: Ajustamento à gravidez, Expectativas emocionais durante a gravidez, Vivências emocionais após o nascimento do bebé e a Relação mãe bebé.

Esta entrevista foi estruturada de forma a dar ênfase à importância ou não, que a mãe atribui ao papel do companheiro, nestas fases de suas vidas. Esta entrevista é apresentada no Anexo A.

Análise de Conteúdo

Laurence Bardin (1994), introduz a análise de conteúdo como uma das formas possíveis de tratamento de dados em pesquisa. De acordo com Bardin (1994), a análise de conteúdo é definida como: *“Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.”* Criada inicialmente como uma técnica de pesquisa com vistas a uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa de comunicações em jornais, revistas, filmes, rádio e televisão, hoje é cada vez mais empregada para análise de material qualitativo obtido através de entrevistas de pesquisa (Machado, 2005, p. 53). Minayo (2003, p. 74) enfatiza que a análise de conteúdo visa verificar hipóteses e ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto. *“(…) o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito*

e/ou latente). A análise e a interpretação dos conteúdos obtidos enquadram-se na condição dos passos (ou processos) a serem seguidos. Reiterando, diríamos que para o efetivo “caminhar neste processo”, a contextualização deve ser considerada como um dos principais requisitos, e, mesmo, “o pano de fundo” no sentido de garantir a relevância dos resultados a serem divulgados e, de preferência, socializados.” (Puglisi; Franco, 2005, p. 24). A análise de conteúdo é considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está a ser dito a respeito de determinado tema. A finalidade da análise de conteúdo é produzir inferência, trabalhando com vestígios e índices postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos, Puglisi; Franco, (2005), Ferreira (2003), a partir da abordagem de Bardin, relaciona as possibilidades de uso da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é usada quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real. Aplica-se a tudo que é dito em entrevistas ou depoimentos ou escrito em jornais, livros, textos ou panfletos, como também a imagens de filmes, desenhos, pinturas, cartazes, televisão e toda comunicação não verbal: gestos, posturas, comportamentos e outras expressões culturais.

De acordo com Bardin (1994), a intenção da análise de conteúdo é, a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário que vem permitir a passagem explícita e controlada de uma à outra. Algumas vantagens de se utilizar o método é que pode lidar com grandes quantidades de dados além de fazer o uso principalmente de dados brutos que ocorrem naturalmente. Possui também um conjunto de procedimentos maduros e bem documentados e o pesquisador caminha através da selecção, criação de unidades e categorização de dados brutos. Pode construir dados históricos: ela usa dados remanescentes da atividade passada (entrevistas, experimentos, observação e levantamentos estão condicionados ao presente), Bauer e Gaskell, (2002).

No que concerne ao presente estudo, o material objecto de análise são as observações realizadas às famílias em ambiente natural. A análise de conteúdo deste trabalho inicia-se com a recolha de dados através das observações e posteriormente a transcrição do que foi observado. Após esta fase ordenam-se os dados obtidos em função das categorias delineadas. Cada uma das categorias referem-se a situações particulares e específicas da observação,

catalogando a realidade num determinado momento. Cada uma destas categorias é seguidamente dividida em várias subcategorias podendo desta forma catalogar mais especificamente determinados dados de cada observação. No que diz respeito a este trabalho trata-se de atribuir frases da transcrição das observações às categorias correspondentes.

A apresentação dos dados qualitativos da análise de conteúdo foi realizada através de uma tabela desenvolvida pela Dra Ana Paula Rocha no âmbito do seminário de monografia em 2003, baseada nas Grelhas de interacção mãe-bebé adaptada de Beckwith et al (1976), na Escala de Interacção Alimentar (IRSAL), na Grelha de interacção de Lebovici/Bobigny (1983) e na Grelha de Obervação mãe-bebé em interacção livre, Goisel (1992). A tabela é apresentada em seguida.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	Claras expressões imperativas dirigidas ao bebe.
	Críticas	Verbalizações críticas e hostis dirigidas ao bebé ou referentes ao bebé.
	Elogios	Comentários positivos explícitos sobre o desenvolvimento do bebé.
	Comentários	Qualquer verbalização que não seja nem uma directiva nem uma crítica.
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.	A mãe/pai imita ou responde vocalmente a uma vocalização do bebé.
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	Festas, beijos, abraços, etc.
	Intrusivos	A mãe ou o pai tocam no bebé a fim do distrair ou inibir uma actividade, retirar um objecto da

		mãe, afastar de um sítio, etc.
	Estímulos Musculares	Posicionamento do bebé sentado ou em pé, de forma a que este deva suportar pelo menos parcialmente o peso do corpo.
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	Olhar da mãe/pai direccionado para o bebé.
	Sorriso	Sorrisos da Mãe/pai direccionados para o bebé.
	Amamentar	Comportamentos da mãe que têm como objectivo amamentar o bebé.
	Cuidar	Comportamentos da Mãe/Pai que têm objectivos unicamente funcionais relativamente ao bebé. Mudar a fralda, tapar o bebé, dar banho, etc.
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	Festas repetitivas, movimentos de embalar, etc.
	Verbais	Respostas verbais da Mãe/Pai com o objectivo de dar conforto ao bebé.
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	Referência ao Pai por parte da Mãe ou referência à Mãe por parte do Pai, principalmente dirigida ao bebé.
	Observador	Referência da observadora dirigida ao bebé ou interacção da observadora com o bebé.

	Outros	Referência de outros elementos dirigida ao bebé ou presença de outros elementos.
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos	Mãe/Pai apresenta um objecto de forma a encorajar a exploração táctil ou visual, ou proporcionando estimulação auditiva.
	Liberdade de movimentos	O bebé está no chão, na cama ou na cadeirinha, sem restrição de movimentos
Linguagem do Bebé	Vocalização	Vocalizações ou sons emitidos pelo bebé.
	Choro	Choro e vocalizações de desconforto por parte do bebé.
	Movimentos	Movimentos livres do bebé
	Toque	Movimentos do bebé que têm como objectivo tocar a Mãe/Pai
	Olhar	Olhar do bebé dirigido à Mãe/Pai ou qualquer outro objecto.
	Sorriso	Sorrisos do bebé dirigidos à Mãe/Pai ou a qualquer outro elemento presente ou objecto.
	Sugar/Mamar	Movimentos da boca do bebé que têm por objectivo a amamentação. Mamar, chuchar, sugar, etc.
	Vigília/Sono	Comportamentos que identificam o estado do bebé, ou de vigília ou de sono.

Comportamentos da Interação Mãe/pai – Bebê	Olhar Mútuo	Mãe/Pai e bebê olham se simultaneamente nos olhos.
	Sorriso Mútuo	Mãe/Pai e bebê sorriem simultaneamente durante o episódio de olhar mútuo.
	Jogo/Brincadeira	A Mãe/Pai chama a atenção e estimula o bebê sem usar objectos, com uma brincadeira animada e divertida ou mãe/pai e bebê estão envolvidos simultaneamente em jogo/brincadeira com objectos.
	Contacto Pele/Pele	Contacto corporal, nomeadamente através da pele, entre Mãe/Pai e bebê.
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	Comentários da Mãe/pai dirigidos ao observador.
	Comportamentos	Comportamentos da Mãe/pai dirigidos ao observador
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	Localização temporal da Observação.
	Duração	Duração da observação.
	Local	Localização espacial da observação.

Tabela 2: Descrição das categorias e subcategorias da grelha de análise

Procedimento

Os participantes deste estudo foram contactados pessoalmente numa aula de preparação para o parto na “Clínica Jardim da Republica” em Almeirim. Neste primeiro contacto, fez-se referência superficial ao trabalho a ser realizado e em que consistia a sua participação enquanto tríades. Todos os participantes aceitaram prontamente, desta forma,

combinou-se um dia da semana fixo e uma hora também fixa para a realização das observações. Houve especial atenção para que as horas das observações coincidissem com o horário do banho ou da amamentação, sendo estas situações ricas ao nível da interacção mãe-bebé. Todos os quatro casais cumpriram este pedido, sendo todas as observações realizadas no mesmo dia da semana e no mesmo horário.

Após a realização de cada uma das observações, procedeu-se à transcrição em discurso directo tentando ao máximo reproduzir e reconstituir todos os momentos observados. Todos os comportamentos tentam ser transcritos ao pormenor, sendo o mais fiel possível à realidade, de forma a não incluírem juízos de valor ou opiniões pessoais acerca das pessoas e/ou situações vividas, por parte do observador. Após as observações estarem transcritas, efectuou-se uma análise de conteúdo através de uma tabela. Com base nas observações feitas, transcrições e consequente análise de conteúdo, os dados foram analisados tendo em conta a teoria abordada procurando elucidar quanto ao objectivo do presente trabalho.

Resultados

Os resultados do estudo, são apresentados na seguinte tabela que é constituída pelos valores totais referentes às tabelas de análise de conteúdo que correspondem às quatro observações do Caso A (Anexo F) constituída pela tríade Maria, João e Benedita.

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES MÃE	UNIDADES PAI	UNIDADES BEBÉ
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	2	4	
	Críticas	1	1	
	Elogios	4	4	
	Comentários	3	10	
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.	-	-	
	Afecto	14	11	

Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Intrusivos	3	6	
	Estímulos Musculares	-	-	
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	3	3	
	Sorriso	2	-	
	Amamentar	1	6	
	Cuidar	36	11	
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	3	-	
	Verbais	2	-	
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	6	-	
	Observador	-	-	
	Outros	1	-	
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos	-	-	
	Liberdade de movimentos	5	6	
Linguagem do Bebé	Vocalização	-	-	3
	Choro	-	-	8
Comportamentos do bebé	Movimentos	-	-	9
	Toque	-	-	1
	Olhar	-	-	4
	Sorriso	-	-	1
	Sugar/Mamar	-	-	5
	Vigília/Sono	-	-	12
Comportamentos da	Olhar Mútuo	-	1	
	Sorriso Mútuo	-	-	

Interacção Mãe/pai - Bebé	Jogo/Brincadeira	-	-	
	Contacto Pele/Pele	5	9	
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	26	9	
	Comportamentos	4	2	

Tabela 3 - Valores totais referentes à tabelas de Análise de conteúdo do Caso A

Feita a análise da tabela acima representada e relativa aos valores totais das quatro observações, verifica-se que em todas a mãe não estabelece muita comunicação verbal com o bebé, é mais favorecida a comunicação táctil e afectiva. O pai, também ele presente nas três últimas observações, mostra grande facilidade em comunicar com o bebé verbalmente, fazendo-o na sua maioria, através de comentários. As afirmações directivas surgem por parte do pai nas três observações em que este se encontra presente, existindo apenas uma crítica feita por este na segunda sessão. A avó está presente na segunda observação, os elogios ao bebé feitos por esta e as manifestações de afecto, são uma constante durante os cinquenta minutos da sessão. Esta mãe ao longo das observações enaltece a prestação de cuidados dados ao seu bebé, sendo essa subcategoria a detentora de um maior número de unidades de registo por parte da mãe, como se pode verificar na presente tabela. O pai, quando presente, também cuida do seu bebé algumas das vezes apenas quando a mãe solicita a sua ajuda. No total das observações, não se verificam nem por parte do pai nem por parte da mãe, quaisquer respostas contingentes às vocalizações do bebé. Os comportamentos intrusivos são maioritariamente manifestados pelo pai, sendo significativos na última observação. No total das quatro sessões, não se registam quaisquer estímulos musculares dados ao bebé, nem pela parte da mãe nem pela parte do pai. Na primeira e segunda observação a mãe olha para a filha, registando-se apenas essa subcategoria pelo pai, na última observação. Mas nem na mãe nem no pai esses valores são significativos. Nas observações em que o pai esteve, não foram registados sorrisos ao seu bebé, no que diz respeito à mãe, esta sorriu na primeira e na terceira observação. No que concerne às respostas tácteis e verbais, estas não existem em quaisquer observações por parte do pai. A mãe na primeira observação responde tactilmente ao bebé três vezes, sendo apenas essas vezes as únicas nas quatro sessões. Estas respostas surgiam por parte da mãe quando o bebé se preparava para dormir e não o conseguiu fazer. Já a nível verbal a mãe

responde uma vez na primeira e uma vez na última observação, sempre que estavam a mudar a fralda ao bebé, perfazendo as duas vezes na tabela acima apresentada. Quanto ao bebé, este manifesta-se em todas as observações, principalmente através do choro, quando este expressa sinais de desconforto ou sono. A Benedita em todas as observações mostra-se um bebé activo, sendo essa análise feita através dos movimentos que executa, mexendo com regularidade as pernas e os braços. O toque do bebé tem lugar apenas na terceira observação e é feito ao pai quando o bebé tenta mexer-lhe na cara. Da mesma forma quando a Benedita olha, é para o pai, manifestando esse comportamento na segunda, terceira e quarta observação, por conseguinte, em todas as observações em que o pai estava presente.

No que diz respeito à interacção mãe-pai-bebé, regista-se dois olhares mútuos entre o bebé e o pai, mais especificamente um na segunda observação e outro na terceira. Quanto à introdução de um terceiro elemento, esse comportamento era sempre feito pela mãe, mais especificamente na primeira e terceira observação, em que a mãe introduz o pai do bebé cada vez que este aparece, na terceira observação introduz uma vez a própria mãe (avó da bebé). Maioritariamente na primeira e terceira observação a mãe tenta estabelecer muitas falas com a observadora, sendo o pai mais contido nessa subcategoria.

Seguidamente apresenta-se a tabela que é constituída pelos valores totais referentes às tabelas de análise de conteúdo que correspondem às quatro observações do Caso B (Anexo G) constituída pela tríade, Mariana, António e Lourenço.

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES MÃE	UNIDADES PAI	UNIDADES BEBÉ
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	9	6	
	Críticas	10	4	
	Elogios	3	-	
	Comentários	24	5	
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.	4	1	
	Afecto	9	6	

Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Intrusivos	2	-	
	Estímulos Musculares	-	-	
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	-	1	
	Sorriso	-	-	
	Amamentar	7	1	
	Cuidar	19	14	
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	2	-	
	Verbais	5	4	
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	3	0	
	Observador	2	-	
	Outros	-	-	
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos	-	-	
	Liberdade de movimentos	9	6	
Linguagem do Bebé	Vocalização	-	-	2
	Choro	-	-	11
Comportamentos do bebé	Movimentos	-	-	14
	Toque	-	-	3
	Olhar	-	-	-
	Sorriso	-	-	-
	Sugar/Mamar	-	-	11
	Vigília/Sono	-	-	8
Comportamentos da	Olhar Mútuo	-	-	-
	Sorriso Mútuo	-	-	-

Interação Mãe/pai - Bebé	Jogo/Brincadeira	-	3	3
	Contacto Pele/Pele	12	5	
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	23	7	
	Comportamentos	2	2	

Tabela 4 - Valores totais referentes à tabelas de Análise de conteúdo do Caso B

Ao analisar-se os valores totais referentes às tabelas de análise de conteúdo, constata-se que esta mãe comunica verbalmente com o bebé, através de comentários, estando estes presentes em todas as observações e em grande número, como se verifica na tabela acima representada. Esta comunicação é também ela feita através de directivas, estando presentes em todas as sessões, que apenas não existiram na terceira observação. Os elogios são menos frequentes, apenas aparecem na primeira e na última observação, e em pequeno número. Quanto às respostas da mãe às vocalizações do bebé, estas registam-se apenas na segunda observação, sendo nulas nas observações seguintes. O pai expressa apenas uma única resposta às vocalizações do bebé na última observação. A mãe apresenta manifestações de afecto em todas as observações, assim como o pai, não o fazendo apenas na primeira. No que diz respeito aos comportamentos intrusivos, estes são quase inexistentes em todas as observações. Existem apenas dois deles na segunda e pela parte da mãe. Já os estímulos musculares são nulos tanto pela parte do pai como pela parte da mãe ao longo das quatro observações. Estes pais não mostram olhar para o bebé. Existe apenas um unidade de registo nessa subcategoria e é evidenciada pelo pai na última observação. Quanto ao sorriso, não existem quaisquer registos destes pais a sorrirem para a criança. Ambos os pais cuidam do seu bebé. Sendo que na terceira observação esses cuidados ficaram a cargo unicamente do pai. Apenas na primeira sessão essa subcategoria foi dominada pela mãe, uma vez que o pai não estava presente.

Relativamente aos comportamentos tácteis da mãe, estes apenas se verificam na segunda e na quarta observação. Existindo apenas um comportamento táctil em cada uma das observações. O pai não apresenta nenhuma unidade de registo dentro desta subcategoria em nenhuma das quatro observações realizadas. Os comportamentos verbais da mãe estão presentes na segunda, terceira e quarta observação, sendo que o pai manifesta quatro desses comportamentos na última. Na primeira sessão em que a avó estava presente, esta introduz a

filha ao bebé como terceiro elemento. Na terceira observação, a mãe faz referencia ao pai do bebé e ao observador. Em nenhuma das observações o pai evidencia a presença de um terceiro elemento ao bebé. Quanto ao bebé, em todas as observações excluindo apenas a primeira, comunica através do choro, maioritariamente sempre que sente desconforto. Já no que concerne às vocalizações são muito poucas. É um bebé activo evidenciando movimentos das pernas e braços e cabeça em todas as quatro observações. Fáz-lo de forma a interagir com os pais e sempre que tinha oportunidade e liberdade de movimentos. Apenas na primeira e terceira observação, o bebé tentou tocar na mãe, sendo que na primeira fá-lo quando a mãe o está a amamentar e ele tenta mexer-lhe no peito. O olhar e o sorriso da parte do bebé para os pais, são inexistentes em todas as observações realizadas. No que diz respeito à amamentação, é um bebé que suga intensa e rapidamente o leite, sendo que após ser alimentado demonstrava comportamentos mais calmos, adormecendo logo a seguir na maioria das vezes. Os comportamentos de interacção acontecem na sua maioria, através do contacto pele/pele surgindo em maior número pela parte da mãe que pela parte do pai. Sempre que a avó estava presente, existia uma tentativa de comunicação com a observadora. Comparativamente com o pai, a mãe evidencia nesta área uma maior unidade de registo, tentado por isso interagir mais com a observadora comparativamente ao pai em todas as observações.

Apresenta-se abaixo a tabela referente aos valores totais correspondentes às tabelas de análise de conteúdo que correspondem às quatro observações do Caso C (Anexo H) constituída pela tríade, Mafalda, Bernardo e Matilde.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES MÃE	UNIDADES PAI	UNIDADES BEBÉ
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	3	-	
	Críticas	2	1	
	Elogios	8	14	
	Comentários	-	-	
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.	-	-	
	Afecto	2	3	

Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Intrusivos	1	1	
	Estímulos Musculares	-	-	
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	8	3	
	Sorriso	1	1	
	Amamentar	1	-	
	Cuidar	13	10	
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	4	1	
	Verbais	3	3	
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	-	-	
	Observador	2	-	
	Outros	-	-	
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos	-	-	
	Liberdade de movimentos	9	2	
Linguagem do Bebé	Vocalização	-	-	5
	Choro	-	-	9
Comportamentos do bebé	Movimentos	-	-	11
	Toque	-	-	-
	Olhar	-	-	1
	Sorriso	-	-	2
	Sugar/Mamar	-	-	2
	Vigília/Sono	-	-	15
Comportamentos da	Olhar Mútuo	-	-	
	Sorriso Mútuo	-	-	

Interação Mãe/pai - Bebé	Jogo/Brincadeira	-	-	
	Contacto Pele/Pele	3	3	
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	41	10	
	Comportamentos	3	0	

Tabela 5- Valores totais referentes à tabelas de Análise de conteúdo do Caso C

Durante a análise das tabelas que constituem a análise de conteúdo verifica-se que esta mãe pouco interage com a sua filha, quer verbal quer fisicamente. Algumas das vezes a figura materna foi substituída pela empregada Constança, pelo que a maioria dos resultados advém dela mesma. Esta mãe ao falar com o bebé fá-lo maioritariamente através de críticas. Não utilizando uma única vez ao longo das observações, directivas ou elogios. O pai quando presente tece muitos comentários ao bebé assim como um elogio na primeira observação e uma crítica. Não existiram nem pela mãe nem pelo pai nenhuma resposta contingente às vocalizações do bebé em nenhuma das observações. Os comportamentos tácteis de afecto são na sua maioria exercidos pela Constança e também pelo pai. A mãe tem apenas um na quarta observação. Quanto aos comportamentos intrusivos verificam-se um por parte de Constança e outro por parte do pai, ambos na terceira observação feita. Esta mãe não tem nenhum número significativo de comportamentos tácteis em relação ao bebé, nem de afecto nem de estímulos musculares. Tal como também não presta quaisquer cuidados à filha em nenhuma das observações, isso fica a cargo de Constança e do marido. No entanto, esta mãe demonstra algumas respostas tácteis ao desconforto da filha, uma em cada observação. Na primeira e segunda, a mãe introduz o observador como terceiro elemento. Continuando a analisar-se o comportamento da mãe, esta não olha frequentemente para a filha nem sorri em nenhuma observação. A Matilde é um bebé que comunica em todas as observações, maioritariamente através de vocalizações e choro sempre que se sente desconfortável, tem sono ou fome. Não toca nem sorri na sua maioria, contudo este último comportamento apresenta-se por duas vezes na segunda observação. Nas quatro observações, a Matilde adormece ou já se encontra a dormir aquando o início da mesma. Sempre que as suas necessidades são saciadas o bebé acalma chegando ao sono profundo. O contacto pele/pele é estabelecido em todas as observações, menos na segunda. Duas vezes pela mãe na primeira e quarta observação e uma vez pela Constança na segunda. O pai também ele o faz, na primeira e terceira observação. Raros são os comportamentos de sugar/mamar executados pelo bebé. Ocorrem sim, nas duas

ultimas observações. No final da amamentação é frequente já estar a adormecer. Quanto à interacção mãe-pai-bebé, não se verificam ao longo das quatro observações nem o olhar nem o sorriso mútuo, quer com o pai quer com a mãe. O jogo/ brincadeira, também nunca é estabelecido por nenhum dos elementos da tríade. O número mais elevado de unidades de registo da mãe ocorre na fala que ela tenta estabelecer com a observadora em todas as sessões em que se encontra presente. O pai também o faz, contudo não com um número tão significativo.

Apresenta-se por último a tabela referente aos valores totais correspondentes às tabelas de análise de conteúdo que correspondem às quatro observações do Caso D (Anexo I) constituída pela tríade, Mafalda, Bernardo e Matilde.

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES MÃE	UNIDADES PAI	UNIDADES BEBÉ
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	13	1	
	Críticas	2	-	
	Elogios	2	-	
	Comentários	22	6	
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.	-	-	
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	5	3	
	Intrusivos	-	-	
	Estímulos Musculares	-	-	
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	2	1	
	Sorriso	-	1	
	Amamentar	7	-	
	Cuidar	31	1	
	Tácteis	2	0	

Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé				
	Verbais	6	-	
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	1	-	
	Observador	3	-	
	Outros	1	-	
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos	-	-	
	Liberdade de movimentos	7	1	
Linguagem do Bebé	Vocalização	-	-	2
	Choro	-	-	10
Comportamentos do bebé	Movimentos	-	-	5
	Toque	-	-	2
	Olhar	-	-	2
	Sorriso	-	-	-
	Sugar/Mamar	-	-	3
	Vigília/Sono	-	-	11
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebé	Olhar Mútuo	-	-	
	Sorriso Mútuo	1	-	
	Jogo/Brincadeira	-	-	
	Contacto Pele/Pele	10	1	
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	38	14	
	Comportamentos	2	1	

Tabela 6 - Valores totais referentes à tabelas de Análise de conteúdo do Caso D

Após a análise desta última tabela com valores totais referentes à tabela de análise de conteúdo podemos concluir que é uma mãe que interage muito com o bebé, principalmente

através da fala, os comentários detêm o maior número de unidades de registo, assim como as afirmações directivas. As duas críticas feitas pela mãe ao bebé só se verificam na segunda e terceira observação. Já os dois elogios feitos aparecem na segunda e última observação. O pai também mostra comunicar com o bebé, principalmente através de comentários, isso verifica-se em todas as três primeiras observações em que se encontra presente. Em nenhuma das quatro observações ocorrem respostas contingentes às vocalizações do bebé, quer pela mãe quer pelo pai. Os comportamentos tácteis da mãe e do pai não são significativos durante o estudo. A mãe apresenta apenas cinco comportamentos tácteis de afecto à filha e o pai três. No que concerne aos comportamentos intrusivos e estímulos musculares, estes são inexistentes por parte de ambos os pais durante as quatro observações. Face aos outros comportamentos pela parte da mãe em relação ao bebé, verifica-se que esta mãe apenas olhou para o bebé duas vezes durante a primeira observação e o pai apenas uma vez durante a mesma. O sorriso só ocorreu pela parte do pai também na primeira observação e nenhuma vez pela parte da mãe, já relativamente ao acto de amamentar, este é feito sete vezes apenas pela mãe, quatro deles na primeira observação, dois na terceira e um na última. Esta mãe caracteriza-se por ser uma prestadora de cuidados para o seu bebé visto que o número das unidades de registo nesta subcategoria é significativo. No total ocorrem trinta e uma prestações de cuidados ao bebé. Em todas as observações verificam-se esses cuidados. O pai apenas o faz uma vez e é na terceira observação. No que toca às respostas de desconforto do bebé (como, fome, mal-estar, sono...) é a mãe quem o faz, utilizando maioritariamente as respostas verbais. Em todas as observações essas respostas estão presentes. O pai tem uma participação nula nesta área. É também a mãe quem introduz um terceiro elemento em algumas das observações, mais especificamente, introduz o pai do bebé na primeira observação e o observador na primeira e terceira. Este bebé mostra comunicar essencialmente através do choro sempre que sente algum desconforto ou fome, as vocalizações não são significativas durante as quatro observações. É um bebé que apresenta alguma actividade, uma vez que em todas as observações, excluindo a segunda, faz alguns movimentos, contudo o toque e o olhar para os pais são quase nulos, não existindo mesmo qualquer sorriso. No que diz respeito à amamentação é um bebé calmo, não evidenciando qualquer agitação no acto de mamar, fá-lo sossegadamente. Não mostra qualquer dificuldade em adormecer visto que em todas as observações o bebé o faz maioritariamente após ser amamentado. Os comportamentos de interacção mãe-bebé acontecem em grande parte através do contacto pele/pele, sendo a mãe quem interage mais com o bebé neste âmbito. Não se regista por parte da mãe ou pai qualquer interacção ao nível de jogos e brincadeira. Esta mãe tende a

comunicar com o observador, sendo significativo o número de falas da mãe. O pai também o faz, contudo e em comparação com a mãe, o número não é tão elevado.

Discussão

Caso A

Ao analisar-se o comportamento do bebé ao longo das observações, verifica-se que se trata de um bebé calmo, pouco agitado, que chora apenas quando sente algum tipo de desconforto assim como fome, sono, cólicas etc. O comportamento de apego será eliciado quando o bebé estiver assustado, cansado, com fome ou sob stress levando-o a emitir sinais que podem desencadear a aproximação e a motivação do cuidador, Bowlby (1998).

O olhar mútuo ocorre apenas uma vez e com o pai, sendo que o sorriso mútuo é inexistente ao longo das observações, não ocorrendo nem com o pai, nem com a mãe. Este bebé procura pouco a interacção com os pais, sendo que, a esse nível, é pouco estimulada pela mãe.

Na primeira observação esta mãe mostra dificuldades em comunicar com o bebé e não tem a capacidade de identificar as razões pelas quais o bebé mostra o seu desconforto;

((...)*“Começa a despi-la e a bebé começa a chorar (...)* Nem com a chucha se cala.”). Verifica-se também que o “handling materno” é pouco adequado. O handling relaciona-se na forma como a mãe cuida e acaricia o seu bebé. Winnicott (1990), defende que o handling favorece a “personificação”, isto é, o movimento do eu que permite que o bebé se sinta uma pessoa: O Eu funda-se sobre um Eu-corporal.

Mostra ser uma mãe ansiosa e pouco segura a lidar com o bebé; ((...)*“Sente-se ela desconfortável e sinto-me eu porque nunca sei como a acalmar”*.) É uma mãe que favorece a prestação de cuidados, pelo que a maioria dos cuidados básicos e funcionais da bebé sejam efectuados por ela mesma; ((...)*“Limçou-a vagorosamente (...)* colocou-lhe creme e reforçou a dos.” (...)). Segundo Winnicott (1990), é essa experiência de prestação de cuidados por parte da mãe que permite ao bebé o desenvolvimento de um verdadeiro self. É na qualidade da relação materna e na prestação de seus cuidados que o bebé ganhará o estatuto de um ser humano em crescimento, Sousa (2004). Não é uma mãe contentora, não responde nem verbal nem taticamente ao desconforto da filha, pelo menos não na primeira observação. A falha desta função contentora da mãe, na sua relação com a bebé, quando qualitativa e quantitativamente disfuncional, pode ser responsável pela desintegração do psiquismo do bebé e, conseqüentemente, no futuro adulto (Lourenço, 2005). Com o avançar

das observações, esta falha tende a ser superada, apercebendo-se das angústias da filha e tentando eliminá-las; ((...)*“a Benedita tem estado com cólicas (...) já lhe tive a fazer massagens na barriguinha.”*)

Comunica com o bebé através de directivas, de forma a colmatar a ansiedade que sente ao cuidar da filha, como se assim se acalmasse a si mesma; ((...) *“xiu, está quase.”*).

É uma mãe que se mostra mais segura quando o companheiro também está presente na observação, evidenciando uma maior boa disposição e alegria no seu comportamento. Mesmo quando este não está, ela acaba sempre por introduzi-lo na observação como um terceiro elemento; ((...) *“o João é que é maluco pela filha”* (...)). É um casal que se caracteriza por ter uma relação muito descontraída e companheira, mostrando estarem sempre na brincadeira um com o outro ((...) *“ah... (ri) deixa estar que eu dou-lhe o leite, depois o bolo podia sair muito bem e era uma vergonha para ti. Ri”* (...); *“Sempre nas picardias!”*). O pai ao longo das observações evidencia, comparativamente com a mãe, o seu lado mais afectuoso e as manifestações de afecto são mais visíveis e constantes, não só em pequenos gestos mas também na forma como fala com a bebé e onde os comentários estão sempre presentes: ((...) *“Oh Beny como serás tu? Igual ao papá ou igual á mamã”* (...)) *o pai dá um beijo na testa da filha* (...)). Neste pai encontra-se presente o conceito de Envolvimento Paterno, Brazelton (1988). O pai tem a preocupação de entrar em contacto directo com o filho, permitindo à criança usufruir de uma maior disponibilidade e acessibilidade à figura paterna, que outrora era considerada apenas como alguém cuja responsabilidade seria somente a subsistência familiar, Gomes (2003).

A um nível funcional, é a mãe que dá ao pai algumas directrizes sobre a forma como este deve cuidar da filha; ((...) *“Mexe-lhe no canto da boca que ela volta a mamar (...) coloca-a a arrotar”* (...)) como se de alguma forma estivesse a reproduzir o que a sua mãe faz com ela mesma quando se encontra presente nas observações e vai indicando o que a filha tem que fazer; ((...) *“oh filha olha a cabecinha dela por causa da moleirinha, lava com cuidado (...) Está assadinha, tens que pôr creme filha”* (...)). A avó é uma das bases seguras desta mãe, apoia-a e ajuda-a a identificar as necessidades do bebé e ajuda-a também a cuidar da mesma. O suporte social e o bem-estar psicológico da mãe, são dois dos factores importantes para o estabelecimento de uma vinculação saudável entre a mãe e o bebé. A maternidade deve ser vivida num contexto social de apoio, atenção e aceitação por parte dos outros, Colman & Colman (1994). As figuras de suporte mais significativas das mães são na sua maioria, as suas próprias mães e os companheiros, Canavarro (2001). A presença de um suporte social adequado (o que não significa excessivo), por parte das figuras significativas

permitem o aumento da confiança e segurança materna e conseqüentemente ma qualidade de vinculação mais significativa, Figueiredo (2000). Quando a mãe tem uma rede de suporte instrumental e emocional mais adequada, verifica-se geralmente uma melhor qualidade da relação e dos cuidados prestados ao bebé; ((...) “*Nestas alturas o João faz uma falta... lá com as brincadeiras dele desanuvia e dá-me alguma segurança*” (...)).

Na segunda observação esta mãe mostra-se mais disponível emocionalmente para a filha, identificando o seu desconforto e actuando de forma, a que este seja mais superável para o bebé; ((...) “*é mais provável que com o leite em pó as crianças tenham cólicas (...)* passou o dia a chorar e já lhe tive a fazer massagens na barriguinha (...) já está em sono profundo, deve ser do cansaço (...) fica durante alguns segundos a olhar para a filha, sorri e deita-a no berço.”). É uma mãe que mostra respeitar os estados de consciência da sua bebé, aceitando que a bebé esteja a dormir e não a acordando propositadamente para comer é por isso uma mãe sensível aos ciclos de sono e vigília da sua bebé, Sousa (2004). O pai quando está presente, mostra-se interessado em participar nos cuidados para com o bebé, é um pai motivado para cuidar e interagir com a filha, seguindo, por vezes, algumas directivas da esposa para o fazer; ((...) “*João deita-a na alcofa para ver se ela dorme (...)* coloca-a a arrotar (...) *Dás-lhe o leite?*”).

Nesta tríade, o conceito de unidade originária introduzida por Chbani & Pérez Sanchez (1998), é uma realidade. Existe uma dinâmica plural e activa entre os membros da relação. Cada elemento apercebe-se da existência do outro, cada um respeita a identidade do outro, é a harmonia de cada um no seu lugar. A mãe inclui o pai como ser participante na tríade e este esforça-se para se vincular à bebé, mesmo quando não domina a situação recorre ao auxílio da esposa, funcionam assim em parceria; ((...) “*hummm... adormeceu, acordo-a ou deixo-a dormir*”). A mãe delega a função ao pai sem nenhuma culpabilidade, característica do *Estado Materno*. A mãe preocupa-se com a criança mas reconhece que o pai é suficiente. Desta forma o estado materno permite que o estado paterno funcione, Chbani & Sanchez (1998).

Caso B

O Lourenço é um bebé que chora apenas quando quer manifestar algum desconforto, quando tem cólicas, sono ou fome. Ressalvando estas excepções, é um bebé calmo que tem facilidade em dormir; ((...) “*O meu marido acorda só para ver se o Lourenço está a respirar, é que ele não chora.*”). Durante as observações mostra ser um bebé activo, faz muitos

movimentos, sempre que tem liberdade para isso; ((...) *“Fechava os braços contra o próprio peito (...) Lourenço começa a dar às pernas e aos braços”*). É um bebé que não interage significativamente com os pais ao nível do toque, sorriso ou olhar.

A mãe comunica muito com o bebé quer verbalmente; ((...) *“vamos para o quatinho, deitar no berço amor?”*) como através do toque; (*“Começa a fazer festinhas na cabeça e agarra-lhe na mão esquerda e dá-lhe beijinhos”*), é evidente ao longo das observações que se trata de uma mãe afectuosa.

Segundo o conceito introduzido por Winnicott (1990), esta mãe pode ser considerada como uma mãe suficientemente boa, isto é, responde satisfatoriamente às necessidades do bebé, traduzindo e dando uma significação emocional aos desconfortos manifestados pelo filho. Esta mãe é assim o Continente_Conteúdo destas vivências desconfortantes do bebé e que são manifestadas por este através dos seus órgãos sensoriais; (*“ Pronto filho tanta força, estás com frio não é? (...) Ele gosta que lhe penteie, acalma... quando ele está com aquela rabuge do sono, gosta e adormece”*). A mãe deste bebé é dotada também da capacidade de pensar o seu bebé, ou seja, exerce assim uma função alfa. Este conceito inserido por Bion (1991) refere-se à capacidade da mãe de pensar, interpretando os comportamentos emocionais do seu bebé, e assim promove o início de um processo de transformação mental, dos conteúdos apresentados pelo bebé. A mãe transforma os elementos sensoriais tóxicos e brutos sentidos pelo bebé (elementos beta) e transforma-os em elementos mentalizáveis e com significados (elementos alfa); (*“ Agora que estás vestidinho já não choras (...) Eu sei que não gostas mas faz bem Lourenço”*). A mãe possui um “holding” e um “handling” positivos. Cuida e trata do seu bebé de uma forma adequada e afectuosa, tendo em conta o bem-estar físico e psicológico do filho, respeitando os seus ciclos de sono/vigília e os seus ritmos biológicos; (*“Não vou insistir, quando tiveres fome darás sinal de vida, vamos para o berço que estás com sono.”*). Esta mãe insere-se na caracterização que Sousa (2004), faz de um bom cuidador. Um cuidador deve ser capaz de responder de forma flexível a uma ampla margem de necessidades que surjam, deve ter conhecimento adequado de como prover cuidados apropriados e estar disponível quando necessário.

Durante a amamentação este bebé mama com alguma ansiedade, esta mãe apercebendo-se dos comportamentos do filho, vai comunicando com ele verbalmente sempre com respostas adequadas aos sinais enviados pelo bebé; (*“ Pronto filho, devagarinho, ainda vai ao goto.”*). A comunicação durante a amamentação também é estabelecida através do contacto pele/pele; (*“ O bebé ia fechando os olhos á medida que ia mamando e a mãe ia mexendo-lhe nas bochechas para ele não adormecer”*). Na amamentação o bebé vive uma

experiência sensorial através da mãe, mais especificamente através de um objecto parcial, o seio materno. Para Melanie Klein (1984) a relação com o seio materno é a primordial para o vínculo mãe/bebé. Quando o bebé está a mamar sente a gratificação das suas necessidades, quando este seio materno é inexistente, este sente-se frustrado.

Durante as observações é visível o cuidado e esforço da mãe para incluir o pai na relação com o filho; (*“ Oh papá quer dar hoje banho ao filhote? (...) vai ao colo do pai”* (...)). A mãe tenta que o conceito de unidade originária seja estabelecido e que possam funcionar como uma tríade vinculativa, Sánchez (1998).

Este pai ainda não desenvolveu o seu estado paterno na plenitude. Ainda não possui total disponibilidade mental e física para acolher o seu bebé. No início das observações mostra-se renitente e inseguro em prestar cuidados ao bebé; (*“ Oh mamã sabe que ainda me faz uma certa confusão dar banho ao filhote, dá-me mais um tempinho sff, até ele ganhar mais chicha (...) vês porque não gosto de lhe dar banho? Primeiro parece uma enguia e depois é aflitivo, chora sempre.”*), delegando tais funções para a mãe.

Com o avançar das observações, esta sua função paterna, que outrora se encontrava comprometida, começa agora a desenvolver-se. O esforço em interagir com o filho e em participar nesta relação é verificado; (*“ António pega nele (...) Anda cá rapazão, agora vamos ter uma conversa de homem para homem! (...) Dá-mo cá que coloco-o para dormir.”*). Ao longo das observações o conceito de unidade originária começou a ser desenvolvido e vincado neste família. O pai passa a ter um papel activo e ambos os pais estão unidos entre eles e ao bebé, de forma a colmatar as necessidades deste em prol do seu bem-estar. Interactuam ao nível da alimentação e da higiene do bebé respeitando o espaço de cada um deles; (*“ A mãe acaba de lhe dar banho e retira-o da banheira segurando-o debaixo dos braços. O pai já tinha a toalha pronta e envolveu-o na mesma. Deitaram-no na cama e a mãe começou a secá-lo”*). Nas palavras de Bowlby (1988), a saúde mental da criança depende de que ela tenha: *“(…) a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com sua mãe (ou uma mãe substituta permanente – uma pessoa que desempenha, regular e constantemente, o papel de mãe para ela) na qual ambos encontrem satisfação e prazer”* (p.13).

Segundo Brazelton & Cramer (2001) existem seis características de interacção pais/bebé que ajudam na evolução da vinculação e consequentemente o saudável desenvolvimento psíquico do bebé. Uma especial característica presente nesta tríade é a sincronia. Os pais sincronizam os seus estados de atenção e de distração com os do bebé. Ajudam o filho a concentrar-se e a prolongar a atenção até ao final da interacção; (*“Olha*

bebé, olha quem lá vem! (...) Cucu filhote (...) O pai levanta-o na vertical e encosta-o ao peito: “Vamos lá campeão!”).

A introdução de um terceiro elemento pela mãe sucede-se algumas vezes nas observações. A mãe introduz o pai na relação com o filho; (*“Olha bebé, olha quem lá vem!”*). Na primeira observação em que a avó se encontra é notório que esta apenas presta cuidados ao bebé quando a mãe não está; (*“Ela já deve estar a chegar. Foi ao super mercado enquanto eu fiquei aqui com o meu neto.”*). Quando a mãe se encontra presente nas observações é ela quem cuida do filho não delegando essas atarefas para a avó, os papéis encontram-se assim bem delineados. Contudo, está avó tem uma postura muito crítica em relação à filha e à forma como esta cuida do próprio filho; (*“Deixa cá aproveitar que estás comigo para te dar colinho, senão vem a mãe e diz: “Ai não o podemos habituar ao colo senão não quer outra coisa.”*”). Já quando a mãe está a amamentar o filho e lhe vai fazendo festinhas na cabeça e mexendo-lhe nas pernas a avó comenta de forma crítica; (*“Ainda me lembro, dantes diziam que não devíamos mexer nas crianças enquanto elas mamavam para elas não se engasgarem. E agora, já ninguém liga a essas coisas.”*). É perceptível que a avó tenta enaltecer de forma negativa a prestação de cuidados ao bebé por parte da filha, chamando-a a atenção até de situações que a própria filha já tinha dado conta; (*“Oh Mariana tens que ver disso...”*), (referindo-se ao facto do bebé poder estar com cólicas). A última crítica da observação é feita directamente à filha, situação em que a avó toma partido do genro; (*“Meu rico genro que acorda para ver do menino, porque tu filha, com o sono pesado não ouvias nada mesmo que ele chorasse.”*).

Apesar dos comentários depreciativos da avó, esta mãe mostra ser bastante segura e competente face aos cuidados prestados ao filho. Tenta sempre relevar os comentários feitos pela própria mãe, não lhes conferindo importância; (*“A mãe riu e olhou para o filho: “Ai esta avó é tontica pois é?” (...) oh mãe essas teorias....”*). Na maioria das vezes as avós são vistas pelas mães como um elemento fulcral para a interacção com o próprio filho, capazes de lhe transmitirem segurança e enaltecerem os cuidados positivos que as mães prestam aos seus filhos, Brazelton (2004). Nesta situação o oposto ocorreu. A avó não participou de forma positiva e saudável na díade, composta pela sua própria filha e pelo seu neto. Enalteceu negativamente alguns cuidados que a mãe prestava ao seu bebé. Se esta avó fosse considerada pela mãe como um elemento fulcral para a ajudar a estabelecer uma melhor relação com o seu bebé, então esta vinculação mãe - filho estaria comprometida, pela postura tóxica desta avó.

Caso C

A Maria é um bebé activo. Ao longo das observações, fazia muitos movimentos com as pernas e os braços, sendo considerada pela mãe como uma bebé irrequieta; (“*A menina não pára. Está eléctrica, mas que coisa (...) A Matilde encontra-se sossegada mas desperta, sempre com os braços a mexer*”). É um bebé desperto, contudo sossegada, chorava apenas quando queria manifestar algum desconforto. Também o pai, em tom de brincadeira chamou endiabrada à sua filha; (“*Olá Rita, sou o pai desta endiabrada.*”). É um bebé que se mostra muito atenta ao que a rodeia, estando sempre disponível para estabelecer interacção com quem cuida dela; (“*A Matilde estava sossegada, mas sempre de olhos abertos e a seguir os movimentos das Constança (...) “A bebé dava aos braços ao mesmo tempo que se espreguiçava e sorria” (...) “Está a rir a menina?”*”). Este bebé, chora particularmente quando a mãe tenta estabelecer algum tipo de comunicação com ela; (“*A mãe olha para o berço, caminha em direcção ao mesmo e apoia os braços na grade do berço, mantêm-se a olhar para a Maria. O bebé começa a chorar e a mãe diz: “Ai a menina hoje está impossível! Pu-la neste mundo, sofri horrores e é assim que me agradece?”*”). Dentro deste contexto pode-se inserir uma teoria apresentada por Winnicott (1985). Segundo ele, o rosto materno apresenta-se ao bebé como uma superfície de projecção específica, precursora do espelho. Neste sentido quando a mãe olha para o bebé, o que o seu rosto exprime encontra-se em ligação directa com o que ela vê, sendo que consequentemente o bebé se vê a ele próprio, tendo possibilidade em construir um primeiro esboço do seu Eu. Nesta situação específica, quando o rosto da mãe não responde aos desejos do bebé, o espelho mais tarde poderá tornar-se apenas algo que poderá ser observado, sem proporcionar que o bebé se olhe, o que não irá conferir ao bebé um sentimento de existência, Sousa (2004).

As observações desta tríade sofreram algumas particularidades. A mãe quase nunca estava presente nas observações e quando estava, mantinha-se apenas por curtos períodos de tempo, arranjando sempre uma desculpa para se ausentar; (“*Estou com uma dor de cabeça infernal, vou-me ausentar por uns minutos*” (...) “*Vou limpar-me em condições, já volto*” (...) “*Rita, se não se importa vou-me arranjar está bem?*”). A percepção que tive, com este seu comportamento recorrente em todas as observações, é que esta mãe não se sentia à vontade com a minha presença, como se de alguma forma se sentisse avaliada. Foi aliás a única mãe que na última observação, mal me viu, fez questão de frisar que era mesmo a última observação em que estaria presente; (“*Hoje é ultimo dia, não é?*”). A tríade, pai-mãe-bebé, nunca pode ser avaliada conjuntamente. Quando a mãe se encontrava presente o pai não

estava e vive-versa. Apenas uma pessoa se manteve em todas as observações, a Constança, empregada lá de casa. Segundo a própria mãe, a Constança era quase uma segunda mãe do bebê e também da primeira filha do casal. Após as observações feitas, pude concluir que a Constança era a “verdadeira” mãe das duas crianças. Esta mãe biológica não prestava os cuidados básicos ao seu bebê, delegando essas funções constantemente ou para a Constança ou para o seu marido; (“*Ai ponha-me a piquena no berço lá no quarto sff*”. (...) “*Dê a Constança o biberão.*” (...) *Então Constança traga lá o xarope sff.*”). A vinculação emocional entre esta mãe e o seu bebê é inexistente. Uma vinculação saudável entre mãe e filho pressupõe, uma relação onde a comunicação emocional seja preponderante, através de um sistema de regulação mútua e com adaptações constantes, Bussab (1998). A sensibilidade e a disponibilidade emocional materna (que neste caso são nulas) têm um lugar preponderante nesta relação que deveria ser privilegiada, indo favorecer a adequação das respostas aos sinais emitidos pelo bebê e possibilitar e ultrapassar algumas dificuldades interactivas que possam surgir, Sousa (2004). A função alfa desta mãe também não se observa, a mãe possui uma incapacidade de pensar. Os elementos tóxicos (beta) enviados pelo bebê, não são decodificados, pensados pela mãe, mantendo-se como experiências insuportáveis para o bebê. A mãe não devolveu à filha uma versão pensada, traduzida e com significado emocional, Bretherton (2000). A mãe não identifica o sofrimento da filha, não transforma esta vivência corporal do bebê numa vivência emocional. (“*Mas o que é que eu lhe faço, diga lá à mãe? Hum?*” (...) *Comeu, a Constança trocou a fralda, que quer afinal?*” (...)). Como acima se verifica, esta mãe não tem reacções adequadas ao choro do bebê, e quanto mais incoerente for maior a tendência da criança para o choro, Ainsworth (1991). Durante as observações, pude verificar que esta mãe dava primazia às relações extra familiares, colocando a filha para segundo plano; (“*A Guida ligou-me e distraí-me por completo*” (...) “*Quem me dera ir a todos os almoços que me convidam*”). A mãe, na segunda observação, afirma que a Matilde não foi um bebê planeado nem desejado, podendo-se justificar assim a ausência de um espaço mental contentar nesta mãe. Contudo, esta indisponibilidade emocional e a ausência de prestação de cuidados com a primeira filha também existiram; (“ (...) *Um segundo filho não estava minimamente nos meus planos. A Matilde não foi planeada. Já tenho dificuldade em voltar a estes hábitos. Se bem que com a Maria foi diferente. A Constança é que a criou, que na altura em trabalhava. Oh... Mas o que estou eu a dizer... A Constança na verdade acaba por criar esta também. Mora connosco desde que e nasci, saiu de casa dos meus pais onde trabalhava para vir trabalhar aqui... para ajudar-me com a Maria (...) ah, mas graças a Deus, que horror, não me imagino sem ela.*”). A própria Constança na segunda observação,

faz um comentário afirmando que esta mãe nunca possuiu uma preocupação maternal primária com nenhuma das filhas, ou seja a mãe nunca teve a capacidade de identificar-se com as necessidades das filhas e com os seus primeiros estados; (“ *Se a sua irmã sobreviveu a menina também sobrevive não se preocupe.*”, Winnicott (1945). È o pai e a Constança quem prestam cuidados ao bebé e se disponibilizam emocionalmente para a receberem. Os primeiros tempos de vida do bebé exigem, acolhimento. O pai e a Constança têm a capacidade de nomearem as emoções do bebé, dão-lhes um significado, integrando-as e tornando-as reconhecíveis, Sousa (2004).

(“ *Tem xixi, também deve ter apanhado um susto com a sua mãe, não foi?*” (...) *Queres ver entrares na água e na não haver lágrimas para ninguém?*” (...) “ *Pronto filha, está quase já passa.*”). Este pai e Constança são quem agem como continente, acolhendo as projecções do bebé. De alguma forma, a Unidade Originária nesta tríade encontra-se presente, desde que se reconheça como tríade, o pai a Constança e o bebé. Segundo Chbani e Perez- Sánchez (1998) este conceito consiste no jogo dinâmico entre a rêverie materna, rêverie paterna e a autonomia do bebé. Segundo Eduardo Sá (2001) o ritmo de vida concepção sob a base da triangulação entre os ritmos do bebé e os diferentes ritmos dos pais. Tanto o pai como Constança interagem em conjunto em prol do bem-estar do bebé; ((...) “*minha querida passas me o champô sff?*” (o pai dirigindo-se a Constança), “*Coloca-me só champô na mão.*” (Constança assim o fez). (...) “ *o pai colocou-lhe a fralda. Enquanto o pai foi ao roupeiro a Constança sentou-se na cama aconchegando a bebé.*”).

Seria importante, através de alguma intervenção, dar à mãe um maior sentido de responsabilidade física e psicológica pelo sue bebé, sem ser necessário alguém exterior à tríade fazê-lo nem manter a maior parte da interacção. A vinculação presente desta díade mãe-bebé é inexistente, sendo que uma vinculação futura baseada nestes moldes encontrar-se – à comprometida.

Caso D

Tomás é um bebé que se mostra calmo durante as observações, sendo classificado pela mãe como “*O pachorrento*”. Adormece com facilidade e por vezes não acorda nem para comer, segundo a mãe, dormiria o dia inteiro se o deixassem; (“*Mais um pouco e tenho que o acordar para lhe dar o biberão. Se eu deixasse este pimpolho dormia todo o dia.*”) Tomás mostra ser um bebé disponível para a interacção, já segundo Bion (1991) o bebé humano

nasce desde muito cedo para a relação, apesar do seu aparelho mental rudimentar; (*“O Tomás fazia sons e mexia os braços, mantendo-se sempre a olhar para o pai.”*). Os pais eram sempre receptivos aos sinais enviados pelo filho para interagir, respondiam-lhe sempre oportunamente; (*“ Ah estás a olhar para mim, meu cusquinho? Estas a ouvir a Estória do pai.”*).

Esta mãe, logo na primeira observação, mostrou ser uma mãe preocupada com o filho e com o seu bem-estar; ((...) *“está ali na sala, sabe... é que os quarto são muito frios e tenho ainda algum receio de ligar o aquecimento, como a sala é mais quentinha ele gosta de aqui estar no sofá: Coloquei-lhe estas almofadas de lado porque com ele todo o cuidado é pouco.”*) Segundo Winnicott (1962, cit. por Lourdes Lourenço, 2005), na relação mãe-bebé é privilegiado a prestação de cuidados e o holding materno. Esta mãe é detentora destas características; (*“Levanta o bebé na vertical e coloca-o perto do seu peito ao mesmo tempo que lhe dá umas palmadinhas nas costas.”*). O holding favorece a integração, dá ao bebé um sentimento de segurança e continuidade do seu self promovidos pela mãe. Esta mãe mostra-se disponível para o seu bebé, física e psicologicamente. Segundo Bion (1962, cit. por Margot Waddell, 2003) a qualidade da comunicação original entre mãe e bebé, dá-se na disponibilidade da mãe que equivale a um peito “pensante”. A mãe possui uma capacidade maternal primária de pensar o seu bebé e de o alimentar através do “seio bom”. O “alimentar” não se refere só ao acto de amamentar o bebé como o de metaforicamente, a mãe oferecer uma certa “forma” aos pensamentos rudimentares do bebé. Desta forma, estes pensamentos rudimentares são organizados pela mãe, tornando-se significativos e saudavelmente disponíveis para o bebé. Segundo Bion, a mãe não oferece apenas ao bebé as suas qualidades francamente alimentares e afectivas, mas também o seu eu pensante; ((...) *“ à medida que ia dando de mamar, fazia festas na cabeça do Tomás, assim como nos pés. A mãe não retirava os olhos do Tomás.”* (...) *“Tomás chorou e a mãe responde: “ calma rapaz, a paparoca ainda não terminou.”* (...) *Tomás começou a fazer alguns ruídos e a esbracejar: “ Pois é filho, são frias não são? Mas tem que ser para limparmos bem este rabiosque, é só pôr creme e já ficas quentinho outra vez.”*). O diálogo que a mãe estabelece com o filho é sempre afectuoso e responde sempre de forma a conter as angústias do bebé quando este mostra sinais de desconforto. A relação da mãe com o bebé concretiza-se através de uma boa comunicação emocional. A mãe mostra assim ter uma boa capacidade de rêverie. Mostra ter uma sensibilidade e disponibilidade emocional, qualidades essas, que vão favorecer a adequação das respostas aos sinais emitidos pelo bebé. A mãe evidencia uma preocupação materna

primária. Trata-se de um estado psicológico saudável, uma adaptação às necessidades do bebé nos seus primeiros tempos de vida, Winnicott 81966).

Apesar desta mãe evidenciar estas capacidades, também ela por vezes mostra passar por situações de aflição momentânea sem saber o que fazer, contudo rapidamente as ultrapassa conseguindo responder adequadamente às necessidades do bebé; (*“ Fiquei tão angustiada (...) Mas sabermos que não podemos fazer muito para eles estar melhor... (referindo-se às cólicas do Tomás. (...) “ Era eu a massajar-lhe a barriga, era a mãe a colocar-lhe paninhos de água morna na barriga”...*). O contacto pele-pele é também assim estabelecido pela mãe, através do banho e das massagens feitas ao bebé, sendo mais um dos momentos privilegiados de interacção entre ambos. Apesar do pai ter horários de trabalho longos, uma vez que trabalha num restaurante, esforça-se ao máximo para que no pouco tempo livre participe na relação com o filho. Sempre que se encontra presente ajuda a mãe nos cuidados prestados ao bebé e preocupa-se com o bem-estar do filho; (*“Como está o meu filhote? Esta a comer bem, Catarina?” (...)* *“Vim ver se estava tudo bem.” (...)* *“ o pai vai fazer o leitinho que está na hora.”*).

Quando estão com o bebé, ambos o pai participam nos cuidados prestados, solicitando a ajuda um do outro. Mostram ter uma dinâmica saudável respeitando o papel um do outro na relação com o filho; (*“ O pai vai fazer o leitinho. Vá lá oh mãe pegue aqui no filhote que também já deve estar cheia de saudades dele.” (...)* *“ Catarina não te queres ir deitar, eu fico aqui com ele”, (diz o pai.)*. Esta relação saudável com os pais e entre os pais, e sobretudo com quem acompanha o bebé nos cuidados primários, contem uma enorme riqueza de elementos sensoriais e psíquicos que proporcionam ao bebé um sentimento de existência e de continuidade que lhe permitam constituir o seu eu corporal, Sousa (2004). Os três pensamentos que constituem esta tríade, pensamento da mãe, pai e bebé permitem a existência e o desenvolvimento da unidade originária. Existe respeito por cada um e pelo seu papel, conferindo-lhes igual importância.

A avó aparece apenas na última observação. Através do seu comportamento mostra ser uma avó atenta e preocupada. Respeita os lugares da filha e do genro enquanto pais.

(*“ Se o Vítor não puder ir e se quiseres vou contigo, vê lá.” (em relação a uma consulta no pediatra com o bebé)*. Disponibiliza-se para acompanhar a filha contudo, dá primazia à companhia do genro, não querendo ocupar o seu lugar como pai.

A avó interage e estimula o bebé, tanto através de comentários como também o faz fisicamente; (*“ Queres dançar com a avó? Vamos lá ao bailarico. (E começa a dançar com o Tomás ao colo.)”* A avó só participa na prestação de cuidados ao neto quando solicitada pela

mãe. A mãe através desta postura chama a avó para a interacção com o bebé, aproximando-os e dando valor à relação avó-neto; (“(...) *Sexta vou com o Vítor a uma consulta, não te importas de ficar com ele à tarde?*” (...) *Vou aquecer o leite, dás lhe o biberão?*” (...) *Então não, dou pois!*”), (*Diz a avó*).

A introdução de um terceiro elemento ao bebé é feita pela mãe referindo-se ao pai; (“ *xiuuu Tomás, olha quem lá vem? É o papá pois é?*”).

Trata-se de uma tríade com uma dinâmica saudável. Conferem importância a cada um dos elementos, respeitando o espaço e o papel de cada um. É um tríade que mostra que quando existem as condições mínimas, a unidade originária pode restabelecer-se facilmente.

Conclusão

O principal objectivo deste trabalho foi salientar a importância do papel do pai na relação mãe-bebé. Através das observações feitas aos quatro casos, tentou-se perceber se o facto do pai estar envolvido emocionalmente na tríade, de ter a capacidade de conferir à mãe uma maior segurança e bem-estar emocional, se isso teria repercussões na forma como a mãe se vincularia ao seu filho (a). Desta forma, tentou-se perceber se os conceitos referidos na revisão de literatura, principalmente o de Unidade Originária, estariam presentes nas quatro tríades estudadas.

Em todos os casos (A, B, C e D), os pais mostram ser uma figura participativa e capazes de estabelecerem vínculo com os seus filhos. Evidenciam ter disponibilidade mental para receberem o seu bebé, participam nos cuidados prestados aos filhos, tanto ao nível da higiene como alimentação. Apenas no caso D, o pai não era tão fisicamente participativo, uma vez que o seu horário de trabalho não coincidia, na maioria das vezes, com o horários da observações. Contudo e sempre que se encontrava presente, mostrava-se interessado no bem estar do seu filho e da esposa, assim como os acolhia a ambos emocionalmente.

No que concerne às mães, de um modo geral e em três dos casos (A, B e D), eram mães que apresentavam uma capacidade de rêverie adequada, identificavam e satisfaziam as necessidades emocionais e funcionais necessárias aos seus filhos, caracterizando-se como mães contentoras e participativas na tríade. Apesar de no caso B a mãe ter uma postura maioritariamente funcional, nos três casos todas mostravam-se capazes de desenvolverem um vínculo afectivo com os seus bebés.

Contrariamente no caso C, esta mãe não apresentava as mesmas características vinculativas. Era uma mãe que raramente se encontrava presente nas observações e quando estava, fazia-o apenas por curtos períodos de tempo. Não era uma mãe suficientemente boa. Não tinha capacidade de identificar as necessidades emocionais do seu bebé, o handling e a holding raramente estavam presentes e quando existiam, apresentavam-se desadequados. Esta mãe nem uma postura funcional tinha, recusando-se a prestar cuidados à sua filha. Delegava as suas funções maternas para Constança, a empregada da família. Constança exercia essas funções de uma forma bastante dedicada. Era a prestadora de cuidados físicos e emocionais do bebé juntamente com o pai. Ambos tinham uma dinâmica saudável nos cuidados prestados ao bebé, ajudando-se mutuamente. A Unidade Originária encontrava-se presente, se considerássemos a Constança como a figura materna desta tríade. Constança mostrava ser um elemento contendor, capaz de acolher o bebé na sua mente, preocupando-se com o seu bem-estar emocional e físico. Características essas que deveriam caber à mãe da criança. Através das entrevistas semi-directivas, todas as mães admitem a importância que os pais têm na tríade, conferindo-lhes valor. Caracterizam-nos como figuras securizantes e fulcrais que lhes permitem estabelecer melhor vinculação com os seus filhos. No caso C, apesar dessa vinculação entre mãe e filho ser praticamente inexistente, a própria mãe admite a importância do marido para cuidar do bebé, já que ela própria renuncia fazê-lo.

Este estudo é detentor de algumas limitações. Primeiro que tudo é um estudo de caso e por isso possui poucos participantes. O intuito deste estudo nunca foi generalizar esta temática, mas sim tentar perceber de forma um pouco mais específica, a importância dos pais e do conceito de Unidade Originária em cada uma das famílias. Uma outra limitação existente é o facto do observador ter pouca experiência em executar o Método de Observação de Bebés de Esther Bick, por esta razão, este estudo pode apresentar algumas falhas ao nível da objectividade e imparcialidade. Falhas essas seguidamente referidas. O observador partilha quatro espaços familiares diferentes, sendo que cada um deles, possui uma dinâmica familiar distinta. Tem a oportunidade de observar e analisar essa dinâmica que é constituída por pessoas diferentes, tendo em conta o conceito de individualidade de cada uma. Ora, o observador em cada uma das famílias sentir-se-à de forma diferente. É bombardeado inconscientemente com valores, sentimentos e angústias que essas famílias lhe possam transmitir. Haverá famílias que o farão sentir bem, outras que o farão sentir menos bem, umas que terá vontade de voltar mais uma vez, outras que terá vontade de nunca mais aparecer, como se de alguma forma se sentisse intoxicado por estas. Estes sentimentos e parcialidade irão influenciar as observações e a forma como estas serão analisadas. O que não dará tanta

credibilidade ao estudo. Sendo estas as maiores dificuldades que senti como observadora que fui. Comparativamente com os pais, eram as mães quem mais necessidade tinham de estabelecer uma comunicação com a observadora. Senti por vezes que a minha presença era desconfortável para as mães, sentindo-se estas avaliadas. Contudo, pode também tratar-se apenas de uma projecção da minha parte, uma vez que em algumas observações não me senti confortável, estava fora do meu habitat natural, da minha zona de conforto.

O facto das observações serem feitas quando os bebés tinham apenas um mês de vida, não permitiu observar uma maior interacção destes com os seus pais, os bebés passavam a maioria do tempo a dormir, sendo um factor muito limitativo para uma melhor análise das interacções enquanto tríades. Como tal, seria interessante que se realizasse um estudo em que os bebés tivessem mais tempo de vida, para se observar os jogos e brincadeiras entre pais e filhos, onde o nível de interacção é mais significativo.

A maternidade é ainda nos dias hoje muito valorizada em detrimento do papel do pai. O conceito de díade mãe - filho é recorrente na maioria dos estudos, tendo a tríade um papel não tão proeminente. Contudo, começam a ser desenvolvidos cada vez mais estudos dando ao pai um papel igualmente importante e necessário. O pai deixa aos poucos, de ser visto como uma figura apenas capaz de suportar a subsistência financeira familiar, como passa a ser identificado como um elemento emocional e fulcral dentro de uma família.

Referências Bibliográficas

Ainsworth, M. D. S. (1969). Materna sensitivity scales. Retirado em junho, 2002, do SUNY Stony Brook, Department of Psychology Web site: <http://www.psychology.sunysb.edu>

Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C. Waters, E. & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation. New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.

Ainsworth, M. D. S. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 333-341.

Anzieu, D. (1985). *Le Moi – Pèau*. Paris: Dunot

Bardin, I. (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Editorial Presença

Bick, E. (1962). Notes on infant observation in Psychoanalytic training. *Internacional Journal of Psychoanalysis*.

Bick, E. (1998), “L’Analyse de L’Enfant Aujourd’hui”, in M. H. Williams (ed), Les Écrits de Martha Harris et d’Ésther Bick, Larmor- Plage, Editions du Hublot.

Bion, W. R. (1962/1991). *Aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago

Bowlby, J. (1974). A Natureza da ligação da Criança com a Mãe. In Soczka, L. (ed.), *As Ligações infantis*. Amadora: Libraria Bertrand

Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Voll 3. Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books

Bowlby, J. (1984). *Apego e perda: apego* (Vol. 1). São Paulo

Bowlby, J. (1998). *A Secure base: Clinical applications of attachment theory*. Londres: Routledge Publication.

Brazelton, T. B. (1988). *O desenvolvimento do apego: Uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Brazelton, T. B. & Cramer, B. G. (1989). *A relação mais precoce: Os pais, os bebês e a interação precoce*. Lisboa: Terramar

Brazelton, T. B., & Cramer B. G. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Ed Martins Fontes

Brazelton, T. B. (2004). *O Grande Livro da Criança*. Lisboa: Editorial Presença

Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.

Bretherton, I. (2000). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. In S. Goldberg, R. Muir, & J. Kerr (eds.), *Attachment Theory: Social, Developmental and Clinical Perspectives* (pp. 45-80). Londres: The Analytic Press.

Bressan, Flávio; Toledo Geraldo Luciano . Profissionais em Formação em Administração e o pensamento estratégico. In: Slade, 2004, 2004, Itapema. *Anais do XVII Congresso Latino Americano de estratégia*, 2004. v.

Bussab V. O Comportamento Materno. In: Costa, M. P. C., V.U., editor. *Comportamento Materno em Mamíferos. Bases teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos*. Jaboticabal: SBET; 1998

Bydlowsky, M. (1995). “ La relation foeto-maternelle et la relation de la mere à son foetus”, in S. Lebovici, R. Diatkine, M. Soulé (eds)., *Nouveau Traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescence*, Paris, PUF, pp. 1881-1891

Canavarro (2001). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*, Coimbra: Quarteto Editora, vol22(1), 11-15.

Carmo & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia de Investigação – Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Caron, N.A. (1995). Fundamentos teóricos para a Aplicação do Método de E. Bick. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29; 283-291

Couto, G. R.(2006). Conceptualização pelas enfermeiras de preparação para o parto: extraído de tese de doutoramento em ciências de enfermagem da Universidade do Porto. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 9(6), 62-68. Consultado em 9 de Dezembro de 2006, em <http://www.eerp.usp.br/riae>

Chan, K. K. L. & Paterson-Brown, S.(2002). How do fathers feel after accompanying their partners in labour and delivery?. *Journal of Obstetrics and Gynaecology*

Clara, Coutinho & José, Chaves (2002). *O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. *Revista Portuguesa de Educação*, 15(1), pp. 221-244.CIEd - Universidade do Minho

Colman, L. & Colman, A. (1994). *Gravidez: A experiência psicológica*. Lisboa: Edições Colibri.

Couto rosa, J. A. (1995) Reflexões sobre o Método da Observação Mãe-bebé. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29, 299-305

Crepaldi, M. A. & Mota, C. C. L. (2005). *O pai no Parto e o Apoio Emocional*. Paidéia *Cadernos de psicologia e Educação*, vol.15(30), 2-16

Chbani, H. & Pérez- Sánchez, M. (1998). *O Quotidiano e o inconsciente*. Lisboa: Climepsi

Costa, G. P. & Katz, G. (1992). *Dinâmica das relações conjugais*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Davin, R. M. B. & Menezes, R. M. P.(2001) Assistência ao parto normal no domicílio. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 9(6), 62-68.

Delmore-Ko, P., Pancer, S. M., Hunsberger, B. & Pratt, M. (2000). Becoming a parent: The relation between prenatal expectations and postnatal experience. *Journal of Family Psychology*, 14, 625-640.

Feeney B. C. e Collins N. L. Predictors of Caregiving in Adult Intimate Relationships: An Attachment Theoretical Perspective. *Journal of Personality and Social Psychology* 2001; 80(6): 972-994

Ferreira, T. (2002). *Em defesa da criança, teoria e Prática psicanalítica da Infância*. Lisboa: Assírio & Alvim

Figueiredo, B. (2000b). Psicopatologia do desenvolvimento na maternidade. En I. Soares (ed.), *Trajectórias (in)adaptadas de desenvolvimento* (pp. 347-380). Coimbra: Quarteto Editora.

Figueiredo, B. (2001b). Perturbações psicopatológicas da maternidade. En C. Canavarro (ed.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp.161-188). Coimbra: Quarteto Editora.

Fonagy, P., Steele, H., Moran, G. S., & Higgit, A. C. (1991). The Capacity of understanding mental states: the reflective self in parent and child and its significance for security of attachment. *Infant Mental Health Journal*, 12, 201_218.

Fonagy, P., Steele, H., & Steele, M.(1991). Maternal representation of attachment during pregnancy predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development*, 62, 891-905.

Freud, S. (1914). A história do Movimento Psicanalítico. *Edição Staridaid Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. XIII (p.13-119), Rio de Janeiro: Imago

Gomes, A. J. S. (2003). *Paternidade contemporânea: Um estudo sobre o pai presente num contexto familiar estável*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de São Paulo, Assis/SP.

Hallgren, A., Kihlgren, M., Forslin, L. & Norberg, A.(1999). *Swedish father's involvement in an experiences of childbirth preparation and childbirth*. Midwifery, vol.15, Issue 1, 6-15.

Harlow H. F. e Zimmerman R. R. Affectional responses in the infant monkey. Science 1959; 130: 421.

Housel, d. (1995). Observação de Bebés e Psicanálise. Ponto de Vista Epistemológico. Em M.B. Lacroix F. M. Monmayrant (orgs.) A Observação de bebês: Os laços do Encantamento (p. 87-94) Porto Alegre: Artes Médicas

Kitzinger, S.(1996), *Mães: Um Estudo Antropológico da Maternidade*. Lisboa: Editorial Presença, 2ª ed., pp.107-108.

Klaus, M., & Kennell, J.(1976). *Maternal –Infant bonding*. Saint Louis: The C.V. Mosby Company.

Klaus, M. H., Kennel, J. H. & Klaus, P. H. (2000). *Vínculo:construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Klaus, M. H. & Kennel, J. H. (1993). *Pais/bebê a formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas

Klaus, M. H. & Kennell, J. H. (1992). *Pais/bebê: A formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Klein, M. (1984). A Inveja e gratidão. Rio de Janeiro. Imago. (Obra original publicada em 1915).

Krob, A. D. (1999). *A transição para a paternidade e a interação pai-bebê*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

Leal, I. (2005). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século

Levy-Shiff, R. & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: Some further exploration. *Developmental Psychology*, 24, 434-440

Le Camus, J. & Frascarolo F. (2003). Introduction of the special issue on Fatherhood. *European Journal of Psychology of Education*, 18(1), 95-99.

Lee, R. E. (1995) Women look at their experience of pregnancy. *Infant Mental Health Journal*, 16 (3). 192-205.

Lebovici, P. Mazet & J. P. Visier (Orgs.), *L'évaluation des interactions précoces entre le bébé et ses partenaires* (pp.151-160). Paris: Eshel.

Lourenço, L. 2005. *O bebé no Divã*. Coimbra: Almedina.

Machado, M.N.M. (2005) *Uma metodologia para a pesquisa do social histórico*. (Artigo submetido, 10p.)

Maldonado, M. T., Dickstein, J. & Nahoum, J. C. (1997). *Nós estamos grávidos* (10ª ed.). São Paulo: Saraiva.

May, K. A. (1982). Three phases of father involvement in pregnancy. *Nursing Research*, 31, 337-342.

Mélega, M.P. (1995). A Supervisão da Observação da Relação Mãe-bebé: Ensino e Investigação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29; 263-280

Minayo, M.C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Oliveira, E. A. de (2009). Cognições Sociais Modernas e Interação Mãe_ Criança. *Em Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (orgs.). Anais do VIII Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP* (p.43) Campinas. PUC

Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press

Picnini, C. A., Silva, M. R. , Gonçalves, R.T., Lopes, R. S. & Tudge, J.(2004), *O envolvimento paterno durante a gestação. Psicologia, Reflexão e Crítica*, vol.17(003), 303-314.

Puglisi, M.L.; Franco, B. *Análise de conteúdo*. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

Redman, B. K. (2003). *A Prática da Educação para a Saúde*. Loures: Lusociência p.171

Resende, V. R. (1997). A paternidade e o resgate da experiência humana do homem. Em UNESP (Org.), *Anais, III Fórum de Debates em Extensão Universitária e Assuntos Comunitários* (p. 46). Bauru: UNESP.

Sá, E. (2001). *A Psicologia do feto e do Bebê*. Lisboa: Fim de Século

Salmela-Aro, K., Nurmi, J., Saisto, T. & Halmesmäki, E. (2000). Women's and men's personal goals during the transition to parenthood. *Journal of Family Psychology*, 14, 171-186.

Shuttleworth, D. (1995). A relação entre os Métodos e Modelos de psicanálise e os da Psicologia do Desenvolvimento. *Revista Brasileira de psicanálise*; 29, 219-234

Silva, A. D. (2008) in <http://www.maxima.pt/0405/fam/100.shtml>

Silveira, P. (1998). *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas

Solomon & C. George (Orgs.), *Attachment disorganization* (pp. 265-290). New York: Guilford Press

Sousa, S. (2004). *Estilos de Comunicação pais-bebê*. Lisboa: Climepsi

Souza, S. L. (1997). O papel do pai. Em M.Zugaib, I. Tedesco & I. Awayle (Orgs.), *Obstetrícia psicossomática* (pp 62-70). São Paulo: Atheneu.

Seifer, R. & Schiller, M. (1995). *The role of parenting sensitivity, infant temperament, and dyadic interaction in attachment theory and assessment*. Em E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada & K. Kondo-Ikemura (Orgs.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research* (pp. 146-174). *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (Serial No. 244).

Stern, D. N. (1997). *A constelação da maternidade: O panorama da psicoterapia pais/bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Stern, D. (1980). *Bebé-mãe: Primeira relação*. Lisboa: Moraes Editores.

Tinbergen, N. (1979). *Estudios de etologia*. Madrid: Alianza.

Waddell, M. (2003). *Vida Interior, Psicanálise e desenvolvimento da realidade*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Winnicott, D. W. (1966). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Winnicott, D. (1945) Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

(1951a) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

(1951b) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

(1956) A preocupação materna primária. In: *Da pediatria à psicanálise. Obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (1960a) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Irineo C. Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983

Yin, Robert K. *Estudo de caso – planejamento e métodos*. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman 2001.

ANEXOS

ANEXO A

Entrevista Semi-Directiva à Mãe

Esta entrevista tem como objectivo fulcral, explorar os sentimentos positivos e negativos da mãe, ao longo da sua gravidez e pós parto.

A entrevista está estruturada de forma a abranger várias áreas, com o intuito de ser a mais completa e abrangente possível, em relação às experiências vividas pela mãe nesta fase da sua vida. As respostas não são consideradas certas ou erradas. A entrevista semi-directiva à mãe é uma opção de avaliação indirecta complementar do método de observação directa. Este instrumento foi utilizado por considerar importante, os resultados aqui obtidos, para o trabalho em questão.

- Ajustamento á gravidez –

- A sua gravidez foi intencional?
Se SIM: com que intensidade queria um filho nessa altura?
Se NÃO: que sentimentos despoletaram em relação a um filho que não queria?
- A senhora, desejava este bebé?
- O seu marido, desejava este bebé?
- Ao longo destes meses, como se sentiu, como grávida?
- O que sentiu quando confirmou que estava grávida?
- Quem foi a primeira pessoa a quem deu a noticia da sua gravidez
- A partir de que momento começou a imaginar, como seria o seu bebé?
- Quando é que sentiu o bebé como outra pessoa?
- Como encara a alteração que o bebé irá provocar na sua vida enquanto esposa?
- Tem tido experiências com outros bebés?

- Expectativas emocionais durante a gravidez –

- Achava-se importante para o bebê durante o período de gestação?
- Achava importante a presença do seu companheiro ao longo dos 9 meses de gravidez?
- Quando é que começou a incluir o bebê nos seus planos de vida?
- Que impacto teve a gravidez na sua vida conjugal?
- Quais foram as suas principais preocupações durante a gravidez?

- Vivências emocionais após o nascimento do bebê –

- O que sentiu quando viu pela primeira vez o seu bebê?
- Sente-se confiante para tratar do seu bebê?
- Sente o seu marido como uma ajuda importante para tratar do seu bebê?
- Que importância tem o bebê na sua realização enquanto pessoa?

- Relação mãe-bebê -

- Que importância tem o pai do bebê na sua relação com o bebê?
- O que sente quando está a cuidar do seu bebê?
- O que sente quando o bebê chora?
- Sente que o seu bebê a reconhece enquanto mãe?
- Quando não está perto do seu bebê, como se sente?
- O que é a agrada na maternidade?
- Há algo que a desagrada?
- Acha que se não tivesse a presença do seu companheiro nesta fase da sua vida, isso iria alterar a sua prestação enquanto mãe?
- Como imagina a sua relação com o seu bebê no futuro?

ANEXO B

Entrevista Semi-Directiva à Mãe

Esta entrevista tem como objectivo fulcral, explorar os sentimentos positivos e negativos da mãe, ao longo da sua gravidez e pós parto.

A entrevista está estruturada de forma a abranger várias áreas, com o intuito de ser a mais completa e abrangente possível, em relação às experiências vividas pela mãe nesta fase da sua vida. As respostas não são consideradas certas ou erradas. A entrevista semi-directiva à mãe é uma opção de avaliação indirecta complementar do método de observação directa. Este instrumento foi utilizado por considerar importante, os resultados aqui obtidos, para o trabalho em questão.

Mãe_ Maria (mãe de Benedita)

Idade _ 24 anos

Caso A

- Ajustamento á gravidez –

- A sua gravidez foi intencional?

Se SIM: com que intensidade queria um filho nessa altura?

Se NÃO: que sentimentos despoletaram em si, em relação a um filho que não queria?

“Não foi uma gravidez intencional, aliás naquele momento da minha vida não tinha planos em ser mãe tão cedo. Senti-me muito aflita e insegura. Primeiro porque apenas namorávamos, nem vivíamos juntos sequer, depois porque eu tinha outros planos a nível pessoal, formar-me, trabalhar no meu ramo. Mas agora estou muito feliz!”

- A senhora, desejava este bebé?

“Não foi um bebé desejado, mas foi um bebé muito bem-vindo, nunca coloquei a hipótese de não o ter.”

- O seu marido, desejava este bebé?

“Sim, mesmo antes de estar grávida ele desejava muito ser pai.”

- Ao longo destes meses, como se sentiu, como grávida?

“Lindamente! (sorri) Adorei cada mês, cada centímetro que a barriga crescia, senti-me muito bonita, senti o auge do que era ser mulher.”

- O que sentiu quando confirmou que estava grávida?

“Senti-me perdida e incapaz de ser uma boa mãe e com medo do choque que poderia ser para os meus pais e para o João.”

- Quem foi a primeira pessoa a quem deu a notícia da sua gravidez?

“Foi ao João claro!”

- A partir de que momento começou a imaginar, como seria o seu bebé?

“Quando acalmei e finalmente pensei com calma sobre o facto de estar grávida, logo nesse momento essa imagem vem á nossa cabeça. Os preparativos, as conversas com o João, tudo isso faz desenvolver em nós a curiosidade de como o bebé será. É muito engraçada essa fase! (sorri)”

- Quando é que sentiu o bebé como outra pessoa?

“Quando a senti mexer dentro de mim! Aí foi mesmo e altura em que pensei: “definitivamente está alguém na minha barriga!”

- Como encarou a alteração que o bebé iria provocar na sua vida enquanto esposa?

“Sei que a bebé virá antes de qualquer coisa! Talvez devido ao cansaço as minhas energias irão estar menos voltadas para o João, e sei que isso vai ter impacto na nossa relação, mas acho que ambos estamos bem conscientes disso e de certo que não vamos deixar que isso influencie negativamente a nossa vida a dois”

- Teve experiências com outros bebês?

“Apenas de primos e filhos de amigas, mas nenhuma experiência diária”

- Expectativas emocionais durante a gravidez –

- Achava-se importante para o bebê nos primeiros tempos de vida?

“Sem dúvida nenhuma, acho mesmo que é a fase mais importante.”

- Achava importante a presença do seu companheiro nos primeiros tempos de vida do seu bebê?

“Muitíssimo! Tanto para a bebê como para mim! A segurança e a insegurança são divididas, assim como os cuidados, a Benedita está cá devido aos dois, será com o apoio dos dois que ela se irá manter, e isso tem que ser desde o primeiro dia do seu nascimento.”

- Quando é que começou incluir o bebê nos seus planos de vida?

“Quando soube que estava grávida.”

- Que impacto teve a gravidez na sua vida conjugal?

“Uniu-nos bastante. O bebê é algo de nós os dois logo o nosso envolvimento neste projecto foi muito importante para a nossa relação.”

- Quais foram as suas principais preocupações durante a gravidez?

“ Pensava constantemente se o bebê se estaria a desenvolver bem. Se eu daria uma boa mãe, se eu iria conseguir ter uma responsabilidade tão grande para toda a vida e se estaria à altura dela.”

- Vivências emocionais após o nascimento do bebê -

- O que sentiu quando viu pela primeira vez o seu bebê?

“Não há palavras para descrever isso...”

- Sente-se confiante para tratar do seu bebê?

“Sinto muito! As inseguranças são óbvias, e a inexperiência também, mas a presença do João dá-me força e confiança, sei que ambos faremos um ótimo trabalho.”

- Sente o seu marido como uma ajuda importante para tratar do seu bebê?

“Sem ele sei que seria uma mãe menos boa.”

- Que importância tem o bebê na sua realização enquanto pessoa?

“Agora sei o que é estar completa! Faz toda a diferença!”

- Relação mãe-bebé -

- Que importância tem o pai do bebê na sua relação com o bebê?

“Ajuda-me a dar o melhor de mim à Benedita! Sei que a minha relação com a minha filha só pode sair a ganhar quando o João está ao meu lado. Fortalece sem dúvida. Se o João me transmite segurança a mim, eu irei transmitir isso à minha filha!”

- O que sente quando está a cuidar do seu bebê?

“Sinto um bem-estar enorme, sei que é ali que pertenço, que não há melhor lugar no mundo para estar senão com a Benedita.”

- O que sente quando o bebê chora?

“Nos primeiros dias era aflitivo, não sabemos porque chora, se serão dores, fome... mas com o tempo começamos a perceber-lo, é algo instintivo! Óbvio que não gosto de ver a minha filha chorar, mas já não sinto tanta insegurança nem pânico quando chora.”

- Sente que o seu bebê a reconhece enquanto mãe?

“Ai sim! A minha voz, o meu cheiro, é uma ligação instantânea.”

- Quando não esta perto do seu bebé, como se sente?

“Estou sempre a pensar se estará tudo bem, se não estou com ela, a vontade de estar é enorme... é incrível!”

- O que é a agrada na maternidade?

“A plenitude! A maternidade é o complemento de tudo, acho que dificilmente algo realizará mais uma mulher do que ser mãe! Sem filhos acho que inevitavelmente há uma grande lacuna na vida de uma mulher.”

- Há algo que a desagrada?

“Até agora nada... e acho que nunca vai haver.”

- Acha que se não tivesse a presença do seu companheiro nesta fase da sua vida, isso iria alterar a sua prestação enquanto mãe?

“Acho que não seria uma mãe tão segura, uma parte de mim não estava realizada e acho que isso transparece para a nossa relação com os filhos.”

- Como imagina a sua relação com o seu bebé no futuro?

“Imagino uma relação de respeito mútuo, com os mesmos valores que os meus pais me deram a mim. Imagino-me como uma mãe capaz de dizer sim e não, capaz de fazer tudo pela minha filha, mas acima de tudo capaz de ter com ela uma relação saudável onde a educação, respeito e bem-estar irão estar presentes, sempre!”

ANEXO C

Entrevista Semi-Directiva à Mãe

Esta entrevista tem como objectivo fulcral, explorar os sentimentos positivos e negativos da mãe, ao longo da sua gravidez e pós parto.

A entrevista está estruturada de forma a abranger várias áreas, com o intuito de ser a mais completa e abrangente possível, em relação às experiências vividas pela mãe nesta fase da sua vida. As respostas não são consideradas certas ou erradas. A entrevista semi-directiva à mãe é uma opção de avaliação indirecta complementar do método de observação directa. Este instrumento foi utilizado por considerar importante, os resultados aqui obtidos, para o trabalho em questão.

Mãe_ Mariana (mãe de Lourenço)

Idade: _ 33 anos

Caso B

- Ajustamento á gravidez –

- A sua gravidez foi intencional?

Se SIM: com que intensidade queria um filho nessa altura?

“Sim, foi! Era o nosso objectivo na altura, pensávamos muito nisso!”

Se NÃO: que sentimentos despoletaram em relação a um filho que não queria?

- A senhora, desejava este bebé?

“Sim, desejava”

- O seu marido, desejava este bebé?

“Sim, ambos queríamos muito!”

- Ao longo destes meses, como se sentiu, como grávida?

“Adorei! Nunca tive muitos enjoos, a única coisa que tinha era barriga, porque aqueles sintomas de grávida, felizmente não. Uma gravidez santa!”

- O que sentiu quando confirmou que estava grávida?

“Fiquei muito feliz!”

- Quem foi a primeira pessoa a quem deu a notícia da sua gravidez?

“Foi à minha mãe! Ela tinha ido comigo fazer as análises!”

- A partir de que momento começou a imaginar, como seria o seu bebé?

“Ai desde o primeiro dia, é inevitável!”

- Quando é que sentiu o bebé como outra pessoa?

“Quando as análises deram positivo, é outro ser que vai fazer parte da nossa família!”

- Como encara a alteração que o bebé irá provocar na sua vida enquanto esposa?

“Terei que dividir muito bem o meu tempo! Sei que o tempo que tinha com o meu marido vai ficar escasso, pelo menos o tempo só para nos os dois, mas tudo compensa.”

- Tem tido experiências com outros bebés?

“Ai, sim! Todas as minhas amigas já são mães, constantemente estamos todas juntas! É muito engraçado!”

- Expectativas emocionais durante a gravidez –

- Achava-se importante para o bebé nos primeiros tempos de vida?

“A mais importante de todas! É a figura principal na vida de um bebé!”

- Achava importante a presença do seu companheiro nos primeiros tempos de vida do seu bebé?

“Claro! Mãe é mãe, mas sem o apoio do pai tudo seria mais difícil e para o bebê a atenção do pai é muito importante! São estas duas pessoas que dão as bases para a vida dele, não é?”

- Quando é que começou a incluir o bebê nos seus planos de vida?

“Quando nos casamos! Já tínhamos o nosso emprego, já fazia sentido um filho!”

- Que impacto teve a gravidez na sua vida conjugal?

“Acho que nos aproximou! É algo nosso, algo que concebemos os dois, não há como não sentir essa ligação!”

- Quais foram as suas principais preocupações durante a gravidez?

“Que e o bebê nascesse saudável e que nós sempre tivéssemos saúde para o acompanhar”

- Vivências emocionais após o nascimento do bebê –

- O que sentiu quando viu pela primeira vez o seu bebê?

“Uma alegria enorme! Não dá para comparar a nenhuma outra felicidade!”

- Sente-se confiante para tratar do seu bebê?

“Sinto-me muito bem neste papel!”

- Sente o seu marido como uma ajuda importante para tratar do seu bebê?

(sorri) “ Ele ainda tem certos receios de lhe pegar! Mas o mais importante é a ajuda emocional que eu sei que ele me dá! É fundamental.”

- Que importância tem o bebê na sua realização enquanto pessoa?

“Veio trazer o que me faltava! É a cereja m cima do bolo! Sei que depois de ser mãe sou uma melhor pessoa. Não há como não melhorar quando se tem uma responsabilidade tão grande na vida!”

- Relação mãe-bebé -

- Que importância tem o pai do bebé na sua relação com o bebé?

“È a ligação entre nós! Sem o meu marido tenho a certeza que a relação com o meu filho não seria tão saudável!”

- O que sente quando está a cuidar do seu bebé?

“A realização plena!”

- O que sente quando o bebé chora?

“Não fico impaciente! Faz parte não é? E depois passamos a conhecer os choros... faz parte do crescimento! Lido bem com essa parte.”

- Sente que o seu bebé a reconhece enquanto mãe?

“Sem dúvida! Basta falar que sei que ele me reconhece!”

- Quando não esta perto do seu bebé, como se sente?

“Angustiada de inicio... receava k ninguém conseguisse tomar conta dele como eu, mas agora já lido melhor com as ausências... sinto me mais calma e segura.”

- O que é a agrada na maternidade?

“A capacidade de sentir o amor incondicional por alguém!”

- Há algo que a desagrada?

“Sei que estou mais limitada, há uma grande dependência agora com outra pessoa, mas isso é a maternidade, não posso dizer que veja como um desagrado!”

- Acha que se não tivesse a presença do seu companheiro nesta fase da sua vida, isso iria alterar a sua prestação enquanto mãe?

“O quadro estaria inacabado! Sentir-me –ia sempre sem uma parte de mim! E quando não estamos bem, não há como transmitir o contrario.. quer dizer haver há, mas não seria honesto da minha parte!”

- Como imagina a sua relação com o seu bebé no futuro?

“Uma relação de amor para toda a vida! Com todos os prós e contras de uma verdadeira historia de amor! (sorri)”

ANEXO D

Entrevista Semi-Directiva à Mãe

Esta entrevista tem como objectivo fulcral, explorar os sentimentos positivos e negativos da mãe, ao longo da sua gravidez e pós parto.

A entrevista está estruturada de forma a abranger várias áreas, com o intuito de ser a mais completa e abrangente possível, em relação às experiências vividas pela mãe nesta fase da sua vida. As respostas não são consideradas certas ou erradas. A entrevista semi-directiva à mãe é uma opção de avaliação indirecta complementar do método de observação directa. Este instrumento foi utilizado por considerar importante, os resultados aqui obtidos, para o trabalho em questão.

Mãe_ Mafalda (mãe de Matilde)

Idade_ 39 anos

Caso C

- Ajustamento á gravidez –

- A sua gravidez foi intencional?

Se SIM: com que intensidade queria um filho nessa altura?

Se NÃO: que sentimentos despoletaram em relação a um filho que não queria?

“Não foi intencional. Fiquei chocadíssima.”

- A senhora, desejava este bebé?

“Não queria mais filhos.”

- O seu marido, desejava este bebé?

“Sempre quis ter mais que uma filha, sim.”

- Ao longo destes meses, como se sentiu, como grávida?

“As queixas do costume, aqueles sintomas de gravidez, nove meses intermináveis, custou-me imenso estas duas gravidezes.”

- O que sentiu quando confirmou que estava grávida?

“Fique boquiaberta, é que não esperava.”

- Quem foi a primeira pessoa a quem deu a notícia da sua gravidez

“Foi à Constança. Era quem estava comigo em casa, sabe.”

- A partir de que momento começou a imaginar, como seria o seu bebé?

“Não sei ao certo. Mas isso passa-nos pela cabeça, claro!”

- Quando é que sentiu o bebé como outra pessoa?

“Senti logo, mal soube que estava á espera de bebé, mais um não é...”

- Como encara a alteração que o bebé irá provocar na sua vida enquanto esposa?

“Não muita! A Constança ajuda imenso.”

- Tem tido experiências com outros bebés?

“Já fui mãe, não é?”

- Expectativas emocionais durante a gravidez –

- Achava-se importante para o bebé nos primeiros tempos de vida?

“Sabe que sempre tive muita ajuda, sabia que o Bernardo e a Constança iriam ajudar muitíssimo.”

- Achava importante a presença do seu companheiro nos primeiros tempos de vida do seu bebé?

“Mas claro, fundamental.”

- Quando é que começou a incluir o bebé nos seus planos de vida?

“Quando soube que o esperava.”

- Que impacto teve a gravidez na sua vida conjugal?

“Não muito! O Bernardo antes passava imenso tempo no escritório... agora passa com a bebé... o tempo que estamos juntos, acaba por ser o mesmo.”

- Quais foram as suas principais preocupações durante a gravidez?

“Inevitavelmente o corpo já não seria igual, então com duas gravidez,s já viu?! Mas claro, a saúde da criança primeiro.”

- Vivências emocionais após o nascimento do bebé –

- O que sentiu quando viu pela primeira vez o seu bebé?

“Alegria, obvio!”

- Sente-se confiante para tratar do seu bebé?

“Ai, sim! Quando tenho disponibilidade, sem dúvida, apesar da Constança ser o meu braço direito!”

- Sente o seu marido como uma ajuda importante para tratar do seu bebé?

“Muito, muito! Tem imensa paciência.”

- Que importância tem o bebé na sua realização enquanto pessoa?

“Não muita, já tinha passado por esta experiência como sabe.”

- Relação mãe-bebé -

- Que importância tem o pai do bebé na sua relação com o bebé?

“È fundamental, sem ele seria impossível, verdade seja dita!”

- O que sente quando está a cuidar do seu bebé?

“Quando posso tomo conta e gosto! Mas muito tempo não dá, sabe... peço logo socorro!” (ri)

- O que sente quando o bebê chora?
“Ai, isso é que não! Não gosto de crianças a chorar, felizmente a Constança trata muito bem desses episódios.”
- Sente que o seu bebê a reconhece enquanto mãe?
“Ainda é muito pequena, não?”
- Quando não esta perto do seu bebê, como se sente?
“Sei que está bem entregue!”
- O que é a agrada na maternidade?
“Agrada-me que seja um direito de todas as mulheres.”
- Há algo que a desagrade?
“Choro e fraldas... (ri) já não tenho pachorra muitas vezes.”
- Acha que se não tivesse a presença do seu companheiro nesta fase da sua vida, isso iria alterar a sua prestação enquanto mãe?
“Muitíssimo! O Bernardo é indispensável, sei que com ele posso contar a qualquer hora e isso deixa-me bastante segura.”
- Como imagina a sua relação com o seu bebê no futuro?
“Sem muitas dores de cabeça se possível.” (dá uma gargalhada)

ANEXO E

Entrevista Semi-Directiva à Mãe

Esta entrevista tem como objectivo fulcral, explorar os sentimentos positivos e negativos da mãe, ao longo da sua gravidez e pós parto.

A entrevista está estruturada de forma a abranger várias áreas, com o intuito de ser a mais completa e abrangente possível, em relação às experiências vividas pela mãe nesta fase da sua vida. As respostas não são consideradas certas ou erradas. A entrevista semi-directiva à mãe é uma opção de avaliação indirecta complementar do método de observação directa. Este instrumento foi utilizado por considerar importante, os resultados aqui obtidos, para o trabalho em questão.

Mãe_ Catarina (mãe de Tomás)

Idade_ 30 anos

Caso D

- Ajustamento á gravidez –

- A sua gravidez foi intencional?

Se SIM: com que intensidade queria um filho nessa altura?

Se NÃO: que sentimentos despoletaram em relação a um filho que não queria?

“Sim, foi... era o meu maior desejo!”

- A senhora, desejava este bebé?

“Muito!”

- O seu marido, desejava este bebé?

“Sim, um projecto dos dois.”

- Ao longo destes meses, como se sentiu, como grávida?

“Adorei a experiência! Senti-me muito bem, uma linda fase da minha vida!”

- O que sentiu quando confirmou que estava grávida?

“Muito Feliz!”

- Quem foi a primeira pessoa a quem deu a notícia da sua gravidez

“Por acaso foi a minha Mãe!”

- A partir de que momento começou a imaginar, como seria o seu bebé?

“Muito antes de estar grávida! Pensava nisso constantemente (ri), quando se deseja muito um filho acho que é normal.”

- Quando é que sentiu o bebé como outra pessoa?

“Antes de engravidar, já o via como um ser único!”

- Como encarava as alterações que o bebé iria provocar na sua vida enquanto esposa?

“Sei que haveria alterações, mas também sei que eu e o meu marido tínhamos consciência delas. Seriam alterações para melhor, só assim teria sentido.”

- Tinha experiências com outros bebés?

“Oh sim, venho de uma família grande!”

-- Expectativas emocionais durante a gravidez-

- Achava-se importante para o bebé nos primeiros tempos de vida dele?

“Claro, mais que qualquer outra pessoa! Vivia dentro de mim 9 meses, não havia como pensar o contrario, só por estar cá fora já não precisaria de mim? Precisa na mesma e com a mesma importância.”

- Achava importante a presença do seu companheiro nos primeiros tempos de vida do seu bebé?

“Claro! O bebé precisa da atenção de qualquer pessoa, principalmente dos pais. Sempre achei importante e continuo a achar, mais que nunca.”

- Que impacto teve a gravidez na sua vida conjugal?

“Alimentou e aproximou duas pessoas que já se amavam muito!”

- Quais foram as suas principais preocupações durante a gravidez?

“Que o bebê fosse saudável e se eu conseguiria dar tudo ao meu filho, sempre.”

- Vivências emocionais após o nascimento do bebê –

- O que sentiu quando viu pela primeira vez o seu bebê?

“Não há palavras, só quem passa por isso sabe!”

- Sente-se confiante para tratar do seu bebê?

“Nunca tive inseguranças em relação a isso.”

- Sente o seu companheiro como uma ajuda importante para tratar do seu bebê?

“O meu marido é indispensável em todas as áreas da minha vida! Nesta mais que em outra qualquer.”

- Que importância tem o bebê na sua realização enquanto pessoa?

“Tornou-me uma pessoa mais alerta, mais preocupada e também mais consciente da vida.”

- Relação mãe-bebê -

- Que importância tem o pai do bebê na sua relação com o bebê?

“O meu marido é o responsável por eu ser uma melhor mãe. A segurança e tranquilidade que ele me dá, faz com que eu passe isso ao meu bebê. Não imaginava ser de outra forma já.”

- Quando é que começou a incluir o bebê nos seus planos de vida?

“No momento em que desejei ter um filho.”

- O que sente quando está a cuidar do seu bebé?

“Aí é quando me sinto plenamente realizada, só aí.”

- O que sente quando o bebé chora?

“Sei que consigo acalma-lo, sei que não me posso afligir com isso, meu coração fica pequeno por não conseguir fazê-lo parar de chorar nesse mesmo segundo, mas faz parte da vida, não é?”

- Sente que o seu bebé a reconhece enquanto mãe?

“Viveu dentro de mim 9 meses, Imagina alguém que me conheça tão bem? Com toda a certeza!” (sorri)

- Quando não esta perto do seu bebé, como se sente?

“È uma grande ansiedade, penso sempre que estaria melhor comigo. Mas já cortou o cordão umbilical, pelo menos fisicamente (sorri), tenho que me habituar.”

- O que é a agrada na maternidade?

“É o auge da vivência de uma mulher. Só aí tudo faz sentido.”

- Há algo que a desagrada?

“Nada, absolutamente.”

- Acha que se não tivesse a presença do seu companheiro nesta fase da sua vida, isso iria alterar a sua prestação enquanto mãe?

“Sei que iria estar incompleta, só este triangulo tem lógica, sem ele um lado cai...”

- Como imagina a sua relação com o seu bebé no futuro?

“Uma relação repleta de amor, só assim tem lógica, é a única relação que será para toda a vida!”

ANEXO F**Primeira Observação – 18-01-2008 - Sexta-feira – 18horas**

Mãe: Maria

Pai: João

Bebé: Benedita

Data de Nascimento: 12-12-2007

Maria (mãe), Antónia (avó), Benedita (bebé)

Tal como tinha ficado acordado, dirigi-me à casa à hora combinada.

Toco á campainha e a mãe abre-me a porta.

Mãe: _ “ Boa tarde Rita.”

Dá-me dois beijinhos.

Rita: _ “ Olá Maria, como está?”

Mãe: _ “ Vamos desde já combinar uma coisa, tratamo-nos por tu, somos da mesma idade...”

Entro no apartamento.

Mãe: _ “ A Benedita está mais que acordada, ia-lhe agora dar banho.”

Dirigimo-nos para o quarto dos pais.

Estava a Benedita no “ovo” e a avó sentada na cama a falar com ela.

Mãe: _ “ Mãe, é a Rita. Estuda Psicologia e vem observar a Benedita para o trabalho de fim de curso.”

Avó: _ “ Ai tão novinha! Olhe não lhe dava mais que 18 anos. Mas se vem observar a minha neta digo-lhe já que vai ficar com um trabalho que é um mimo.”

Sorri.

Mãe: _ “ Avó babada! Rita senta-te, ou põe-te onde te der mais jeito. Tu é que sabes, nada de cerimónias.”

Mantive-me em pé ao lado da cama. A mãe retira a bebé do “ovo” e mantêm-na ao colo.

A avó sai do quarto e quando volta traz um saco com as coisas do bebé assim como uma banheira apoiada num móvel com rodas. Coloca tudo no quarto dos pais do bebé.

Enquanto a mãe da bebé mantêm-se sentada na cama com a Benedita ao colo, a avó coloca a água na banheira, coloca os champôs perto da banheira assim como a toalha turca para limpar a bebé.

Avó: _ “ Pronto filha, acho que está tudo. Vê lá se queres mais alguma coisa?”

Mãe: _ “ Não, acho que está tudo. Vamos lá então.”

A mãe deita a bebé na cama e coloca-lhe logo a chucha. Começa a despi-la e a bebé começa a chorar.

Mãe: _ “ Nem com a chucha...”

Avó: _ “Oh filha então a menina sente-se desconfortável.”

Mãe: _ “ Sente-se ela e eu porque nunca sei como a acalmar.”

Avó: _ “Tudo na vida é uma questão de hábito. És mãe de primeira viagem, vais ter tempo para te habituar.”

A mãe despe a bebé totalmente, levanta-a e leva-a até à banheira. Coloca a bebé muito devagar dentro da banheira e a bebé acalma. A bebé vai mexendo os braços e as pernas. Faz alguns jeitos com a boca enquanto a mãe lhe lava a cara e fecha os olhos.

Mãe: _ “ Gosta de água, já não é mau.”

Muito devagar a mãe começa a molhar o corpo da bebé.

Avó: _ “ Oh filha olha só a cabecinha dela por causa da moleirinha, lava com cuidado.”

Mãe: _ “Dá-me o gel de banho dela. Põe-me aqui na mãe.”

Assim a avó o fez.

Avó: - “ Chega?”

Mãe: _ “ Já se vê... mas acho que sim”

Quando a mãe começa a lavar-lhe a cabeça a bebé recomeça o choro.

Avó: _ “ Já tu não gostavas nada que te mexessem... filho de peixe.”

A mãe mantinha-se muito concentrada a dar banho á filha e fazia-o com movimentos muito lentos e cuidados.

Virou a bebé para lhe lavar a parte de trás do corpo.

Mãe: _ “Olha, está com a parte de dentro da perna vermelha.”

Avó: _ “ Está assadinha, tens que lhe pôr creme filha, e nessa zona põe mais para não alastrar.”

A mãe retira a bebé da banheira até á cama onde a deitou em cima da toalha.

A bebé vocaliza alguns sons. Leva os braços á boca ao mesmo tempo mexe as pernas.

Avó: _ “ Maria, embrulha logo a Benedita mal a tires da água. Que isso não lhe faz bem, é uma grande mudança de temperatura.”

Mãe: _ “Oh mãe é só virar as costas e está na toalha, não exageres.”

A mãe deitou a bebé em cima da toalha, envolveu-a na mesma e limpou-a vagarosamente. Colocou-lhe creme e reforçou a dose do mesmo na parte de dentro da perna esquerda onde a

pela da bebé estava mais vermelha. Colocou-lhe pó de talco e por fim a fralda. Tudo isto foi feito em silêncio.

Vestiu-lhe o babygron e virou a bebé de barriga para baixo para abotoar o fato por trás. Quando o fez a bebé começou a chorar.

Mãe: _ “Xiu, está quase.”

Voltou a bebé. Fez-lhe uma festa na cara e vestiu-lhe um casaco de lã.

Mãe: _ “ Oh mãe vais ao quarto dela e trazes me a manta e uma fralda de pano, sff?”

Assim foi. Quando a avó chegou ao quarto, a mãe dobrou a manta ao meio e colou a fralda de pano por cima da mesma. Em cima desta colocou a bebé e envolveu-a.

Mãe: _ “ Pronto, vamos para a sala que ela agora só come daqui a uma hora mais ou menos.”

Seguimos para a sala e a mãe sentou-se no sofá com a Benedita ao colo. A bebé começa a querer fechar os olhos, mostrando algum sono.

Avó: _ “ Vou passando umas roupas e dar um jeito na cozinha.”

Mãe: _ “Oh mãe, mas não vens aqui para trabalhar! Senta-te e sossega.”

Avó: _ “Sou lá de estar sentada. Não me custa nada.”

A avó saiu da sala.

Mãe: _ “ Oh Rita senta-te! Fica á vontade!”

Sentei-me no banco perto do sofá onde estava a mãe com a bebé.

A bebé estava sossegada e a mãe mantinha a bebé ao colo. Colocou almofadas debaixo do braço onde a cabeça da bebé estava apoiada.

Mãe: _ “ Então Rita, já sabes o que vais fazer quando terminares?”

Rita: _ “ Ainda está tudo em aberto.”

Mãe: _ “ Pois, acredito! Está difícil para todos. A Benedita também não veio em melhor altura! Gostava de estabilizar mais economicamente, mas já que veio, é muito bem vinda.”

Olhou para a bebé e sorriu.

Mãe: - “ O João é que é maluco pela filha! Quando eu soube que estava grávida, a minha primeira reacção foi de aflição, namorávamos e nem sequer vivíamos juntos. Ele não... adorou a noticia e passados quase 10 meses a nossa vida deu uma volta de 180 graus. Ele sempre demonstrou mais que eu o desejo de casar e ter uma família. Mas agora estou muito feliz.”

Voltou a olhar para a filha e levantou-a na vertical, voltando-a para si e encostando-a ao seu peito. Assim ficaram.

O telemóvel toca.

Mãe: _ “Rita passas-me, sff?”

Dei-lhe o telemóvel que estava em cima da mesa do televisor á minha frente.

Era o João a perguntar como estava a filha.

A mãe desligou o telefone.

Mãe: _ “ Mãe, não te ponhas a fazer jantar que o João vai traze-lo.”

Avó: _ “Oh filha estou já a fazer uma sopinha. Também fica feita, não faz mal. Fica para amanhã.”

Mãe: _ “ Já estava a adivinhar. Trabalha em casa e aqui. Não pára.”

Levantou-se e colocou a bebé na alfofa que estava ao seu lado no sofá.

Mãe: _ “Não a quero habituar muito ao colo.”

A bebé ficou deitada e não chorou. A mãe colocou-lhe uma fralda ao lado da cabeça.

Avó: _ “ Maria, a mãe vai trazer-te uma máquina para esterilizares os biberões, estás a fazê-lo numa panela. Isso era no meu tempo.”

Mãe: _ “Então e não funcionou? Não gaste dinheiro com isso, há coisas mais necessárias.”

A filha começou a chorar. A mãe debruçou-se sobre a alfofa e colocou-lhe a chucha.

Manteve a mão na chucha mesmo depois de a bebé a ter na boca. Colocou-lhe a fralda a tapar-lhe uma pouco da cara e a Benedita acalmou.

Rita: _ “ Maria, vou indo, já está na hora.”

Mãe: _ “ Já? Passa num instante.”

Rita: _ “Deixe-se estar que eu vou até á porta.”

Mãe: _ “Deixe não, deixa.” Ri

Sorrio.

Levanta-se dá-me dois beijinhos e leva-me á porta. Passo pela cozinha e despeço-me também da avó.

Saí.

Segunda Observação – 25-01-2008 - Sexta-feira – 18horas

Mãe: Maria

Pai: João

Bebé: Benedita

Data de Nascimento: 12-12-2007

Maria (mãe), João (pai), Benedita (bebé)

Chego á hora combinada.

Toco à campainha e o pai abre-me a porta.

Pai: _ “Olá Rita, estás boa?”

Rita: _ “ Tudo bem, obrigada!”

Pai: _ “ Entra. Estão na cozinha.”

Entramos e foi para lá que nos dirigimos.

A Maria estava a fazer um bolo e a bebé estava no “ovo” em cima da mesa.

Rita: _ “Olá Maria.”

Mãe: _ “Oh Rita, entra e põe-te á vontade”

Deu-me dois beijinhos e sentei-me numa das cadeiras.

A Benedita estava acordada com a chucha na boca e sossegada.

Mãe: _ “Estou a fazer um bolo que hoje a minha mãe faz anos e vamos lá jantar.”

Pai: _ “Reformulo, estamos a tentar fazer um bolo. Eu já fiz a parte mais difícil que foi untar a forma. Agora deixo com ela aparte mais fácil que é fazer a massa.” Ri.

Mãe: _ “A tua sorte é que gosto de cozinhar, senão juro que fazias o bolo tu...”

Pai: _ “É por isso que gosto tanto de ti.... Sempre bem disposta.”

Volta a rir.

A Maria encolhe os ombros.

Pai: _ “Oh Beny e como serás tu? Igual ao papá ou igual à mamã?”

Senta-se numa cadeira e segura a mão da filha. Enquanto o faz a bebé mexe as pernas e faz algumas vocalizações.

Mãe: _ “João, dás-lhe o leitinho sff? Ou então vem acabar o bolo que eu dou...”

Pisca-me o olho.

Pai: _ “Ahh... (ri) deixa estar eu dou-lhe o leite, depois o bolo podia sair muito bem e era uma vergonha para ti.” Ri.

Mãe: _ “ Sempre nas picardias...”

O pai levanta-se, dá um beijo na testa da filha.

Pai: _ “Hoje o pai vai dar-te o leitinho, para ficares muito forte e se beberes tudo depois o pai deixa-te comer uma fatia de bolo.” Ri.

Dirige-se ao balcão da cozinha e começa a preparar o leite.

Pai: _ “Beny, queres leite com chocolate ou simples?”

A mãe ri também.

O pai retira a bebé do ovo e segura-a ao colo. Senta-se na cadeira e coloca-lhe a fralda de pano á frente a fazer de babeto. Retira-lhe a chucha e a bebé chora.

Pai: _ “ Pronto filha, é agora... olha o aviãoooooooo”

Dá-lhe o biberão e a bebé começa a mamar.

Mãe: _ “Viste a temperatura do leite?”

Diz a Maria de costas para o João enquanto fazia o bolo.

O pai retira rapidamente o biberão da boca da bebé e abre muito os olhos.

Pai: _ “Vi sim... temperatura ideal.”

Faz-me o sinal de silêncio com a mão e sorri. Coloca leite na sua mão e vê que está bom, volta então a dar o biberão à filha.

Mãe: _ “ E porque será que não acredito?”

Pai: _ “Porque me conheces muito bem.” Ri.

Mãe: _ “Oh João tens que ter em atenção essas coisas, não vês que ela pode queimar-se.”

Pai: _ “Tens razão, mas não me lembrei.”

E dá um beijo na filha.

Pai: _ “Desculpa, beny!”

Dá-lhe o leite em silêncio e a mãe ia olhando para eles e sorria.

A bebé adormeceu a beber o leite.

Pai: _ “Hummm... adormeceu... acordo-a ou deixo-a dormir?”

Mãe: _ “ Mexe-lhe no canto da boca que ela volta a mamar, é normal acontecer. Vai fazendo isso que ela tem que beber tudo.”

Assim o pai faz.

Ainda demora algum tempo até a bebé beber o leite todo. O pai dá-lho sempre a olhar para ela. Quando ela ameaçava fechar os olhos o pai começava a assobiar-lhe.

A mãe colocou o bolo no forno, retirou o avental e sentou-se numa cadeira perto de nós.

Mãe: _ “Muito bebeu ela. Coloca-a a arrotar.”

O pai levanta a bebé e vira-a para nós, isto é, de costas para ele.

Mãe: _ “Ah sim! Se ela bolsar não notas, tens que a virar para ti.”

Pai: _ “Então se ela bolsar tu vês... tudo sob controlo.” Ri.

Mãe: _ “Oh João... e quando tiveres só com ela? Também a viras de costas para ti?”

Pai: _ “Não Maria, agora que me alertaste, uma vê que nunca tinha pensado nisso, não volto a fazê-lo.”

A menina arrotou e a mãe limpou-lhe a cara com a fralda.

Mãe: _ “Vamos para a sala que ela tem que mudar a fralda e limpar-lhe melhor a carinha.”

O pai levantou-se com ela e dirigimo-nos para a sala.

Pai: _ “Anda Beny.”

Sentaram-se ambos no sofá e eu numa cadeira em frente.

O pai deitou a Benedita entre eles e a mãe mudou-lhe a fralda.

Enquanto o fazia o pai ia-lhe dando as tolhitas, o creme e a fralda.

O pai ia-se aproximando e afastando da cara da bebé repetidamente.

Pai: _ “Uhhhhh.... Uhhhhh....”

Fazia-o à medida que se aproximava.

A bebé olhava para ele com os olhos arregalados.

Mãe: _ “Ainda assustas a criança.” Ri.

Antes de a mãe lhe vestir as calças deu-lhe um beijo na barriga.

Vestiu-a e o pai levantou-a do sofá. Virou-a para ele e olhou-a nos olhos. A bebé manteve o olhar fixo no pai.

Pai: _ “É que podias ser um bocadinho feia, mas és mesmo bonita miúda.”

Disse-o olhando para a cara dela.

Pai: _ “O papá e a mamã estavam mesmo inspirados.” Ri

Mãe: _ “O papá e a mamã estavam era desprotegidos.” Ri.

Pai: _ “Graças a Deus!”

E dá um beijo na face da bebé.

Mãe: _ “João deita-a na alcofa para ver se ela dorme, que desde o banho que está acordada. Depois fica com os sonos trocados.”

Assim João o fez.

A mãe levantou-se e foi até á cozinha.

O pai colocou-a na alcofa e levou a alcofa para o lado dele no sofá.

A mãe chegou á sala espreitou a bebé e colocou-lhe a fralda ao lado da cara.

Pai: _ “ Mas porque é que faz sempre isso?”

Mãe: _ “Porque sempre me lembro de quando era pequena adormecer com uma fralda... não sei, tenho a sensação que se não a puser ela não adormece.” Sorri.

Pai: _ “Oh Rita, não lhe queres dar uma consulta, não?”

Ri

Mãe: _ “Olhe, para sua informação, tem resultado.”

Pai: _ “Claro que tem, desde a primeira hora de vida que lhe fazes isso... ela não conhece outro método, obvio que esse resulta.”

Mãe: _ “E então?”

Pai: _ “E então vou-me calar...” sorri.

A mãe voltou á cozinha e o pai começou a ler o jornal.

Pai: _ “Ai Beny, mas que mundo fomos nós trazer-te... só desgraças.”

O pai olhou para o berço e a filha estava a dormir.

Pai: _ “Afiml a fralda resulta mesmo... que a tua mãe não nos ouça.”

Diz debruçando-se sobre a filha. Faz-lhe uma festa na cabeça e retoma a leitura.

Rita: _ “João, está na hora, vou andando.”

Pai: _ “Está bem Rita, espera que vou contigo.”

Rita: _ “Não é preciso, deixe-se estar.”

Despedi-me do pai e fui á cozinha despedir-me da mãe.

Saí.

Terceira Observação – 1-02-2008 – Sexta-feira – 18horas

Mãe: Maria

Pai: João

Bebé: Benedita

Data de Nascimento: 12-12-2007

Maria (mãe), João (pai), Benedita (bebé)

Ao tocar à campainha foi a mãe que me abriu a porta.

Mãe: _ “Allo, allo!” disse a sorrir.

Rita: _ “Olá Maria, tudo bem?”

Mãe: _ “Tudo mais ou menos. A Benedita tem estado com cólicas. Entra.”

Dirigimo-nos até ao quarto da bebé. Ela estava deitada no berço, acordada mas calma.

Mãe: _ “Acho que deve ser do leite. Não estou a amamentar, não tenho leite... e é mais provável que com o leite em pó as crianças tenham cólicas.”

Debruça-se sobre o berço e aconchega a filha.

Mãe: _ “Passou o dia a chorar... já lhe tive a fazer massagens na barriguinha... liguei ao médico, mas disse que era normal. Chatice...”

Vai buscar uma cadeira e senta-se perto do berço a dar festas na barriga da bebé.

Mãe: _ “Ai Rita, desculpa... nem trouxe uma cadeira para ti. Traz uma, senta-te aqui ao pé.”

Fui buscar uma cadeira que estava no canto do quarto. Aproximei-me também do berço e sentei-me.

A mãe mantinha o mesmo ritual e com a outra mão fazia-lhe festas na cabeça.

Manteve-se assim alguns minutos.

Mãe: _ “Nestas alturas o João faz uma falta.... Lá com as brincadeiras dele desanuviava o ambiente e dá-me alguma segurança... agora aqui sozinha com ela neste estado... nem disse nada á minha mãe senão vinha logo para aqui... e eu também não quero. Tenho que saber desenrascar-me sozinha.”

A bebé acabou por fechar os olhos.

Mãe: _ “Adormeceu, mas tenho que lhe dar o leite. Já não come há horas por causa das dores. Olhas por ela? Vou á cozinha fazer o biberão.”

Aceno.

A Benedita manteve-se a dormir. Enquanto dormia pude observar que os braços dela tinham pequenos espasmos e suspirava fundo enquanto dormia.

Quando a mãe chegou reparou na respiração da filha.

Mãe: _ “Já está em sono profundo... deve ser do cansaço. Agora também não a vou acordar.”

Foi buscar uma manta á gaveta da cómoda e tapou a bebé.

Colou-lhe a fralda de pano perto da cara e deixou-a ficar.

O pai entra em casa.

Mãe: _ “Olha... é o João...”

Levanta-se e vai até à porta do quarto.

Mãe: _ “Estamos aqui...”

O pai entra no quarto.

Pai: _ “Olá meninas!”

Aproxima-se do berço e dá um beijo na cabeça da filha.

Pai: _ “E então? Como tem estado?”

Mãe: _ “Nas últimas 2horas, calma. E agora que lhe ia dar o leite acabou por adormecer.”

Pai: _ “Deixa-la descansar... teve todo o dia acordada. E tu, como é que estás?”

Mãe: _ “Cansada também... mas melhor agora.”

Pai: _ “Eu sei...”

Deu-lhe um abraço e um beijo na testa.

Pai: _ “ Não te queres ir deitar? Eu agora fico com ela.”

Mãe: _ “Não, estou bem. Mais um bocado e também tenho que lhe dar o leite, então ainda só bebeu de manhã, tenho-lhe tentado dar, recusa.”

Pai: _ “Então Maria acho que é melhor tentar dar, são muitas horas sem comer.”

A bebé começa a chorar, para e mantém-se de olhos fechados.

A mãe dirige-se ao berço e levanta-a.

Pai: _ “Beny?”

Faz-lhe uma festa na cabeça.

Pai: _ “Vamos comer amor.”

Vai buscar o biberão que estava na mesa-de-cabeceira e senta-se na cama.

Pai: _ “ Dá-ma cá que estás cansada.”

A mãe colocou a Benedita ao colo do pai. Foi ao saco da bebé e retirou um babete que lhe colocou.

Pai: _ “O leite não está muito quente, pois não? Riu.

Mãe: _ “ Às tantas já está frio. Deixa cá ver”

Experimentou na sua mão.

Mãe: _ “ Está morninho, está bom.”

O pai começa a dar-lhe e ela começa a bebe-lo bem.

Pai: _ “Pois filha, já eram horas de comeres qualquer coisa...”

Mantém-se a dar o leite à filha e a mãe senta-se na cadeira perto do berço onde estava anteriormente.

Em silêncio dá-lhe o leite olhando sempre para a filha.

Pai: _ “Não ligaste para a tua mãe ou minha? Escusavas de ter estado sozinha.”

Mãe: _ “Não podemos recorrer a elas sempre que haja qualquer coisa.”

Pai: _ “ Sim, também é verdade.”

Deu-lhe o leite e a Benedita bebeu tudo.

Mãe: _ “Estava mesmo com fome.”

A mãe pegou nela e colocou-a a arrotar. Virou-a para si e encostou o corpo da bebé ao seu. Ia-lhe dando palmadinhas nas costas à medida que ia andando de um lado para o outro do quarto.

Mãe: _ “ È que se não arrotas pior fica da barriga.”

O pai mantinha-se sentado a olhar para as duas.

A bebé arrotava.

A mãe deita-a na cama e muda-lhe a fralda.

Retira-lhe as calças e dá-lhe um beijinho na barriga.

Pai: _ “ Será que ainda lhe dói? Dói-te filha? Faz lá queixas ao papá...”

Diz aproximando-se da cama. Coloca os joelhos no chão e os braços apoiados na cama ao lado da filha.

Enquanto a mãe lhe muda a fralda o pai agarra na mão da bebé e dá-lhe beijinhos. A bebé fixa o olhar na cara do pai e com a outra mão tenta mexer-lhe na cara.

Mãe: _ “ João leva a fralda lá para o lixo, sff.”

O pai levanta-se e vai.

A mãe veste a Benedita e levanta-a, mantém-na segura debaixo dos braços e de frente para ela. Fica durante alguns segundos a olhar para a filha, sorri e deita-a no berço.

Mãe: _ “Pronto, agora pode dormir em paz.”

Faz-lhe uma festa na barriga e tapa-a com a manta.

O pai entra no quarto.

Pai: _ “ Já está? Ainda bem...”

Foi até ao berço e colocou-lhe ele a fralda de pano perto da cara.

Mãe: _ “Então? (ri) não era desnecessária essa fralda?”

Pai: _ “Sabes que o hábito faz o monge.” (ri)

O pai fecha os cortinados.

Pai: _ “Vamos para a sala? Ela agora fica”

Mãe: _ “ Deixa a porta aberta para ouvirmos. Rita fica aqui a observa-la se quiseres. Estás á vontade.”

Rita: _ “ Não vale a pena, os 50 minutos já passaram até. Também vou indo.”

Despedimo-nos e levaram-me até à porta.

Quarta Observação – 8-02-2008 – Terça-feira – 18horas

Mãe: Maria

Pai: João

Bebé: Benedita

Data de Nascimento: 12-12-2007

Maria (mãe), João (pai), Antónia (avó), Pedro (avô), Benedita (bebé)

Toco á campainha e quem me abre a porta é o avô paterno da Benedita.

Avô: _ “ Boa tarde! Em que posso ajudar?”

Rita: _ “ Olá boa tarde! Sou a Rita...”

Avô: _ “ Ah com certeza, já sei... entre sff.”

Entramos e o avô levou – me até à sala onde estavam a avó, o João, a Maria e a Benedita.

Rita: _ “ Olá, boa tarde a todos!”

Mãe: _ “ Olá Rita, junta-te á família. Como correu a semana?”

Rita: _ “ Bem obrigada!”

Sentei-me num banco em frente ao sofá grande onde estavam mãe, avó e bebé.

A Benedita estava ao colo da avó.

Pai: _ “ Hoje está toda desperta... tanta movimentação aqui... só podia.”

O pai e o avô estavam a jogar xadrez e a avó e a Maria estavam de volta da Benedita a falarem das roupas que tinham comprado á bebé e de como ela tinha melhorado das cólicas.

Mãe: _ “ Rita, afinal mudamos de leite, e a Benedita melhorou... acho que há marcas melhores que outras... pelo menos desde que mudamos, nada...”

Avó: _ “Quem é a bebé linda da avó? Quem? BRUMMMMMM”

Dizia ao mesmo tempo que encostava a boca na barriga da neta e fazia aquele barulho.

A Benedita começou a chorar.

Avô: _ “ Nem preciso de olhar para trás para perceber que assustaste a tua neta... quando é que metes na cabeça que esse cabelo com quilos de laca assusta qualquer um?”

Todos se riem.

Avó: _ “ Mas foi por ele que te apaixonaste há 35 anos.”

Avô: _ “ Pois... há 35 anos usava-se... mas agora está “demodé” Ri.

Voltam todos a rir.

A avó encolhe os ombros.

Mãe: _ “ Está na hora do leitinho, não é bebé?...”

Avó: _ “ Deixa filha que eu trato disso, pega na tua filha.”

A mãe agarra na Benedita e deita-a virada para si, nas suas pernas apoiando lateralmente com os braços o corpo da bebé.

Pai: _ “ Beny... (assobia) não tens saudades do papá? Anda aqui para o pé de mim.”

Avó: _ “ Ai Beny... mas que mariquice... mas a criança não é Benedita? Beny é nome de coelho.”

Voltam a rir.

A mãe levanta-se e coloca a Benedita no “ovo” e coloca o “ovo” numa cadeira ao lado do pai.

O pai debruça-se sobre a cadeira e dá um beijo na testa da filha.

Pai: _ “ Fofa!”

A mãe vai até à cozinha ter com a sogra.

Avô: _ “ A catraia é mesmo bonita. Nunca pensei que fosse tão parecida comigo.” Sorri.

Chega a avó da cozinha com a mãe.

Avó: _ “ Riquezas, vamos papar? Vamos pois, que a avó dá.”

Dirige-se à bebé e retira-a do berço.

Avô: _ “ Ainda intoxicas a criança com o cheiro da laca, mulher.”

Avó: _ “ Deixa-te lá de disparates, sim? Ai não há quem o ature. Anda cá minha jóia.”

Leva a neta até ao sofá, onde se senta com ela ao colo. Destapa a Benedita e coloca-lhe o babate. A mãe senta-se ao lado e dá o biberão à avó.

A avó começa a dar-lhe o leite, ela não pega na chupeta do biberão e começa a chorar.

Avô: _ “ Não se acreditam...”

Avó: _ “Oh filha então? Não tem fome?”

A bebé começa a chorar cada vez mais alto e com mais força.

Mãe: _ “ Deixe ver Antónia.”

A avó passa a neta para o colo da mãe. Esta começa a embala-la e a dar-lhe palmadinhas no rabo. Coloca-lhe a chucha.

Mãe: _ “xiuu.. xiuuu... passou.”

A bebé acalma e a mãe retire-lhe a chucha e começa a dar-lhe o leite.

A bebé começa a beber sem dificuldade.

Avó: _ “ Mãe é mãe e mais nada.”

Pai: _ “ Está a comer bem?”

Pergunta espreitando na direcção do sofá onde elas se encontram.

Mãe: _ “ Lindamente.”

O pai retoma o jogo e a mãe mantém-se em silêncio a dar o leite á filha.

A avó vai fazendo festas nos pés da bebé.

Avó: _ “A minha neta está a ficar tão gordinha!”

Avô: _ “ Lá nisso sai a ti.”

O João dá uma gargalhada.

Pai: _ “ Oh pai...”

Avó: _ “A tua sorte é que já nem te ligo importância nenhuma.”

A mãe termina de dar o leite á filha. O pai levanta-se da mesa.

Pai: _ “ Anda cá filha.”

Levanta a bebé do colo da mãe e segura-a no seu colo na vertical. Começa a andar c ela pela sala e vai até à janela.

Pai: _ “ Está-me cá a parecer que alguém tem um grande cocó.”

Mãe: _ “ vai lá ao quarto mudar-lhe a fralda que está lá tudo.”

Pai: _ “ Anda Rita, vamos mudar a fralda a esta porquinha.”

Fui com o pai até ao quarto da bebé.

O pai deita a bebé no fraldário muito devagar.

Pai: _ “ Ainda me faz diferença pensar na moleirinha. Sei que já não está tanto... mas pronto.”

Destapa a bebé, retira-lhe a manta e a parte de baixo do fato. Levanta-lhe as pernas com uma mão e com a outra retira-lhe a fralda suja. Atira a fralda para um cesto do lixo e com essa mesma mão tira umas toalhitas e limpa a bebé.

Pai: _ “ Bolas filha... que cocó tão grande e só bebes leite, então quando começares comer a mãe é que vai começar a mudar-te as fraldas.” Ri

Pai: _ “ Vamos lavar este rabinho. Vamos pois. Anda Rita.”

Fomos até á casa de banho.

Pai: _ “ Maria? Chegas aqui?”

A mãe chega á casa de banho.

Pai: _ “Olha trazes a banheira da Beny só para eu lhe lavar o rabinho que ela tinha muito cocó.”

Mãe: _ “ Mas cuidado, ela comeu agora.”

A mãe traz a banheira e coloca um pouco de água morna. Com uma esponja e gel de banho o pai lava a bebé.

A Benedita começa a fazer alguns gemidos e a ameaçar chorar.

Pai: _ “ Pronto amor... só para não ficares porquinha. O pai já te veste.”

A mãe com uma toalha limpa a filha, que se mantém ao colo do pai e voltamos para o quarto da Benedita.

O pai deita a bebé na cama, a mãe passa-lhe o creme e a fralda. O pai, à medida que lhe coloca a fralda vai interagindo com a filha.

Pai: _ “ Quem é linda, quem é?”

Assobia e começa a cantar “atirei o pau ao gato”. A bebé ri e mexe as pernas com rapidez.

A mãe vai buscar a manta e coloca-a em cima da cama.

O pai levanta a filha, dá-lhe um beijo na cara e volta a deita-la em cima da manta.

Mãe: _ “ Agora ela tem que dormir. Coloca-a aí no berço, porque se for para a sala nunca mais adormece com a agitação.”

O pai deita a Benedita no berço, coloca-lhe a chucha e a fralda de pano ao lado da cabeça. A mãe sorri. A mãe vai buscar outra manta e coloca por cima da bebé.

O pai mantém-se debruçado no berço e faz festas na cabeça da bebé até que esta vai fechando os olhos.

Mãe: _ “ Ela agora adormece. Rita fica ou vem connosco, estás em casa.”

Rita: _ “ Também já está na minha hora, queria só agradecer a disponibilidade e está aqui uma lembrança para a Benedita.”

Mãe: _ “ Ai que querida! Não era preciso, mas muito obrigada”

Abre o embrulho e eram uns sapatos de linho.

Mãe: _ “ Adoro! Lindos agora para a Primavera.”

Pai: _ “ Obrigada Rita.”

A mãe dá-me um abraço e dois beijinhos. Despeço-me de todos já na sala.

Levam-me até á porta e dizem-me para aparecer sempre que queira.

ANEXO G**Primeira Observação – 30-01-2008 - Quarta-feira – 16 horas**

Mãe: Mariana

Pai: António

Bebé: Lourenço

Data de Nascimento: 29-12-2007

Mariana (mãe), Manuela (avó), Lourenço (bebé)

À hora marcada fui até à morada que me tinham indicado pelo telefone. Toquei à campainha da porta da vivenda, quem me atendeu foi a avó do Lourenço. Abriu-me a porta.

Avó: _ Olá menina! È a Rita, não é?

Rita: _ “Olá boa tarde, sou eu mesma, como está?”

Avó: _ ”Bem obrigada, sou a avó do Lourenço. Entre sff.”

Entrei e a avó começou a andar à minha frente levando-me até à sala. Estava o bebé deitado no carrinho.

Avó: _ “Sente-se. A minha filha disse-me que vinha cá hoje. Ela já deve estar a chegar. Foi ao super-mercado enquanto eu fiquei aqui com o meu neto.”

Dirige-se até ao carrinho e levanta-o.

Avó: _ “Este é o Lourenço.”

Leva-o ao colo até mim. O bebé estava acordado com a chucha na boca e envolvido numa manta. Só se via a cara do bebé.

Senta-se com o Lourenço ao colo num sofá mesmo em frente ao sofá onde me encontrava sentada.

Avó: _ “É um bebé calmo, sabe. Até hoje não tem tido cólicas, nem febres, nada. Chora para comer... lá nisso é um relógio. Não és, meu amor?”

A mãe entra em casa e a avó diz:

Avó: _ “Oh filho olha, vem lá a mãe.”

A mãe entra na sala com os sacos do super mercado nas mãos.

Mãe: _ “Cucu! Meu filhote, a mãe chegou”. O bebé abre os olhos e mexe a cabeça como se procurasse a mãe na sala.

Pára à porta da sala enquanto o diz.

Mãe: _ “ Olá Rita! Está boa? Desculpe o atraso, mas tive que aproveitar a presença da minha mãe para poder tratar das coisas da casa. Tem sido bem tratada?” (Sorriu)

Rita: _ “ Olá boa tarde! Sim, muito bem obrigada.”

A Mãe dirige-se até ao bebé que estava ao colo da avó e dá-lhe um beijo na testa.

Mãe: _ “ A Mãe vai só pousar os sacos e já volta para te dar papar, está bem filho?”

A mãe sai então da sala.

A Avó permanece com o bebé ao colo e diz:

Avó: _ “Deixa cá aproveitar que estás comigo para te dar colinho, senão vem a mãe e diz “Ai não o podemos habituar ao colo senão não vai querer outra coisa.”

Chega a mãe à sala.

Mãe: _ “ Ora vamos lá que ele já deve estar cheio de saudades da mãe, não é filhote? Pois é... a mãe foi má e abandonou-o por meia hora, não se faz.”

Pegou no bebé ao colo e sentou-se com ele ao colo ao lado da sua mãe no sofá.

Destapou um pouco mais o bebé, cuja cabeça encontrava-se apoiada no braço esquerdo da mãe, e com a mão direita abre a camisa para lhe dar de mamar.

Mãe: _ “ Anda lá filho, papa que este leitinho ainda é de borla... se continuares a comer assim tão bem, não há quem te sustente.” (riu)

O bebé começou a mamar rapidamente.

Mãe: _ “ Pronto filho, devagarinho, ainda vai ao goto.”

O bebé sugava com rapidez e elevava os seus braços ao peito da mãe.

Avó: _ “ Ai meu rico filho, já devia estar cheio de fome e nem chorava nem nada.”

Mãe: _ “ Não mãe, ele para chorar é porque já passou muito tempo da hora devida para comer. Como hoje foi à hora certa...”

À medida que o bebé ia mamando ia começando a transpirar e a mãe disse:

Mãe: _ “ Oh filho a mãe vai tirar a mantinha, estás cheio de calor.”

Destapa a parte da frente do bebé e começa a fazer-lhe festinhas na cabeça e a mexer-lhe nas pernas.

Avó: - “Ainda me lembro, dantes diziam que não devíamos mexer nas crianças enquanto elas mamavam para elas não se engasgarem. E agora, já ninguém liga a essas coisas...”

Mãe: _ “ Oh mãe essas teorias... até faz bem o toque na criança, ajuda ao desenvolvimento. Não temos que nos sentir reprimidas em relação a isso.”

Avó: _ “ Está bem filha, mas crenças são crenças... ainda hoje me custa, quando dava o biberão ao teu sobrinho evitava mexer-lhe muito...o menino ainda se engasgava.. ai não não.”

A mãe riu e olhou para o filho.

Mãe: _ “ Ai esta avó é tontica, pois é bebé?”

Avó: _ “ Olha, mais vale ouvir isto que ser surdo. Está bonito está..”

A mãe sorriu e abanou a cabeça.

O bebé ia fechando os olhos à medida que ia mamando e a mãe ia mexendo-lhe nas bochechas para ele não adormecer.

Mãe: _ “ Lourenço amor, está quase vá lá... A mãe tem tanto leite e tu a não beberes muito... não me faças isto... vá bebé...”

Quando a mãe lhe mexia na cara o bebé recomeçava a mamar. À medida que o fazia apoiava a sua mão no peito da mãe.

Mãe: _ “ O meu marido acorda não sei quantas vezes à noite só para ver se o Lourenço está a respirar. È que ele não chora, Às vezes acorda com fome e fica ali no berço á espera de alguém. Um dos meus receios, é que ele não dormisse e fosse uma criança agitada, afinal até nisso tivemos sorte.”

Avó: _ “ Meu rico genro que acorda para ver do menino, porque tu filha, com o sono pesado não ouvias nada mesmo que ele chorasse.”

Mãe: _ “ Sim eu dantes era assim, dormia que nem uma pedra, mas agora, depois de ser mãe já nem o nosso sono é mais descansado... porque inconscientemente temos sempre uma preocupação.”

A mãe olhou para o bebé, já tinha adormecido.

Mãe: _ “ Custa-me muito fazer isto, mas vou ter que o acordar, pelo menos para arrotar, senão fica mal dispostinho. Vá filhote, já vais para a caminha.”

Levanta o bebé e encosta a cabeça dele no seu ombro. Mantém-no nessa posição e vai dando-lhe palmadinhas nas costas.

O bebé arrota.

Mãe: _ “ Muito bem! Agora toca a trocar a fralda e depois então terás o sono dos justos.”

Levanta-se do sofá com o bebé ao colo e vai até ao outro lado da sala buscar uma mala com as coisas do bebé. Volta a sentar-se e deita o bebé no sofá entre ela e a avó. Coloca a mala no chão de onde retira uma fralda de pano, uma fralda descartável e creme. A fralda de pano é colocada debaixo do rabo do bebé. Começa a despir o Lourenço, retira-lhe as calças e a fralda suja.

Mãe: _ “Só xixi filho? Ontem só fizeste cocó de manha... e hoje ainda nada?”

Avó: _ “ Oh Mariana tens que ver isso... será que o menino está com cólicas e nem assim se queixa?”

Mãe: _ “A barriguinha dele não está dura nem nada... e ele se tivesse cólicas de certeza que chorava, ou então não tinha apetite... e ele tem mamado normalmente... não sei, mas amanhã se continuar ligo ao pediatra.”

À medida que vai falando, coloca a fralda no bebé e veste-o. O Lourenço estava de olhos fechados e muito sossegado. Nunca chorou.

Com uma toalhita que retira da mala, limpa-lhe a cara e as mãos. Envolve o Lourenço na manta.

Mãe: _ “Vamos para o quartinho, deitar no berço amor?”

Levanta-se com o bebé ao colo e diz-me;

Mãe: _ “Venha Rita, vou deita-lo lá no berço para ele ficar mais confortável e sossegado.”

Seguia-a até ao quarto. Colocou o bebe no berço e tapou-o com um lençol e uma manta.

Mãe: _ “Agora dorme umas duas horinhas, depois dou-lhe o banho. Se a Rita quiser para a semana vem por volta das 18h, sempre o observa no banho.”

Rita: _ “Está bem.”

A mãe encosta a janela do quarto e dá um beijo na testa do Lourenço.

Mãe: _ “A Rita pode ficar aqui ou pode ir para a sala connosco. Veja como lhe dá mais jeito. Esteja à vontade.

Rita: _ “Obrigada, mas está na hora, vou andando.”

Retiramo-nos do quarto, despedi-me da avó e a Mariana acompanhou-me até á porta. Despedimo-nos.

Segunda Observação – 6-02-2008 - Quarta-feira – 16 horas

Mãe: Mariana

Pai: António

Bebé: Lourenço

Data de Nascimento: 29-12-2007

Mariana (mãe), António (pai), Lourenço (bebé)

Como tinha ficado combinado na sessão anterior, fui por volta das 18horas para poder observar a hora do banho do bebé. Cheguei e toquei à campainha. O Pai do bebé abriu-me a porta.

Pai: _ “Olá Olá, deve ser a Rita, certo?”

Rita: _ “Sim, eu mesma, boa tarde!”

Pai: _ “Entre entre, já é da casa.”

Entrei e o pai levou-me até ao quarto deles.

Pai: _ “A minha mulher está com o Lourenço no nosso quarto... ele estava a resmungar um bocado e ela foi com ele para a cadeira de balouço que lá temos, ele gosta e costuma acalmar. Por aqui.”

Quando entrei no quarto estava a Mafalda com o Lourenço ao colo e a cantar-lhe.

Pai: _ “Era mesmo a Rita.” (diz olhando para a mulher).

Rita: _ “Olá, boa tarde.” (disse em tom baixo)

Mafalda: _ “Oh Rita, entre e sente-se. Estava a ver se acalmava este rapaz... já deve estar com fome. Então como lhe correu a semana?”

Rita: _ “Correu tudo bem, obrigada!”

Disse e sentei-me num sofá ao lado da cadeira de balouço.

Pai: _ “Vida de estudante só corre bem, oh Mafalda olha essa pergunta... só festas e no tempo livre estuda-se. Até parece que não viveste essas coisas...” Diz a rir.

Mãe: _ “Vivi, mas não tanto como tu. Tu até fazias parte da Associação de Estudantes. Eras um doidivanas.”

Pai: _ “Sabes bem que vivo intensamente cada fase da minha vida!” Disse a rir.

Mãe: _ “Ai sim?! Então vive lá esta fase de pai intensamente e põe aguinha quente na banheira do teu filho.” Sorriu.

Pai: _ “Quando eu penso que te calo dás-me sempre o troco.” (Riu e piscou-me o olho. Saiu do quarto).

Mãe: _ “homens...” (e deu uma gargalhada).

Olhou para o filho e disse;

Mãe: _ “Oh meu amor vamos tomar banho? Vamos sim, que depois vais comer e já te passa essa rabuje.” O bebé estava a chorar e tinha os braços levantados como se pedisse colo.

Levantou-se da cadeira e deitou o Lourenço na cama. O bebé começou a chorar novamente.

Mãe: _ “Queres é colo, mas não pode ser. Olha para isto.... Até parece que alguém lhe fez mal... é que é um choro mesmo sentido.” (sorriu).

Ao mesmo tempo que lhe ia falando ia-lhe despindo a roupa. O bebé dificultava que a mãe o despisse porque fechava os próprios braços contra o próprio peito. A mãe teve dificuldades em lhe tirar a camisola.

Mãe: _ “Pronto filho, tanta força... estás com frio, é? vamos lá despir.”

O pai entra no quarto com a banheira e coloca-a em cima da cama.

A mãe despe o bebé e diz;

Mãe: _ “ Oh papá quer dar hoje banho ao filhote?”

Pai: _ “ Oh mamã já sabe que ainda me faz uma certa confusão dar banho ao filhote, dê-me mais um tempinho sff.. até ele ganhar mais chicha.” (riu).

Mãe: _ “ Ai estes homens... ganha peso filhote, ganha peso para o pai começar a dividir as tarefas com a mãe.” (dá uma gargalhada).

Pai: _ “ Então já fui colocar agua na banheira e tudo..”

A mãe olha para o pai e revira os olhos.

Pai: _ “ Pronto, já cá não está quem falou.”

A mãe retira por fim a fralda do bebé.

Mãe: _ “ António coloca no lixo por favor.”

Entrega a fralda ao marido e pega no bebé e coloca-o dentro da banheira. O Lourenço começa a chorar.

Mãe: _ “ Ai a aguinha está tão boa filho... não chora.”

A mãe começa a colocar água aos poucos no corpo do bebé. O Lourenço continua a chorar e dar aos braços.

O pai regressa ao quarto.

Pai: _ “ Vês porque não gosto de lhe dar banho? Primeiro parece uma enguia e depois é aflitivo... ele chora sempre.”

Mãe: _ “ Oh António e achas que não é aflitivo para mim também? Olha se também eu recusasse dar-lhe banho... como seria? Isso não é desculpa. Vamos filhote, está quase, vamos lá lavar este rabiosque.”

Vira o bebé de costas e aos poucos molha-lhe as costas e a cabeça. O bebé acalma.

Mãe: _ “ Pronto, pronto. Não custa nada.”

A mãe acaba de lhe dar banho e retira-o da banheira segurando-o debaixo dos braços.

O pai já tinha a toalha pronta e envolveu o filho na mesma. Deitaram-no na cama e a mãe começou a seca-lo.

Mãe: _ “ Oh filho tas assadinho, não estás? Mas que aborrecido. António, quando lhe mudas a fralda pões o creme?”

Pai: _ “ Confesso que as vezes só me lembro do creme quando ele já está vestido... desculpa filho.”

Mãe: _ “ Não pode ser... o creme está no cesto das fraldas, quando tiras a fralda vês o creme e não te lembras?”

Pai: _ “ Não Mariana, não é por não me lembrar, é que é tanta coisa para fazer ao mesmo tempo quando lhe troco a fralda, que as vezes não processo tudo.”

A mãe coloca creme no corpo do bebé e pó de talco antes de lhe colocar a fralda. O Lourenço começa a dar às pernas e aos braços e a mãe veste-lhe uma camisola de algodão e começa a fazer-lhe festinhas na cabeça.

Mãe: _ “ Agora que estás vestidinho já não choras.”

Veste-lhe as calças e outra camisola. Coloca-lhe água-de-colónia e penteia o bebé com uma escova.

Mãe: _ “ Ele gosta tanto que lhe penteie... acalma... acho... quando ele está com aquela rabuje do sono gosta e adormece.”

Pai: _ “ Pois, se eu quando tivesse mais stressado me penteasses também adormecia.” (ri)

Mãe: _ “ Pentear-te António? És mais careca que o teu filho...” (ri).

Levanta o bebé e envolve-o numa manta.

Mãe: _ “ Vai ao colo do pai que a mãe vai lavar as mãos e beber água que ninguém é de ferro. António... pega nele.”

Pai: _ “ Anda cá rapazão. Agora vamos ter uma conversa de homem para homem.” Senta-se na cadeira de balouço e coloca o bebé virado para si na vertical.

Pai: _ “ A mãe tanto te penteou que estás mais para lá que para cá. È melhor não adormeceres enquanto papas que é a pior coisa que lhe podes fazer.” (ri)

A mãe entra na sala;

Mãe: _ “ Vá pai dá lugar à mãe. Toca a levantar.”

Pai: _ “ Lá vem a generala... vai comer filho. E olha o que te disse.”

Dá o Lourenço à mãe e senta-se na cama. A mãe senta-se na cadeira de balouço e apoia a cabeça do bebé no seu braço esquerdo.

Mãe: _ “Passa-me aí uma fraldinha para colocar depois no meu ombro e dá-me o babete dele que ficou em cima da mesa da cozinha, sff.”

Enquanto espera, começa a fazer festinhas na cabeça e agarra-lhe na mão esquerda e dá--lhe beijinhos.

O pai entra no quarto.

Pai: _ “ Toma, mãe.”

Entrega o babete e a fralda à mãe e volta a sentar-se na cama de frente para eles os dois. A mãe coloca o babete no Lourenço sem aperta-lo atrás do pescoço. Coloca a fralda de pano sobre o seu ombro esquerdo. Afasta a manta com que o bebé estava envolvido da cara do mesmo e prepara-se para o amamentar.

Mãe: _ “ Vamos lá, está na hora.”

O bebé foge com a cara do peito da mãe e começa a querer chorar, ao mesmo tempo que com a força que faz com o corpo para se afastar da mãe, começa a ficar vermelho.

Mãe: _ “Oh Lourenço, mas então?”

A mãe tenta mais uma vez aproximar o peito da boca do bebé.

O bebé acalma e começa a mamar.

Mãe: _ “ Pronto, pronto... era pirraça filho?”

E à medida que ia falando ia-lhe batendo levemente no rabo.

O bebé começou a mamar muito depressa.

Mãe: _ “ Não querias pegar e agora ainda te sufocas... calminha, calminha... engasgas-te homem.”

Pai: _ “ Oh filho, o leite não foge. Olha para isso, parece que não come há dias.”

O Pai ao dizer estas palavras ia-se aproximando da mãe e do bebé. Parou perto deles com as mãos apoiadas na cintura;

Pai: _ “ Tão pequenino e com tanta força. Sais mesmo ao pai.. sim, porque eu para homem sou praticamente um porta-chaves.” (ri)

Mãe: _ “ Ai António... sais-te com cada uma. 1m75cm não é de uma pessoa baixa.”

Pai: _ “ Baixa, baixa não... mas sou uma meia-dose.” (ri de novo)

Mãe: _ “ O pai passou-se... só te digo filho...” (fala a rir)

O bebé engasgou-se enquanto mamava.

Mãe: _ “ Ora bem... aí está... contentinho agora? Pronto, pronto.”

Levanta o bebé e dá-lhe palmadas nas costas. O bebé deita o leite foram e começa a chorar. A mãe mantém a criança levantada e a bater-lhe nas costas com uma mão, com a outra ia fazendo-lhe festas na cabeça.

Mãe: _ “ Xiu...xiu... já passa.”

Manteve assim o Lourenço por alguns minutos. O pai permanecia em pé ao lado deles os dois.

Pai: _ “ Foste com muita sede ao pote campeão”.

A mãe volta a deitar o bebé no seu colo para dar-lhe de mamar. O bebé rejeita e recomeça a chorar.

Mãe: _ “ Oh filho tu hoje não estás nos teus dias...”

Volta a insistir e o bebé não mama novamente, virando a cabeça para o lado oposto.

Mãe: _ “ Não vou insistir... quando tiveres fome darás sinal de vida. Vamos para o berço que estás com sono.”

Pai: _ “ Dá-mo cá que coloco-o para dormir. Não é filho...anda lá.”

Pega no bebé e vai para o quarto do Lourenço.

Pai: _ “ Venha Rita.”

Levantei-me e segui-os até ao quarto.

O Pai deitou o bebé no berço. O Lourenço ainda estava a fazer alguns ruídos e a bracejar. O pai encostou-se ao berço e apoiando um braço no berço com o outro fazia festas na testa do bebé.

Pai: _ “ Xiuuu...xiuuuu...xiuuuu.” (á medida que fazia as festas)

O bebé acalmou.

O pai tapou-o e colocou o móbil a tocar...

Pai: _ “ Agora fica!” (sorri)

Rita: _ “ Está na minha hora, também vou.”

Despedi-me do pai e fui até à sala onde estava a mãe despedir-me também.

Terceira Observação – 13-02-2008 - Quarta-feira – 16 horas

Mãe: Mariana

Pai: António

Bebé: Lourenço

Data de Nascimento: 29-12-2007

Mariana (mãe), António (pai), Lourenço (bebé)

Cheguei à hora combinada. Toquei à campainha e a mãe abriu-me a porta.

Mãe: _ “Olá Rita, entre sff.”

Rita: - “ Olá, Boa tarde, tudo bem?”

Mãe: _ “ Ai, olhe... hoje não estou lá muito bem não...mas entre, entre... estou na sala a dobrar umas roupas do Lourenço e ele está no berço a dormir.”

Entramos para a sala.

O bebé estava no berço a dormir de costas e com os braços levantados encostados às orelhas.

Mãe: _ “ Sente-se Rita, fique onde lhe der mais jeito.”

A mãe sentou-se no sofá grande que se encontrava ao lado do berço. Eu sentei-me no sofá individual ao lado do sofá onde a mãe estava.

Mãe: _ “È que hoje não me sinto muito bem... tenho estado com uma dor de cabeça horrível e o Lourenço não dormiu nada de noite, por isso é que já é esta hora e ele está ferradinho.”

À medida que ia falando ia dobrando a roupa do bebé e colocava-a num cesto que se encontrava no chão.

Mãe: _ “È que isto de ser mãe é muito bonito, mas sinto falta dos meus dias imparáveis, sempre de um lado para o outro. Hoje vivo dependente de uma pessoa e ela de mim. Não é assim tão fácil como parece.”

O bebé começa a mexer-se no berço.

Mãe: _ “ Estás a acordar, filho? È melhor a mãe ir-se preparando que está na hora de comeres.”

Coloca a restante roupa dentro do cesto e levanta-se.

Mãe: _ “ Rita vou só lavar as mãos e buscar o cestinho dele com as fraldas para lhe mudar.”

Retira-se da sala.

O Lourenço começa a fazer alguns ruídos e nota-se mais agitado dentro do berço. A chupeta cai-lhe da boca e ele começa a chorar.

Do quarto ouve-se:

Mãe: _ “ Filhote a mãe vai já... está na hora está, eu sei... espera um pouquinho.”

A mãe entra na sala, com a cesta na mão. Coloca-a em cima do sofá grande e dirige-se ao berço. Levanta o bebé e vira-o de costas para si, encostando as costas do bebé ao seu peito.

Aproximam-se do meu sofá e a mãe diz;

Mãe: _ “Oh filho já disseste adeus á Rita hoje? Olá Rita, vou papar.”

Sorrio.

Dirige-se ao sofá e senta-se. Coloca o bebé deitado no seu colo e diz:

Mãe: _ “ Não pareces ter cocó por isso vamos comer e depois a mãe muda-te a fralda, parece-te bem?”

Dá-lhe um beijinho na testa e prepara-se para dar-lhe de mamar.

Coloca o bebé a mamar no peito esquerdo. Enquanto o bebé mamava a mãe ia trauteando uma cantiga.

Mãe: _ “A minha mãe contou-me que enquanto me dava de mamar e até mesmo quando passei para as papas e as sopas, me cantava sempre esta canção “A Rosinha dos Limões”, e eu nunca mais me esqueci da letra. Agora dou por mim a fazer o mesmo.”

Contava-me em tom baixo.

Enquanto o Lourenço mamava a mãe ia mexendo-lhe nos pés e na mão direita do bebé, até que este agarra-lhe o dedo indicador com a sua mão direita e assim se mantém até ao fim.

Mãe: _ “ Estavas com tanta fome... nem é costume ele magoar-me quando mama, mas hoje com a força, até me custou mais.”

O pai chega a casa. Ouve-se a porta a fechar;

Pai: _ “ Cucu!! Filhoteeeee..... se a hora não me falha estás a papar...”

A Mãe ri.

Mãe: _ “Olha bebé, olha quem lá vem! Estamos na sala António.”

O pai entra na sala.

Pai: _ “ Allo, allo pessoal! Estás a mamar filho? Grande vida!”

Aproxima-se da esposa e do filho. Dá um beijo a ela e uma festa na cabeça do bebé.

Pai: _ “Olá Rita, está boa?”

Rita: _ “ Bem, obrigada!”

Mãe: _ “ Como correu o dia?”

Pai: _ “Não muito diferente dos outros. O mesmo stress, as mesmas preocupações... Mas já entrei em casa e isso fica tudo lá fora, não é oh glutão?”

Senta-se ao lado da esposa no sofá.

Pai: _ “ Como é que ele esteve?”

Mãe: _ “ Não dormiu nada de noite, de dia dormiu por dois, só acordou há pouco para mamar”

O pai mantinha-se a fazer festas na cabeça do bebé e assobiava-lhe.

A mãe levanta o bebé e passa para o outro peito.

Mãe: _ “ Está a magoar-me muito, vou trocar.”

Pai: _ “Ah leão!” e dá uma gargalhada.

Mãe: _ “ António! Tu e os teus comentários.”

Pai: _ “Oh mamã desculpe lá, sim?”

A mãe abana a cabeça.

O bebé entretanto para de mamar.

Mãe: _ “ Lourenço amor... como é? Não queres mais?”

E faz-lhe festas n bochecha enquanto o diz.

Pai: _ “ Olha, ele está a fazer força. Deve estar a fazer cocó.”

Mãe: _ “ È natural, quando começou a mamar nem lhe troquei a fralda porque não tinha feito.”

A mãe levanta o bebé.

Pai: _ “ Deixa que eu agora coloco-o a arrotar.”

A mãe dá o bebé ao pai. Este levanta-o na vertical e encosta-o ao seu peito.

Pai: _ “ Vamos lá campeão!”

A mãe levanta-se e vai lá dentro.

O pai mantém o bebé nesta posição e levanta-se. Vai com ele até à janela da sala e volta. O bebé mantém-se sossegado ao colo do pai.

A mãe chega à sala.

Mãe: _ “ Olha traz o Lourenço para lhe mudar a fralda, ou então melhor, muda-lhe a fralda, que tal?”

Pai: _ “São as regalias de ser pai, mudar fraldas com cocó.” Ri.

Leva o Lourenço até ao sofá e deita-o em cima de uma base de pano própria para se mudar fraldas. O pai coloca-se de joelhos no chão em frente ao bebé. Arregaça as mangas, bate palmas e diz.

Pai: _ “ Vamos à operação.”

A mãe manteve-se em pé ao lado do sofá.

Mãe: _ “Toma, põe aí ao teu lado a fralda e as tolhitas.”

O pai agarrou nas coisas e colocou em cima do sofá ao lado do bebé.

Despe o Lourenço até á cintura e retira-lhe a fralda. O bebé agita braços e pernas.

Pai: _ “Toma mãe, um presente.”

E dá a fralda á mãe.

A mãe pega na fralda e leva-a até ao caixote das fraldas que fica no quarto.

O pai limpa o bebé com as tolhitas, coloca creme e por fim a fralda. O Lourenço manteve-se calmo e agarrado a uma fralda de pano que estava perto da cara do mesmo.

Pai: _ “Vês, nem chorou nem nada.”

A mãe entra na sala.

Mãe: _ “ Já está?”

Pai: _ “Operação Relâmpago concluída.”

Mãe: _ “Olha que bem! Nem sei porque não fazes isto mais vezes.” Ri.

O bebé mantém-se deitado no sofá de barriga para cima. O pai senta-se no chão e fica virado para o bebé e brinca com ele.

Tapa-lhe a cabeça com a fralda e retira-a ao mesmo tempo, brinca com os dedos do bebé à espera que ele os aperte e dá-lhe beijinhos na barriga.

A mãe por sua vez arruma o berço do bebé que se encontrava na sala.

Coloca lá dentro alguns bonecos e arranja os lençóis e a manta.

Pai: _ “ Devíamos ter-lhe dado banho antes. Não? É que ele agora adormece e depois acorda já de noite com fome.”

Mãe: _ “ Ele agora se dormir, é só meia hora quanto muito... passou o dia todo a dormir por não ter dormido nada de jeito de noite... antes da próxima mamada damos-lhe banho.”

Mãe: _ “ Olha sábado estava a pensar em convidar os nossos pais e almoçávamos cá todos, que te parece? Fazíamos um churrasco que teme estado tão agradável”

Pai: _ “ Acho lindamente, assim sempre vêm o Lourenço que durante a semana nunca estamos todos juntos.”

Mãe: _ “ Então logo já lhes ligamos.”

O pai continuava de volta do Lourenço que aos poucos ia fechando os olhos.

Pai: _ “Oh filho não adormeças... o pai quer brincar.”

Mãe: _ “Oh António... a criança aqui é ele. (ri) e não o forces a ficar acordado senão logo quando tiver que comer estará a dormir.”

O pai levanta o bebé do sofá e vai deita-lo no berço.

A mãe senta-se no sofá a ler o jornal.

Rita: _ “Pronto, está na hora! Vou andando.”

Mãe: _ “ Já passou o tempo? Cada dia parece mais rápido.”

O pai e A mãe levaram-me até á porta e despedimo-nos.

Quarta Observação – 20-03-2008 – Quarta-feira – 16 horas

Mãe: Mariana

Pai: António

Bebé: Lourenço

Data de Nascimento: 29-12-2008

Mariana (mãe), António (pai), Lourenço (bebé)

Toquei à campainha à hora marcada.

A mãe abriu a porta.

Mãe: _ “Olá Rita! Está tudo bem?”

Rita: _ “ Boa tarde! Tudo bem, obrigada:”

Mãe: _ “ Entre, já conhece os cantos à casa. Eles estão aí na sala.”

Entrei até à sala. Estava pai e filho deitados no chão sobre um grande edredon.

Rita: _ “ Boa tarde!”

Pai: _ “ Olá olá! Está boa? Quer juntar-se ao piquenique?” Sorriu.

Entrei e sentei-me no sofá individual.

O bebé estava deitado de costas a dar aos braços e às pernas e com os olhos muito abertos, ao mesmo tempo que ameaçava chorar. O pai encontrava-se a seu lado com a cabeça apoiada no seu braço esquerdo e com a outra mão a fazer festas na barriga do bebé.

A mãe entra na sala e senta-se no sofá maior.

Mãe: _ “ Têm estado assim desde a hora de almoço. O Lourenço ainda nem dormiu. Numa agitação só.”

Pai: _ “ È a Primavera, não é filho? As pessoas nesta altura acordam para a vida, qual dormir qual quê.”

Mãe: _ “ Espero que pelo menos durante a noite essa teoria não se mantenha, senão não há descanso para ninguém.”

Pai: _ “ Olha vamos dar-lhe banho e depois ele come e ainda aproveitamos para irmos dar uma volta ao jardim... boa? Ele também tem que apanhar sol. Sempre aqui...”

Mãe: _ “ Está bem! Já que está acordado damos-lhe o banho mais cedo, está bem!”

A mãe levantou-se do sofá. O pai levanta-se também do chão e agarra no bebé.

Mãe: _ “ Venha Rita, vamos dar-lhe banho no quarto dele.”

O pai levanta o bebé ao ar.

Pai: _ “ Vamos à banhoca, vamos à banhoca!”

Seguimos até ao quarto.

O pai deita o bebé no berço. A mãe dirige-se ao armário e retira uma toalha, e as roupas do bebé. Coloca tudo no sofá junto á banheira.

O pai retira a banheira do móvel próprio e leva-a a até à casa de banho.

A mãe levanta o bebé do berço e deita-o no fraldário.

Mãe: _ “ Vamos despir e aguinha... ai que bommm!!”

Começa a despir o bebé. Este mantém-se sem chorar mas demonstra estar mais agitado, esbracejando e levantado as pernas.

Mãe: _ “ È bom, pois é filho? E viva a liberdade.”

O pai chega com a banheira e coloca-a no móvel da mesma.

Pai: _ “ Eu acho que a água está boa. Pelo menos coloquei o termómetro e parece-me bem.”

A mãe coloca a mão na água.

Mãe: _ “ Está óptima! Dás-lhe banho?”

Pai: _ “ Dou sim!”

O pai levanta o bebé do fraldário e agarrando o bebé debaixo dos braços começa por introduzir primeiro os pés do bebé na água.

O bebé ameaça chorar.

Pai: _ “Lourenço, vá lá... colabora com o papá.”

Aos poucos coloca o corpo do bebé na água. A cabeça do bebé fica apoiada no braço esquerdo do pai e com a mão direita, o pai, aos poucos, vai colocando água no corpo do Lourenço.

A mãe mantém-se ao lado da banheira, já com o frasco do champô na mão.

O pai estica a mão e a mãe coloca-lhe champô na mesma.

O pai começa a lavar a cabeça do bebé e o corpo também.

Quando começa a retirar a espuma, passa com água na cara do Lourenço. Este deita a língua de fora.

Pai: _ “Aguinha boa não é filho...”

Vira o bebé de costas e lava-lhe a parte de trás do corpo. Aqui o bebé começa a chorar.

Pai: _ “Estas desconfortável, não é?”

O pai lava o bebé.

Pai: _ “Já está!”

A mãe já tinha a toalha nas mãos aberta.

O pai levanta o Lourenço da banheira e coloca-o na toalha que a mãe tinha. Passando a mãe a agarrar o Lourenço.

Mãe: _ “Muito bem papá!”

A mãe dá um beijinho na cabeça do filho e deita-o no fraldário onde o limpa.

O pai retira a banheira do móvel e vai até à casa de banho deitar a água fora.

A mãe limpa o bebé.

Mãe: _ “Oh meu redondinho! Estás mais gordinho filho!”

Coloca-lhe a fralda e para tal levanta-lhe os pés com uma só mão enquanto a outra coloca a fralda debaixo do rabo do bebé. Enquanto o faz deixa cair um pé do Lourenço.

Mãe: _ “Ai desculpa filho, as tuas pernas já estão tão gordinhas que a mãe já nem as consegue agarrar só com uma mão... é bom sinal, não é?”

Coloca creme no corpo do bebé e na cara.

Quando o faz na cara o bebé começa a virar a cabeça.

Mãe: _ “Eu sei que não gostas, mas faz bem Lourenço!”

O pai entra no quarto.

Pai: _ “Ai a pôr creme! Pronto, outro metrossexual para o futuro. Habituas o rapaz a essas coisas.” Ri.

Mãe: _ “ Olha quem fala... Logo tu! Queres comparar o meu armário dos cremes com o teu? Se eu fosse vende-los todos, dava para comprar as fraldas para todo o ano.”

Pai: _ “ Sabes que casares com o homem mais bonito do mundo, tem os seus custos.” Dá uma gargalhada.

Mãe: _ “ Ai oh Rita, já viu bem isto? Olha filho... que pelo menos na modéstia saias à mãe!”

Pai: _ “ Não senhor! Que o bom gosto saia à mãe, mas que tenhas o feitio do pai.”

Volta a rir

Mãe: _ “ Oh Senhor, tenha pena de mim...”

Retira a roupa do bebé que estava em cima do sofá. Veste as calças, a camisa e por fim as meias.

O pai retira do armário uns ténis.

Pai: _ “ Calça-lhe estes!”

Coloca os ténis e levanta o bebé.

Mãe: _ “ Upa! Já está!”

O pai pega no bebé e começa a penteá-lo com uma escova. Vai à cómoda e coloca perfume no bebé.

Pai: _ “ Agora sim! Irresistível.” Ri.

A mãe sorri.

Mãe: _ “ Agora está na hora de ele comer. Vou-lhe dar o biberão hoje. Vou tratar disso.”

A mãe retirou-se para a cozinha.

Pai: _ “ Venha Rita, vamos para a sala.”

Na sala o pai deitou o bebé no sofá. O Lourenço começou a chorar.

Pai: _ “ Oh Diabo! Fominha a quanto obrigas. Vai já filho...”

Levanta o bebé e começa a embala-lo ao colo dando-lhe palmadas no rabo.

Pai: _ “ Toma a Chuchu, toma lá.”

Dá-lhe a chucha. Durante alguns instantes o bebé para de chorar, mas rápidamente recomeça.

Pai: _ “ Pois não sai leitinho, não é? Está quase.”

A mãe entra na sala.

Mãe: _ “ Ai pronto pronto que tem muita fome...”

Pai: _ “ Deixa que eu dou-lhe!”

Sentou-se no sofá.

A mãe colocou uma babete no filho e deu o beberão ao pai.

Mãe: _ “ Não inclines muito senão engasga-se.”

O pai deu o leite ao Lourenço em silêncio, sempre a olhar para o filho. À medida que o fazia ia sorrindo.

A mãe manteve-se na sala até o bebé começar a mamar. Depois retirou-se.

O bebé bebeu o leite rapidamente.

Pai: _ “ Caramba que isso é que era ter fome!”

Coloca o biberão em cima da mesa de apoio que se encontra em frente ao sofá. Limpa a boca do bebé com o babete e levanta o Lourenço.

Pai: _ “ Toca a arrotar.”

Mãe: _ “Já está? Tinha fominha tinha.”

A mãe chega perto do bebé e aperta-lhe a perna.

Mãe: _ “Olha para esta perna boa! Mordia-te todo!”

Senta-se no sofá ao lado do marido e do bebé.

Rita: _ “ Bem, está na hora! E como esta é a ultima sessão e em forma de agradecimento, trouxe uma lembrança ao Lourenço.”

Mãe: _ “Oh Rita que disparate! Foi gastar dinheiro connosco. Olha aqui filho, uma prenda para ti, vamos abrir?”

A mãe abriu o embrulho, era um boné.

Mãe: _ “ Ai um boné quase em miniatura! Que piada, parece um homem já! Adorei Rita, muito obrigada.” Riu.

Pai: _ “ Nem é tarde nem é cedo! Então não vamos passear agora? Vais já estreá-lo.”

Coloca o boné no Lourenço e riem os dois.

Despeço-me. Levam-me os três até à porta.

Pai: _ “ Diz adeus á Rita Lourenço.” Levanta a mão do bebé e faz adeus.

Mãe: _ “ Apareça sempre que quiser, e se precisar de mais alguma coisa já sabe!”

Despedimo-nos todos com um beijinho e saí.

ANEXO H**Primeira Observação – 07-03-2008 – Quinta-feira - 11.30 horas**

Mãe: Mafalda

Pai: Bernardo

Bebé: Matilde

Data de Nascimento: 7-2-2008

Constança (empregada), Mafalda (mãe), Bernardo (pai), Matilde (bebé)

Dirijo-me a uma vivenda onde mora a mãe, o pai, a Matilde e uma irmã desta mais velha de 6 anos. Toco á campainha. Uma senhora idosa abre-me a porta.

Senhora: -“ Sim, sff?”

Rita: _ “ Bom dia, sou a Rita, já falei com a Mafalda, ela está à minha espera.”

Senhora: _ “Com certeza, entre sff.”

Entrei e a senhora diz:

Senhora: _ “ A Dona Mafalda está na salinha com a menina Matilde, queira entrar sff.”

Rita: _ “Obrigada, com licença.”

Entro na sala e encontro a mãe numa cadeira de baloiço com a bebé ao colo dentro de um “canguru”.

Senhora: _ “ Menina, está aqui a menina Rita.”

Mafalda: _ “Sim, com certeza, faça favor de entrar Rita.”

Levanta-se da cadeira, com a Matilde ao colo e cumprimenta-me com dois beijinhos.

Mafalda: _ “ Olhe apresento-lhe a minha Matilde.”

Faço-lhe uma festinha na cara.

Rita: _ “ Olá Matilde!”

Mafalda: _ “ Matilde olhe a Rita, veio aqui exclusivamente para a ver, já viu? Mas como está a ficar famosa. (sorri) Mas sente-se por favor. Posso oferecer-lhe alguma coisa, um chá um café?”

Rita: _ “ Não obrigada, estou bem.”

Mafalda volta a sentar-se na cadeira de baloiço com a bebé ao colo. Eu sento-me num sofá em frente a ambas.

Mafalda: _ “ Então deu bem com a moradia, não foi? Ai que bom, estava preocupada se não se perderia, até tinha o telemóvel perto de mim caso ligasse a pedir indicações.”

Rita: _ “ Sim, dei bastante bem com o caminho.”

Mafalda: _ “ Olhe estava aqui a embalar a bebé, estava a fazer birrinha e nada melhor como o balanço da cadeira para passar.”

A Matilde encontrava-se acordada e a fazer alguns ruídos. Esbracejava dentro do “canguru”.

Mafalda: _ “ A menina não pára. Está eléctrica, mas que coisa. (disse a olhar para a bebé). Mas o que é que eu lhe faço? Diga lá á mãe. Hum? (á medida que ia dando toques na ponta do nariz da bebé com o dedo indicador esquerdo.) Constança? Constança, por favor pode chegar aqui?”

Passados segundos entra a empregada.

Constança: _ “ Sim menina, pois não?”

Mafalda: _ “ Ai ponha-me a “piquena” no berço lá no quartinho sff. Estou com uma dor de cabeça infernal. E chame o Bernardo que está no jardim para olhar por ela. Se não se importa Rita, vou me retirar uns minutinhos. Só o tempo de me deitar e esta enxaqueca passar.”

Constança pega na Matilde e sorri-lhe.

Mafalda: _ “ Rita pode ir com a Constança e esteja á vontade lá no quarto da bebé.”

Rita: _ “ Está bem, obrigada.”

Constança: _ “ Venha menina, por aqui.”

Segui a Constança ate ao quarto. A Constança retira o “canguru” e deita a bebé no berço, coberta pelos lençóis e por um endredon em miniatura. A Matilde encontra-se sossegada mas desperta, sempre com os braços a mexer.

Constança: _ “Vou chamar o menino Bernardo. Com licença.”

Saiu do quarto, restando eu e a bebé. Mantive-me ao lado do berço da Matilde, olhei para ela e continuava a esbracejar, com os olhos abertos.

Passados alguns minutos entra o pai.

Pai: _ “ Se a mãe chamou está chamado, e ai se eu não vier. (dá uma gargalhada) Desculpe, deve ser a Rita, não?”

Rita: _ “ Sim, sou. Bom dia.”

Pai: _ “ Olá Rita, sou o pai desta endiabrada. (E vai até ao berço). Mas oh rapariga, tu não dormes? O “João Pestana” não quer nada contigo estou a ver. Mas a quem é que tu sairás. À mamã não é!” (ri).

A Matilde começa a chorar.

Pai: _ “Lá vem o melhor despertador dos últimos tempos. (sorri). Queres que te dê musica? (coloca um cd de musica clássica, numa aparelhagem que se encontrava em cima da cómoda do quarto). Costuma resultar. È... a minha menina tem gostos muito finos.” (ri)

A Matilde continua num choro cada vez mais forte.

Pai: _ “ Pronto meu amor, a mamã lá diz que esta musica te acalma, mas se até a mim me enerva como é que tu podias acalmar. Ahhh... Vamos lá desligar esta coisa. (desliga a aparelhagem, volta ao berço e pega na Matilde ao colo.) Hum... e agora uma manta para te enrolarmos, onde está? (olha para todo o lado e apenas vê o “canguru”). Ai, invenções da minha mulher, a criança dentro daquilo parece que está dentro de um saco de batatas, vamos é procurar a mantinha. (abre o armário e retira uma manta. Envolve a bebé na manta com todo o cuidado e mantém-se com a Matilde ao colo. Esta já sossegada e a fechar os olhos). Estás com soninho, caturra... estás, estás. (senta-se no sofá do quarto com a bebé, começa a fazer-lhe festas na cabeça e a olhar para ela. Mantém-se assim por longos minutos.)

Constança: _ “ Menino? (diz baixinho ao entrar no quarto) precisa de alguma coisa?”

Pai: _ “ Rita, apresento-lhe o meu anjo da guarda. (sorri) Preciso sim meu amor... fechas um pouco as portadas da janela que a nossa menina vai dormir uma grande sesta.”

Constança: _ “ Ai que bom que ela já dorme, tem estado tão agitada hoje.” (e dirige-se á janela para a fechar”

O pai levanta-se e coloca a Matilde no berço, deitada de lado. A bebé mantém-se a dormir.

Pai: _ “ Pronto... vou ligar o halki toki, como eu lhe chamo, assim se chorares o pai ouve-te. (dá-lhe um beijinho na testa.) Rita, vou lá para fora, mas se quiser ficar esteja à vontade, se precisar de alguma coisa peça à Constança.”

Rita: _ “ Também vou indo, depois ligo á sua esposa para combinar a próxima sessão.”

Pai: _ “Sim, esteja á vontade, ligue-lhe que o telemóvel não sai do pé dela. Com enxaqueca ou sem ela, nunca o larga. (sorri) Constança, levas a Rita até á porta?”

Constança acenou que sim e sorriu.

Rita: _ “Adeus, bom dia.”

Pai: _ “Eu também vou sair, dorme filha dorme. Adeus Rita e desculpe qualquer coisa.”

Sorri e saí.

Segunda Observação – 14-03-2008 – Sexta-feira - 11.30 horas

Mãe: Mafalda

Pai: Bernardo

Bebé: Matilde

Data de Nascimento: 7-02-2008

Constança (empregada), Mafalda (mãe), Maria (bebé)

Liguei à Mafalda para confirmar o dia da segunda sessão. Ficou confirmado para o mesmo dia da semana e à mesma hora da sessão anterior.

Nesse dia dirigi-me a casa da Matilde. Toquei à campainha, uma vez que o portão estava fechado.

Mafalda: _ “Sim, Rita estou a vê-la, vou já abrir.”

Rita: _ “Obrigada.”

Abriu o portão e dirigi-me até à porta que também já estava aberta. A Mafalda estava lá à minha espera.

Mafalda: _ “Bom dia!” (dirigiu-se a mim e deu-me dois beijinhos.)

Rita: - “Olá, como está?”

Mafalda: _ “Hoje muito melhor. Ai desculpe lá o incidente do outro dia, mas não estava a suportar as dores. Entre, entre.”

Sigo-a até ao quarto da Matilde. Estava a bebé deitada no carrinho, envolvida numa manta.

Mafalda: _ “Matilde, olhe quem chegou! (dirigindo-se ao carrinho). Sabe, fomos passear ali no jardim, apanhar o sol da manhã, que não faz mal à pele. Rugas é que não, não acha Matilde?” Levanta a bebé do carrinho. Eleva a bebé ao ar e esta bolsa para cima da mãe.

Mafalda: _ “Ai que já não se pode brincar consigo, assim é que me paga eu ter ido passeá-la lá fora? Sua má. (deita a bebé no berço e primeiro limpa-se a ela mesma com uma toalhita que retira da gaveta da cómoda). Olhe para isto... Acha bem? Constança? Constança, venha aqui.”

A Constança chega pouco depois.

Constança: _ “Diga lá menina?”

Mafalda: _ “Já viu bem, então não é que ela me bolsou toda! Limpe-a lá sff e veja se é preciso mudar-lhe a fralda. Já me cheira mal por todo o lado.”

Constança aproxima-se do berço e olha para a Matilde. Dirige-se à cómoda e retira as toalhitas e limpa a cara da bebé que se mantinha no berço a chorar.)

Constança: _ “ Oh menina Mafalda, colocou a menina Matilde a arrotar depois de lhe ter dado o biberão?” (diz enquanto levanta a bebé do berço e tenta acalma-la).

Mafalda: _ “ Olhe, às tantas não. A Guida ligou e distraiu-me por completo.”

Constança: _ “Então é claro que a menina Matilde tinha que bolsar. Depois desta, de certeza que já não se esquece mais nenhuma vez.”

Mafalda: _ “ Enquanto eu me lembrar disto dê a Constança o biberão, que desagradável. Vou limpar-me em condições, já volto.” (retira-se do quarto).

Constança: _ “ Ele há coisas, oh minha querida! (diz, olhando para a bebé). “Se a sua mana sobreviveu a menina também, não se preocupe.” (diz a sorrir e a olhar para a bebé enquanto a embalava. A bebé já se encontrava calma, mas desperta. Coloca a bebé deitada no fraldário para lhe trocar a fralda. Tira-lhe o fatinho e por sua vez a fralda). “Tem xixi, também deve ter apanhado um susto com a sua mãe, não foi?” (ri. Retira uma fralda da gaveta do fraldário juntamente com as toalhitas e o creme. Faz a higiene da bebé e volta a vesti-la). “Como nova, minha querida!” (envolve-a na manta e deita-a no berço. A Matilde estava sossegada, mas sempre de olhos abertos e a seguir os movimentos da Constança. Esta tapa-a com o pequeno edredon e liga a caixinha de música que se encontrava em cima da cómoda). “Menina Rita, vou lá dentro aos meus afazeres, deixe-se estar á vontade, qualquer coisa chame-me.”

Acenei e sorri.

Mantive-me em pé ao lado do berço da Matilde. A bebé dava aos braços ao mesmo tempo que se espreguiçava e sorria.

A mãe de Matilde entra no quarto.”

Mafalda: _ “ Pronto, já estou em condições, e a Matilde está limpinha já? (dirige-se ao berço e olha para a filha que estava a sorrir). “ Está a rir a menina? Até parece que sabe que fez uma maldade e deixou a mãe naquela situação. Mas que espertinha”. (Senta-se no sofá que estava ao lado do berço: “Rita, não se quer sentar, sente-se.” (apontando para o sofá ao lado do seu).

Dirigi-me para o sofá, onde me sentei.

Mafalda: _ “Sabe a Maria já tem 6 anos, e um 2º filho não estava minimamente nos meus planos. A Matilde não foi planeada. Já tenho dificuldade em voltar a estes hábitos. Se bem que com a Maria foi diferente. A Constança é que a criou, que na altura eu trabalhava.” (faz uma pausa e retoma) “Oh... O que estou eu a dizer... a Constança na verdade acaba por criar esta também. Mora connosco desde que eu nasci, saiu de casa dos meus pais onde trabalhava

para vir trabalhar para aqui... para ajudar-me com a Maria, como é normal, e aqui se mantêm... Ah mas Graças a deus que horror, não me imagino sem ela.”

Faz uma pausa levanta-se e olha pela janela.

Mafalda: _ “ Já viu este tempo? Eu a querer passar o fim-de-semana lá em baixo mas assim não há quem tire o meu marido de cá. Que aborrecimento... Matilde, a menina ta viva? (e olha para o berço, caminha em direcção ao mesmo e apoia os braços nas grades do berço e mantêm-se a olhar para a Maria. A bebé começa a chorar e a mãe diz):

Mafalda: _ “ Ai a menina hoje está impossível! Pu-la neste mundo, sofri horrores e é assim que me agradece? Vá sossegue, sossegue... comeu, a Constança trocou a fralda... que quer afinal?” (levanta a bebé do berço e embala-a. Coloca-se á janela com a bebé e faz):

Mafalda: _ “ Xiu... vá xiu...” (pegou na chucha que estava dentro do berço e deu á Matilde. Esta acalma e começa a fechar os olhos). “Ah... é sono... durma, vá durma...” (continua a embala-la e Constança entra no quarto).

Constança: _ “ Menina Mafalda, coloque a mantinha na menina Matilde, não vê que arrefece?”

Mafalda: _ “ Passe cá a manta então...”

Constança deu-lhe a manta e ajudou a envolve-la na mantinha.

Constança: _ “ Agora se a mantiver assim quentinha e embalada vai ver que adormece num instante.”

Mafalda: _ “Ah mas que durma mesmo, vou almoçar com a Guida, a Constança depois olhe pela “piquena” sff.”

Constança: _ “Claro menina, mas e a menina Maria? Quem a vai buscar hoje? ”

Mafalda: _ “ Ligue ao menino Bernardo, ele trata disso.”

Constança: _ “ Com certeza.”

Constança retirou-se do quarto e Mafalda continuou a embalar a Matilde que acabou por adormecer passados alguns minutos. Durante esse tempo a mãe manteve-se a olhar pela janela com a bebé ao colo, só olhando para a bebé quando esta fazia algum ruído).

Mafalda: _ “ Ai adormeceu.” (deitou a bebé no berço). “Rita se não se importa vou arranjar-me está bem? Fique à vontade.”

Rita: _ “ Está bem obrigada, mais um pouco também saio.”

Mafalda: _ “ Então se já não a vir, até para a semana.”

Rita: _ “ Sim, até para a semana.”

Retirou-se do quarto não olhando mais para a Matilde. Levantei-me e coloquei-me ao lado do berço.

A bebé mantinha-se a dormir, fazendo alguns ruídos e por vezes estremeçando os braços. A Constança volta a entrar no quarto.

Constança: _ “A menina Mafalda já saiu?” (pergunta-me).

Rita: _ “Já sim, mesmo agora”.

Constança vai até ao berço e espreita a bebé, vê que adormeceu e sorri.

Constança: _ “ Para a semana, a menina Rita vem mais cedo e ainda vê a Menina Mafalda a dar-lhe banho. È logo pela manhã”. (sorriu-me).

Rita: _ “ Está bem, depois ligo para combinar com a Mafalda.”

Constança: _ “ Sim combine, a menina Matilde adora o banho, é um regalo vê-la na água. Quando chegar o verão estou ansiosa por vê-la li na piscina.” (dá uma gargalhada contida para não fazer barulho).

Sorrio.

Rita: _ “Vou andando então, está na minha hora.”

Constança: _ “ Está bem, venha menina que eu acompanho-a.”

Saí primeiro do quarto e Constança foi comigo ate á porta.

Rita: _ “ Bom dia então, até para a semana.”

Constança: _ “ Adeus menina, vá com Deus.”

Terceira Observação - 21_03_2008 – Sexta-feira - 10 horas

Mãe: Mafalda

Pai: Bernardo

Bebé: Matilde

Data de Nascimento: 4-12-2006

Constança (empregada), Bernardo (pai), Matilde (bebé)

Durante a semana liguei à Mafalda para saber se poderia ir mais cedo, para poder assistir à hora do banho da Matilde. A Mafalda concordou logo e disse para ir então por volta das 10 horas. Assim foi.

A essa hora cheguei a casa da Matilde e toquei à campainha.

Constança: _ “Sim?”

Rita: _ “È a Rita.”

Constança: _ “Entre menina.”

Entrei e fui até à porta da casa onde já estava a Constança à minha espera.

Rita: _ “Olá, bom dia!”

Constança: _ “Bom dia Menina, como tem passado?”

Rita: _ “Bem, obrigada.”

Constança: _ “Entre, entre. O menino Bernardo está no quarto com a menina Matilde. È que a menina Mafalda ainda não se levantou. Venha.”

Levou-me até ao quarto da bebé, onde estava o pai com ela ao colo e sentado no braço do sofá.

Rita: _ “Bom dia!”

Pai: _ “Olá, bom dia. Estás boa?”

Rita: _ “Tudo bem, obrigada.”

Pai: _ “Então hoje veio ver esta patinha a tomar banho. Trouxe gabardina, certo? È que esta rapariga deixa mais água fora da banheira que lá dentro.”

Constança sorriu.

Constança: _ “È um regalo vê-la lá dentro. Já a menina Maria não gostava do banho.”

Pai: _ “A Maria é de sequeiro, já na praia, nunca vai à água... mas areia é lá com ela. Ora muito bem, vamos lá lavar-te, oh piolho eléctrico.”

Constança: _ “ Vou buscar a banheira com a água já quente que está na casa de banho. Com licença.”

Pai: _ “ E nós vamos despír a Matilde e vais chorar, querem ver como eu sei.”

À medida que lhe ia tirando a roupa, a Matilde começou a fazer alguns ruídos e a bracejar. Ia comprimindo cada vez mais o corpo, ficando cada vez mais tensa. Quando o pai lhe retirou a fralda, chorou.

Pai: _ “Queres ver entras na água e já não haver lágrimas para ninguém. Que mãe que tu me saíste.”

A Constança entra no quarto com a banheira que a coloca em cima de um suporte próprio para a mesma que se encontrava ao lado do fraldário.

Pai: _ “Ora cá vamos nós.”

Levanta a bebé, agarrando-a debaixo dos braços e colocou primeiro os seus pés na banheira.

Pai: - “ Que tal a água?”

A bebé começou a dar aos pés e a abrir muito os olhos.

Pai: _ “ Se não choras é sinal que está boa, não é? Então vamos lá molhar esse rabo e essas pernas.”

Devagarinho, foi colocando o corpo da bebé, dentro da água. O corpo da bebé encontrava-se sempre apoiado no braço esquerdo do pai, enquanto que com o braço direito o pai ia molhando o peito e a cara da bebé. A Matilde encontrava-se muito agitada e com os olhos muito abertos, á medida que ia fazendo uns ruídos.

Pai: _ “ Que festa! Minha querida passas-me o champô dela, sff?” (dirigindo-se para a Constança).

A Constança foi ao fraldário, de onde tira o champô e uma pequena esponja de dentro da gaveta.

Constança: _ “ Aqui menino.”

Pai: _ “ Coloca-me só champô na minha mão, não preciso da esponja.”

Assim Constança o fez.

Pai: _ “ Eu sei que estes produtos não fazem mal aos olhos, mas não queremos que entre nada nessas azeitonas, pois não.”

E muito devagar e com cuidado lavou a cabeça da bebé, assim como a cara da mesma. Virou-a de costas e lavou o resto do corpo).

Pai: _ “ Ah, mas que extraordinário. Não perdi a pratica. È o primeiro banho que te dou filha.”

Constança: _ “ Pois, olhe que saiu-se muito bem!” (sorriu).

O pai retira a bebé da banheira e coloca-a em cima da cama onde se encontrava a toalha. Envolve a Matilde na toalha e começa a limpa-la com cuidado.

Pai: _ “ E o que é que a madame vai vestir hoje? Ah, mais vai ter que ser uma roupa toda gira, que vai sair com o pai até à hora de almoço.”

A Constança retirou do fraldário a fralda e o creme e colocou-os em cima da cama perto da bebé.

O pai colocou-lhe a fralda. Envolveu a Matilde numa manta enquanto se dirigiu ao roupeiro. A bebé mantinha-se agitada mas sem chorar. Enquanto o pai foi ao roupeiro a Constança sentou-se na cama aconchegando a bebé na manta.

Pai: _ “ Ai, mas isto existe?” (deu uma gargalhada)

Virou-se e mostrou-nos num cabide, uma camisola de gola alta rosa com uma saia às pregas, ambas minúsculas.

A Constança riu.

Constança: _ “ Ainda não estreou, menino”.

Pai: _ “ Ai não? Pois é hoje.”

Dirigiu-se à cama, a Constança levantou-se dando-lhe o lugar. O pai senta-se e começa a vestir a bebé. Enquanto lhe vestia a camisola de gola alta a bebé chora.

Pai: _ “ È para veres como as mulheres sofrem para ficarem bonitas, tens que começar a aprender.” (sorriu). “Pronto filha está quase, já passa.”

Após lhe ter vestido a camisola a bebé continua a chorar. O pai estica o braço até à mesa de cabeceira de onde retira a chucha e coloca na bebé. A Matilde acalmou.

O pai termina de a vestir e levanta-a da cama. O pai ri.

Pai: _ “No meu tempo também haviam estas coisas todas.” (sorri) “ Agora não há para aí nenhuma fita, Constança? Que com este pé de cabelo...” (dá uma gargalhada, talvez por a bebé ser completamente careca.)

Constança: _ “Aqui tem.”

Mostra uma fita também rosa que tinha retirado de uma caixa que estava em cima da cómoda.

Pai: _ “ Oh meu amor, não quero, não gosto de ver fitas nas bebés, parece que ficam com o cérebro todo comprimido. Se calhar quando a tua mãe era bebé, puseram-lhe muitas fitas.” (ri, olhando para a filha).

Constança: _ “ Menino...” (diz-lhe em tom de aviso, mas com um sorriso nos lábios).

Pai: _ “Deixa-te de coisas, que também achaste piada.”

Acabam por se rirem os dois.

Envolve a bebé na manta novamente e coloca-a no berço.

Constança: _ “Agora tem que beber o leitinho, não é meu amor.” (a Constança encontrava-se perto do berço e a fazer uma festa na cabeça da Matilde.)

Pai: _ “Constança dá-lhe o leite? Vou telefonar para o escritório, que hoje só vou de tarde. Depois vou com a Matilde até á rua. Sempre em casa, sempre em casa... até me aflige.”

Constança: _ “Vá lá descansado. Mais vinte minutos e a menina estará pronta para sair.”

Pai: _ “Ok, já volto.”

Constança: _ “Menina, olha por ela? Vou á cozinha tratar do leite.”

Sorrio e aceno que sim.

A Matilde estava no berço, deitada de costas. Estava calma, com os olhos quase a fecharem-se e com a chucha na boca. Os braços da bebé encontravam-se fora da manta, na qual se encontrava envolvida.

Constança: - “Pronto menina, vamos lá ao que realmente interessa.”

Coloca o biberão em cima da mesa-de-cabeceira e agarra na Matilde ao colo. Senta-se no sofá, com o seu braço direito apoiado no braço do sofá. A Matilde estava com a sua cabeça apoiada no braço direito da Constança. Constança retira-lhe a chucha, coloca-a na mesa-de-cabeceira e agarra no biberão. Quando lhe tira a chucha a Matilde começa a chorar.

Constança: _ “È já já, meu amor.”

Começa a dar-lhe o biberão. A bebé começa a beber muito rapidamente.

Constança: - “Calma menina, ainda se engasga... mas que fominha heim!”

O pai entra no quarto.

Pai: _ “Já estás a comer, sua gulotona?”

Constança: _ “Começou mesmo agora.”

Pai: _ “Oh... mas um bocadinho e dava-lho eu.”

Constança: _ “Então venha menino, trocamos.”

Pai: _ “Deixa-te estar, não faltarão ocasiões, não é minha gorda?”

Vai até ao sofá e faz uma festa na cabeça da bebé.

Senta-se no sofá e fica a olhar para a bebé enquanto come.

Pai: _ “Isso não será pouco leite para ela Constança?”

Constança: _ “Não menino. Não se esqueça que ela come de três em três horas. Chega até a ser menos. Mais, fazia-lhe mal. Daqui por umas semanas já se aumenta a quantidade, porque ela vai crescer.”

Pai: _ “Ah, ela vai crescer?! Oh, que chatice, fui enganado... assim é que ela devia ficar... filhos criados, trabalhos dobrados.” (sorri).

Constança: _ “ Lá está o menino, sempre na brincadeira... ai, ai...” (sorri e olha para ele).

Pai: _ “ Reza é lá aos teus santinhos para não chover, para ver se esta rapariga apanha ar.”

Constança: _ “ Ai menino, não chove. Confie que do tempo, nós mais velhos, percebemos.”

Pai: _ “ Ai disso não duvido. Se entra aí a minha mãe um dia a dizer-lhe que lhe dói o calo, passadas três horas está a chover na certa.” (dá uma gargalhada) “ainda não percebi a relação causa-efeito, mas que funciona, funciona. Oh filha, só gente tonta...”

Constança ri e inclina a cabeça para trás enquanto o faz.

A Matilde acaba de beber o leite.

Constança: _ “ Menina valente. Já está.”

Pai: _ “ Dá cá Constança, que coloco-a a arrotar.”

O pai agarrou na filha, manteve a bebé na vertical com a cabeça encostada ao seu ombro até ela arrotar.

Pai: _ “ Vamos passear? Hum? Que te parece?”

Coloca a bebé no carrinho.

Constança: _ “ Vai ficar pelo jardim?”

Pai: _ “ Vou só dar uma voltinha, também mais 20 minutos e ela está ferradinha.”

Rita: _ “Também está na minha hora. Vou indo. Obrigada”

Pai: _ “ Se quiseres vir connosco está à vontade.”

Rita: _ “ Obrigada na mesma. Até para a semana.”

Pai: _ “ Adeus e bom trabalho.”

Constança: _ “ Venha menina, eu acompanho-a”

Despedi-me:

Rita: _ “ Até para a semana.”

Quarta Observação – 28_03_2008 – Sexta-feira - 11.30 horas

Mãe: Mafalda

Pai: Bernardo

Bebé: Matilde

Data de Nascimento: 7-02-2008

Constança (empregada), Mafalda (mãe), Bernardo (pai), Matilde (bebé)

Toquei à campainha do portão.

Mafalda: _ “ Bom dia Rita, entre.”

Entrei e dirigi-me até á porta onde estava a mãe da Matilde à minha espera.

Mafalda: _ “ Já não a via há muito tempo, como está?”

Rita: _ “ Bom dia! Estou bem, obrigada e a Mafalda?”

Mafalda: _ “ Estou bem, melhor ainda se o sol tivesse a dignidade de aparecer. Mas estamos sem sorte. Entre Rita.”

Entrei e a Mafalda disse;

Mafalda: _ “ Estou na salinha da televisão com a Matilde. Venha.”

Segui-a até á sala que referiu.

A Matilde estava deitada no carrinho perto da cadeira de baloiço onde a Mafalda se sentou.

Mafalda: _ “ Sente-se onde quiser. Fui com a Matilde até lá fora. Ai, mas está muito frio.

Vimos logo para dentro. Então e o trabalho está a correr bem?

Rita: _ “ Está sim, obrigada!”

Mafalda: _ “ Ora ainda bem. Hoje é o último dia, não é? Mas se quiser vir mais alguns dias, esteja à vontade.”

Rita: _ “ Não é necessário, mas agradeço a atenção.”

Mafalda: _ “ Ora, não custa nada. Ainda por mais passo aqui os dias. É sempre bom ver uma cara nova.”

Sorriso.

A Matilde estava no carrinho a dormir com uma fralda de pano a cobrir-lhe a maior parte da cabeça.

Mafalda: _ “ Coloquei-lhe a fralda por causa da claridade. Quando adormece no quarto dela fechamos sempre as portadas para ela descansar melhor, mas aqui não dá. Mas ela gosta de estar assim, adormeceu logo mal comeu.”

A filha Maria entra na sala.

Mafalda: - “ Maria francamente. Vem de pijama para a sala. Então não vê que temos visitas?”

A Maria olhou para mim parada e dirigiu-se até ao sofá onde se sentou.

Mafalda: _ “ Ela hoje está meio febril, eu não acho que seja nada de importante, mas o pai disse-lhe para não ir hoje ás aulas. Mimo de pai, sabe como é.”

Maria: _ “ A mãe diz isso porque não foi a mãe que de noite se levantou para me dar um supositório, foi o pai.” (diz num tom sério).

Mafalda: _ “ Acha que já não tenho que acordar as vezes necessárias para dar o leite à sua irmã, não? E já não é nenhum bebé. Também não precisa assim de mim.”

Matilde: _ “ Sim mãe, mas não sabia que não consigo pôr um supositório a mim mesma?”

Mafalda: _ “ Olhe os modos Maria. Veja lá se não vai direita para a cama, que é onde devia de estar.”

A Maria deita-se no sofá e liga o televisor com o som baixinho.

Mafalda: _ “ Pediu licença para se deitar ou para ligar o televisor, pediu?”

Maria não respondeu e continuou a ver a televisão.

Mafalda: _ “Mas que intransigência, já não sei o que fazer. Se esta “piquena” vai pelo mesmo caminho olhe, não sei...” (diz cruzando a perna e apoiando a mão esquerda no seu queixo).

A Constança entra na sala.

Constança: _ “ Bom dia menina!” (olhando para mim e a sorrir):

Rita: _ “ Olá, bom dia!”

Constança: _ “ Menina Maria, não quer uma mantinha? Então está meio adoentada e está assim destapada? A “Bá” traz-lhe já.”

Mafalda: _ “ Sim Constança, faça-lhe as vontades todas. Assim não cresce de certeza...”

Constança: _ “ Oh menina que sacrilégio... “ (virou as costas e saiu).

A Matilde continuava a dormir.

Maria: _ “ Mãe, ponha aqui a Matilde deitada ao pé de mim. Ela ali no carrinho não está apertada? Aqui não estava melhor?”

Mafalda: _ “ Acha mesmo que vou levanta-la? Então não vê que se o fizer a sua mana acorda?”

Maria: _ “ O papá ontem fez isso, e ela não acordou.”

Mafalda: _ “ Pois, mas não vou arriscar. Depois para a adormecer eu é que sei. E a menina não está doente? Então, quer contagiar a mana?”

A Constança entra na sala e dirige-se até à Maria cobrindo-a com o cobertor e aconchegando-a.

Maria: _ “ Obrigada “Bá”.

A Constança deu-lhe um beijo na testa.

Constança: _ “ Oh querida está com febre.”

Mafalda: _ “ Vê? Vá lá para a cama. Está a arranjar maneira de ficar doente a sério.”

Constança: _ “ Oh menina Mafalda não é melhor ligar ao médico? Então ela tem que tomar qualquer coisa, não pode ficar assim. Ainda arranja uma pneumonia. Pelo menos temos que saber do que se trata.”

Mafalda: _ “ Do que se trata, do que se trata... trata-se das horas que ela passa à tarde e até anoitecer a andar de patins no jardim, não se está mesmo a ver?!”

Constança: _ “ Olhe menina, vou ligar ao Doutor. Assim como está é que não.”

Mafalda: _ " Ligue lá então... ai, não me faltava mais nada. Tape-se Maria, tape-se."

A Maria continuava a olhar para a televisão e deitada no sofá.

A Mafalda permanecia sentada de perna trocada e com a mão apoiada no queixo, com a outra mão ia ajeitando o cabelo.

A Matilde continuava a dormir, ia fazendo de vez em quando alguns ruídos e mexia os braços, como se estremecesse por vezes.

A Constança volta a entrar na sala.

Constança: _ " O Doutor disse para lhe darmos Brufen para baixar a febre e que depois do almoço viria fazer o domicílio. Se a febre até lá não baixasse para lhe ligarmos."

Mafalda: _ " Então Constança, traga lá o xarope sff. E depois Maria, vai tomar um duche frio para ajudar a baixar a febre.

Maria: _ " Mãe estou cheia de frio, não vou tomar banho de água fria."

Mafalda: _ " Vai sim. Depois vai sentir-se melhor porque o corpo arrefece e já lhe baixa a febre. E não vai contrariar o que lhe digo."

A Maria olha para a mãe e revira os olhos.

A Constança chega à sala com o xarope.

Constança: _ " Venha cá querida, deixe-me primeiro medir a febre para lhe dar o xarope. Precisamos saber quanto tem para avisarmos o médico."

Colocou-lhe o termómetro até que apitou.

Constança: _ " Quase 38."

Deu-lhe o xarope e disse.

Constança: _ " Venha querida, a Bá ajuda-a no duche e depois vai deitar-se na sua caminha. Não quer um chazinho? A menina gosta tanto, a Bá põe-lhe mel e tudo."

Maria: _ " Não quero. Dói-me a cabeça... só quero estar deitada."

Constança: _ " Vamos lá então... está a choca-la, está."

Maria: _ " Chamas-me o pai, Bá?"

Constança: _ " O pai foi trabalhar, mas vem almoçar... logo logo está aqui. Venha lá."

A Maria levantou-se ainda embrulhada na manta e com a Constança foram para o seu quarto.

A mãe permanecia na mesma posição.

Mafalda: _ " Pelo menos a Matilde dorme como se não houvesse amanhã. Menos mal."

Toca o telefone de casa.

A Mafalda atende. Era o marido a perguntar como estava a Maria.

Mafalda: _ “ Está com febre, foi agora tomar um banho frio... e sim, já tomou o Xarope... sim Bernardo, o médico vem cá, mas depois de almoço... não precisa de vir já para casa, mas que exagero é esse?! Pronto... venha... até logo!”

Mafalda desliga o telefone que se encontrava na mesinha ao lado da cadeira onde estava sentada.

Mafalda: _ “ Vem para casa agora. Que exagero, se assim fosse não havia um pai a trabalhar. As crianças têm febre, faz parte. Mas não... o Bernardo sempre foi assim, parece que o mundo acaba.”

A Matilde acorda a choramingar.

Mafalda levanta-se e vai até ao carrinho. Coloca-lhe a chucha que tinha caído e faz-lhe uma festa na cabeça.

Mafalda: _ “ Pronto.” (Diz olhando para a bebé e enquanto lhe faz a festa).

A bebé acalma, mas mantém-se acordada.

Mafalda: _ “ Quer colo, mas não pode ser senão fica mal habituada e depois não faço mais nada.”

Volta a sentar-se na cadeira e começa a mexer no seu telemóvel que retira dentro do bolso do seu casaco.

Assim se entretém por alguns minutos.

A bebé mantinha-se calma, deitada no carrinho.

Mafalda: _ “ Vou só fazer uma ligação, já volto. Deixe-se estar à vontade:” (disse-me e levantou-se. Retira-se da sala).

Fiquei com a bebé na sala durante uns 15 minutos. Levantei-me e cheguei perto do carrinho. A Matilde estava de olhos fechados e a chuchar com força na chucha. Ia puxando a fralda. Manteve-se assim grande parte do tempo. Até que deixou de o fazer. Tinha adormecido. Voltei a sentar-me num banco que estava ao lado do carrinho e em frente á cadeira onde a Mafalda estava antes sentada.

A Mafalda entra na sala.

Mafalda: _ “Quem me dera ir a todos os almoços que e convidam. Mas nesta fase não dá.”

Volta a sentar-se.

Rita: _ “ Mafalda está na minha hora, vou indo.”

Mafalda: _ “ Já está? E não precisa de mais nada?”

Rita: _ “ Não obrigada. Seriam quatro sessões como tínhamos combinado. Uma vez que esta já é a quarta, é o meu último dia:”

Mafalda: _ “ Então que corra tudo bem! Continuação de bom trabalho.”

Rita: _ “Obrigada e agradeço-lhe ter-me recebido estes dias.”

Mafalda: _ “Disponha.”

Dirijo-me até ao carrinho e faço uma festa na testa da Matilde que estava ainda de olhos fechados.

Saio da sala acompanhada pela Mafalda que me levou até á porta.

Despedimo-nos

ANEXO I**Primeira Observação : 4-02-2007 – Segunda-feira – 16 horas**

Mãe: Ana Catarina

Pai: Vítor

Bebé: Tomás

Data de Nascimento: 1-01-2008

Catarina (mãe), Vítor (pai), Tomás (bebé)

Cheguei ao prédio que me tinham indicado por telefone e onde moravam os pais com o bebé Tomás. Eram 16 horas. Toquei no primeiro esquerdo e uma voz de senhora responde:

Catarina:- “ Sim, quem é?”

Rita: _ “ É a Rita.”

Catarina: _ “ Entre Rita, vou já abrir-lhe a porta cá em cima”.

Entrei, subi alguns degraus ate ao apartamento, a porta já estava aberta. Bati à porta e uma senhora dirige-se a mim:

Catarina: - “Olá! Boa tarde, mas que pontualidade! (sorriu) Sou a Catarina, a Mãe do Tomás. Entre, entre.”

Rita: _ “ Olá, como está? Com licença...” Entrei no apartamento e fiquei parada no hall de entrada à espera de alguma indicação para onde me deveria dirigir. Essa indicação não tardou.

Catarina: _ “ Venha Rita... O pachorrento esta ali na sala, sabe... é que os quartos são muito frios e tenho ainda algum receio de ligar o aquecimento, como a sala é mais quentinha, ele gosta de aqui estar deitado no sofá. Coloquei-lhe estas almofadas de lado porque com ele todo o cuidado é pouco...”

Entrei na sala e o Tomás estava deitado de costas num largo sofá, com uma almofada de cada lado de forma a limitar-lhe o espaço. Estava a dormir.

Catarina: _ “ Sente-se onde quiser, esteja à vontade. Sabe, nestes primeiros dias de vida é uma maravilha, comer, dormir... pouco tempo está acordado... quem me dera também eu ter uma vida assim... (sorriu). Então a Rita está a tirar Psicologia, não é?”

Rita: _ “ Sim, é verdade”

Catarina: _ “Deve ser um curso muito interessante, mas também lhe digo... estar sempre a ouvir e tratar dos problemas dos outros, não deve ser tarefa fácil... já quando são os nossos problemas sabe Deus... Mas se toda a gente gostasse do azul o que seria do amarelo, não é? Cada qual com as suas preferências..”

Olhei para ela e apenas sorri.

O Tomás continuava deitado e a dormir. Estava deitado de costas e com os antebraços levantados até ao peito com as mãos fechadas. A mãe, encontrava-se sentada no sofá ao lado do filho e eu estava sentada num Puff em frente aos dois.

Catarina: _ “ Quem diria que uma coisa tão pequenina pudesse mudar tanto a vida de uma pessoa. Eu, as vezes dou por mim a ter grandes conversas com o Tomás como se de uma pessoa adulta se tratasse. È tão engraçado! (solta uma gargalhada)... O meu marido diz que sou tonta, que o menino não me percebe, mas sabe que eu acho que ele percebe-me melhor que o pai”... (voltou a rir). Enquanto falava ia olhando para o Tomás e aconchegando-lhe o cobertor.

Catarina: _ “Mais um pouco e tenho que o acordar para lhe dar o biberão. Se eu deixasse, este pimpolho dormia todo o dia. Eu sempre dizia, quando via outras mães a acordarem os filhos para comer, que eu nunca faria o mesmo, que quando a criança acordasse então dar-lhe-ia de comer nessa altura, mas agora vejo que não é possível o Tomás raramente chora.

O Tomas continuava na mesma posição num sono profundo, ouvia-se a sua respiração calma e longa. Já tinham passado 20 minutos desde que tinha entrado, foi quando a mãe decidiu:

Catarina: _ “ Pronto filhote, por muito que me custe, vou ter que te acordar, senão as horas da tua paparoca ficam todas trocadas e isso é que não queremos, não é?”

Começa a fazer-lhe festinhas na cara e na barriga, ao mesmo tempo que ia dizendo: Catarina: _ “Vamos lá Tomás, vamos encher essa barriguinha, não é?” levanta o bebé devagar e coloca-o na vertical perto do seu peito ao mesmo tempo que lhe da umas palmadinhas nas costas, olha para a cara dele e diz:

Catarina: _ “Oh filhote já estas acordado, a mãe teve que te acordar, pois foi? Olha ali aquela menina que veio aqui para te ver, mostra os teus lindos olhos à Rita, mostra lá”... e vira o Tomas de frente para mim. Eu sorrio e ela diz:

Catarina: _ “Tem olhos de chinês, ainda muito pequenos e rasgados... e quer saber de uma? (diz, a sorrir) fomos passar a lua de mel a Macau, a casa de uns amigos e não é que volta e meia a nossa família na brincadeira, diz que o Tomás é filho de um Macaense qualquer... (dá uma gargalhada).

Coloca o bebé na horizontal, com a cabeça apoiada no seu braço direito e por usa vez o braço direito apoiado numa almofada de forma a dar suporte. Levanta a camisola e retira parte do soutien e começa a dar de mamar ao Tomás.

Catarina: _ “ Pronto, agora sim vamos papar”

À medida que ia dando de mamar, fazia festas na cabeça do Tomás, assim como nos pés do mesmo. Foi um longo período de silêncio, em comparação com os momentos anteriores de observação. A mãe não retirava os olhos do Tomás.

O bebé mantinha-se de olhos fechados, sempre com a mão direita também fechada e com o braço perto do peito da mãe. Enquanto a mãe dava de mamar, por vezes, encostava a cabeça no sofá e fechava os olhos. Notei que estava mais corada e a transpirar. É então que ela diz:

Catarina: _ “ Ainda me custa um pouco a dar-lhe de mamar, sinto algumas dores e não tenho muito leite, vou ter que começar a dar-lhe o suplemento. Acho que temos uma ida esta semana ao pediatra, não é meu menino?”

Enquanto dava de mamar, o pai abre a porta do apartamento.

Catarina: _ “xiuuu... Tomas, olha quem lá vem? É o papá, pois é? É pois... pergunta assim, “oh papá não devias estar a trabalhar?”

O Pai entra na sala, diz-me boa tarde e olha para o filhote e sorri. Chega perto deles, dá um beijo á esposa e faz uma festinha na cabeça do Tomás.

Vítor: _ “ Como está o meu filhote? Está a comer bem, Catarina?”

Catarina: _ “ Comer, come sempre bem, mas estava a dizer agora, vou ter que começar a dar-lhe suplemento, o leite já é pouco e muito fraco.”

Vítor: _ “ Então vamos ao pediatra, não te vamos deixar passar fome não, não é campeão?”

Catarina: _ “Não devias estar no restaurante?”

Vítor: _ “ Vim ver se estava tudo bem, vou para lá na mesma.”

A mãe passa o bebe para o outro peito, durante a troca o Tomás chorou um pouco e a mãe disse:

Catarina: _ “ Calma rapaz, a paparoca ainda não terminou”.

Voltou a mamar e a mãe agarrava o peito mostrando pelas expressões faciais que estava um pouco aflita com dores.

O pai mantinha-se sentado no sofá ao lado dos dois.

Vítor: _ “Esta noite andei em sobressalto. Sempre preocupado com ele. Ele não chora durante a noite e raramente acorda, a não ser para comer. E eu acordo preocupado a pensar se ele não chorou mesmo ou se fomos nós que não o ouvimos. Andamos tão cansados que é assim...”

Toca o telemóvel da Catarina que estava em cima da mesinha em frente a eles.

Catarina: _ “ Vítor atende sff, deve ser a minha mãe.”

Vítor atendeu o telemóvel e era de facto a mãe de Catarina a perguntar se estava tudo bem.

Vítor respondeu que sim, que o bebé estava a comer. Desliga e diz:

Vítor: _ “ A tua mãe disse que passava cá mais tarde para vos ver, disse que se tivesses roupa para lavar que ela levava escusavas de te preocupar com essa tarefa.”

Catarina: _ “ Sim tenho, mas eu trato disso, agora passo tanto tempo em casa, e graças a Deus o Tomás não é de dar trabalho, tenho tempo para tudo isso.”

Vítor: _ “ Quando chegar logo também posso tratar disso, vê se descansas, eu vou indo. Beijinho filhote.”

Dá um beijo ao filho e outro à Catarina, vira-se para mim e diz:

Vítor: _ “ Adeus, até uma próxima”

Rita: _ “ Adeus. Boa tarde!”

Catarina: _ “ Adeus papá, não chegues muito tarde.”

O Tomás acabou de mamar.

Catarina: _ “Ora muito bem, este leitinho já ninguém te o tira filho. Vamos lá arrotar para depois mudar a fralda”

Levantou o bebé, colocou-o na vertical, colocou uma fralda no seu ombro direito e ia batendo nas costas do Tomás.

Catarina: _ “ Ontem quando estava a fazer-lhe isto, adormeceu... estava eu aqui já há tanto tempo e nada... (sorriu). Pronto, já está.”

Deitou o bebé de costas, e começou a trocar-lhe a fralda. O Tomás mantinha-se muito sossegado e raramente abria os olhos.

Catarina: _ “Ena, mas que grande xixi.”

Agarra o cesto que estava no chão ao lado do sofá e retira uma fralda, toalhitas e creme.

Catarina: _ “ Vamos já tratar disto”.

Retirou a fralda suja, limpou o bebé com as toalhitas e nessa altura o Tomás começou a fazer alguns ruídos e a bracejar.

Catarina: _ “ Pois é filho, são frias não são? Mas tem que ser para limparmos bem este rabiosque, é só pôr o creme e já ficas quentinho outra vez.”

Vestiu-o, enrolou-o numa manta e voltou a deita-lo no sofá com uma almofada de cada lado.

Catarina: _ “ Agora é remédio santo, dorme até á hora do banho.”

Rita: _ “Também já está na minha hora, vou indo. Fica então combinado para a semana no mesmo dia há mesma hora como tínhamos falado, tudo bem para si?”

Catarina: _ “ Sim senhora, de qualquer maneira tenho o seu número caso aconteça alguma coisa, mas esta combinadíssimo.”

Sorriu e levou-me até á porta.

Rita: _ “ Obrigada pela disponibilidade, até para a semana”

Catarina: _ “Adeus Rita, e olhe que esteve a chover, vá devagar que estas estradas são um perigo.”

Segunda Observação – 4-02-2008 – Segunda-feira – 16horas

Mãe: Ana Catarina

Pai: Vítor

Bebé: Tomás

Data de Nascimento: 1-01-2008

Catarina (mãe), Vítor (pai), Tomás (bebé)

Estava a estacionar o carro em frente ao prédio quando o pai Vítor estava a sair da porta do edifício, viu-me e esperou agarrando a porta para não se fechar.

Rita: _ “ Olá boa tarde, como está?”

Vítor: _ “Olá! Eu vou consigo até ao apartamento, que a Catarina quando saí estava a terminar de tomar banho, não sei se já está despachada. Vamos.”

Segui-o, abriu a porta do apartamento e levou-me até à sala onde estava o Tomás deitado dentro de um berço.

Vítor: _ “ Eu vou avisar a Catarina, esteja à vontade.”

Rita: _ “ Está bem, obrigada.”

Ceguei perto do berço e o Tomás estava muito sossegado e de olhos abertos. Perto dele estava uma fralda de tecido e a chucha caída. O pai voltou á sala.

Vítor: _ “ Olhe Rita, a Catarina está só a vestir-se. Em dois minutos está aqui. Eu vou só á farmácia comprar leite, mas não demoro. Olhe pelo meu pequeno, está bem? (sorriu).

Sorri.

Pouco tempo depois entra a Catarina na sala.

Catarina: _ “ Olá Rita, está boa? Desculpe este contratempo, mas hoje ainda não tive tempo para nada, só agora consegui tratar de mim.”

Rita: _ “ Estou bem, obrigada”.

Dirigiu-se perto do berço e fez uma festa na face do bebé, que se mantinha acordado mas sossegado.

Catarina: _ “ Sabe, na 5ª feira fomos á consulta no Pediatra. Este rapazola já está a tomar o suplemento, mas tem sido complicado. Vou alternando o meu leite com o suplemento e talvez por isso, ele tem tido muitas cólicas. Foi uma noite e uma manhã agitadas, felizmente há umas horinhas atrás, acalmou”.

Retira o Tomás do berço e coloca-o deitado no sofá, com uma almofada de cada lado.

Catarina: _ “ Anda Tomás, vem para aqui para a mãe te ir massajando a barriguinha.”

À medida que a mãe ia fazendo movimentos circulares na barriga, o Tomás ia fechando os olhos acabando por adormecer.

Catarina: _ “ Fiquei tão angustiada. Não tenho tido problemas com o Tomás, e hoje ao ter passado a noite acordado a chorar foi aflitivo, felizmente o pediatra avisou que isto poderia acontecer. Mas sabermos que não podemos fazer muito para ele ficar melhor... ai... que aflição.”

O pai entra em casa. Dirige-se à sala.

Vítor: _ “ Pronto, aqui está o leite, trouxe também o creme para o rabinho dele que o outro está quase no fim. Adormeceu? (dirigindo-se ao bebé). Pois... deve estar estafado. Catarina, não queres ir deitar-te? Eu fico aqui com ele.”

Vítor: _ “Não Vítor, agora sinto-me bem! Há pouco quando ele acalmou ainda passei pelas brasas. Agora também vou esperar mais uns minutinhos e vou dar-lhe banho para depois ele ir comer. Pode ser que agora coma alguma coisa de jeito.”

Vítor: _ “ A Catarina já lhe contou a noite de hoje?” (olhando para mim)

Rita: _ “Sim, contou-me à pouco.”

Vítor: _ “Eu nem sabia que uma coisa tão pequena tinha pulmões para chorar 4 horas a fio. Era eu a massajar-lhe a barriga, era a mãe a colocar-lhe paninhos de agua morna na barriga para ver se acalmava... trinta por uma linha. Felizmente agora está melhor, não estás Tomás?” Olhou para o bebé que estava a dormir.

Vítor: _ “ A dormir profundamente... é sinal que está bem, pois.”

Catarina: _ “ É normal isto acontecer, nós é que estávamos mal habituados.” (sorriu)

Vítor:_ “É verdade, encontrei a Dona Suzete na farmácia. Perguntou por ti e pelo Tomás! Disse que queria vir cá vê-lo, talvez no próximo fim-de-semana”.

Catarina: _ “ Venha pois! E se tiver bom tempo, vamos leva-lo até ao parque, o que achas? O Tomás ainda só saiu de casa para ir ao Pediatra. O tempo é que não tem ajudado, mas já está na altura de irmos dar uns passeios.”

Vítor: _ “Também acho, às tantas este choro todo é birra de já estar farto de estar em casa.”
(disse a sorrir)

Catarina: _ “ Se é birra dele não sei, mas qualquer dia sou eu que faço birra de estar dentro destas quatro paredes”. (disse a rir)

O Tomás acorda! Faz alguns sons e a mãe olha para ele.

Catarina: - “ Oh meu amor, já acordou? A mãe estava aqui cheia de pena de te acordar para a banhoca, assim vamos a ela, vamos pois! Até pode ser que a agua quentinha te acalme essa barriguinha.”

Levanta o Tomás do sofá.

Catarina: _ “ Vítor pegas nele enquanto eu preparo o banho, sff? Senão ainda adormece e eu já não tenho coragem de o acordar.”

O pai agarra no filho. Coloca-o na vertical com as suas mãos debaixo dos braços do Tomás. A Catarina dirige-se para o quarto para preparar as coisas.

Vítor: _ “ O que tu gostas da banhoca! Conta lá á Rita como foi o teu primeiro banho. (sorrisu). Nem sabe, nós a pensarmos que ele ia fazer birra e afinal, adorou! Quando o retiramos da banheira até chorou. Só se calou quando já estava vestido!”

A Catarina chega à sala.

Catarina: _ “ Ora o banho de vossa excelência está pronto, vamos? Venha Rita, é por aqui. Vítor, traz lá esse malandrecu.”

Segui a mãe e o pai com o Tomás mesmo atrás de mim. Entramos no quarto do Tomás onde já estava a banheira pronta e o aquecimento ligado.

Vítor: _ “ Não estará muito quente para ele?”

Catarina: _ “ Fui eu que liguei enquanto preparava as coisas, mas agora que já está quentinho podes desligar.”

Catarina pega no bebé que se encontrava ao colo do pai e coloca-o deitado de costas na cama.

Catarina: _ “Ora vamos lá despir! Esta é que é a pior parte, a mãe sabe, mas tem que ser. E o que tem que ser tem muita força.”

Começa a despir o Tomás, tira as calças e a camisola, o Tomás começa a chorar. Chora até entrar na água.

Catarina: _ “ Ai que Bom!!! Uma bela banhoca para depois irmos papar, não é meu amor?”

O pai retira-se do quarto e quando volta, traz uma máquina fotográfica.

Vítor: _ “ Vamos lá ficar com uma recordação do primeiro banho depois da primeira noite inteira a chorar”. (sorrisu)

Catarina: _ “ Lá vem ele com a máquina.” (deu uma gargalhada) “Oh fotógrafo de trazer por casa, tira lá uma foto a esta relíquia” (e dá um beijinho na testa do Tomás).

O bebé mantinha-se sem chorar, a dar ás pernas e braços.

Vítor: _ “ Ai tão contente que eu estou!”

Catarina: _ “Vamos lá lavar esta carinha para irmos secar.”

A mãe coloca água na cara do Tomás e ele chora.

Catarina: _ “ Tem que ser Tomás.”

Retira o Tomás da banheira e deita-o na cama. O Bebé começa a chorar.

Catarina: _ “Vamos já vestir.”

Começa a vesti-lo e o bebé coloca as mãos na própria cara.

Vítor: _ “ Devagar filho, senão é arranhão na certa.”

Catarina: _ “ Pois é, temos que cortar essas unhas.”

Termina de o vestir, levanta-o da cama.

Catarina: _ “ Passas-me a mantinha, Vítor?”

O pai dá-lhe a manta, ela envolve o bebé na mesma e diz:

Catarina: _ “Ai que cheiroso!”

Já tinha passado da hora e digo:

Rita: _” Também está na minha hora, vou indo.”

Catarina: _ “Oh filhote diz adeus à Rita, diz lá. Está bem Rita, até para a semana. Vamos lá ver se ele já vai estar melhor.”

Rita: _ “Adeus Tomás! Até segunda que vem então.”

Vítor: _ “Eu levo-a até á porta.”

Rita: _ “Obrigada, ate depois.”

Vítor: _ “ Adeus, boa tarde”

Terceira observação – 18 -02-2008 – Segunda-feira - 16 horas

Mãe: Ana Catarina

Pai: Vítor

Bebé: Tomás

Data de Nascimento: 1-01-2008

Catarina (mãe), Vítor (pai), Tomás (bebé)

Toquei à campainha do prédio, atendeu-me o pai e disse-me para subir.

Subi e o pai estava à porta com o Tomás ao colo.

Vítor: _ “Olá, como está?”

Rita: _ “Boa tarde, tudo bem obrigada.”

Vítor: _ “ Entre, entre, estávamos na sala a ver televisão. A Catarina saiu, foi trocar uma prenda que ofereceram ao Tomás. È tanta gente a oferecer coisas para o bebé que é quase impossível não se repetirem. (sorriu) Mas sente-se, fique onde quiser.”

Sentei -me numa cadeira que se encontrava na lateral do sofá onde estava o pai com o bebé ao colo. O Tomás estava desperto com os olhos bem abertos. Estava com a cabeça apoiada no braço direito do pai e entre a cabeça do bebé e o braço do pai estava uma fralda de pano.

Vítor: _ “ Eu quando era pequeno tinha por habito adormecer sempre com a chucha na boca e uma fralda, que tinha que ser a mais usada possível, perto da cara, a essa fralda eu chamava de “colha-colha”. (sorriu) E não é que o Tomás também gosta de a ter por perto...Eu lembro-me que quando me mudavam a fralda por uma limpa eu não gostava nada, perdia o cheiro característico... e ainda hoje me lembro desse cheiro. (riu) È bom quando temos recordações da infância.”

O Tomás fazia sons, e mexia os braços, mantendo-se sempre a olhar para o pai.

Vítor: _ “ Ah estás a olhar para mim, meu cusquinho! Estás a ouvir a Estória do pai. Quando cresceres também vais ter muitas estórias para contar. (o bebé sorriu e o pai deu uma gragalhada). Já vi que já percebes as conversas todas, mas que precoce!” (riu).

O telefone de casa toca. Vítor levanta-se com o Tomás ao colo e vai atender.

Vítor: _ “ Estou sim?”

Ao dizer estas palavras começa a rir e desliga o telefone.

Vítor: _ “ È a minha mulher que está à porta do prédio, não levou chave e diz que está farta de tocar à campainha, deve ter avariado porque não ouvimos nada.”

Dirige-se à entrada e abre a porta à esposa.

Catarina: _ “Ai que aflição! Pensei que tinha acontecido alguma coisa. Olá meu amor, estás bem dispostinho?”

Palavras que eu ouvia da sala, uma vez que eles se encontravam no hall de entrada.

Entram na sala e Catarina diz:

Catarina: _ “Oh Rita, está boa? Desculpe, atrasei-me mas avisei o Vítor para não sair com o bebé que hoje era o dia de vir cá.”

Rita: _ “ Olá Catarina, estou bem obrigada.”

O pai senta-se no sofá com o Tomás ao colo e a mãe ao lado deles.

Catarina: _ “ Deixa-me adivinhar, estiveste sempre com o Tomás ao colo não foi? (riu) habituas mal o moço e depois vais ser tu a acordar durante a noite para o embalares.”

Vítor: _ “Temos que aproveitar enquanto o podemos agarrar, depois esta fase passa e é ele a correr pela casa que nem um tiro. E além do mais não faz mal nenhum, nem 8 nem 80.”

Catarina: _ “Sim, também quando chegas do restaurante ele está sempre a dormir. Veja lá Rita, que no outro dia chegou e foi ao berço acordar o Tomás porque dizia que estava com saudades. Ai eu fiquei tão chateada! E se o bebé tinha custado a adormecer.”

Vítor riu.

Vítor: _ “ Passo a maior parte do dia no restaurante e já não via o meu filho acordado há dois dias, naquele dia não resisti, não está certo eu sei, mas teve que ser.”

Levanta o filho na vertical, com as suas mãos debaixo dos braços do bebé.

Vítor: _ “O pai vai fazer o leitinho que está na hora, vá lá oh mãe, pegue aqui no filhote que também já deve de estar cheia de saudades dele. Porque uma hora na rua sem ele, para ti já é dose”... (dá o bebé à mãe e faz uma festa na cabeça de Catarina).

Catarina: _ “ Anda cá ao colinho da mãe. (pega no bebé na vertical e encosta a cara do bebé ao seu ombro esquerdo, dando-lhe palmadinhas no rabo). Hum... parece-me que tens um grande xixi. Oh Vítor, mudaste-lhe a fralda há muito tempo?”

Vítor:_ “ Mudei há meia hora mais ao menos.”

Catarina: _ “ Vamos lá ver essa fralda.”

Deita o bebé no sofá e diz:

Catarina: _ “ Oh Rita, não se importa de me passar essa cestinha que está em cima da mesa, sff”

Levanto-me e levo-lhe a cesta.

Catarina: _ “Obrigada, vamos lá Tomás.”

Despe-lhe as calças e retira-lhe a fralda.

Catarina: _ “Oh Tomás estás a ficar vermelhito, temos que pôr mais creme.”

O Tomás mantinha-se calado e agarrado á fralda de pano.

A mãe colocou-lhe o creme, a fralda e vesti-o.

Levanta-o e deita-o no seu colo. Coloca a fralda de pano no seu ombro.

Catarina: _ “ Agora vamos papar, depois a mãe já te dá a fralda.”

Vítor entra na sala com o leite.

Vítor: _ “ Ora aqui está. Bom proveito filhote!” E dá o biberão à mãe.

A mãe dá o biberão à boca do Tomás e este recusa.

Catarina: _ “ Oh diabo, que passa filho? Não gostas deste leitinho, é?”

Volta a tentar e o Tomás começa a mamar.

Catarina: _ “Estavas a fazer ronha, meu malandreco!”

Enquanto dá o biberão mantém sempre contacto visual com o bebé.

À medida que ia bebendo o leite, o Tomás ia fechando os olhos.

Catarina: _ “Dormir não, dormir não.” E mexia-lhe com os dedos perto da boca para ele ir mamando.

Vítor: _ “Tenho que ir para o restaurante e ainda vou ao super mercado. Queres que traga alguma coisa aqui para casa?”

Catarina: _ “Está praticamente tudo, mas tenho uma lista de algumas coisas que faltam pendurada no frigorífico, se quiseres trazer...”

Vítor: _ “Está bem. Eu logo venho cá trazer-te jantar, não precisas de estar a fazer”

Catarina: _ “Olha que bem pensado! (e piscou-me o olho). Um dia sem cozinhar! Às vezes sabe bem...”

Vítor: _ “Mas que razão de queixa que a menina deve ter, volta e meia e trago sempre comida feita lá do restaurante. Vá, até logo! (dá um beijo à Catarina e outro ao Tomás.) Adeus Rita, até uma próxima.”

Rita: _ “Adeus, boa tarde!”

O Tomás tinha bebido o leite todo e quando terminou começou a chorar.

Catarina: _ “Então, querias mais? Mas não pode ser, só para a semana é que já papas mais um bocadinho. (levantou o bebé para arrotar) vamos lá, para não ficares mal disposto.”

A mãe ia batendo nas costas do bebé. Ainda esteve uns minutos a fazê-lo até que diz:

Catarina: _ “Já está? (E olha para a cara dele). Está pois! Agora não te vou mudar a fralda.”

Pega numas toalhetas e passa-lhe na cara. Deita-o no sofá e pega num creme hidratante e coloca-lhe nas bochechas e no queixo.

Catarina: _ “Estás com a pele seca filhote, será do frio? Mas tu n apanhas frio...”

Envolve o bebé na manta que estava em cima do sofá.

Catarina: _ “Vamos lá ficar quentinho para fazeres um grande ó ó que já estás acordado há umas horas! Depois quando acordares, a mãe dá banhinho! Logo vem cá a avó e assim ficas todos cheiroso.”

Deita o Tomás num berço que se encontrava na sala. Ele começa a chorar.

Catarina: _ “Estás habituado a ficar no sofá, não é? Mas aqui ficas mais aconchegado e a mãe aproveita e vai passar as tuas roupinhas.”

Mantém-se inclinada para o berço, fazendo festinhas nas sobrancelhas do Tomás. Ele acalma.

Catarina: _ “Afinal querias era mimosos. Estamos a habituar-te mal.” (sorriu).

O Tomás acalmou e manteve-se sossegado no berço.

Catarina: _ “ Rita vou só à cozinha buscar a tábua de engomar e as roupinhas dele, deixe-se estar á vontade!”

Levantei-me e fui ver o Tomás. Estava já de olhos fechados, só se viam os dedos das mãos a saírem fora da manta e a cara, de resto estava todo envolvido na manta azul.

A mãe entra na sala, já com a tábua e um cesto com as roupas. Enquanto preparava tudo diz:

Catarina: _ “Já viu, as mães não param. Ou é roupa para passar ou é fraldas para trocar.

Às vezes dou por mim a fazer as coisas já automaticamente, como se de um ritual se tratasse. Mas compensa.”

Rita: _ “Agora que ele já adormeceu vou embora, está na hora! Obrigada Catarina. Para a semana é o ultimo dia de observação. Estarei cá à mesma hora.”

Catarina: _ “ Já o ultimo dia? Passou num instante. Está bem, está bem! Cá estaremos. Venha, vou consigo até à porta.”

Abriu-me a porta e sorriu.

Rita: _ “ Adeus, ate 2ª que vem”

Catarina: _ “ Beijinhos, até para a semana.”

Quarta observação – 25-03-2008 – Segunda-feira – 16 horas

Mãe: Ana Catarina

Pai: Vítor

Bebé: Tomás

Data de Nascimento: 1-01-2008

Catarina (mãe), Joana (avó), Tomás (bebé)

Toquei á campainha do edifício.

Catarina: _ “Sim?”

Rita: _ “ Boa tarde Catarina, é a Rita.”

Catarina: _ “ Entre, entre.”

Subi as escadas até ao apartamento e a porta já estava entreaberta. Bati e ouço a voz da Catarina lá do fundo:

Catarina: _ “ Entre Rita, e feche a porta sff. Estou aqui na sala.”

Entrei e estava a Catarina sentado no sofá a trocar a fralda ao Tomás.

Rita: _ “Com licença. Olá, boa tarde!”

Catarina: _ “Olá Rita, desculpe mas estava aqui no meio desta “operação” (riu). O Tomás tem estado com diarreia. Têm sido fraldas e fraldas. Já sabe, esteja à vontade.”

Sentei-me no puff em frente ao sofá. O Tomás choramingava enquanto a mãe o limpava e punha creme.

Catarina: _ “Oh filho, eu sei que não gostas nada do creme por estar sempre frio, mas com tanto cocó, tem que ser, senão ficas todo assado.”

Coloca-lhe a fralda e veste o bebé. Envolve-o na manta azul e segura-o ao colo. Deita-o na horizontal, com a cabeça do bebé apoiada no seu braço direito. O Tomás agarra o dedo indicador esquerdo da mãe e assim se mantêm.

Catarina: _ “Agora está sempre a agarrar-me o dedo. E se ele agarra com força! Ontem vieram cá uns amigos nossos, trouxeram brinquedos para o Tomás, rocas e peluches, mas ele não liga nenhuma aos brinquedos que tem, talvez é ainda de ser muito pequenino.

Como hoje é o ultimo dia, estive a fazer um bolo de chocolate para a despedida. Logo a Rita vai lanchar connosco. Se quiser claro!”

Rita: _ “Não era necessário, obrigada!

Catarina: - “Oh não custou nada, também já estava com desejo de uma guloseima. Ando a tentar perder os quilos que ganhei com a gravidez, mas não tenho tido força de vontade nenhuma. Depois também sempre em casa, mal me mexo.”

O Tomás começa a choramingar. A mãe coloca-lhe a chupeta e ele não a aceita, continuando o choro. A Catarina levanta-o na vertical e encosta a cabeça do Tomás ao seu ombro. Continua a chorar. A mãe levanta-se e começa a passear com ele pela casa.

Catarina: _ “Hoje anda assim, rabugento. De manhã ainda fomos até ao jardim apanhar um solinho, que tem estado bom tempo. Faz-lhe bem e a mim também.”

Continua a embalar o Tomás pela sala ao mesmo tempo que lhe vai trauteando uma música. Assim se mantêm ainda por algum tempo. O Tomás acalma. A mãe coloca-o no berço que está na sala.

Catarina: _ “Agora ficas um bocadinho deitado que a mãe está cansada. Toma a tua fraldinha, toma lá.”

Agarra na fralda de pano que se encontrava em cima da mesa da sala e coloca-a dentro do berço, perto da cara do filho.

Ouve-se a campainha.

Catarina: _ “Será que o pai se esqueceu das chaves?”

Dirige-se até á porta e agarra no telefone:

Catarina: _ “Sim? (pausa) ah és tu, sobe, sobe. Tomás, vem aí a avó.”

Abre a porta e ouve-se:

Avó: _ “ Oh filha, então como estás?”

Catarina: _ “ Estou bem mãe, ia-lhe ligar para saber se podia ficar com o Tomás 6ª feira que vem.”

Avó: _ “ Sabes bem que sim!”

Entram ambas na sala.

Catarina: _ “ Mãe, lembra-se de lhe falar da Rita, que vinha observar o Tomás umas semanas?”

Avó: _ “ Olá, como está? (sorri) Dê cá um beijinho. Então está a fazer companhia á minha Catarina e ao meu Tomás? Ainda bem!”

Rita: (sorrio) _ “Boa tarde, como está?”

Avó: “ Já viu bem este patuscozinho que agora temos? Oh Tomás olha a avó! Como é que ele está?” (ao mesmo tempo que se dirige ao berço e dá-lhe um beijo na testa).

Catarina: _ “ Oh mãe tem estado com diarreia, e anda rabujento. Não sei se será do leite outra vez, já liguei ao pediatra e perguntou-me se ele tem estado com febre, mas isso, ele não tem tido. Amanha já lá vou para o médico o ver.”

Avó: _ “ Talvez seja alguma virose, agora tudo é virose, mas para isso tinha que ter uma pontinha de febre, não? Bem, amanha logo se saberá. Se o Vítor não puder ir e se quiseres posso ir contigo. Vê lá.”

Catarina: _ “ Logo já combino com ele e depois ligo-te a dizer qualquer coisa.”

A avó retira o bebé do berço e diz:

Avó: _ “ Anda cá que já tinha tantas saudades tuas. Tas tão bonito! Cada vez mais parecido com a avó. (e dá uma gargalhada) por acaso está com as feições do pai, não está filha?”

Catarina: _ “ Oh mãe ainda não dá para ver. (ri) Eu não sei como é que conseguem ver parecenças num bebé ainda tão pequeno.”

Avó: _ “ Oh filha é a experiência, já criei três, vejo isso a léguas.”

A Catarina olha para mim, encolhe os braços e sorri.

Sorrio.

Avó: _ “ Queres dançar com a avó, vamos lá ao bailarico. (E começa a dançar com o Tomás ao colo). Estás é pesadote, olhem-me para este rabo! Sim senhora, és de alimento, não é neto?”

O Tomás começa a dar aos braços e ás pernas.

Avó: _ “ Tu gostas é disto! Ah ricas coisas da avó! Agora vais sentar-te comigo que já não tenho idade para estas andanças. (sorri e senta-se no sofá com o Tomás colocado em cima das suas pernas e virado para si agarrando-lhe a cabeça com as duas mãos.) Assim para a avó olhar para ti.”

Catarina: _ “Como te estava a dizer, 6ª feira vou com o Vítor a uma consulta, não te importas de ficar com ele à tarde?”

Avó: _ “ Não importo nada, olha agora. Mas está tudo bem com o Vítor?”

Catarina: _ “ Sim mãe, nada de especial. Vou aquecer o leite e dás-lhe o biberão?”

Avó: _ “ Então não! Dou pois. Vai lá tratar disso que o menino já deve estar com fome.”

A Catarina dirigiu-se à cozinha. Mantive-me na sala com o Tomás e a avó.

Avó: _ “ E a Rita está a estudar psicologia, não está? A Catarina contou-me. E o seu trabalho é sobre bebés, não é? Deve ser tão interessante...”

Rita: _ “È verdade.”

Avó: _ “ Tomás vamos comer tudinho, pois vamos? Oh mãe traz lá o biberão.”

Catarina entra na sala.

Catarina: _ “Aqui está.” Entrega o biberão à mãe e senta-se ao lado no sofá.”

Avó: _ “ Ora cá vamos nós. (deita o Tomás ao seu colo, com a cabeça apoiada no seu braço esquerdo e com o direito dá-lhe o biberão. Á medida que lhe dava o leite ia-lhe mandando beijinhos. A Catarina olhava para os dois e sorria.) Epá, mas que força a sugar no biberão, isso é que era fomeca, meu amor.”

Num ápice o Tomás bebeu o leite.

Avó: _ “ Ah meu rico filho, não te deu comidinha em casa...” (solta uma gargalhada).

Catarina: _ “ Por semana são 3 latas de leite, cada uma a quase 15 euros já viste, este rapaz leva-nos à falência.”

Avó: _ “ Antes gastar dinheiro para isso que para medicamentos, deixa lá. È bom sinal.”

Coloca o Tomás para arrotar. Levanta-o e põe a cabeça dele em cima do seu ombro esquerdo, dando-lhe palmadas nas costas.

Rita: _ “ Catarina desculpe mas já está na minha hora.” (já tinham passado algum tempo da hora certa de terminar a observação).

Catarina: _ “ Então se já fez o seu trabalho, agora pode comer uma fatia de bolo, faz-nos companhia.”

Avó: _ “ Olha que excelente ideia.”

Rita: _ “ Está bem, obrigada!”

A Catarina vai até à cozinha e volta com um tabuleiro com o bolo.

Rita: _ “Olhe Catarina, também tenho aqui uma lembrança para o Tomás, de forma a agradecer toda a disponibilidade que demonstraram e por terem permitido entrar em vossa casa.” (entrego-lhe o embrulho).

Catarina: _ “Oh Rita que disparate. Então, foi gastar dinheiro?! Não merecia a pena. Agradeço-lhe imenso. (abriu o embrulho que continha umas jardineiras em ganga, a Catarina soltou uma gargalhada) “Ai Rita que graça! Deve ficar tão giro! No dia em que o Tomás as estriar a Rita vem cá vê-lo! Oh mãe olha aqui.” (mostra-lhe as jardineiras).

Avó: _ “ Ai que engraçadas, já fazem de tudo. Estes meninos de hoje em dia têm tudo e mais alguma coisa. Que giras!”

Comi o bolo e despedi-me:

Rita: _ “ Mais uma vez, obrigada.” (dirigi-me ao Tomás que se encontrava ainda ao colo da avó, muito sossegado e de olhos abertos e dei-lhe um beijo na testa).

Catarina: _ “ Sempre que quiser, passe por cá! Teremos muito gosto em recebê-la.”

Rita: _ “ Obrigada! (sorrio) Adeus, boa tarde!” (olho para a avó).

Avó: _ “ Adeus Rita, obrigada”

Fomos até á porta, despedi-me da Catarina com um beijinho e sai.

ANEXO J

Em seguida vão ser apresentadas as tabelas de análise de conteúdo referentes às quatro observações da primeira tríade (Anexo F) constituída pela Maria, João e Benedita.

Caso A- Maria (mãe), João (pai), Benedita (bebé)

Data de Nascimento de Benedita: 12-12-2007

Primeira Observação – 18-01-2008 - Sexta-feira – 18horas

Benedita - Um Mês e seis dias

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	“Xiu, está quase.”	1		
	Críticas	“ Nem com a chucha...”	1		
	Elogios				
	Comentários				
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
	Afecto	. “A mãe retira a bebé do “ovo” e mantêm-na ao colo.” “Mantêm-se sentada na cama com a Benedita ao colo” “Fez-lhe uma festa na cara” “levantou-a na vertical, voltando-a para si e encostando-a ao seu peito”	4		
	Intrusivos				

	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	“Olhou para a bebé e sorriu.” “Voltou a olhar para a filha”	2		
	Sorriso	“Olhou para a bebé e sorriu.”	1		
	Amamentar				
	Cuidar	<p>“A mãe despe a bebé totalmente, levanta-a e leva-a até à banheira.”</p> <p>“Muito devagar a mãe começa a molhar o corpo da bebé.”</p> <p>“a mãe começa a lavar-lhe a cabeça”</p> <p>“A mãe mantinha-se muito concentrada a dar banho á filha e fazia-o com movimentos muito lentos e cuidados.”</p> <p>“Virou a bebé para lhe lavar a parte de trás do corpo.”</p> <p>“A mãe retira a bebé da banheira até á cama onde a deitou em cima da toalha.”</p> <p>“A mãe deitou a bebé em cima da toalha, envolveu-a na mesma e limpou-a vagarosamente.”</p> <p>“Colocou-lhe creme e reforçou a dose do mesmo na</p>	16		

		<p>parte de dentro da perna esquerda onde a pela da bebé estava mais vermelha.”</p> <p>“Colocou-lhe pó de talco e por fim a fralda”</p> <p>“Vestiu-lhe o babygron e virou a bebé de barriga para baixo para abotoar o fato por trás.”</p> <p>“Voltou a bebé”</p> <p>(...) “vestiu-lhe um casaco de lã.”</p> <p>“Em cima desta colocou a bebé e envolveu-a.”</p> <p>“colocou a bebé na alcofa”</p> <p>“A mãe colocou-lhe uma fralda ao lado da cabeça.”</p> <p>“mãe debruçou-se sobre a alcofa e colocou-lhe a chucha.”</p> <p>“Colocou-lhe a fralda a tapar-lhe uma pouco da cara”</p>			
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	<p>“A mãe colocou-lhe uma fralda ao lado da cabeça.”</p> <p>“mãe debruçou-se sobre a alcofa e colocou-lhe a chucha.”</p> <p>“Colocou-lhe a fralda a tapar-lhe uma pouco da cara”</p>	3		
	Verbais	“Xiu, está quase.”	1		

Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	<p>“ O João é que é maluco pela filha!”</p> <p>“Ele não... adorou a noticia”</p> <p>“Ele sempre demonstrou mais que eu o desejo de casar e ter uma família.”</p>	3		
	Observador				
	Outros	.			
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	<p>“A mãe deita a bebé na cama”</p> <p>“A mãe retira a bebé da banheira até á cama onde a deitou em cima da toalha.”</p>	2		
Linguagem do Bebê	Vocalização	“A bebé vocaliza alguns sons”	1		
	Choro	<p>“a bebé começa a chorar.”</p> <p>“ a bebé recomeça o choro.”</p> <p>“A filha começou a chorar.”</p>	3		
Comportamentos do bebé	Movimentos	<p>“A bebé vai mexendo os braços e as pernas.”</p> <p>“faz alguns jeitos com a boca enquanto a mãe lhe lava a cara. “</p> <p>“Fecha muito os olhos.”</p> <p>“Leva os braços á boca ao mesmo tempo mexe as</p>	5		

		pernas.” “A bebé começa a querer fechar os olhos(...)”			
	Toque				
	Olhar				
	Sorriso				
	Sugar/Mamar				
	Vigília/Sono	“A bebé começa a querer fechar os olhos, mostrando algum sono.”	1		
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebé	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	“Colocou-lhe creme e reforçou a dose do mesmo na parte de dentro da perna esquerda”	1		

<p>Relação Mãe/Pai – Observador</p>	<p>Fala</p>	<p>“ Boa tarde Rita”</p> <p>“Vamos desde já combinar uma coisa, tratamo-nos por tu, somos da mesma idade...”</p> <p>“ A Benedita está mais que acordada, ia-lhe agora dar banho.”</p> <p>“ Ai tão novinha! Olhe não lhe dava mais que 18 anos. Mas se vem observar a minha neta digo-lhe já que vai ficar com um trabalho que é um mimo.” (A)*</p> <p>“Rita senta-te, ou põe-te onde te der mais jeito. Tu é que sabes, nada de cerimónias.”</p> <p>“ Pronto, vamos para a sala que ela agora só come daqui a uma hora mais ou menos.”</p> <p>“ Oh Rita senta-te! Fica á vontade!”</p> <p>“ Então Rita, já sabes o que vais fazer quando terminares?”</p> <p>“Pois, acredito! Está difícil para todos. A Benedita também não veio em melhor altura! Gostava de estabilizar mais economicamente, mas já que veio, é muito bem vinda.”</p> <p>“ O João é que é maluco pela filha! Quando eu soube que estava grávida, a minha</p>	<p>13</p>		
---	-------------	---	-----------	--	--

		<p>primeira reacção foi de aflição, namorávamos e nem sequer vivíamos juntos. Ele não... adorou a noticia e passados quase 10 meses a nossa vida deu uma volta de 180 graus. Ele sempre demonstrou mais que eu o desejo de casar e ter uma família. Mas agora estou muito feliz.”</p> <p>“Rita passas-me, sff?”</p> <p>“ Já? Passa num instante.”</p> <p>“Deixe não, deixa.”</p>			
	Comportamentos				
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	18-01-2008 18horas	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Quarto dos pais da bebé e sala de estar.	-		

Tabela 7 - Análise da primeira observação realizada com a tríade Maria, João e Benedita.

(A) * - Avó

Segunda Observação – 25-01-2008 - Sexta-feira – 18horas

Benedita – Um Mês e treze dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas			“ Pronto filha, é agora... olha o aviãoooooo” “Anda Beny.”	2
	Críticas				
	Elogios			“ É que podias ser um bocadinho feia, mas és mesmo bonita miúda.”	1
	Comentários	“O papá e a mamã estavam era desprotegidos.”	1	“Oh Beny e como serás tu?” “Hoje o pai vai dar-te o leitinho, para ficares muito forte e se beberes tudo depois o pai deixa-te comer uma fatia de bolo.” “Beny, queres leite com chocolate ou simples?” “Desculpa, beny!” “Uhhhhh.... Uhhhhh....” “O papá e a mamã estavam mesmo inspirados.” “Ai Beny, mas que mundo fomos nós trazer-te... só desgraças	7
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
Comportamentos	Afecto	“deu-lhe um beijo na barriga”	1	“segura a mão da filha.” “dá um beijo na testa da filha” “E dá um beijo na filha.”	3

Tácteis da Mãe/Pai			<p>“E dá um beijo na face da bebé.”</p> <p>“Faz-lhe uma festa na cabeça”</p>	
	Intrusivos		<p>“Retira-lhe a chucha e a bebé chora.”</p> <p>“O pai retira rapidamente o biberão da boca da bebé”</p> <p>“Assim o faz” (mexe no canto da boca da filha para esta beber o leite)</p> <p>“volta então a dar o biberão à filha.”</p>	4
	Estímulos Musculares			
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar		<p>“O pai dá-lho sempre a olhar para ela.”</p> <p>“olhou-a nos olhos”</p> <p>“Disse-o olhando para a cara dela”</p>	3
	Sorriso			
	Amamentar		<p>“Dá-lhe o biberão”</p> <p>“volta então a dar o biberão à filha.”</p> <p>“Dá-lhe o leite em silêncio”</p>	3

	Cuidar	<p>“mãe limpou-lhe a cara com a fralda.”</p> <p>“a mãe mudou-lhe a fralda.”</p> <p>“Antes de a mãe lhe vestir as calças”</p> <p>“Vestiu-a”</p> <p>“colocou-lhe a fralda ao lado da cara.”</p>	5	<p>“O pai retira a bebé do ovo e segura-a ao colo”</p> <p>“coloca-lhe a fralda de pano á frente a fazer de babeto.”</p> <p>“Dá-lhe o biberão”</p> <p>“volta então a dar o biberão à filha.”</p> <p>“Dá-lhe o leite em silêncio”</p>	5
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis				
	Verbais				
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador				
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos			<p>“o pai deitou a Benedita entre eles”</p> <p>“deita-a na alfofa”</p>	2
Linguagem do Bebé	Vocalização			“faz algumas vocalizações”	1
	Choro			“Retira-lhe a chucha e a bebé chora.”	
Comportamentos do bebé	Movimentos			<p>“a bebé mexe as pernas”</p> <p>“A Benedita enquanto estava deitada levantava as pernas e os braços.”</p>	2
	Toque				

	Olhar			“A bebé olhava para ele com os olhos arregalados.” “A bebé manteve o olhar fixo no pai.”	2
	Sorriso				
	Sugar/Mamar			“a bebé começa a mamar.”	1
	Vigília/Sono	“A Benedita estava acordada” “a filha estava a dormir”	2	“A bebé adormeceu a beber o leite.” “Quando ela ameaçava fechar os olhos”	2
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebé	Olhar Mútuo			“olhou-a nos olhos. A bebé manteve o olhar fixo no pai.”	1
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	“deu-lhe um beijo na barriga”	1	“segura a mão da filha” “dá um beijo na testa da filha” “Faz-lhe uma festa na cabeça”	3
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	“Oh Rita, entra e põe-te á vontade”	1	“Olá Rita, estás boa?” “ Entra. Estão na cozinha.” “ Oh Rita, não lhe queres dar uma consulta, não?” “ Está bem Rita, espera que vou contigo.”	4

	Comportamentos	“Deu-me dois beijinhos”	1		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	25-01-2008 18horas	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de estar, cozinha.	-		

Tabela 8 – Análise da segunda observação realizada com a tríade Maria, João e Benedita

Terceira Observação – 1-02-2008 – Sexta-feira – 18horas

Benedita- um mês e vinte dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas			“Vamos comer amor.”	1
	Críticas				
	Elogios				
	Comentários	“Dói-te filha?”	1	“Beny?” “Pois filha, já eram horas de comeres qualquer coisa...”	2
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
Comportamentos	Afecto	“com a a outra mão fazia-lhe festas na cabeça.” “a dar festas na barriga da	5	“dá um beijo na cabeça da filha.” “Faz-lhe uma festa na cabeça.”	3

Tácteis da Mãe/Pai		bebé.” “Ia-lhe dando palmadinhas nas costas” “dá-lhe um beijinho na barriga.” “Faz-lhe uma festa na barriga”		“ O pai agarra na mão da bebé e dá-lhe beijinhos.”	
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	“Fica durante alguns segundos a olhar para a filha”	1		
	Sorriso	(...) “ Sorri”			
	Amamentar			“O pai começa a dar-lhe” “Mantém-se a dar o leite à filha” “dá-lhe o leite olhando sempre para a filha.”	3
	Cuidar	“aconchega a filha” “já lhe tive a fazer massagens na barriguinha” “dar festas na barriga da bebé.” “tapou a bebé.” “Colou-lhe a fralda de pano perto da cara” “O pai começa a dar-lhe” “Mantém-se a dar o leite à filha” “A mãe pegou nela e	10	“retirou um babete que lhe colocou.” “colocou-lhe ele a fralda de pano perto da cara.”	2

		colocou-a a arrotar” “muda-lhe a fralda” “e tapa-a com a manta.”			
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis				
	Verbais				
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	“Nestas alturas o João faz uma falta....” “Olha... é o João...” “Dói-te filha? Faz lá queixas ao papá...”	3		
	Observador				
	Outros	“nem disse nada á minha mãe senão vinha logo para aqui”	1		
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“deitada no berço” “A mãe deita-a na cama” “deita-a no berço”	2		
Linguagem do Bebé	Vocalização				
	Choro	“A bebé começa a chorar”	1		
	Movimentos	“os braços dela tinham pequenos espasmos”	1		

Comportamentos do bebé	Toque			“com o outra mão tenta mexer-lhe na cara.”	1
	Olhar			“A bebé fixa o olhar na cara do pai.”	1
	Sorriso				
	Sugar/Mamar			“ela começa a bebe-lo bem.” (...) “ a Benedita bebeu tudo”	2
	Vigília/Sono	“acordada mas calma.” “A bebé acabou por fechar os olhos.” “manteve-se a dormir” “suspirava fundo enquanto dormia.” “mantém-se de olhos fechados.”	5		
Comportamentos da Interação Mãe/pai – Bebé	Olhar Mútuo	.		(...) “ olhando sempre para a filha.”	1
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	“já lhe tive a fazer massagens na barriguinha” “com a outra mão fazia-lhe festas na cabeça.” “dá-lhe um beijinho na barriga.”	3	“dá um beijo na cabeça da filha.” “Faz-lhe uma festa na cabeça.” “o pai agarra na mão da bebé e dá-lhe beijinhos.”	3

Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	<p>“Allo, allo!”</p> <p>“Tudo mais ou menos. A Benedita tem estado com cólicas. Entra.”</p> <p>“Acho que deve ser do leite. Não estou a amamentar, não tenho leite... e é mais provável que com o leite em pó as crianças tenham cólicas.”</p> <p>“Passou o dia a chorar... já lhe tive a fazer massagens na barriguinha... liguei ao médico, mas disse que era normal. Chatice...”</p> <p>“Ai “Rita, desculpa... nem trouxe uma cadeira para ti. Traz uma, senta-te aqui ao pé.”</p> <p>“Adormeceu, mas tenho que lhe dar o leite. Já não come há horas por causa das dores. Olhas por ela? Vou á cozinha fazer o biberão.”</p> <p>“Rita fica aqui a observa-la se quiseres. Estás á vontade.”</p>	7	“Olá meninas!”	1

	Comportamentos	“Despedimo-nos e levaram-me até à porta.”	1	“Despedimo-nos e levaram-me até à porta.”	1
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	1-02-2008 18horas	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Quarto da Benedita	-		

Tabela 9 - Análise da terceira observação realizada com a tríade Maria, João e Benedita

Quarta Observação – 8-02-2008 – Terça-feira – 18horas

Benedita – Dois meses e vinte e cinco dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	“xiuu.. xiuuu... passou.”	1	“ Anda cá filha.”	
	Críticas			“ Bolas filha... que cocó tão grande e só bebes leite “(...)	1
	Elogios	“Quem é a bebé linda da avó? Quem? BRUMMMMM” (A)* “ Está na hora do leitinho, não é bebé?...” “Anda cá minha jóia.” “ Riquezas, vamos papar? (A)*	4	“ Fofa!” “ A catraia é mesmo bonita” (A)** “ Quem é linda, quem é?”	3

	Comentários	“Oh filha então? Não tem fome?” (A)*	1	“Beny... (assobia) não tens saudades do papá? Anda aqui para o pé de mim.”	1
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	(...) “encostava a boca na barriga da neta” (...) “A avó vai fazendo festas nos pés da bebé.” (A)*	4	(...) “dá um beijo na testa da filha.” “(...) dá-lhe um beijo na cara (...)” “faz festas na cabeça da bebé”	5
	Intrusivos	(...) “coloca-lhe o babate.” (A)* “Coloca-lhe a chucha.” “retira-lhe a chucha e começa a dar-lhe o leite.”		“Destapa a bebé, retira-lhe a manta e a parte de baixo do fato.” “coloca-lhe a chucha”	
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar				
	Sorriso				
	Amamentar	“A avó começa a dar-lhe o leite” (A)*	1		

	Cuidar	<p>“Destapa a Benedita e coloca-lhe o babete” (A)*</p> <p>(...)“começa a embala-la e a dar-lhe palmadinhas no rabo.”</p> <p>(...) “dar o leite á filha”</p> <p>“A mãe com uma toalha limpa a filha” (...)</p> <p>“A mãe vai buscar outra manta e coloca por cima da bebé.”</p>	5	<p>(...)”retira-lhe a fralda suja.”</p> <p>(...) “limpa a bebé.”</p> <p>(...) “pai lava a bebé.”</p> <p>(...) “coloca a fralda” (...)</p>	4
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis				
	Verbais	<p>“Pronto amor... só para não ficares porquinha. O pai já te veste.”</p>	1		
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador				
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	<p>“A mãe levanta-se e coloca a Benedita no “ovo”</p>	1	<p>“O pai deita a bebé no fraldário muito devagar.”</p> <p>“O pai deita a bebé na cama” (...)</p> <p>(...) “volta a deita-la em cima da manta.”</p> <p>“O pai deita a Benedita no berço”</p>	4

Linguagem do Bebé	Vocalização	“A Benedita começa a fazer alguns gemidos e a ameaçar chorar.”	1		
	Choro	“A Benedita começou a chorar.” “começa a chorar.” “começa a chorar cada vez mais alto e com mais força.”	3		
Comportamentos do bebé	Movimentos	(...) “e mexe as pernas com rapidez.”	1		
	Toque				
	Olhar			(...) “direccionado para a cara do pai.”	1
	Sorriso	“A bebé ri (...)”	1		
	Sugar/Mamar	(...) “não pega na chupeta do biberão” (A)* “A bebé começa a beber sem dificuldade.”	2		
	Vigília/Sono	(...) “sempre com o olhar desperto “ (...)”	1	(...) “vai fechando os olhos.”	1
Comportamentos da Interação	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				

Mãe/pai - Bebê	Contacto Pele/Pele			(...) “dá um beijo na testa da filha.” “levanta-lhe as pernas com uma mão”(…) “faz festas na cabeça da bebê”	3
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	<p>“ Olá Rita, junta-te á família. Como correu a semana?”</p> <p>“Hoje está toda desperta... tanta movimentação aqui... só podia.”</p> <p>“ Rita, afinal mudamos de leite, e a Benedita melhorou... acho que há marcas melhores que outras... pelo menos desde que mudamos, nada...”</p> <p>“Ela agora adormece. Rita fica ou vem connosco, estás em casa.”</p> <p>“ Ai que querida! Não era preciso, mas muito obrigada”</p>	5	<p>“ Boa tarde! Em que posso ajudar?” (A)**</p> <p>“ Ah com certeza, já sei... entre sff.” (A)**</p> <p>“ Anda Rita, vamos mudar a fralda a esta porquinha.”</p> <p>(...) “Anda Rita.”</p> <p>“ Obrigada Rita.”</p>	4
	Comportamentos	<p>“A mãe dá-me um abraço e dois beijinhos.”</p> <p>“Levam-me até á porta”</p>	2	“Levam-me até á porta”	1

Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	08-02-2008 18horas	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de estar e quarto da Benedita	-		

Tabela 10- Análise da quarta observação realizada com a tríade Maria, João e Benedita

(A) * - Avó

(A) ** - Avô

ANEXO K

Em seguida vão ser apresentadas as tabelas de análise de conteúdo referentes às quatro observações da segunda tríade (Anexo G) constituída pela Mariana, António e Lourenço.

Caso B- Mariana (mãe), António (pai), Lourenço (bebé)

Data de Nascimento de Lourenço – 29-12-2007

Primeira Observação – 30-01-2008 - Quarta-feira – 16 horas

Lourenço – Um Mês e um dia

CATEGORIAS	SUBACATEGO- RIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	<p>“ Anda lá filho, papa que este leitinho ainda é de borla”</p> <p>“ Pronto filho, devagarinho, ainda vai ao goto.”</p> <p>“ Lourenço amor, está quase vá lá... A mãe tem tanto leite e tu a não beberes muito... não me faças isto... vá bebé...”</p>	3		
	Críticas	<p>“Só xixi filho? Ontem só fizeste cocó de manha... e hoje ainda nada?”</p>	1		
	Elogios	<p>“ Muito bem! Agora toca a trocar a fralda e depois então terás o sono dos justos.”</p>	1		

	Comentários	<p>“Não és, meu amor?” (A)*</p> <p>“ Cucu! Meu filhote, a mãe chegou”</p> <p>“ A Mãe vai só pousar os sacos e já volta para te dar papar, está bem filho?”</p> <p>“Deixa cá aproveitar que estás comigo para te dar colinho, senão vem a mãe e diz “Ai não o podemos habituar ao colo senão não vai querer outra coisa.”</p> <p>(A)*</p> <p>“ Ora vamos lá que ele já deve estar cheio de saudades da mãe, não é filhote?”</p> <p>“ Oh filho a mãe vai tirar a mantinha, estás cheio de calor.”</p> <p>“ Ai esta avó é tontica, pois é bebé?”</p> <p>“Vá filhote, já vais para a caminha.”</p> <p>“ Vamos para o quartinho, deitar no berço amor?”</p>	9		
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
	Afecto	“ (...)dá-lhe um beijo na testa.”	3		

Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai		<p>“ Começa a fazer-lhe festinhas na cabeça e a mexer-lhe nas pernas.”</p> <p>“(…)dá um beijo na testa do Lourenço.”</p>			
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar				
	Sorriso				
	Amamentar	<p>“(…) e com a mão direita abre a camisa para lhe dar de mamar.”</p>	1		
	Cuidar	<p>“(…)vai dando-lhe palmadinhas nas costas.”</p> <p>“A fralda de pano é colocada debaixo do rabo do bebé. Começa a despir o Lourenço, retira-lhe as calças e a fralda suja.”</p> <p>“À medida que vai falando, coloca a fralda no bebé e veste-o”</p> <p>“Com uma toalhita que retira da mala, limpa-lhe a cara e as mãos. Envolve o Lourenço na manta.”</p> <p>“ (..) tapou-o com um lençol e uma manta.”</p>	5		

Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis				
	Verbais				
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	“Oh filho olha, vem lá a mãe.” (A)* “ (...)senão vem a mãe” (A)*	2		
	Observador				
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“Estava o bebé deitado no carrinho.” “ (...) deita o bebé no sofá” “Colocou o bebe no berço (...)”	3		
Linguagem do Bebé	Vocalização				
	Choro				
Comportamentos do bebé	Movimentos	“(...) e mexe a cabeça” “	1		
	Toque	(...) elevava os seus braços ao peito da mãe.” “À medida que o fazia apoiava a sua mão no peito da mãe.”	2		
	Olhar				

	Sorriso				
	Sugar/Mamar	<p>“O bebé começou a mamar rapidamente.”</p> <p>“O bebé sugava com rapidez”</p> <p>“À medida que o bebé ia mamando(...)”</p> <p>“ (...) à medida que ia mamando”</p> <p>“ (...)o bebé recomeçava a mamar”</p>	5		
	Vigília/Sono	<p>“O bebé estava acordado com a chucha na boca”</p> <p>“O bebé ia fechando os olhos”</p> <p>“(…)já tinha adormecido.”</p> <p>“O Lourenço estava de olhos fechados e muito sossegado”.</p>	4		

Comportamentos da Interacção Mãe/pai – Bebê	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				

	Contacto Pele/Pele	<p>“(…)dá-lhe um beijo na testa.”</p> <p>“ Começa a fazer-lhe festinhas na cabeça e a mexer-lhe nas pernas.”</p> <p>“ A mãe ia mexendo-lhe nas bochechas para ele não adormecer.”</p> <p>“Quando a mãe lhe mexia na cara (…)”</p> <p>“(…)dá um beijo na testa do Lourenço.”</p>	5		
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	<p>“Olá menina! É a Rita, não é?” (A)*</p> <p>“Bem obrigada, sou a avó do Lourenço. Entre sff.”</p> <p>(A)*</p> <p>“Sente-se. A minha filha disse-me que vinha cá hoje. Ela já deve estar a chegar. Foi ao super-mercado enquanto eu fiquei aqui com o meu neto.” (A)*</p> <p>“ Olá Rita! Está boa?</p> <p>Desculpe o atraso, mas tive que aproveitar a presença da minha mãe para poder tratar das coisas da casa. Tem</p>	9		

		<p>sido bem tratada?”</p> <p>“ É um bebé calmo, sabe. Até hoje não tem tido cólicas, nem febres, nada. Chora para comer... lá nisso é um relógio (...)”</p> <p>(A)*</p> <p>“ Venha Rita, vou deita-lo lá no berço para ele ficar mais confortável e sossegado.”</p> <p>“ Agora dorme umas duas horinhas, depois dou-lhe o banho. Se a Rita quiser para a semana vem por volta das 18h, sempre o observa no banho.”</p> <p>“A Rita pode ficar aqui ou pode ir para a sala connosco. Veja como lhe dá mais jeito. Esteja à vontade”</p>			
	Comportamentos				
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	30-01-2008 16horas	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Quarto do bebé e sala de estar.	-		

Tabela 11 - Análise da primeira observação realizada com a tríade Mariana, António e Lourenço.

(A)* _ Avó

Segunda Observação – 6-02-2008 - Quarta-feira – 16 horas

Lourenço – Um Mês e oito dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	<p>“(…) vamos lá despir.”</p> <p>“(…) Não chora” “ “Vamos lá, está na hora.”</p> <p>“Vamos para o berço que estás com sono.”</p>	3	<p>“(…)vai comer filho. E olha o que te disse.”</p> <p>“Não é filho...anda lá.”</p> <p>“Xiuuu...xiuuuuxiuuuu”</p>	3
	Críticas	<p>“Olha para isto.... Até parece que alguém lhe fez mal... é que é um choro mesmo sentido.”</p> <p>“ Agora que estás vestidinho já não choras.”</p> <p>“Oh Lourenço, mas então?”</p> <p>“ Não querias pegar e agora ainda te sufocas... calminha, calminha... engasgas-te homem.”</p> <p>“Oh filho, o leite não foge. Olha para isso, parece que não come há dias.”</p>	5	<p>“Foste com muita sede ao pote campeão”.</p>	1
	Elogios				
	Comentários	<p>“ Oh meu amor vamos tomar banho? Vamos sim, que depois vais comer e já te passa essa rabuje.”</p> <p>“ Pronto, pronto. Não custa nada.”</p>	6	<p>“ A mãe tanto te penteou que estás mais para lá que para cá. É melhor não adormeceres enquanto papas que é a pior coisa que lhe podes fazer.”</p>	1

		<p>“ Oh filho tas assadinho, não estás? Mas que aborrecido.”</p> <p>“Vai ao colo do pai que a mãe vai lavar as mãos e beber água que ninguém é de ferro.”</p> <p>“ Pronto, pronto... era pirraça filho?”</p> <p>“ O pai passou-se... só te digo filho...”</p>			
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.	<p>“Queres é colo, mas não pode ser.”</p> <p>“ Pronto filho, tanta força... estás com frio, é?”</p> <p>“Ai a aguinha está tão boa filho...”</p> <p>“ Ora bem... aí está... contentinho agora? Pronto, pronto.”</p>	4		
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	<p>“ (...) e começa a fazer-lhe festinhas na cabeça.”</p> <p>“ (...) começa a fazer festinhas na cabeça e agarra-lhe na mão esquerda e dá--lhe beijinhos.”</p>	2	<p>“ (...)fazia festas na testa do bebé.”</p> <p>“(á medida que fazia as festas)”</p>	2
	Intrusivos	<p>“ (...) a mãe veste-lhe uma camisola de algodão”</p> <p>“Veste-lhe as calças e outra</p>	2		

		camisola. Coloca-lhe água-de-colónia e penteia o bebé com uma escova.”			
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar				
	Sorriso				
	Amamentar	<p>“ (...)e prepara-se para o amamentar.”</p> <p>“A mãe tenta mais uma vez aproximar o peito da boca do bebé.”</p> <p>“ (...) para dar-lhe de mamar”</p>	3		
	Cuidar	<p>“A mãe retira por fim a fralda do bebé.”</p> <p>“ (...) pega no bebé e coloca-o dentro da banheira.”</p> <p>“Vira o bebé de costas e aos poucos molha-lhe as costas e a cabeça”</p> <p>“A mãe acaba de lhe dar banho e retira-o da banheira segurando-o debaixo dos braços.”</p> <p>“ (...) a mãe começou a seca-lo.”</p>	9	<p>“O pai já tinha a toalha pronta e envolveu o filho na mesma”</p> <p>“O pai tapou-o e colocou o móbil a tocar...”</p>	2

		<p>“ A mãe coloca creme no corpo do bebé e pó de talco antes de lhe colocar a fralda”</p> <p>“ (...) a mãe veste-lhe uma camisola de algodão”</p> <p>“Veste-lhe as calças e outra camisola. Coloca-lhe água-de-colónia e penteia o bebé com uma escova. “</p> <p>“ (...)A mãe coloca o babate no Lourenço sem aperta-lo atrás do pescoço”</p>			
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	“ (...) com a outra ia fazendo-lhe festas na cabeça.”	1		
	Verbais	“ Xiu...xiu... já passa.” “ Oh filho tu hoje não estás nos teus dias...”	2		
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador				
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“(…) deitou o Lourenço na cama” “ Deitaram-no na cama”	2	“O Pai deitou o bebé no berço.”	1
Linguagem do	Vocalização	“O Lourenço ainda estava a fazer alguns ruídos.”	1		

Bebé	Choro	<p>“O bebé estava a chorar (...)”</p> <p>“O bebé engasgou-se enquanto mamava.”</p> <p>“O bebé começou a chorar novamente.”</p> <p>“O Lourenço começa a chorar.”</p> <p>“O Lourenço continua a chorar (...)”</p> <p>“O bebé deita o leite foram e começa a chorar.”</p> <p>“O bebé rejeita e recomeça a chorar.”</p>	7		
Comportamentos do bebé	Movimentos	<p>“ (...) e tinha os braços levantados como se pedisse colo.”</p> <p>“ (...) fechava os próprios braços contra o próprio peito”</p> <p>“ (...) e dar aos braços.”</p> <p>“Lourenço começa a dar às pernas e aos braços”</p> <p>“O bebé foge com a cara do peito da mãe e começa a querer chorar, ao mesmo tempo que com a força que faz com o corpo para se afastar da mãe, começa a ficar vermelho.”</p> <p>“o bebé não mama</p>	7		

		novamente, virando a cabeça para o lado oposto.” “(…) e a bracejar”			
	Toque				
	Olhar				
	Sorriso				
	Sugar/Mamar	“O bebé acalma e começa a mamar.” “O bebé começou a mamar muito depressa.”	2		
	Vigília/Sono				
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebê	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	“Vira o bebé de costas e aos poucos molha-lhe as costas e a cabeça” “A mãe acaba de lhe dar banho e retira-o da banheira segurando-o debaixo dos braços.” “ A mãe coloca creme no corpo do bebé e pó de talco antes de lhe colocar a	5	“(…) fazia festas na testa do bebé.”	1

		<p>fralda”</p> <p>“ (...) e começa a fazer-lhe festinhas na cabeça.”</p> <p>“ (...) começa a fazer festinhas na cabeça e agarra-lhe na mão esquerda e dá--lhe beijinhos.”</p>			
Relação Mãe/Pai – Observador	Fala	<p>“Oh Rita, entre e sente-se. Estava a ver se acalmava este rapaz... já deve estar com fome. Então como lhe correu a semana?”</p>	1	<p>“Olá Olá, deve ser a Rita, certo?”</p> <p>“ Entre entre, já é da casa.”</p> <p>“ A minha mulher está com o Lourenço no nosso quarto... ele estava a resmungar um bocado e ela foi com ele para a cadeira de balouço que lá temos, ele gosta e costuma acalmar. Por aqui.”</p> <p>“ Venha Rita.”</p>	4
	Comportamentos				
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	6-02-2008 16 horas	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de estar e quarto do bebé	-		

Tabela 12– Análise da segunda observação realizada com a tríade Mariana, António e Lourenço.

Terceira Observação – 13-02-2008 - Quarta-feira – 16 horas

Lourenço – Um Mês e quinze dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas			“ Vamos lá campeão!” “Oh filho não adormeças... o pai quer brincar.”	2
	Críticas				
	Elogios				
	Comentários	<p>“ Estás a acordar, filho? É melhor a mãe ir-se preparando que está na hora de comeres.”</p> <p>“ Não parecees ter cocó por isso vamos comer e depois a mãe muda-te a fralda, parece-te bem?”</p> <p>“ Estavas com tanta fome...”</p> <p>“ Lourenço amor... como é? Não queres mais?”</p>	4	<p>“ Cucu!! Filhoteeeee..... se a hora não me falha estás a papar...”</p> <p>“Estás a mamar filho? Grande vida!”</p>	2
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	<p>“Dá-lhe um beijinho na testa (...)”</p> <p>“ (...) mãe ia mexendo-lhe nos pés e na mão direita do bebé”</p>	2	<p>“ (...) uma festa na cabeça do bebé.”</p> <p>“O pai mantinha-se a fazer festas na cabeça do bebé e assobiava-lhe.”</p> <p>“ (...) dá-lhe beijinhos na</p>	3

				barriga.”	
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar				
	Sorriso				
	Amamentar	<p>“ (...)prepara-se para dar-lhe de mamar.”</p> <p>“Coloca o bebé a mamar no peito esquerdo (...)”</p> <p>“A mãe levanta o bebé e passa para o outro peito.”</p>	3		
	Cuidar			<p>“Leva o Lourenço até ao sofá e deita-o em cima de uma base de pano própria para se mudar fraldas.”</p> <p>“Despe o Lourenço até á cintura e retira-lhe a fralda.”</p> <p>“O pai limpa o bebé com as tolhitas, coloca creme e por fim a fralda.”</p>	3
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do	Tácteis				
	Verbais	“ Filhote a mãe vai já... está na hora está, eu sei... espera	1		

bebé		um pouquinho.”			
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	“Olha bebé, olha quem lá vem!”	1		
	Observador	“Oh filho já disseste adeus á Rita hoje? Olá Rita, vou papar.”	1		
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“O bebé começa a mexer-se no berço.” “(…) nota-se mais agitado dentro do berço.”	2	“Leva o Lourenço até ao sofá e deita-o em cima de uma base de pano própria para se mudar fraldas.” “O bebé mantém-se deitado no sofá de barriga para cima.” “(…) vai deita-lo no berço.”	3
Linguagem do Bebé	Vocalização	“O Lourenço começa a fazer alguns ruídos (...)”	1		
	Choro	“A chupeta cai-lhe da boca e ele começa a chorar.”	1		
Comportamentos do bebé	Movimentos	“O bebé começa a mexer-se no berço.” “(…) nota-se mais agitado dentro do berço.” “ O bebé agita braços e pernas.”	3		
	Toque	“(…)até que este agarra-lhe o dedo indicador com a sua mão direita e assim se	1		

		mantém até ao fim.”			
	Olhar				
	Sorriso				
	Sugar/Mamar	<p>“Enquanto o bebé mamava a mãe ia trauteando uma cantiga.”</p> <p>“Enquanto o Lourenço mamava (...)”</p> <p>“O bebé entretanto para de mamar.”</p>	3		
	Vigília/Sono	<p>“(...) ele está no berço a dormir.”</p> <p>“(...) aos poucos ia fechando os olhos.”</p>	2		
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebê	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira			<p>“O pai senta-se no chão e fica virado para o bebé e brinca com ele.”</p> <p>“brinca com os dedos do bebé à espera que ele os aperte (...)”</p>	2
	Contacto Pele/Pele	<p>“Dá-lhe um beijinho na testa (...)”</p>	1	<p>“(...) uma festa na cabeça do bebé.”</p> <p>“O pai mantinha-se a fazer festas na cabeça do bebé (...)”</p> <p>“brinca com os dedos do bebé à espera que ele os aperte (...)”</p>	3

<p>Relação Mãe/Pai – Observador</p>	<p>Fala</p>	<p>“Olá Rita, entre sff.”</p> <p>“ Ai, olhe... hoje não estou lá muito bem não...mas entre, entre... estou na sala a dobrar umas roupas do Lourenço e ele está no berço a dormir.”</p> <p>“Sente-se Rita, fique onde lhe der mais jeito.”</p> <p>“È que hoje não me sinto muito bem... tenho estado com uma dor de cabeça horrível e o Lourenço não dormiu nada de noite, por isso é que já é esta hora e ele está ferradinho.”</p> <p>“È que isto de ser mãe é muito bonito, mas sinto falta dos meus dias imparáveis, sempre de um lado para o outro. Hoje vivo dependente de uma pessoa e ela de mim. Não é assim tão fácil como parece.”</p> <p>“ Rita vou só lavar as mãos e buscar o cestinho dele com as fraldas para lhe mudar.”</p>	<p>6</p>	<p>“Olá Rita, está boa?”</p>	<p>1</p>
	<p>Comportamentos</p>	<p>“O pai e A mãe levaram-me até á porta e despedimo-nos.”</p>	<p>1</p>	<p>“O pai e A mãe levaram-me até á porta e despedimo-nos.”</p>	<p>1</p>

Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	13-02-2008 16horas	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de estar	-		

Tabela 13 – Análise da terceira observação realizada com a tríade Mariana, António e Lourenço.

Quarta Observação – 20-03-2008 – Quarta-feira – 16 horas

Lourenço –Um mês e vinte e dois dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	“Vamos despir e aguinha... ai que bommm!!” “Upa! Já está!” “ Diz adeus á Rita Lourenço.”	3	“ Toca a arrotar.”	1
	Críticas			“ Caramba que isso é que era ter fome!”	1
	Elogios	“Oh meu redondinho! Estás mais gordinho filho!” “Olha para esta perna boa! Mordia-te todo!”	2		
	Comentários	“ È a Primavera, não é filho?” “ È bom, pois é filho? E viva a liberdade.” “ Ai desculpa filho, as tuas pernas já estão tão	5	“ Vamos à banhoca, vamos à banhoca!” “ Aguinha boa não é filho...”	2

		gordinhas que a mãe já nem as consegue agarrar só com uma mão... é bom sinal, não é?” “Olha filho... que pelo menos na modéstia saias à mãe!” “Já está? Tinha fominha tinha.”			
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.			“Lourenço, vá lá... colabora com o papá.”	1
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	“A mãe dá um beijinho na cabeça do filho” “A mãe chega perto do bebé e aperta-lhe a perna.”	2	“ (...)com a outra mão a fazer festas na barriga do bebé.”	1
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar			“ (...) sempre a olhar para o filho”	1
	Sorriso				
	Amamentar			“O pai deu o leite ao Lourenço em silêncio (...)”	1

	Cuidar	<p>“ (...) deita-o no fraldário onde o limpa.”</p> <p>“Coloca-lhe a fralda e para tal levanta-lhe os pés com uma só mão enquanto a outra coloca a fralda debaixo do rabo do bebé.”</p> <p>“Coloca creme no corpo do bebé e na cara.”</p> <p>“Veste as calças, a camisa e por fim as meias.”</p> <p>“A mãe colocou uma babete no filho (...)”</p>	5	<p>“O pai levanta o bebé do fraldário e agarrando o bebé debaixo dos braços começa por introduzir primeiro os pés do bebé na água.”</p> <p>“ (...) com a mão direita, o pai, aos poucos, vai colocando água no corpo do Lourenço.”</p> <p>“O pai começa a lavar a cabeça do bebé e o corpo também.”</p> <p>“Quando começa a retirar a espuma, passa com água na cara do Lourenço.”</p> <p>“Vira o bebé de costas e lava-lhe a parte de trás do corpo.”</p> <p>“O pai lava o bebé.”</p> <p>“O pai levanta o Lourenço da banheira e coloca-o na toalha que a mãe tinha”</p> <p>“O pai pega no bebé e começa a penteá-lo com uma escova. Vai à cómoda e coloca perfume no bebé.”</p> <p>“Limpa a boca do bebé com o babete e levanta o Lourenço.”</p>	9
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	“Levanta o bebé e começa a embala-lo ao colo dando-lhe palmadas no rabo.”	1		
	Verbais	“ Eu sei que não gostas, mas faz bem Lourenço!”	2	“Estas desconfortável, não é?”	4

		“ Ai pronto pronto que tem muita fome...”		“Oh Diabo! Fominha a quanto obrigas. Vai já filho...” “ Toma a Chuchu, toma lá.” “Pois não sai leitinho, não é? Está quase.”	
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador	“ Diz adeus á Rita Lourenço.”	1		
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“A mãe levanta o bebé do berço e deita-o no fraldário.” “ (...) deita-o no fraldário onde o limpa.”	2	“O pai deita o bebé no berço (...)” “Na sala o pai deitou o bebé no sofá.”	2
Linguagem do Bebê	Vocalização				
	Choro	“ (...)Aqui o bebé começa a chorar.” “O Lourenço começou a chorar.” “Durante alguns instantes o bebé para de chorar, mas rapidamente recomeça.”	3		
Comportamentos do bebé	Movimentos	“ (...) a dar aos braços e ás pernas(...)” “ (...) demonstra estar mais agitado, esbracejando e	4		

		levantado as pernas. “Este deita a língua de fora.” “Quando o faz na cara o bebé começa a virar a cabeça.”			
	Toque				
	Olhar				
	Sorriso				
	Sugar/Mamar			“O bebé bebeu o leite rapidamente.”	1
	Vigília/Sono	“ (...) e com os olhos muito abertos” “Já que está acordado(...)”	2		
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebé	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira			“O pai levanta o bebé ao ar.”	1
	Contacto Pele/Pele	“A mãe dá um beijinho na cabeça do filho” “Coloca creme no corpo do bebé e na cara.”	2	“O pai começa a lavar a cabeça do bebé e o corpo também.”	1
Relação Mãe/Pai – Observador	Fala	“Olá Rita! Está tudo bem?” “Entre, já conhece os cantos à casa. Eles estão aí na sala.” “ Têm estado assim desde a	7	“ Olá olá! Está boa? Quer juntar-se ao piquenique?” “ Venha Rita, vamos para a sala.”	2

		<p>hora de almoço. O Lourenço ainda nem dormiu. Numa agitação só.”</p> <p>“ Ai oh Rita, já viu bem isto?”</p> <p>“Oh Rita que disparate! Foi gastar dinheiro connosco. Olha aqui filho, uma prenda para ti, vamos abrir?”</p> <p>“Adorei Rita, muito obrigada.”</p> <p>“Apareça sempre que quiser, e se precisar de mais alguma coisa já sabe!”</p>			
	Comportamentos	“Levam-me os três até à porta.”	1	“Levam-me os três até à porta.”	1
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	20-03-2008 16horas	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de estar e quarto da bebé	-		

Tabela 14 – Análise da quarta observação realizada com a tríade Mariana, António e Lourenço.

ANEXO L

Em seguida vão ser apresentadas as tabelas de análise de conteúdo referentes às quatro observações da terceira tríade (Anexo H) constituída pela Mafalda, Bernardo e Matilde.

Caso C- Mafalda (mãe) ; Bernardo (Pai), Matilde (bebé)

Data de Nascimento de Matilde – 7-02-2008

Primeira Observação – 07-03-2008 – Quinta-feira - 11.30 horas

Matilde – Um Mês

CATEGORIAS	SUBACATEGO- RIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas				
	Críticas	“A menina não pára. Está eléctrica, mas que coisa.” “Mas o que é que eu lhe faço? Diga lá á mãe. Hum?”	1	“Mas oh rapariga, tu não dormes? O “João Pestana” não quer nada contigo estou a ver. Mas a quem é que tu sairás. À mamã não é!”	1
	Elogios			“(…) a minha menina tem gostos muito finos.”	1
	Comentários			“Queres que te dê musica?” “Hum... e agora uma manta para te enrolarmos, onde está?” “Estás com soninho, caturra... estás, estás.” “ “Pronto... vou ligar o halki toki, como eu lhe chamo, assim se chorares o pai ouve-te.”	4
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				

Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto			“(...) começa a fazer-lhe festas na cabeça” “(dá-lhe um beijinho na testa.)”	2
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	“(disse a olhar para a bebé).”	1	“(...)e a olhar para ela. Mantém-se assim por longos minutos.)”	1
	Sorriso				
	Amamentar				
	Cuidar	“A Constança retira o “canguru” e deita a bebé no berço, coberta pelos lençóis e por um endredon em miniatura.” ©*	1	“Envolve a bebé na manta com todo o cuidado e mantém-se com a Matilde ao colo.”	1
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	“ Olhe estava aqui a embalar a bebé, estava a fazer birrinha e nada melhor como o balanço da cadeira para passar.”	1		
	Verbais			“ Pronto meu amor, a mamã lá diz que esta musica te acalma, mas se até a mim me enerva como é que tu podias acalmar. Ahhh... Vamos lá desligar esta coisa.”	1
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador	“ Matilde olhe a Rita, veio aqui exclusivamente para a ver, já viu? Mas como está a ficar famosa.”	1		

	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“A Constança retira o “canguru” e deita a bebé no berço, coberta pelos lençóis e por um endredon em miniatura.” ©*	1	“(…) coloca a Matilde no berço”	1
Linguagem do Bebé	Vocalização	“(…)a fazer alguns ruídos.”	1		
	Choro	“ Olhe estava aqui a embalar a bebé, estava a fazer birrinha (...)” “A Matilde começa a chorar.” “A Matilde continua num choro cada vez mais forte.”	3		
Comportamentos do bebé	Movimentos	“Esbracejava dentro do “canguru”.” “(…) sempre com os braços a mexer.” “(…) e continuava a esbracejar”	3		
	Toque				
	Olhar				
	Sorriso				
	Sugar/Mamar				
	Vigília/Sono	“A Matilde encontrava-se acordada (...)” “A Matilde encontra-se	6		

		<p>sosegada mas desperta (...)"</p> <p>" (...) com os olhos abertos."</p> <p>"(Esta já sossegada e a fechar os olhos)."</p> <p>" Ai que bom que ela já dorme (...)" ©*</p> <p>"A bebé mantém-se a dormir."</p>			
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebé	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	"(á medida que ia dando toques na ponta do nariz da bebé com o dedo indicador esquerdo.)"	1	" (...) começa a fazer-lhe festas na cabeça"	1
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	<p>"Com certeza, entre sff." ©*</p> <p>" A Dona Mafalda está na salinha com a menina Matilde, queira entrar sff." ©*</p> <p>"Sim, com certeza, faça favor de entrar Rita."</p> <p>" Olhe apresento-lhe a minha Matilde."</p> <p>"Mas sente-se por favor. Posso oferecer-lhe alguma coisa, um chá um café?"</p> <p>" Então deu bem com a moradia, não foi? Ai que</p>	11	<p>"Desculpe, deve ser a Rita, não?"</p> <p>" Olá Rita, sou o pai desta endiabrada."</p> <p>" Rita, apresento-lhe o meu anjo da guarda."</p> <p>"Rita, vou lá para fora, mas se quiser ficar esteja à vontade, se precisar de alguma coisa peça à Constança."</p> <p>"Sim, esteja á vontade, ligue-lhe que o telemóvel não sai do pé dela. Com enxaqueca ou sem ela, nunca o larga."</p> <p>"Adeus Rita e desculpe qualquer coisa."</p>	6

		<p>bom, estava preocupada se não se perderia, até tinha o telemóvel perto de mim caso ligasse a pedir indicações.”</p> <p>“ Olhe estava aqui a embalar a bebé, estava a fazer birrinha e nada melhor como o balanço da cadeira para passar.”</p> <p>“Se não se importa Rita, vou me retirar uns minutinhos. Só o tempo de me deitar e esta enxaqueca passar.”</p> <p>“Rita pode ir com a Constança e esteja á vontade lá no quarto da bebé.”</p> <p>“Venha menina, por aqui.”</p> <p>©*</p> <p>“Vou chamar o menino Bernardo. Com licença.”</p> <p>©*</p>			
	Comportamentos				
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	7-03-2008 11.30h	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de estar e quarto da bebé	-		

Tabela 15 – Análise da primeira observação realizada com a tríade Mafalda, Bernardo e Matilde

©* - Constança

Segunda Observação – 14_03_2008 – Sexta-feira - 11.30 horas

Matilde – Um mês e sete dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas				
	Críticas	<p>“ Ai que já não se pode brincar consigo, assim é que me paga eu ter ido passeá-la lá fora? Sua má.”</p> <p>“ Está a rir a menina? Até parece que sabe que fez uma maldade e deixou a mãe naquela situação. Mas que espertinha”</p> <p>“ Ai a menina hoje está impossível! Pu-la neste mundo, sofri horrores e é assim que me agradece? Vá sossegue, sossegue... comeu, a Constança trocou a fralda... que quer afinal?”</p>	3		
	Elogios	“Como nova, minha querida!” ©*	1		
	Comentários	<p>“Rugas é que não, não acha Matilde?”</p> <p>“Olhe para isto... Acha bem?”</p> <p>“ Ele há coisas, oh minha querida!” ©*</p> <p>“Se a sua mana sobreviveu a menina também, não se preocupe.” ©*</p> <p>“Tem xixi, também deve ter</p>	6		

		<p>apanhado um susto com a sua mãe, não foi?”</p> <p>“Matilde, a menina ta viva?”</p> <p>“Ah... é sono... durma, vá durma...”</p>			
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto				
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	<p>“ (...) olha para a Matilde.” ©*</p> <p>“(diz, olhando para a bebé)” ©*</p> <p>“ (...)a olhar para a bebé (...)” ©*</p> <p>“ (...)olha para a filha (...)”</p> <p>“(...) mantêm-se a olhar para a Matilde.”</p> <p>“ (...)só olhando para a bebé”</p> <p>“ (...)e espreita a bebé”</p>	7		
	Sorriso	“ (...) diz a sorrir (...)” ©*	1		
	Amamentar				

	Cuidar	<p>“Levanta a bebé do carrinho.”</p> <p>“ (...) limpa a cara da bebé (...)” ©*</p> <p>“(...) enquanto a embalava.” ©*</p> <p>“ (...) para lhe trocar a fralda.”</p> <p>“Tira-lhe o fatinho e por sua vez a fralda).”</p> <p>“Faz a higiene da bebé e volta a vesti-la.” ©*</p> <p>“ (...)envolve-a na manta (...)” ©*</p> <p>“Esta tapa-a com o pequeno edredon e liga a caixinha de música (...)” ©*</p> <p>“ (...) levanta a bebé do berço e embala-a.”</p> <p>“(...)continua a embala-la”</p> <p>“Mafalda continuou a embalar a Matilde”</p>	11		
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	“ (...) pegou na chucha que estava dentro do berço e deu á Matilde”	1		
	Verbais	“ Xiu... vá xiu...”	1		
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador	“ Matilde, olhe quem chegou!”	1		
	Outros				
Mediatização do	Apresentação de Objectos				

ambiente pela Mãe/Pai.	Liberdade de movimentos	<p>“Estava a bebé deitada no carrinho (...)”</p> <p>“ (...) deita a bebé no berço (...)”</p> <p>“Coloca a bebé deitada no fraldário (...)” ©*</p> <p>“ (...) deita-a no berço.” ©*</p> <p>“(deitou a bebé no berço)”</p>	5		
Linguagem do Bebé	Vocalização	“(...) fazendo alguns ruídos”	1		
	Choro	<p>“ (...) no berço a chorar”</p> <p>“A bebé começa a chorar”</p>	2		
Comportamentos do bebé	Movimentos	<p>“A bebé dava aos braços ao mesmo tempo que se espreguiçava(...)”</p> <p>“ (...) estremecendo os braços.”</p>	2		
	Toque				
	Olhar	“(...) mas sempre de olhos abertos e a seguir os movimentos da Constança (...)”	1		
	Sorriso	<p>“(...) e sorria.”</p> <p>“(...) que estava a sorrir”</p>	2		
	Sugar/Mamar				
	Vigília/Sono	<p>“(...)mas,desperta”</p> <p>“(...)começa a fechar os olhos”</p> <p>“ (...) que acabou por adormecer”</p>	5		

		<p>“A bebé mantinha-se a dormir (...)”</p> <p>“ (...) vê que adormeceu”</p> <p>©*</p>			
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebê	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele				
Relação Mãe/Pai – Observador	Fala	<p>“Sim, Rita estou a vê-la, vou já abrir.”</p> <p>“ Bom dia!” “ Hoje muito melhor. Ai desculpe lá o incidente do outro dia, mas não estava a suportar as dores. Entre, entre.”</p> <p>“Sabe, fomos passear ali no jardim, apanhar o sol da manhã, que não faz mal à pele.”</p> <p>“Menina Rita, vou lá dentro aos meus afazeres, deixe-se estar á vontade, qualquer coisa chame-me.” ©*</p> <p>“Rita, não se quer sentar, sente-se.”</p> <p>“Sabe a Maria já tem 6 anos, e um 2º filho não estava minimamente nos meus planos. A Matilde não foi planeada. Já tenho dificuldade em voltar a</p>	14		

		<p>estes hábitos. Se bem que com a Maria foi diferente. A Constança é que a criou, que na altura eu trabalhava.” (faz uma pausa e retoma) “Oh... O que estou eu a dizer... a Constança na verdade acaba por criar esta também. Mora connosco desde que eu nasci, saiu de casa dos meus pais onde trabalhava para vir trabalhar para aqui... para ajudar-me com a Maria, como é normal, e aqui se mantêm... Ah mas Graças a deus que horror, não me imagino sem ela.”</p> <p>“ Já viu este tempo? Eu a querer passar o fim-de-semana lá em baixo mas assim não há quem tire o meu marido de cá. Que aborrecimento...”</p> <p>“Rita se não se importa vou arranjar-me está bem? Fique à vontade.”</p> <p>“ Então se já não a vir, até para a semana.”</p> <p>“A menina Mafalda já saiu?” ©*</p> <p>“ Para a semana, a menina Rita vem mais cedo e ainda</p>		
--	--	---	--	--

		<p>vê a Menina Mafalda a dar-lhe banho. È logo pela manhã”. ©*</p> <p>“ Sim combine, a menina Matilde adora o banho, é um regalo vê-la na água. Quando chegar o verão estou ansiosa por vê-la li na piscina.” ©*</p> <p>“ Está bem, venha menina que eu acompanho-a.” ©*</p> <p>“ Adeus menina, vá com Deus.” ©*</p>			
	Comportamentos	<p>“(dirigiu-se a mim e deu-me dois beijinhos.)”</p> <p>“Constança foi comigo ate á porta.” ©*</p>	2		

Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	14-03-2008 11.30h	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Quarto da bebé	-		

Tabela 16– Análise da segunda observação realizada com a tríade Mafalda, Bernardo e Matilde

©* - Constança

Terceira Observação – 21-03-2008 – Sexta-feira - 10 horas

Matilde – Um mês e catorze dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas				
	Críticas				
	Elogios	“ Menina valente. Já está.” ©*			
	Comentários	“ Agora tem que beber o leitinho, não é meu amor.” ©* “Calma menina, ainda se engasga... mas que fominha	2	“Ora muito bem, vamos lá lavar-te, oh piolho eléctrico.” “ Que tal a água?” “ Se não choras é sinal	10

		heim!” ©*		<p>que está boa, não é? Então vamos lá molhar esse rabo e essas pernas.”</p> <p>“ Eu sei que estes produtos não fazem mal aos olhos, mas não queremos que entre nada nessas azeitonas, pois não.”</p> <p>“È o primeiro banho que te dou filha.”</p> <p>“ E o que é que a madame vai vestir hoje? Ah, mais vai ter que ser uma roupa toda gira, que vai sair com o pai até à hora de almoço.”</p> <p>“ Oh meu amor, não quero, não gosto de ver fitas nas bebés, parece que ficam com o cérebro todo comprimido. Se calhar quando a tua mãe era bebé, puseram-lhe muitas fitas.”</p> <p>“Já estás a comer, sua gulotona?”</p> <p>“Oh filha, só gente tonta...”</p> <p>“Vamos passear? Hum? Que te parece?”</p>	
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
Comportamentos Tácteis da	Afecto	“(a Constança encontrava-se perto do berço e a fazer uma festa na cabeça da	1	“Vai até ao sofá e faz uma festa na cabeça da bebé.”	1

Mãe/Pai		Matilde.)” ©*			
	Intrusivos	“Constança retira-lhe a chucha, coloca-a na mesa-de-cabeceira e agarra no biberão.” ©*	1	“Enquanto lhe vestia a camisola de gola alta (...)”	1
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar			“(ri, olhando para a filha)”. “Senta-se no sofá e fica a olhar para a bebé enquanto come.”	2
	Sorriso			“(ri, olhando para a filha)”	1
	Amamentar	“Começa a dar-lhe o biberão.” ©*	1		
	Cuidar	“(...) aconchegando a bebé na manta.” ©*	1	“Quando o pai lhe retirou a fralda (...)” “Levanta a bebé, agarrando-a debaixo dos braços e colocou primeiro os seus pés na banheira.” “Devagarinho, foi colocando o corpo da bebé, dentro da água. O corpo da bebé encontrava-se sempre apoiado no braço esquerdo do pai, enquanto que com o braço direito o pai ia molhando o peito e a cara da bebé. “E muito devagar e com cuidado lavou a cabeça da bebé, assim como a cara da mesma. Virou-a de costas e lavou o resto do corpo”	9

				<p>“O pai retira a bebé da banheira e coloca-a em cima da cama onde se encontrava a toalha.</p> <p>Envolve a Matilde na toalha e começa a limpá-la com cuidado.”</p> <p>“O pai colocou-lhe a fralda. Envolveu a Matilde numa manta (...)”</p> <p>“O pai senta-se e começa a vestir a bebé.”</p> <p>“O pai termina de a vestir e levanta-a da cama.”</p> <p>Envolve a bebé na manta novamente e coloca-a no berço.”</p> <p>“O pai agarrou na filha, manteve a bebé na vertical com a cabeça encostada ao seu ombro até ela arrotar.”</p>	
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	“Começa a dar-lhe o biberão.”	1	“O pai estica o braço até à mesa de cabeceira de onde retira a chucha e coloca na bebé.”	1
	Verbais	“È já já, meu amor.” ©*	1	<p>“Queres ver entreres na água e já não haver lágrimas para ninguém. Que matreira que tu me saíste.”</p> <p>“È para veres como as mulheres sofrem para ficarem bonitas, tens que começar a aprender.” (sorriu). “Pronto filha está quase, já passa.”</p>	2

Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador				
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“A Matilde estava no berço, deitada de costas.”	1	“Coloca a bebé no carrinho.”	1
Linguagem do Bebé	Vocalização	“ (...) a Matilde começou a fazer alguns ruídos” “ (...) á medida que ia fazendo uns ruídos.”	2		
	Choro	“Quando o pai lhe retirou a fralda, chorou.” “Enquanto lhe vestia a camisola de gola alta (...)” “ (...)a bebé continua a chorar.” “Quando lhe tira a chucha a Matilde começa a chorar.”	3		
Comportamentos do bebé	Movimentos	“ (...) e a bracejar. Ia comprimindo cada vez mais o corpo, ficando cada vez mais tensa.” “ A bebé começou a dar aos pés (...)”	4		

		<p>“A Matilde encontrava-se muito agitada (...)”</p> <p>“A bebé mantinha-se agitada (...)”</p>			
	Toque				
	Olhar				
	Sorriso				
	Sugar/Mamar	<p>“A bebé começa a beber muito rapidamente.”</p>	1		
	Vigília/Sono	<p>“(...) a abrir muito os olhos.”</p> <p>“ (...) com os olhos muito abertos (...)”</p> <p>“Estava calma, com os olhos quase a fecharem-se e com a chucha na boca”</p>	3		
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebé	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	<p>“(a Constança encontrava-se perto do berço e a fazer uma festa na cabeça da Matilde.)” ©*</p>	1	<p>“(...) O corpo da bebé encontrava-se sempre apoiado no braço esquerdo do pai (...)”</p> <p>“Vai até ao sofá e faz uma festa na cabeça da bebé.”</p>	2

Relação Mãe/Pai – Observador	Fala	<p>“Entre menina.” ©*</p> <p>“ Bom dia Menina, como tem passado?” ©*</p> <p>“ Entre, entre. O menino Bernardo está no quarto com a menina Matilde. È que a menina Mafalda ainda não se levantou. Venha.” ©*</p> <p>“ Menina, olha por ela? Vou á cozinha tratar do leite.” ©*</p> <p>“ Venha menina, eu acompanho-a” ©*</p>	5	<p>“Olá, bom dia. Estás boa?”</p> <p>“ Então hoje veio ver esta patinha a tomar banho. Trouxe gabardina , certo? É que esta rapariga deixa mais agua fora da banheira que lá dentro.”</p> <p>“ Se quiseres vir connosco está à vontade.”</p> <p>“ Adeus e bom trabalho.”</p>	4
	Comportamentos				
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	21-03-2008 10h	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Quarto da bebé	-		

Tabela 17 – Análise da terceira observação realizada com a tríade Mafalda, Bernardo e Matilde

©* - Constança

Quarta Observação – 28_03_2008 – Sexta-feira - 11.30 horas

Matilde – Um mês e vinte e um dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
	Directivas				

Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Críticas				
	Elogios				
	Comentários				
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	“(…) faz-lhe uma festa na cabeça”	1		
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar				
	Sorriso				
	Amamentar				
	Cuidar				
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	“Coloca-lhe a chucha que tinha caído e faz-lhe uma festa na cabeça”	1		
	Verbais	“ Pronto.”	1		
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador				
	Outros				
Mediatização do	Apresentação de Objectos				

ambiente pela Mãe/Pai.	Liberdade de movimentos	“A Matilde estava deitada no carrinho” “A bebé mantinha-se calma, deitada no carrinho.”	2		
Linguagem do Bebé	Vocalização	“ (...) ia fazendo de vez em quando alguns ruídos”	1		
	Choro	“ (...) a choramingar.”	1		
Comportamentos do bebé	Movimentos	“ (...) mexia os braços, como se estremecesse por vezes” “Ia puxando a fralda”	2		
	Toque				
	Olhar				
	Sorriso				
	Sugar/Mamar	“ (...) a chuchar com força na chucha.”	1		
	Vigília/Sono	“A Matilde estava no carrinho a dormir com uma fralda de pano a cobrir-lhe a maior parte da cabeça.” “A Matilde continuava a dormir.” “A Matilde acorda (...)” “A bebé acalma, mas mantém-se acordada” “A Matilde estava de olhos fechados (...)” “Tinha adormecido” estava ainda de olhos fechados.”	6		

Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebê	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	“(…) faz-lhe uma festa na cabeça”	1		
Relação Mãe/Pai – Observador	Fala	<p>“ Bom dia Rita, entre.”</p> <p>“ Já não a via há muito tempo, como está?”</p> <p>“ Estou bem, melhor ainda se o sol tivesse a dignidade de aparecer. Mas estamos sem sorte. Entre Rita.”</p> <p>“Estou na salinha da televisão com a Matilde. Venha.”</p> <p>“ Bom dia menina!” ©*“</p> <p>Sente-se onde quiser. Fui com a Matilde até lá fora. Ai, mas está muito frio. Viemos logo para dentro. Então e o trabalho está a correr bem?”</p> <p>“ Ora ainda bem. Hoje é o último dia, não é? Mas se quiser vir mais alguns dias, esteja à vontade.”</p> <p>“ Ora, não custa nada. Ainda por mais passo aqui os dias. É sempre bom ver</p>	11		

		<p>uma cara nova.”</p> <p>“ Vou só fazer uma ligação, já volto. Deixe-se estar à vontade”</p> <p>“ Já está? E não precisa de mais nada?”</p> <p>“ Então que corra tudo bem! Continuação de bom trabalho.”</p> <p>“ Disponha.”</p>			
	Comportamentos	“ (...) acompanhada pela Mafalda que me levou até á porta.”	1		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	28-03-2008 11.30h	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de estar	-		

Tabela 18– Análise da quarta observação realizada com a tríade Mafalda, Bernardo e Matilde

ANEXO M

Em seguida vão ser apresentadas as tabelas de análise de conteúdo referentes às quatro observações da quarta tríade (Anexo I) constituída pela Ana Catarina, Vítor e Tomás.

Caso D – Ana Catarina (mãe) , Vítor (pai) Tomás (bebé)

Data de Nascimento de Lourenço – 1-01-2008

Primeira Observação – 4-02-2008 – Segunda-feira – 16 horas

Tomás – um Mês e três dias

CATEGORIAS	SUBACATEGO- RIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	“Vamos lá Tomás, vamos encher essa barriguinha, não é?” “Olha ali aquela menina que veio aqui para te ver, mostra os teus lindos olhos à Rita, mostra lá”...	2		
	Críticas				
	Elogios				
	Comentários	“ Pronto filhote, por muito que me custe, vou ter que te acordar, senão as horas da tua paparoca ficam todas trocadas e isso é que não queremos, não é?” “Oh filhote já estas acordado, a mãe teve que te acordar, pois foi?” “ Pronto, agora sim vamos papar”	6	“ Então vamos ao pediatra, não te vamos deixar passar fome não, não é campeão?” “Beijinho filhote.”	2

		<p>“Acho que temos uma ida esta semana ao pediatra, não é meu menino?”</p> <p>“Ora muito bem, este leitinho já ninguém te o tira filho. Vamos lá arrotar para depois mudar a fralda”</p> <p>“ Vamos já tratar disto”.</p>			
	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	<p>“ (...) fazia festas na cabeça do Tomás, assim como nos pés do mesmo (...)”</p>	1	<p>“ (...) faz uma festinha na cabeça do Tomás.”</p> <p>“Dá um beijo ao filho”</p>	2
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar	<p>“Enquanto falava ia olhando para o Tomás (...)”</p> <p>“A mãe não retirava os olhos do Tomás.”</p>	2	<p>“ (...) olha para o filhote (...)”</p>	1
	Sorriso			“ (...) e sorri”	
	Amamentar	<p>“Levanta a camisola e retira parte do soutien e começa a dar de mamar ao Tomás.”</p> <p>“À medida que ia dando de mamar (...)”</p> <p>“Enquanto a mãe dava de mamar (...)”</p> <p>“A mãe passa o bebe para o</p>			

		outro peito”			
	Cuidar	<p>“ (...) e aconchegando-lhe o cobertor.”</p> <p>“ (...) o bebé devagar e coloca-o na vertical perto do seu peito ao mesmo tempo que lhe dá umas palmadinhas nas costas (...)”</p> <p>“Coloca o bebé na horizontal, com a cabeça apoiada no seu braço direito e por sua vez o braço direito apoiado numa almofada de forma a dar suporte.”</p> <p>“Vamos lá arrotar para depois mudar a fralda”</p> <p>“Levantou o bebé, colocou-o na vertical, colocou uma fralda no seu ombro direito e ia batendo nas costas do Tomás.”</p> <p>“Deitou o bebé de costas, e começou a trocar-lhe a fralda.”</p> <p>“Retirou a fralda suja, limpou o bebé com as toalhitas (...)”</p> <p>“Vestiu-o, enrolou-o numa manta e voltou a deitá-lo no sofá com uma almofada de cada lado.”</p>	12		

Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis				
	Verbais	“Calma rapaz, a paparoca ainda não terminou”. “Pois é filho, são frias não são? Mas tem que ser para limparmos bem este rabiosque, é só pôr o creme e já ficas quentinho outra vez.”	2		
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe	“xiuuu... Tomas, olha quem lá vem? É o papá, pois é? É pois... pergunta assim, “oh papá não devias estar a trabalhar?”	1		
	Observador	“Olha ali aquela menina que veio aqui para te ver, mostra os teus lindos olhos à Rita, mostra lá”...	1		
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“ (...) o Tomás estava deitado de costas num largo sofá (...)”	1		
Linguagem do Bebé	Vocalização	“ (...)o Tomás começou a fazer alguns ruídos (...)”	1		
	Choro	“ (...) o Tomás chorou um			

		pouco (...)"			
Comportamentos do bebé	Movimentos	" (...) e a esbracejar."	1		
	Toque	" (...) e com o braço perto do peito da mãe."	1		
	Olhar	" (...) raramente abria os olhos."			
	Sorriso				
	Sugar/Mamar	"Voltou a mamar"	1		
	Vigília/Sono	" (...) deitado e a dormir" "O Tomas continuava na mesma posição num sono profundo, ouvia-se a sua respiração calma e longa."	2		
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebé	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	" (...) fazia festas na cabeça do Tomás (...)"	1	" (...) faz uma festinha na cabeça do Tomás."	1
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	"Entre Rita, vou já abrir-lhe a porta cá em cima". "Olá! Boa tarde, mas que pontualidade! (sorriu) Sou a Catarina, a Mãe do Tomás. Entre, entre." " Venha Rita... O pachorrento esta ali na sala, sabe... é que os quartos são muito frios e tenho ainda	10	" Adeus, até uma próxima"	1

		<p>algum receio de ligar o aquecimento, como a sala é mais quentinha, ele gosta de aqui estar deitado no sofá. Coloquei-lhe estas almofadas de lado porque com ele todo o cuidado é pouco...”</p> <p>“ Sente-se onde quiser, esteja à vontade. Sabe, nestes primeiros dias de vida é uma maravilha, comer, dormir... pouco tempo está acordado... quem me dera também eu ter uma vida assim... (sorriu). Então a Rita está a tirar Psicologia, não é?”</p> <p>“Deve ser um curso muito interessante, mas também lhe digo... estar sempre a ouvir e tratar dos problemas dos outros, não deve ser tarefa fácil... já quando são os nossos problemas sabe Deus... Mas se toda a gente gostasse do azul o que seria do amarelo, não é? Cada qual com as suas preferências..”</p> <p>“ Quem diria que uma coisa tão pequenina pudesse mudar tanto a vida de uma</p>		
--	--	---	--	--

		<p>peessoa. Eu, as vezes dou por mim a ter grandes conversas com o Tomás como se de uma pessoa adulta se tratasse. È tão engraçado! (solta uma gargalhada)... O meu marido diz que sou tonta, que o menino não me percebe, mas sabe que eu acho que ele percebe-me melhor que o pai"... (voltou a rir).</p> <p>“Mais um pouco e tenho que o acordar para lhe dar o biberão. Se eu deixasse, este pimpolho dormia todo o dia. Eu sempre dizia, quando via outras mães a acordarem os filhos para comer, que eu nunca faria o mesmo, que quando a criança acordasse então dar-lhe-ia de comer nessa altura, mas agora vejo que não é possível o Tomás raramente chora.”</p> <p>“Tem olhos de chinês, ainda muito pequenos e rasgados... e quer saber de uma? (diz, a sorrir) fomos passar a lua de mel a Macau, a casa de uns amigos e não é que volta e meia a nossa família na</p>		
--	--	--	--	--

		<p>brincadeira, diz que o Tomás é filho de um Macaense qualquer...”</p> <p>“ Ainda me custa um pouco a dar-lhe de mamar, sinto algumas dores e não tenho muito leite, vou ter que começar a dar-lhe o suplemento.”</p> <p>“ Sim senhora, de qualquer maneira tenho o seu número caso aconteça alguma coisa, mas esta combinadíssimo.”</p> <p>“Adeus Rita, e olhe que estive a chover, vá devagar que estas estradas são um perigo.”</p>			
	Comportamentos	“Sorriu e levou-me até á porta.”	1		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	4-02-2008 16h	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de Estar	-		

Tabela 19 – Análise da primeira observação realizada com a tríade Catarina, Vítor e Tomás

Segunda Observação – 4-02-2008 – Segunda-feira – 16horas

Tomás – Um Mês e 10 dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	“ Anda Tomás, vem para aqui para a mãe te ir massajando a barriguinha.” “Vamos lá lavar esta carinha para irmos secar.”	2	“Devagar filho, senão é arranhão na certa.”	1
	Críticas	“ Pois é, temos que cortar essas unhas.”	1		
	Elogios	“Ai que cheiroso!”	1		
	Comentários	“ Oh meu amor, já acordou? A mãe estava aqui cheia de pena de te acordar para a banhoca, assim vamos a ela, vamos pois! Até pode ser que a agua quentinha te acalme essa barriguinha.” “Ora vamos lá despir! Esta é que é a pior parte, a mãe sabe, mas tem que ser. E o que tem que ser tem muita força.” “ Ai que Bom!!! Uma bela banhoca para depois irmos papar, não é meu amor?” “ Ai tão contente que eu estou!”	4	“Felizmente agora está melhor, não estás Tomás?”	1

	Respostas Contingentes às vocalizações do bebe.				
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	“ (...)fez uma festa na face do bebé” “ (...) e dá um beijinho na testa do Tomás”	2		
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar				
	Sorriso				
	Amamentar				
	Cuidar	“À medida que a mãe ia fazendo movimentos circulares na barriga (...)” “Catarina pega no bebé que se encontrava ao colo do pai e coloca-o deitado de costas na cama.” “Começa a despir o Tomás, tira as calças e a camisola (...)” “Retira o Tomás da banheira e deita-o na cama.” “Começa a vesti-lo (...)” “Termina de o vestir,	7	“O pai agarra no filho. Coloca-o na vertical com as suas mãos debaixo dos braços do Tomás(...)”	1

		levanta-o da cama.” “O pai dá-lhe a manta, ela envolve o bebé na mesma (...)”			
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis				
	Verbais	“ Tem que ser Tomás.” “Vamos já vestir.”	2		
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador	“Oh filhote diz adeus à Rita, diz lá.” “ O que tu gostas da banhoca! Conta lá á Rita como foi o teu primeiro banho.”	2		
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“ (...) coloca-o deitado no sofá (...)” “ (...) coloca-o deitado de costas na cama.” “ (...)e deita-o na cama.”	3	“(…) estava o Tomás deitado dentro de um berço.”	1
Linguagem do Bebé	Vocalização				
	Choro	“ (...) o Tomás começa a chorar. Chora até entrar na água.” “A mãe coloca água na cara do Tomás e ele chora.”	3		

		“O Bebé começa a chorar.”			
Comportamentos do bebé	Movimentos	“ (...) a dar às pernas e braços.” “ (...) o bebé coloca as mãos na própria cara.”	2		
	Toque				
	Olhar				
	Sorriso				
	Sugar/Mamar				
	Vigília/Sono	“ (...) e de olhos abertos” “ (...) que se mantinha acordado (...)” “Tomás ia fechando os olhos acabando por adormecer.” “O Tomás acorda!”	4	“Olhou para o bebé que estava a dormir.”	1
Comportamentos da Interação Mãe/pai – Bebé	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	“ (...) fez uma festa na face do bebé” “À medida que a mãe ia fazendo movimentos circulares na barriga (...)” “ (...) e dá um beijinho na testa do Tomás”	3		

Relação Mãe/Pai – Observador	Fala	<p>“ Olá Rita, está boa? 5</p> <p>Desculpe este contratempo, mas hoje ainda não tive tempo para nada, só agora consegui tratar de mim.”</p> <p>“ Sabe, na 5ª feira fomos á consulta no Pediatra. Este rapazola já está a tomar o suplemento, mas tem sido complicado. Vou alternando o meu leite com o suplemento e talvez por isso, ele tem tido muitas cólicas. Foi uma noite e uma manhã agitadas, felizmente há umas horinhas atrás, acalmou”.</p> <p>“ Fiquei tão angustiada. Não tenho tido problemas com o Tomás, e hoje ao ter passado a noite acordado a chorar foi aflitivo, felizmente o pediatra avisou que isto poderia acontecer. Mas sabermos que não podemos fazer muito para ele ficar melhor... ai... que aflição.”</p> <p>“Venha Rita, é por aqui.”</p> <p>“Está bem Rita, até para a semana. Vamos lá ver se ele já vai estar melhor.”</p>	<p>8</p> <p>“Olá! Eu vou consigo até ao apartamento, que a Catarina quando saí estava a terminar de tomar banho, não sei se já está despachada. Vamos.”</p> <p>“ Eu vou avisar a Catarina, esteja à vontade.”</p> <p>“ Olhe Rita, a Catarina está só a vestir-se. Em dois minutos está aqui. Eu vou só á farmácia comprar leite, mas não demoro. Olhe pelo meu pequeno, está bem? “</p> <p>“A Catarina já lhe contou a noite de hoje?”</p> <p>“Eu nem sabia que uma coisa tão pequena tinha pulmões para chorar 4 horas a fio. Era eu a massajar-lhe a barriga, era a mãe a colocar-lhe paninhos de agua morna na barriga para ver se acalmava... trinta por uma linha.”</p> <p>“Nem sabe, nós a pensarmos que ele ia fazer birra e afinal, adorou! Quando o retiramos da banheira até chorou. Só se</p>
---------------------------------	------	--	--

				calou quando já estava vestido!” “Eu levo-a até á porta.” “ Adeus, boa tarde”.	
	Comportamentos				
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	4-02-2008 16h	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de Estar e quarto do bebé	-		

Tabela 20– Análise da segunda observação realizada com a tríade Catarina, Vítor e Tomás

Terceira observação – 18 -02-2008 – Segunda-feira - 16 horas

Tomás – Um Mês e 17 dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	“ Anda cá ao colinho da mãe” “ Vamos lá ver essa fralda.” “ (...) vamos lá Tomás.” “ Agora vamos papar, depois a mãe já te dá a fralda.” “Dormir não, dormir não.” “ (...) vamos lá, para não ficares mal disposto.”	6		
	Críticas	“Estás com a pele seca	1		

		filhote, será do frio? Mas tu n apanhas frio...”			
	Elogios				
	Comentários	<p>“Olá meu amor, estás bem dispostinho?”</p> <p>“Hum... parece-me que tens um grande xixi (...)”Oh Tomás estás a ficar vermelhito, temos que pôr mais creme.”</p> <p>“Oh diabo, que passa filho? Não gostas deste leitinho, é?”</p> <p>“ Estavas a fazer ronha, meu malandrecos!”</p> <p>“ Já está? (E olha para a cara dele). Está pois! Agora não te vou mudar a fralda.”</p> <p>“ Vamos lá ficar quentinho para fazeres um grande ó ó que já estás acordado há umas horas! Depois quando acordares, a mãe dá banhinho! Logo vem cá a avó e assim ficas todos cheirosos.”</p> <p>“ Afinal querias era mimosinhos. Estamos a habituar-te mal.”</p>	7	<p>“ Ah estás a olhar para mim, meu cusquinho! Estás a ouvir a Estória do pai. Quando cresceres também vais ter muitas estórias para contar. (o bebé sorriu e o pai deu uma gragalhada). Já vi que já percebes as conversas todas, mas que precoce!”</p> <p>“O pai vai fazer o leitinho que está na hora”</p> <p>“ Ora aqui está. Bom proveito filhote!”</p>	3
	Respostas Contingentes às vocalizações do				

	bebe.				
Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai	Afecto	“(...) fazendo festinhas nas sobrancelhas do Tomás.”	1	“(um beijo à Catarina e outro ao Tomás.)”	1
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar				
	Sorriso				
	Amamentar	“A mãe dá o biberão à boca do Tomás (...)” “Enquanto dá o biberão (...)”	2		
	Cuidar	“Despe-lhe as calças e retira-lhe a fralda.” “A mãe colocou-lhe o creme, a fralda e vesti-o.” “Levanta-o e deita-o no seu colo. Coloca a fralda de pano no seu ombro.” “ (...) e com os dedos perto da boca para ele ir mamando.” “(levantou o bebé para arrrotar)” “Pega numas toalhitas e passa-lhe na cara. Deita-o no sofá e pega num creme hidratante e coloca-lhe nas bochechas e no queixo.” “Envolve o bebé na manta (...)”	6		

Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis				
	Verbais	<p>“Então, querias mais? Mas não pode ser, só para a semana é que já papas mais um bocadinho.”</p> <p>“ Estás habituado a ficar no sofá, não é? Mas aqui ficas mais aconchegado e a mãe aproveita e vai passar as tuas roupinhas.”</p>	2		
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador				
	Outros				
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	<p>“Deita o bebé no sofá (...)”</p> <p>“Deita o Tomás num berço (...)”</p>	2		
Linguagem do Bebé	Vocalização			“O Tomás fazia sons (...)”	1
	Choro	<p>“ (...) terminou e começou a chorar.”</p> <p>“Ele começa a chorar.”</p>	2		
Comportamentos do bebé	Movimentos			“ (...) e mexia os braços”	1
	Toque				
	Olhar			“ (...) mantendo-se sempre a olhar para o	1

				pai.”	
	Sorriso				
	Sugar/Mamar	<p>“ (...) o Tomás começa a mamar.”</p> <p>“À medida que ia bebendo o leite (...)”</p>	2		
	Vigília/Sono	<p>“O Tomás estava desperto com os olhos bem abertos.”</p> <p>“ (...) Tomás ia fechando os olhos.”</p> <p>“Estava já de olhos fechados (...)”</p>	3		
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebê	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo	“ (...) mantém sempre contacto visual com o bebé.”	1		
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	<p>“A mãe colocou-lhe o creme (...)”</p> <p>“ (...) e com os dedos perto da boca para ele ir mamando.”</p> <p>“ (...)pega num creme hidratante e coloca-lhe nas bochechas e no queixo.”</p> <p>“ (...) fazendo festinhas nas sobrancelhas do Tomás.”</p>	4		
Relação Mãe/Pai – Observador	Fala	<p>“Oh Rita, está boa? Desculpe, atrasei-me mas avisei o Vítor para não sair com o bebé que hoje era o</p>	8	<p>“Olá, como está?”</p> <p>“ Entre, entre, estávamos na sala a ver televisão. A Catarina saiu, foi trocar</p>	5

		<p>dia de vir cá.”</p> <p>“Veja lá Rita, que no outro dia chegou e foi ao berço acordar o Tomás porque dizia que estava com saudades. Ai eu fiquei tão chateada! E se o bebé tinha custado a adormecer.”</p> <p>“ Oh Rita, não se importa de me passar essa cestinha que está em cima da mesa, sff”</p> <p>“ Rita vou só à cozinha buscar a tábua de engomar e as roupinhas dele, deixe-se estar á vontade!”</p> <p>“Já viu, as mães não param. Ou é roupa para passar ou é fraldas para trocar.</p> <p>Às vezes dou por mim a fazer as coisas já automaticamente, como se de um ritual se tratasse. Mas compensa.”</p> <p>“ Já o ultimo dia? Passou num instante. Está bem, está bem! Cá estaremos. Venha, vou consigo até à porta.”</p> <p>“ Beijinhos, até para a semana.”</p>	<p>uma prenda que ofereceram ao Tomás. È tanta gente a oferecer coisas para o bebé que é quase impossível não se repetirem. (sorriu) Mas sente-se, fique onde quiser.”</p> <p>“ Eu quando era pequeno tinha por habito adormecer sempre com a chucha na boca e uma fralda, que tinha que ser a mais usada possível, perto da cara, a essa fralda eu chamava de “colha-colha”. (sorriu) E não é que o Tomás também gosta de a ter por perto...Eu lembro-me que quando me mudavam a fralda por uma limpa eu não gostava nada, perdia o cheiro característico... e ainda hoje me lembro desse cheiro. (riu) È bom quando temos recordações da infância.”</p> <p>“ È a minha mulher que está à porta do prédio, não levou chave e diz que está farta de tocar à campainha, deve ter</p>
--	--	---	---

				avariado porque não ouvimos nada.” “Adeus Rita, até uma próxima.”	
	Comportamentos	“(…) e piscou-me o olho).” “Abriu-me a porta e sorriu.”	1		
Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	18-02-2008 16h	-		
	Duração	50min	-		
	Local	Sala de Estar	-		

Tabela 21 – Análise da terceira observação realizada com a tríade Catarina, Vítor e Tomás

Quarta observação – 25-03-2008 – Segunda-feira – 16 horas

Tomás – Um Mês e vinte e quatro dias

CATEGORIAS	SUBACATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTO MÃE	Nº	UNIDADES DE REGISTO PAI	Nº
Linguagem/Fala da Mãe/Pai	Directivas	“Agora ficas um bocadinho deitado que a mãe está cansada. Toma a tua fraldinha, toma lá.” “Oh Tomás olha a avó!” (A)* “ Anda cá que já tinha tantas saudades tuas.” (A)*	3		
	Críticas				
	Elogios	“Tas tão bonito!” (A)*	1		

	Comentários	<p>“ Queres dançar com a avó, vamos lá ao bailarico. (E começa a dançar com o Tomás ao colo). Estás é pesadote, olhem-me para este rabo! Sim senhora, és de alimento, não é neto?” (A)*</p> <p>“Tu gostas é disto! Ah ricas coisas da avó! Agora vais sentar-te comigo que já não tenho idade para estas andanças. (sorri e senta-se no sofá com o Tomás colocado em cima das suas pernas e virado para si agarrando-lhe a cabeça com as duas mãos.) Assim para a avó olhar para ti.” (A)*</p> <p>“ Tomás vamos comer tudinho, pois vamos? Oh mãe traz lá o biberão.” (A)*</p> <p>“Epá, mas que força a sugar no biberão, isso é que era fomeca, meu amor.” (A)*</p> <p>“ Ah meu rico filho, não te deu comidinha em casa...” (A)*</p>	5		
	Respostas Contigentes às vocalizações do bebe.				
	Afecto	“ (...)dá-lhe um beijo na	1		

Comportamentos Tácteis da Mãe/Pai		testa).” (A)*			
	Intrusivos				
	Estímulos Musculares				
Outros comportamentos da Mãe/Pai	Olhar				
	Sorriso				
	Amamentar	“ (deita o Tomás ao seu colo, com a cabeça apoiada no seu braço esquerdo e com o direito dá-lhe o biberão.”	1		
Cuidar	“ (...) a trocar a fralda ao Tomás.” “ (...) enquanto a mãe o limpava e punha creme.” “Coloca-lhe a fralda e veste o bebé. Envolve-o na manta azul e segura-o ao colo. Deita-o na horizontal, com a cabeça do bebé apoiada no seu braço direito.” “Continua a embalar o Tomás pela sala ao mesmo tempo que lhe vai trauteando uma música.” “ (...) coloca-a dentro do berço, perto da cara do filho.” “Coloca o Tomás para arrotar. Levanta-o e põe a cabeça dele em cima do seu	6			

		ombro esquerdo, dando-lhe palmadas nas costas.”			
Respostas da Mãe/Pai ao Desconforto do bebé	Tácteis	“A mãe coloca-lhe a chupeta (...)” “A Catarina levanta-o na vertical e encosta a cabeça do Tomás ao seu ombro.”	2		
	Verbais	“Oh filho, eu sei que não gostas nada do creme por estar sempre frio, mas com tanto cocó, tem que ser, senão ficas todo assado.”	1		
Introdução de um terceiro elemento pela Mãe/Pai	Pai/Mãe				
	Observador				
	Outros	“Tomás, vem aí a avó.”	1		
Mediatização do ambiente pela Mãe/Pai.	Apresentação de Objectos				
	Liberdade de movimentos	“A mãe coloca-o no berço que está na sala.”	1		
Linguagem do Bebé	Vocalização				
	Choro	“O Tomás choramingava (...)” “O Tomás começa a choramingar.”	4		

		“ (...) continuando o choro.” “Continua a chorar (...)”			
Comportamentos do bebé	Movimentos	“O Tomás começa a dar aos braços e ás pernas.”	1		
	Toque	“O Tomás agarra o dedo indicador esquerdo da mãe e assim se mantêm.”	1		
	Olhar				
	Sorriso				
	Sugar/Mamar				
	Vigília/Sono	“ (...)de olhos abertos”	1		
Comportamentos da Interação Mãe/pai - Bebé	Olhar Mútuo				
	Sorriso Mútuo				
	Jogo/Brincadeira				
	Contacto Pele/Pele	“ (...) e punha creme.” “ (...) dá-lhe um beijo na testa).”	2		
Relação Mãe/Pai - Observador	Fala	“ Entre, entre.” “ Entre Rita, e feche a porta sff. Estou aqui na sala.” “ Olá Rita, desculpe mas estava aqui no meio desta “operação” O Tomás tem estado com diarreia. Têm sido fraldas e fraldas. Já	15		

		<p>sabe, esteja à vontade.”</p> <p>“ Agora está sempre a agarrar-me o dedo. E se ele agarra com força! Ontem vieram cá uns amigos nossos, trouxeram brinquedos para o Tomás, rocas e peluches, mas ele não liga nenhuma aos brinquedos que tem, talvez é ainda de ser muito pequenino.”</p> <p>“Como hoje é o ultimo dia, estive a fazer um bolo de chocolate para a despedida. Logo a Rita vai lanchar connosco. Se quiser claro!”</p> <p>“Oh não custou nada, também já estava com desejo de uma guloseima. Ando a tentar perder os quilos que ganhei com a gravidez, mas não tenho tido força de vontade nenhuma. Depois também sempre em casa, mal me mexo.”</p> <p>“ Hoje anda assim, rabugento. De manhã ainda fomos até ao jardim apanhar um solinho, que tem estado bom tempo. Faz-lhe bem e a mim também.”</p>		
--	--	---	--	--

		<p>“ Olá, como está? (sorri) Dê cá um beijinho. Então está a fazer companhia á minha Catarina e ao meu Tomás? Ainda bem!” (A)*</p> <p>“Já viu bem este patuscozinho que agora temos?”</p> <p>“ E a Rita está a estudar psicologia, não está? A Catarina contou-me. E o seu trabalho é sobre bebés, não é? Deve ser tão interessante...” (A)*</p> <p>“ Então se já fez o seu trabalho, agora pode comer uma fatia de bolo, faz-nos companhia.”</p> <p>“Oh Rita que disparate. Então, foi gastar dinheiro?! Não merecia a pena. Agradeço-lhe imenso.”</p> <p>“Ai Rita que graça! Deve ficar tão giro! No dia em que o Tomás as estriar a Rita vem cá vê-lo!”</p> <p>“ Sempre que quiser, passe por cá! Teremos muito gosto em recebê-la.”</p> <p>“ Adeus Rita, obrigada” (A)*</p>			
	Comportamentos				

Aspectos Formais do Setting	Data/Hora	25-03-2008 16h	-		
	Duração	65min	-		
	Local	Sala de Estar	-		

Tabela 22 – Análise da quarta observação realizada com a tríade Catarina, Vítor e Tomás

(A)* - Avó